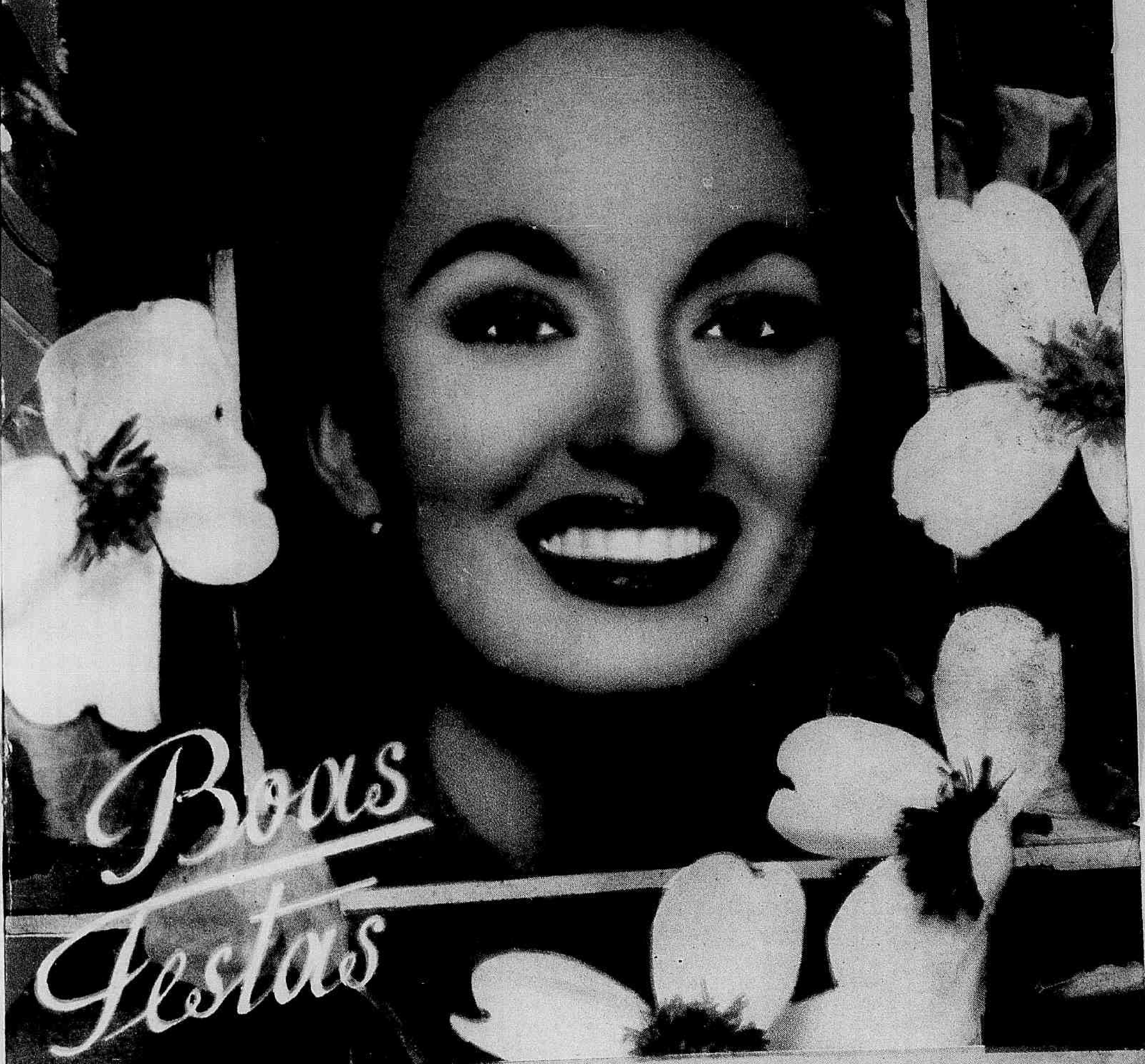
1953

JANEIRO

N.428

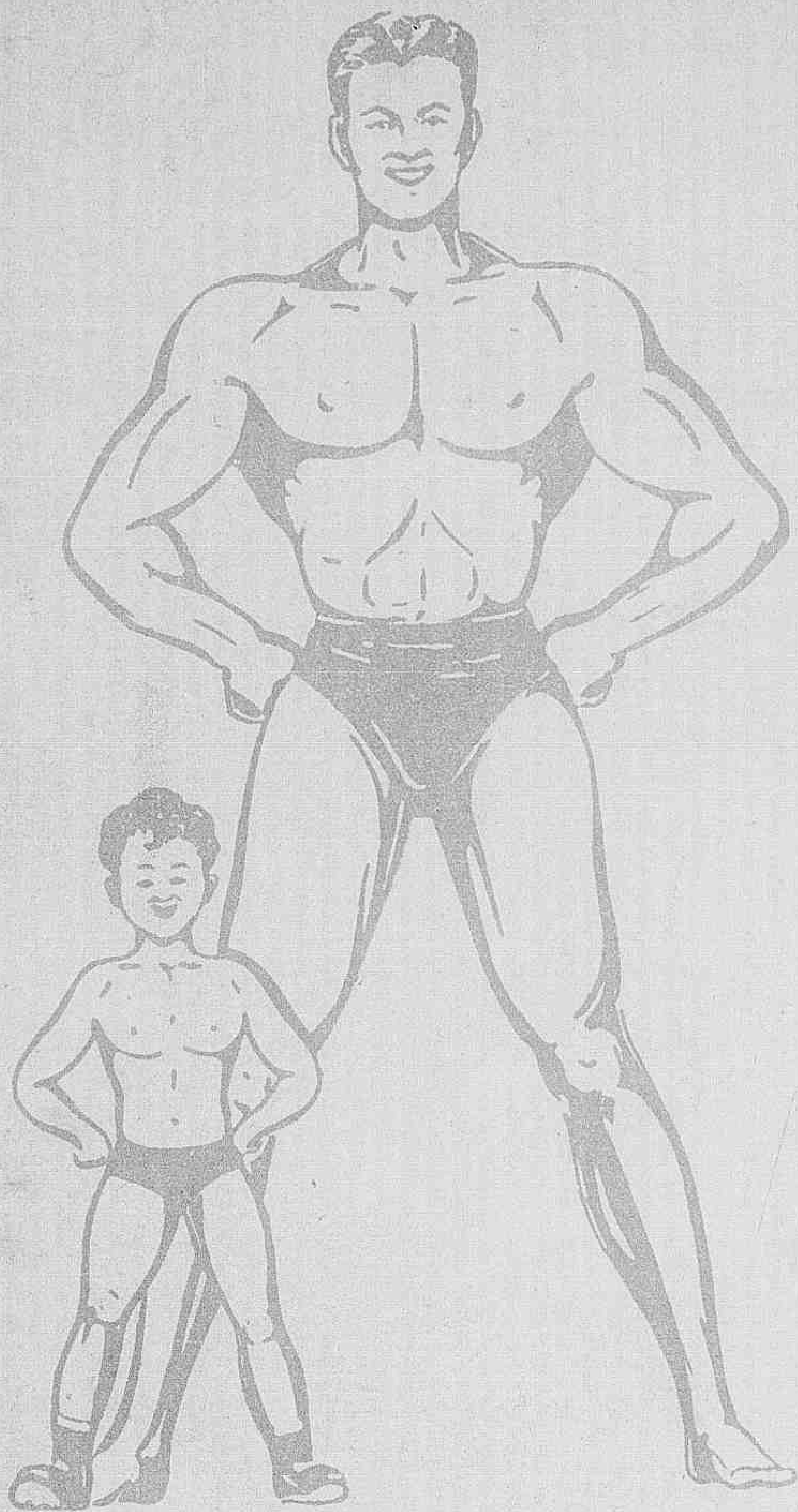
EU SEI TUDO





Não tenha medo de socorrer! ● O túmulo dos "Reis Magos"... ● Os cães-prodigiosos telepatas ● Você sabe chamar a policia?

ARROZINA



O alimento ideal
dos bebês



JÁ ALIMENTOU
DUAS GERAÇÕES
DE CAMPEÕES



Encontra-se
ARROZINA
em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil

LABORATÓRIOS BALDASSARRI S. A.

RUA MARIA PAULA, 136 — SÃO PAULO

Filiais:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo, 42 — Distrito Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Dr. Gustavo dos Santos, 32 — Salvador

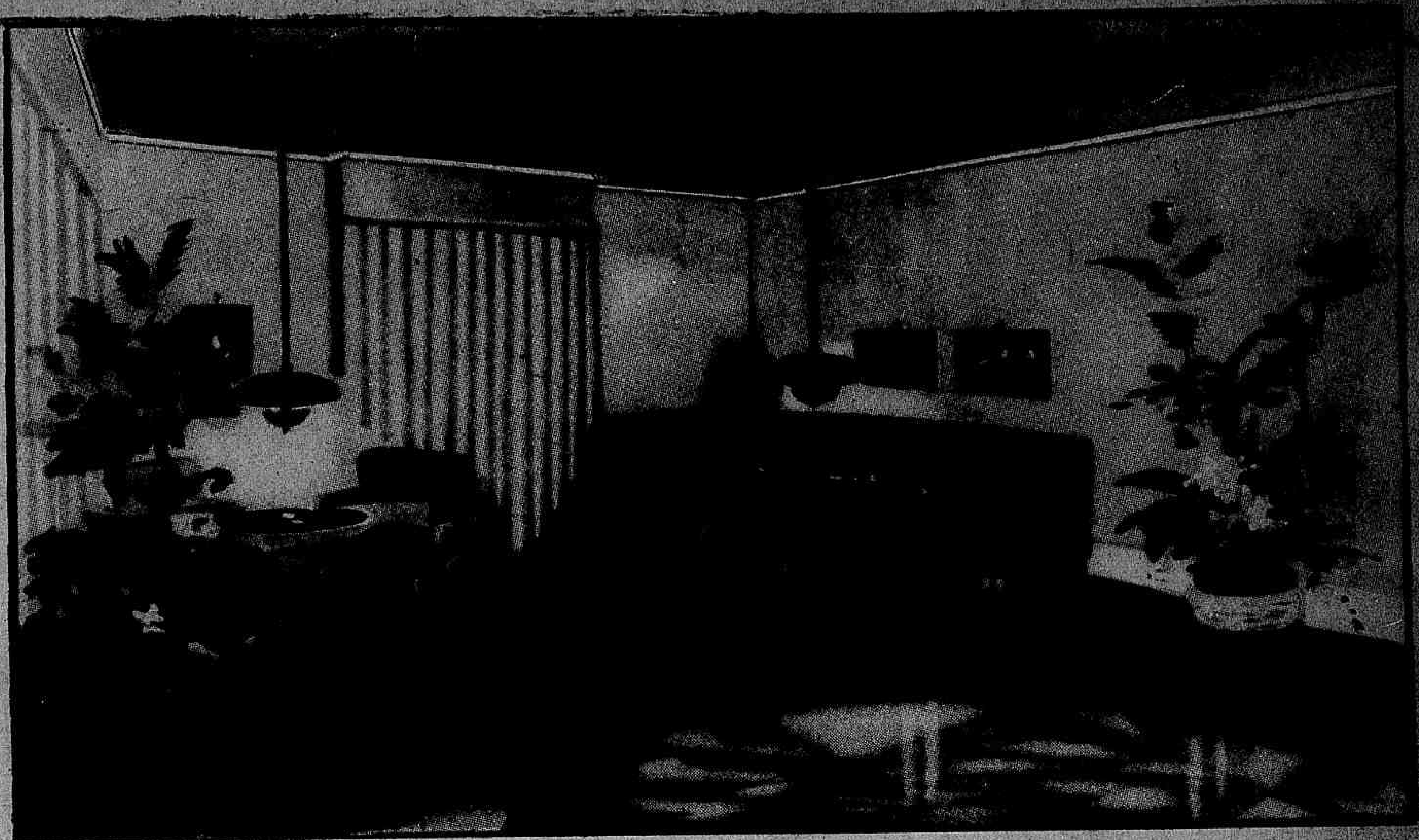
CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Floriano Peixoto, 799 — Fortaleza

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Senhor dos Passos, 70 — Pôrto Alegre

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS e DECORAÇÕES



projeto da CASA NUNES



Visite as novas exposições

— preço ao alcance de todos —

Tapêtes feitos à mão

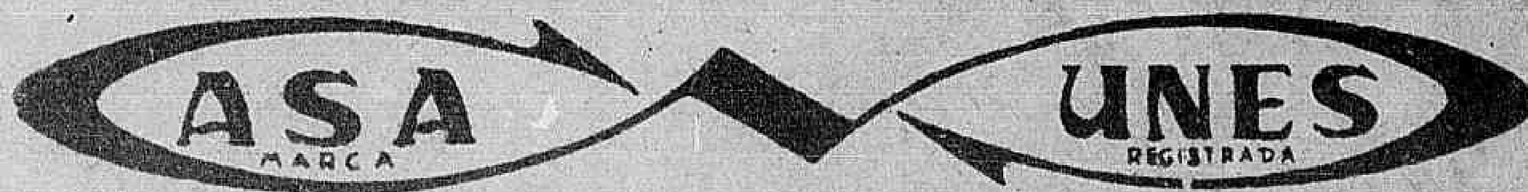
de grande beleza e originalidade

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes e passadeiras

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores



65 rua da CARIOCA 67 -- RIO

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25'00

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:

"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ — Maravilhosamente ilustrado, a **côres**, por Fortunio Matania.

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO — CRISTAO — CATOLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPETUO — PERPETUO DAS FESTAS MOVEIS

CALENDÁRIOS — CATOLICO — EVANGELICO — CIENTIFICO — AERONAUTICO — ARTISTICO — ASTROLOGICO — AGRICOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 — TABOA PLANETARIA — FASES DA LUA — CONCORDANCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMEÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MOVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGELICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENARIOS DO ANO

Almanaque **1953**

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO

UMA GRANDE VERDADE

"UMA CASA SEM LIVROS É COMO UM CORPO SEM ALMA"



186 - 15,00 · 183 - 15,00 · Nº 138 — 20,00 · 170 - 15,00 · 182 - 15,00 · Nº 122 — 15,00 · 153 - 15,00 · 156 - 15,00 · 159 - 15,00 · 161 - 15,00 · 169 - 15,00

185 - 15,00 · 172 - 15,00 · 169 - 15,00 · 167 - 15,00 · 151 — 15,00 · 130 - 15,00 · 165 - 15,00 · 81 — 10,00 · 17 — 10,00 · 128 - 15,00 · 28 - 15,00

66 — 15,00 · 178 - 15,00 · 180 - 15,00 · 181 - 15,00 · 179 - 15,00 · Nº 131 — 20,00 · 133 — 20,00 · Nº 66 — 15,00 · Nº 3 — 15,00 · Nº 5 — 15,00 · Nº 18 — 15,00

Nº 67 — 15,00 · Nº 92 — 15,00 · Nº 6 — 20,00 · Nº 4 — 15,00 · Nº 2 — 20,00 · Nº 7-15,00 · Nº 23 — 15,00 · 87 - 20,00 · Nº 33 — 20,00 · 89 — 20,00

Nº 82 — 10,00 · Nº 39 — 15,00 · Nº 64 — 15,00 · Nº 13 — 15,00 · Nº 14 — 15,00 · 152 - 10,00 · Nº 12 — 10,00 · Nº 15 — 15,00 · 147 — 15,00 · 158 - 15,00 · Nº 68 — 10,00

Nº 11 — 15,00 · Nº 10 — 15,00 · Nº 94 — 15,00 · 194 - 15,00 · Nº 9 — 15,00 · 80 - 15,00 · 144 - 15,00 · Nº 88 — 15,00 · Nº 8 — 15,00 · Nº 34 — 15,00 · Nº 78 — 10,00

Nº 24 — 12,00 · Nº 32 — 12,00 · Nº 72 — 30,00 · Nº 70 — 30,00 · Nº 71 — 30,00

Nº 25 — 12,00 · Nº 76 — 30,00 · Nº 44 — 30,00 · 75 - 30,00 · Nº 42 — 30,00

Nº 31 — 12,00

Nº 30 — 12,00 · 190 - 15,00 · 141 - 15,00 · Nº 36 — 15,00 · 138 - 15,00

VENDAS:

Rio: AV. RIO BRANCO, 25, RUA MEXICO, 128 - Sobreloja 3 e RUA DO OUVIDOR, 150.

S. PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

NO INTERIOR PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL SOMENTE ENDEREÇANDO PARA O RIO!

Editora

GERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 12-8 - Rio

(Não temos catálogo)

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

... ...

... ...

... ...

... ...

... ...

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)

Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME.......................................

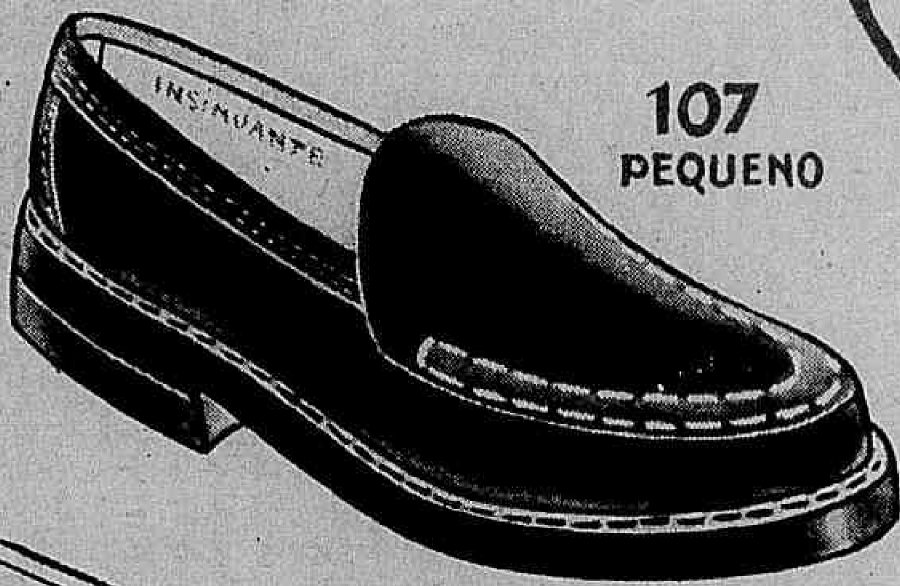
RUA.......................................

LOCALIDADE.......................................

ESTADO.......................................

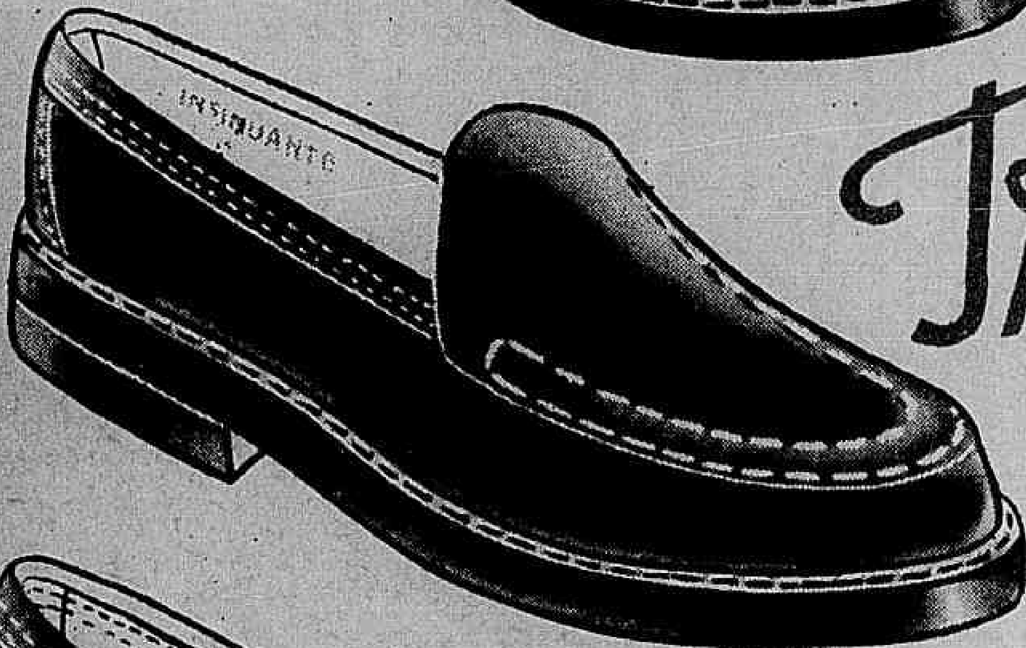
Bem Servir

CARACTERISTICO INCONFUNDIVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE!

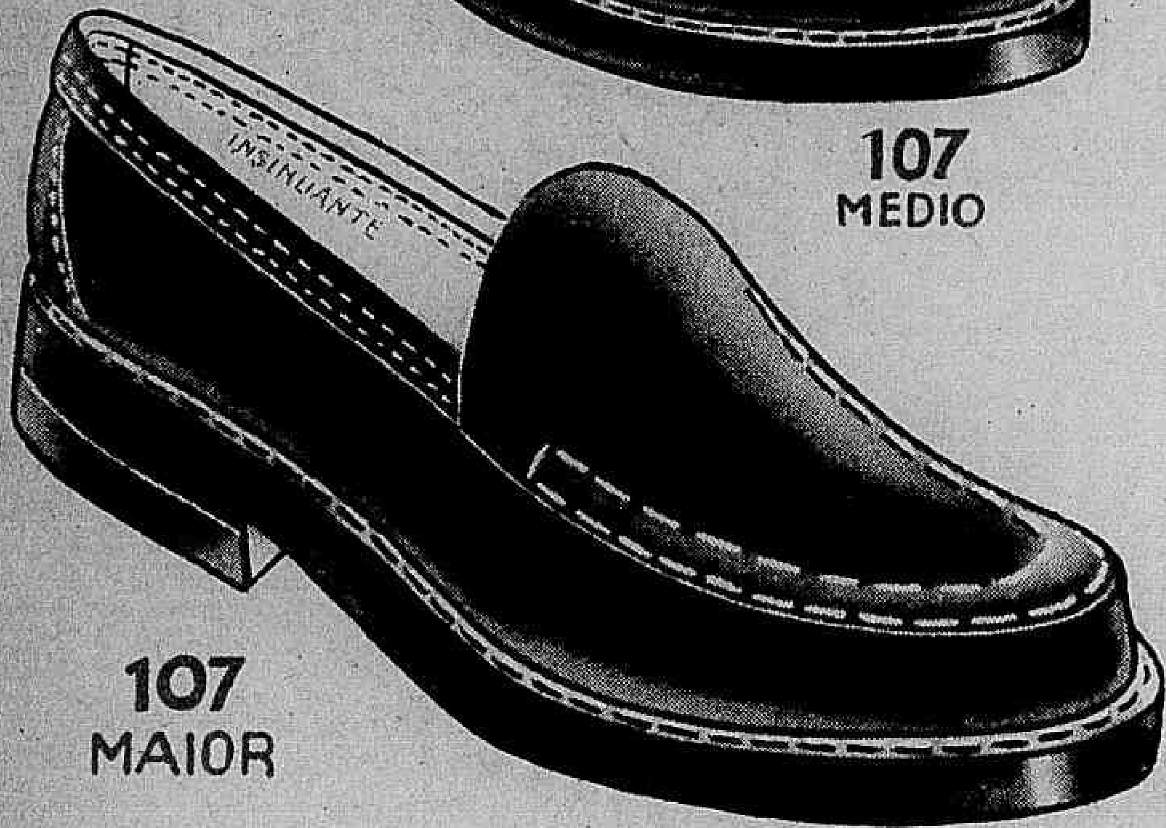


107
PEQUENO

Trampolim do Diabo!



107
MEDIO



107
MAIOR

UM SAPATO PARA SI PARA O SEU FILHO E PARA O SEU NETO

PREÇO:

Pequeno	28	a	33	Cr$ 150.00
Médio	34	a	37	Cr$ 195.00
Maior .	38	a	44	Cr$ 200.00

Remetemos para todo o Brasil. Porte por par 5 cruzeiros

Não fazemos reembôlso postal

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201

At. SEMOGY.



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São aulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 43, 2dt, Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: S. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

O Trem Fantasma

Por ELLERY QUEEN

NOS momentos de bom humor Diamond Jim Grady gostava de chamar a si mesmo de mágico, o que, aliás, a polícia não contestava. A especialidade de Grady era roubar jóias sob a ameaça de pistola; era um processo muito antigo mas que êle se dispusera a transformar em verdadeira arte. Seus assaltos eram milagres de informações certas, hora exata e trabalho de conjunto. E o produto do roubo desaparecia para não mais voltar com a forma primitiva, identificável.

O truque mais espetacular de Grady era a maneira como êle conseguia manter a si mesmo e a seus capangas fora do alcance da polícia. Treinava o seu bando disciplinarmente, de maneira a mantê-lo fora de suspeita. Raramente ocorria um descuido; mas quando tal acontecia o faltoso era eliminado ràpidamente e Jim observava:

— Como poderá uma testemunha identificar um comparsa que já não existe?

Grady poderia ter continuado indefinidamente roubando e deixando a polícia tonta; mas, certa vez, foi êle muito longe...

Para explicar melhor é preciso contar um pouco da vida amorosa de Diamond Jim. Lizbet foi para êle um orgulho durante dois anos e dez meses — era de **fechar o comércio!** Note-se que, entre gente daquela espécie, três anos de duração equivalem a uma paixão épica e Lizbet não contava mesmo com estabilidade. E para sua desvantagem tinha ela um apetite feroz, podendo devorar sorvetes, cremes e pratos italianos em abundância. Assim, certa noite Grady reparou na figura elegante de Maybellene, a atração do "Club Swahili", e isto era o fim para Lizbet! Um capanga de Grady foi incumbido de revelar a notícia a Lizbet, pelo telefone.

Ela, é claro, ficou furiosa com a perfídia de que os homens são capazes e chegou à conclusão, também, de que daí por diante sua vida passaria a não valer um caracol; ela sabia muito, sabia **demais** sôbre os segredos profissionais de Jim; sabia até onde estavam enterrados alguns corpos, de ex-capangas. Assim ela gastou apenas o tempo necessário para arrumar a trouxa,

FOI PARA ELLERY UM MOMENTO INFELIZ AQUÊLE EM QUE VIU O TAL TREM DESAPARECER NO AR. ISTO SIGNIFICAVA QUE A POLÍCIA ACABAVA DE PERDER UMA BONITA PEQUENA — E UMA TESTEMUNHA REALMENTE VITAL

pegar o velho abrigo de peles e desaparecer discretamente. Daí por diante Lizbet se tornou a moça mais popular e mais procurada da cidade — especialmente por Grady e pela polícia. Porém ela já não estava na cidade! Estava no Canadá, sob a proteção dos atléticos e poderosos **Montadas.** Assim que chegou, Lizbet abrigou a sua obesidade sob o casaco de peles e tomou um táxi para a delegacia mais próxima. Lá chegando pediu proteção e imunidade em troca de seu depoimento na cadeira das testemunhas onde falaria até cair o queixo; mas insistia, exigindo que a trancassem imediatamente numa cela, enquanto faziam a chamada para Nova York.

Os entendimentos por linha interurbana levaram vinte e quatro horas, tempo suficiente para que a notícia transpirasse e inundasse as primeiras páginas dos jornais.

— Pronto! — vociferou o inspetor Queen — Agora Grady sabe onde ela está. Êsse miserável não tarda a deitar as mãos sôbre ela. Podemos, desde já, ir preparando o atestado de óbito para Lizbet: **assassinato de primeiro grau.**

— Por mim — observou o sargento Vellie, desanimado — não tenho a mínima esperança de que ela chegue a Nova York com vida!

— Ora! — caçoou Ellery — Afinal, quem é Grady? O super-homem? Mandem buscá-la de avião!

—Ela não quer; tem mêdo das alturas. Não há remédio mesmo... Estamos fritos!

— Então, que venha de trem ou automóvel, o que é que há?

— Trem?... Êle o faria descarrilar — falou Vellie — Quanto a automóvel... êle arranjaria um caminhão monstruoso para despedaçá-lo!

— Oh! Vocês estão dramatizando.

— Meu filho — comentou o Inspetor Queen — você ainda não conhece Grady!

—Se é como vocês dizem, então **o velho** pode prender o bando todo sob uma acusação qualquer e ganhar tempo enquanto a dona se refugiará, muito fresca, em Manhattan, por exemplo? Que dizem?

— Muito fresca... no necrotério! E' mais provável! Mas, por falar nisto, quem topa um refrigerante agora?

★

Quando Ellery descobriu que Diamond Jim se havia antecipado ao seu plano, desaparecendo com todo o bando, inclusive Maybellene, um brilho novo apareceu em seus olhos:

— Vamos fazer também uma pequena surprêsa a êle! Grady há de deduzir que Lizbet será transportada para Nova York o mais depressa possível, mas sabe também que ela tem mêdo de avião... e que nós não arriscaríamos trazê-la de carro; neste caso restará, sòmente, o trem expresso de Montreal e êle intentará contra êste. Nós faremos embarcar no expresso dois policiais com uma agente policial, disfarçada por um véu, e que seja bem parecida com Lizbet, enquanto a verdadeira criatura será embarcada num trem comum, vagaroso e insuspeito.

— E você acha que êsses truques, tipo mágico-Houdini, vão adiantar alguma coisa? Melhor será tentar outra saída...



— Ora, sargento! Afinal Grady é apenas um homem de carne e osso como nós, e ainda tem mais: para despistá-lo nós faremos passar Lizbet para o nosso automóvel e terminaremos a viagem calmamente. Que tal, sargento?

— Você não conhece Grady! — insistiu o sargento, desanimado.

☆

Assim foi que os detectives Goldberg e Jonhson e uma ex-corista (agora agente de polícia) chamada Brunsgaard voaram para Montreal onde os dois policiais com ela embarcaram ostensivamente (disfarçada que estava por um véu e usando o velho abrigo de peles de Lizbet) no expresso, enquanto, em outra estação outros dois agentes, disfarçados em lenhadores, entravam com a verdadeira Lizbet num trem misto de carga e passageiros, irônicamente apelidado "Bola de Neve". Lizbet trajava meio à camponesa. Os cabelos presos e o rosto lavado, sem sinal de **make-up**, despistaria até o próprio Grady, que não conhecia tôdas aquelas rugas e "pés de galinha" em volta dos olhos.

☆

Assim começou o jôgo: dois carros partiram de Manhattan; num dêles iam os dois Queens, pai e filho, e o sargento Vellie; no outro iam seis robustos detectives.

O sargento insistia:

— Não vai adiantar nada! Grady trabalha pràticamente, com radar. A esta hora já êle deve estar vigiando cada palmo dêste caminho e é bem possível que já esteja a par de tudo isto!

Os detectives não tinham um instante de repouso no interior do trem.

— Ora, deixe de resmungar, Vellie, e vamos depressa para chegarmos a Wapaug com tempo de sobra para esperar o "Bola de Neve".

Wapaug era uma pequena "parada" entre o Canadá e os Estados Unidos e tinha apenas uma pequena rua barrenta e uma casinhola como estação; foi para aí mesmo que Ellery e o pai se dirigiram. Lá havia apenas uma pessoa, que era um velho de punhos de oleado e viseira verde, que tentava consertar um ventilador.

— Por onde anda o "Bola de Neve"? — perguntou Ellery?

— O número 113? Está no horário, sim, senhor.

— E a que horas é esperado?

— Às 10:18, sim senhor.

— Temos três minutos, então. Vamos! — disse Ellery para o pai.

Na plataforma, fora os dois automóveis da polícia, um de cada lado, e alguns detectives encostados, disfarçadamente, aqui e ali. O resto estava deserto.

Às 10:18 todos olharam ansiosamente para o norte mas os minutos passavam. 10:20 e nada! O velho da estação também olhava para o norte, em expectativa.

— Como pode ser isso? — disse-lhe o inspector Queen — Como foi que o senhor disse que o trem estava no horário? Onde estava êle, quando aqui chegamos?

—Em Grove Junction, parada obrigatória de todos os trens — respondeu o velho consultando a tabela.

— O 113 deve também parar na estação de Marmion. Comunicou-se de lá?

— Era o que eu ia fazer...

E o velho entrou na pequena estação, seguido pelos policiais. Logo que ligou o transmissor, falou e informou:

— O chefe da estação de Marmion diz que o "Bola de Neve" chegou e saiu no horário, sim senhor.

— No horário? — estranhou Ellery — Mas são apenas seis minutos de lá até aqui...

— E' estranho, realmente; são 10:22! Como é possível atrasar quatro minutos numa viagem de seis — e nesta linha deserta?

Saíram novamente, para olhar na direção norte. Pouco depois Ellery voltava, um pouco impaciente, com a pergunta:

— Ouça, chefe: seria possível o 113 passar para a linha do expresso e seguir direito sem passar por aqui? Êle já sabia a resposta mas esperou ansioso, e o velho informou:

— O último que fêz êste trajeto passou às 7:38 da manhã e depois disso ainda não passou mais nada por aquela linha.

Ellery saiu novamente e viu os detectives entrando no automóvel.

— Venha! — gritou o Inspetor e Ellery mal teve tempo de pular para o veículo em movimento.

— Com certeza Grady descobriu tudo e deve ter interceptado o 113 entre Marmion e Wapaug!

E o carro rodou junto dos trilhos, enquanto êles observavam atentamente. Mas nem sinal de trem parado ou andando ou descarrilado; assim chegaram à conclusão de que tinham coberto tôda a distância até Marmion, sem resultado! Quando pararam na estação os outros detectives que tinham ido na frente saíam da cabine informando:

—Inspetor: o chefe da estação diz que o 113 saiu de Marmion às 10:12, precisamente, e que se nós não o vimos passar é porque devemos estar cegos ou malucos!

Depois disso os dois carros voltaram apressadamente para Wapaug, enquanto o Inspetor monologava, olhando para os trilhos:

— Não é possível deixar de ver um trem, uma composição inteira de passageiros e carga... Vellie, vá mais devagar...

— Ah! Êsse tal de Grady... Eu sabia! — murmurou Vellie.

Ellery, de semblante carregado, observava os trilhos, todos iguais; várias linhas paralelas como pautas de um caderno, não dando a mínima possibilidade de um desvio entre Marmion e Wapaug. E era plano e deserto o cenário!



O olhar de Grady não tardou a descobrir a maravilhosa anatomia de Maybellene.

Chegaram outra vez à pequena e poeirenta estação sem ver sombra do "Bola de Neve".

O inspetor Queen repetia:

— O 113 chegou a Grove Junction no horário; saiu de lá no horário; chegou a Marmion no horário, saiu de Marmion no horário... e não chegou a Wapaug! Então devia estar em algum ponto entre Marmion e Wapaug; mas percorremos a linha tôda e não vimos o trem! Que pode ter acontecido, então? — perguntou em voz alta.

— Sòmente uma coisa: — respondeu Vellie — o trem foi raptado!!

— Sim! Creio que Grady fêz mais uma das dêle! — vociferou o Inspetor — Mas hei de descobrir tudo ou me aposento!

E lá foram êles, novamente, para Marmion para voltar pouco depois a Wapaug e entrarem correndo na pequena casa da estação onde o chefe limpava a testa suada.

Ellery falou:

— Hei, chefe, comunique-se com Marmion e indague se, depois de sair de lá, o "Bola de Neve" voltou à estação.

— Se... **voltou?** — repetiu o velho, espantado — Vou perguntar.

— E' isto mesmo, Ellery! — disse o Inspetor — O trem deve ter saído de Marmion, via sul, e depois voltado para reparos. A esta hora deve estar em algum ponto de Grove Junction. — **(Cont. na 24)**

O túmulo dos Reis Magos

NA catedral de Colônia e em riquíssimo sarcófago, obra-prima da ourivezaria alemã de fins do século XII, repousam os corpos de três homens, heróis da lenda mais poética de todos os tempos.

Dêles nos fala o Evangelho de São Mateus, os manuscritos do sacerdote Bela, falecido em 735, e João de Hildesheim, "o Latino", êste em versos simples, escritos no século XIV, e que ainda hoje são cantados, depois de transformados em baladas populares.

São êsses homens: **Melchior**, o Velho; **Gaspar**, o Moço (ao qual a tradição, erradamente, representa como homem idoso, sorridente e de longas barbas nevadas) e **Baltasar**, o homem de idade mediana. A História e a lenda confirmam todos êsses detalhes.

Em um poema épico, do século XII, escrito por Reinaldo de Montalban, podemos ler, em francês antigo, estas palavras:

Tant a alé Renans et amont et avan que il venit à Coulogne, au moustier principal.

Au moustier principal de Saint Pere q'estoit espirital des trois rois aoura de cuer bon et loial...

(Tanto foi Reinaldo para cima e para baixo que chegou a Colônia e até à sua catedral, a de São Pedro, tributando homenagem aos três reis com todo o seu coração bom e leal.)

★

Sôbre o solar calcinado da antiga catedral de Hildebaldo, na qual a arte, com o seu idioma de pedra, nos fala eloqüentemente de religião, os engenheiros construíram a catedral de Colônia, na qual jazem os três reis, que, antes de repousar definitivamente nesse local, peregrinaram através de tôda a Europa por duas vêzes, em longa e perigosa viagem.

Mas vejamos, de início, o que nos conta a História:

"Foi a imperatriz Elena quem reuniu os três corpos, encerrando-os num mesmo ataúde, o qual foi primeiramente depositado em Constantinopla; mas Santo Eustórquio, em tempos de Santo Ambrósio, levou as relíquias para Milão onde permaneceram até que, destruída a capital lombarda, o imperador Frederico Barbarruiva entregou os referidos despojos a Reinaldo de Dessel, arcebispo de Colônia, sendo os mesmos, então, levados para a Alemanha, em 10 de junho de 1164, depois de passar por Mogúncia, Erpal, Ramazar e Agripina, lugar onde existia uma porta, já então bastante atacada pelos anos e cuja lenda diz que foi condenada — depois de pela mesma haver passado o ataúde com os corpos dos santos — **"a fim de que não voltasse a ser maculada por pés humanos."**

★

Referindo-se ao túmulo dos Reis Magos, escreveu Francisco Book, em sua obra "A Santa Colônia" (1858), que "os frisos que adornam as suas



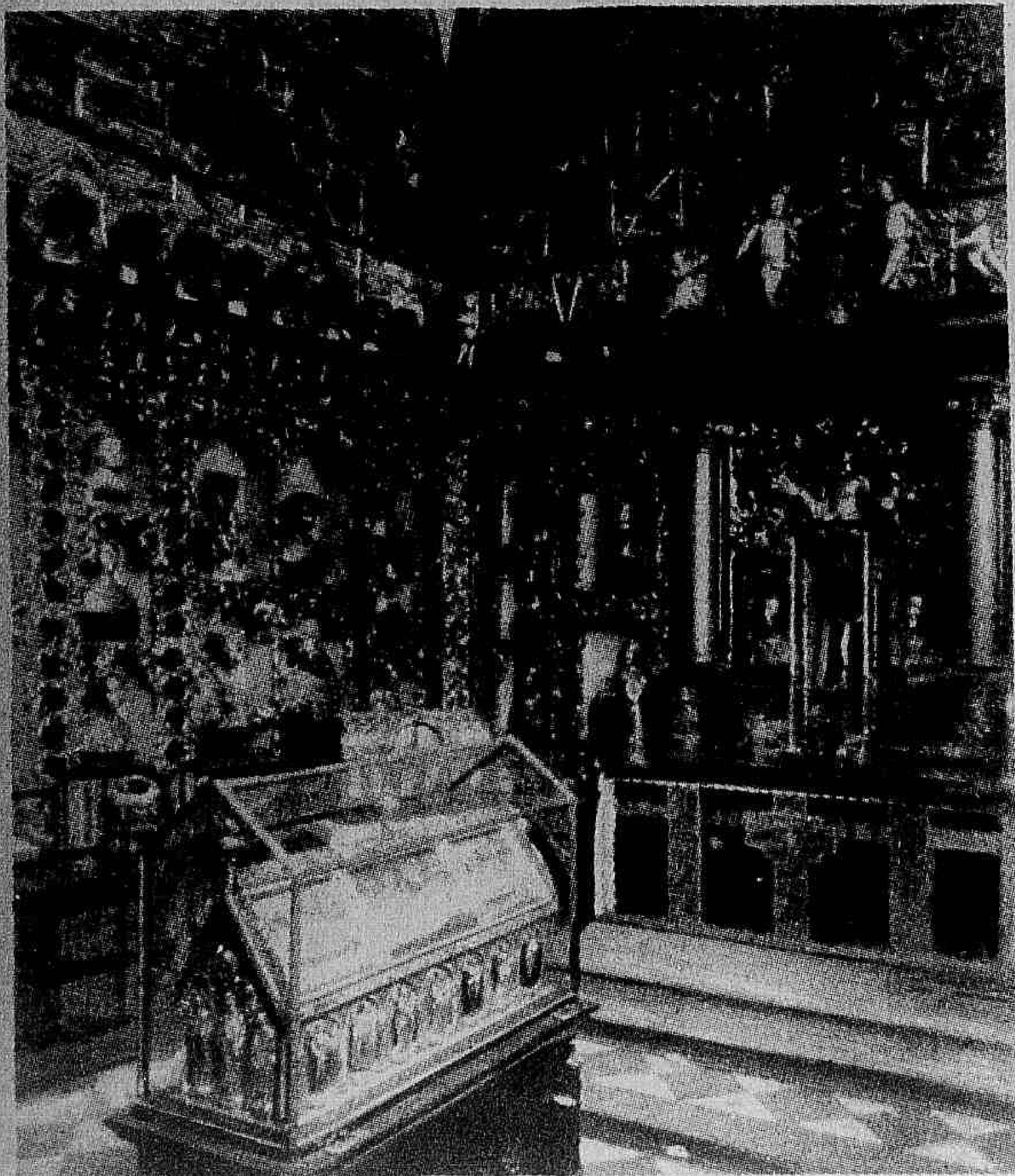
A belíssima catedral de Colônia pouco antes de sofrer o terrível bombardeio que estêve a ponto de destruir uma das maiores jóias arquitetônicas do mundo.



paredes representam várias deidades pagãs, como Adriana, .Sabina, Marte, Esculápio, Cupido, Leda e seus cisnes, Pégaso, Júpiter, Medusa..."

Reis, guerreiros e figuras da antiguidade também estavam representados em suas paredes. De fato, a figura de Augusto, como a de Nero, a de César e a soberba majestade do imperador Othon, que contribuiu com grande donativo para a construção do esplêndido templo, ali podiam ser contempladas.

As paredes laterais estão decoradas com figuras mais próprias, como os Apóstolos e os Profetas, enquanto no frontal, maravilhosamente esculpidos, como entre um resplandor de glória, estão Jesus Cristo e sua Santa Mãe, em cenas da Paixão.



O precioso relicário onde se encontram os despojos dos Reis Magos.

Foi Santo Engeberto quem concebeu a idéia de construir uma catedral **digna das relíquias**, e Conrado de Hochesteten, que, segundo a lenda, era "rico em ouro, prata e pedras preciosas, de modo que acreditava inesgotáveis as suas riquezas", colocou, em 1248, a primeira pedra do soberbo templo, maravilha da arte gótica, edificado em honra de Deus e dos Reis Magos.

Mas não ficaram ali, definitivamente, os três corpos, pois tiveram que peregrinar novamente.

Essa peregrinação ocorreu no ano de 1794, quando os exércitos franceses se aproximaram da belíssima cidade. Naturalmente, temiam os habitantes de Colônia que os soldados dêsse exército da Revolução praticassem a pilhagem pura e simplesmente, e por isso trataram de salvar as relíquias.

Tudo foi executado apressadamente e sob o maior segrêdo.

Dez camponeses se apoderaram dos despojos, que colocaram numa simples caixa de madeira e, mais tarde, em plena noite e sob chuva forte e ventania que derrubava grandes árvores, colocaram a preciosa carga numa carriola cujas rodas gemeram a noite tôda, na escuridão tormentosa, chegando finalmente a Armberg, onde encontraram refúgio.

Foi sòmente nos derradeiros dias do ano de 1804 que os restos dos Reis Magos voltaram a Colônia, conduzidos em procissão esplendorosa. Os sinos em tumultuosa alegria anunciavam a passagem do cortejo; os campos ficaram cobertos de fiéis em busca de flores; essa multidão fanatizada depois corria para a beira das estradas a fim de aguardar a procissão que assim desejavam homenagear. Outros fiéis caíam de joelhos, empunhando círios acesos e cantando hinos.

O cortejo fazia, assim, o seu caminho de regresso. Agora, porém, tudo era diferente. Era primavera e os restos sagrados eram conduzidos por príncipes e bispos!



Êsse túmulo foi aberto, mais tarde, ao ser colocado onde atualmente se encontra — na tesouraria da catedral — nêle sendo encontrados os despojos de São Gregório Espoleto, irmão do imperador Othon, as relíquias dos mártires Nabor e Félix e, num compartimento especial, os corpos dos três Reis Magos, além dos restos de um menino de uns três anos de idade.

A que príncipe ou filho de mendigo pertenciam? Quem os encerrou em tão rico sarcófago?

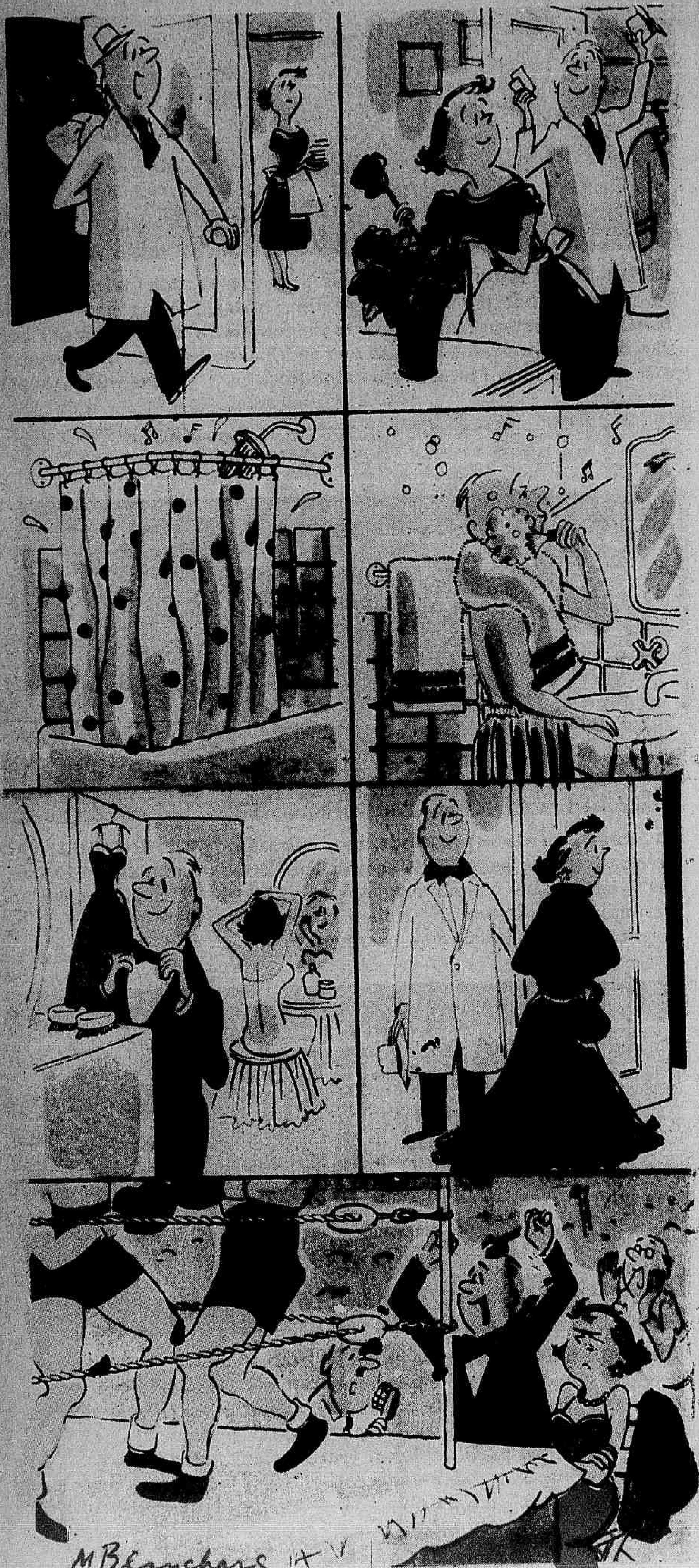
A História nada nos conta a respeito; entretanto ali estão, esperando que sejam sopradas as trombetas do Juízo Final.

Em complemento, é interessante tecer ligeiro comentário sôbre a provável origem dos Magos, ponto raramente tratado e por certo ignorado por muitos. Segundo S. Mateus, os Magos vinham do Oriente; não determina, entretanto, de que país oriental. Não parece provável que viessem da Arábia, onde não havia "magos", e menos ainda da Etiópia. Com mais razão teriam vindo de Babilônia e melhor ainda, da Pérsia. O próprio nome de Magos, a maneira como usavam o birrete nas antigas pinturas e referem os autores antigos assim o confirmam: "seu longo birrete, a túnica prêsa nos ombros, sôbre a qual flutua o manto lançado para trás, as pernas nuas ou protegidas por polainas estreitamente apertadas, segundo o uso dos Persas..." (Fouard; La Vie de N. S. Jesus Cristo, 1. 1, 5. 1).

Quanto ao motivo de sua vinda êles próprios o disseram: "Onde está o Rei dos Judeus, que acaba de nascer? Vimos a sua estrêla no Oriente e viemos adorá-lo. (Mat. 2, 2.) O fim, pois, era adorar ao Rei dos Judeus, recém-nascido.



Êsse é o famoso sepulcro dos Reis Magos, da Catedral de Colônia, tal como ficou depois dos ataques aéreos da última guerra. A "Virgem Negra" foi salva porque era retirada, segundo o costume, tôdas as noites.



A VIDA DE SOLTEIRO E' MELHOR

As coisas — parece — não vão muito bem na terra de Winston Churchill... para os noivos:

1.° — Um pastor acaba de anunciar que, de agora em diante, recusará dar a bênção matrimonial a um noivo "cujo hálito cheire a cerveja ou a whisky".

— "Não quero saber — disse êle — se os noivos bebem por hábito ou beberam apenas para ganhar coragem (sic). A verdade é que êsses cheiros são desagradáveis e impróprios para uma igreja!"

2.° — Um outro pastor preveniu aos seus paroquianos de que não mais mandaria executar o célebre "Largo de Haehndel" durante as cerimônias núpciais, porque "essa música serve melhor para um entêrro".

3.° — O preço das alianças acaba de sofrer um aumento de quase cinqüenta por cento.

O presidente de uma associação de "celibatários renitentes" comentou assim tais decisões:

— "Se devemos pagar mais caro, não beber e não ter a música da nossa escolha, por que havemos de casar?"

★

APRESSEM-SE, POR FAVOR!

As pessoas que viajam atualmente na Suíça acabam de receber um severo aviso da parte das estradas de ferro locais: num só dia, porque subiram e desceram muito lentamente dos trens, provocaram mais de 10 mil minutos de atraso sôbre o conjunto da rêde ferroviária. Êsse atraso — explicaram as companhias — provocou despesas suplementares em eletricidade e carvão!

Em conseqüência pediam aos viajantes que acelerassem o movimento para ganhar tempo, pois que, desta vez, a célebre fórmula se verifica plenamente: "tempo é dinheiro".

O HOMEM QUE MORREU DUAS VEZES!

Por HAROLD SWIFT

No dia 5 de dezembro de 1815, um dos maiores soldados de todos os tempos — o Marechal Michel Ney, da França — foi executado por um pelotão de fuzilamento, pelo crime de traição.

Isso, pelo menos, é o que dizem os livros de história, as enciclopédias e as várias biografias dêsse magnífico soldado que têm sido publicados de tempos a tempos.

Homem de coragem indomável, o Marechal Ney fêz questão de comandar, êle próprio, os soldados do pelotão executor, ordenando-lhes, enquanto preparavam as armas: **"Aqui! No coração!"** E ao mesmo tempo com ambas as mãos (tinha as mãos livres e os olhos não estavam vendados), abriu a camisa, expondo o peito nu.

Êsse drama heróico foi fielmente reproduzido em uma das mais empolgantes cenas do filme "The Iron Duke", estrelado por George Arline, baseado na vida do Duque de Wellington (que derrotou Napoleão e o próprio Marechal Ney, seu principal comandante, na batalha de Waterloo, em 18 de junho de 1815). Mas em tôrno de tudo isso há também uma história fantástica e que é a seguinte:



Centenas de pessoas assistiram à execução do Marechal Ney. Um velho soldado molhou o próprio lenço na sangue do seu antigo comandante, para guardar como uma relíquia do herói.

Apesar do Marechal Ney haver enfrentado o pelotão, conforme acima descrevemos, e de haver sido "executado" em presença de inúmeras testemunhas — **o grande militar não tinha morrido!** Segundo essa mesma história, em 15 de novembro de 1846, um obscuro professor escolar morria em Roman County, pequena cidade no Estado de Carolina do Norte, EE. UU. Êsse professor — que por curiosa coincidência também se chamava Ney — era considerado por muitos e acatados estudiosos da História, como sendo o **executado** Marechal Ney, da França!

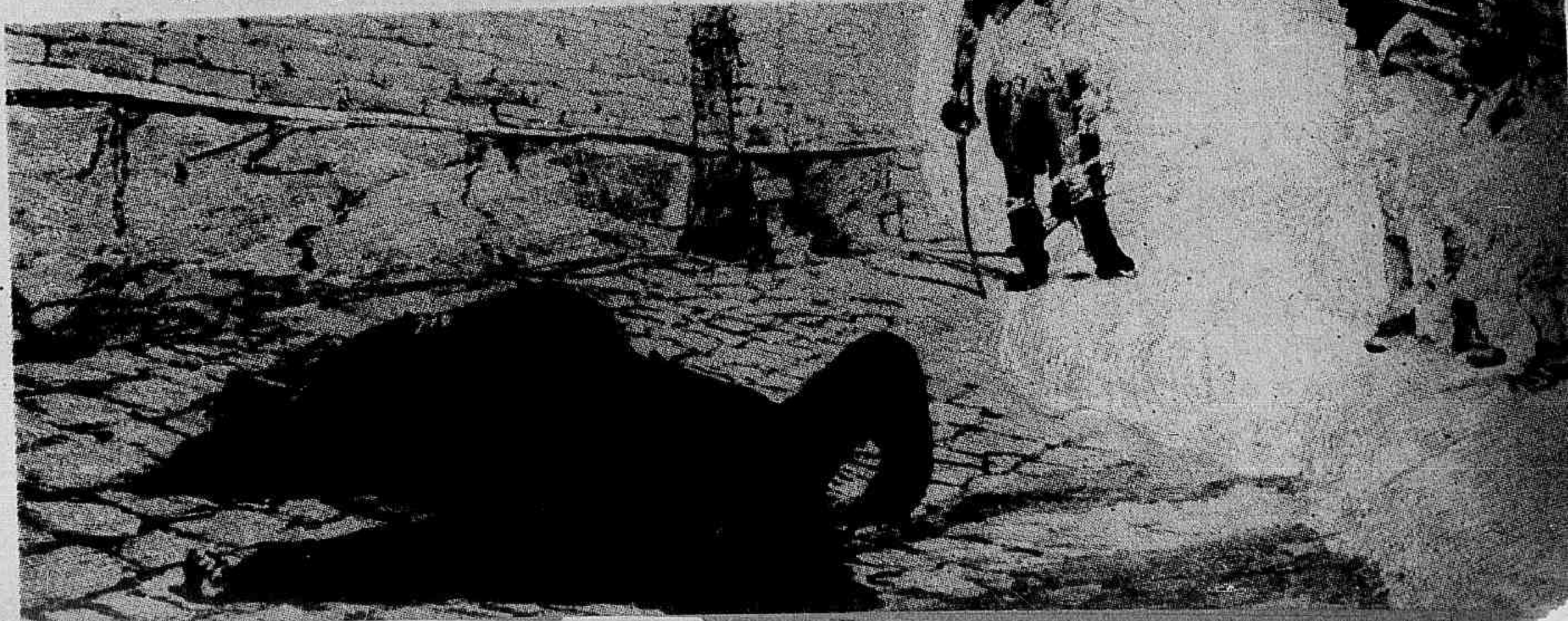
Se o Marechal Ney, realmente, enfrentou o pelotão de fuzilamento e escapou com vida, indo, a seguir, para a América do Norte, onde viveu outros trinta e um anos, só pode ter sido **graças à mais bem urdida e feliz conspiração jamais levada avante.**

Eis a história como "deve ter ocorrido" — depois de reunidas informações de diferentes fontes:

Ney foi, realmente, o maior de todos os generais de Napoleão. Devemos recordar que Napoleão foi vencido, não uma, porém duas vêzes antes de sua derrocada final representada pelo banimento permanente na distante Ilha de Santa Helena. A primeira vez, em 1814, quando foi enviado, simplesmente, para a próxima Ilha de Elba, no Mediterrâneo.

Um membro da família Bourbon, Luís XVIII, assumiu o trono. Por sua vez tratou de fazer de Ney o seu "comandante-chefe", da mesma forma como Napoleão havia feito com o marechal. Eis, porém que, em 1.º de março

Ney foi corajoso até ao fim. Êle próprio comandou a descarga do pelotão de fuzilamento: "Aqui! No coração!" — gritou o Marechal apontando para o próprio peito.





Poucos instantes antes de morrer Peter Stuart Ney admitiu, perante o médico, ser

de 1815, Napoleão foge da ilha e retorna à França. Imediatamente inicia a marcha triunfal na direção de Paris e, à proporção que progredia para o norte do país, soldados veteranos, que haviam lutado sob o seu comando nos anos gloriosos em que o Imperador passeara com os seus exércitos por tôda a Europa, derrubando tronos e criando Estados e, por tôda parte impondo a sua vontade, juntavam-se às suas fileiras, formando em seu redor um verdadeiro exército, pois a popularidade de Napoleão era realmente hipnótica!

O rei, alarmadíssimo, enviou o Marechal Ney para o sul, a fim de enfrentar e aprisionar Napoleão. Porém os próprios homens de Ney começaram a desertar a fim de ingressar nas fôrças do antigo imperador!

Que fêz Ney? Sabendo que Luís XVIII não era nada popular entre o povo, compreendeu que a causa da realeza estava perdida e, com os homens que lhe restavam, juntou-se ao bem amado líder. Depois... Depois foi Waterloo, onde o próprio Ney comandou o centro e teve cinco cavalos mortos por tiro sob as suas pernas! Capturado após a **débacle** os realistas sentenciaram-no à morte, apesar dos protestos do povo, do exército e até mesmo do próprio Duque de Wellington.

As histórias dessa "execução" foram contadas com minuciosos detalhes — talvez mesmo **com exagerados detalhes.**

Segundo as declarações do General de Rochechouart, encarregado dessa execução, as coisas assim ocorreram:



o antigo Marechal de França.

"Quando o major de St. Bias — um veterano com múltiplos e importantes serviços aos país — voltou para junto dos seus homens, a fim de ordenar o **fogo**, Ney caminhou para a frente, uns dois passos, contra os mosquetes já apontados. Protestou mais uma vez contra a sentença. Nesse instante ocorreu a descarga. Ney tombou morto, o rosto contra o chão enlameado, tendo a cartola rolado até junto dos seus pés. Seis balas o atingiram no peito, três na cabeça, uma atravessara o pescoço, outra quebrara o braço direito. Uma só bala se perdera, cravando-se na parede, acima do condenado, fazendo cair uma chuva de caliça. Êsse tiro foi disparado por um dos veteranos que recusou fazer fogo contra "o bravo dos bravos".

O Marechal Ney era homem de físico impressionante e figura das mais agradáveis. Era alto e largo de ombros, com o queixo ligeiramente proeminente, de complexão robusta e tendo uma grande verruga abaixo do lóbulo da orelha esquerda. Era homem muito bem educado, embora um verdadeiro soldado, e tinha uma letra quase impossível de imitar.

O primeiro a insistir em que havia visto o marechal vivo, depois da execução, foi um veterano da epopéia napoleônica e que servira sob o comando de Ney; era proprietário de um pequeno albergue, oitenta milhas distante de Paris. Jurou êle que o marechal visitara o seu estabelecimento poucos dias depois da sua suposta morte.

As notícias afirmando que o Marechal Ney estava vivo foram tão insistentes que foi publicado o famoso relatório, com minúcias de detalhes, indicando cada ferimento provocado por bala, no corpo do fuzilado, e o depoimento dos que haviam lidado com o corpo, além de uma declaração do Major de St. Bias, que comandou todos os detalhes da execução.

Poucas semanas depois dessa publicação, três homens embarcaram num navio que se destinava à América do Norte. Durante os quatro primeiros dias não saíram da cabine que lhes fôra reservada. Finalmente, ao anoitecer do quinto dia, o mais alto dos três, com uma enorme verruga sob o lóbulo da orelha esquerda, aventurou-se pelo **deck.** Esbarrando contra êle, à luz do luar que banhava o tombadilho, uma passageira prontamente gritou:

— **Oh! O fantasma do Marechal Ney!** — e tombou desmaiada.

Sòmente muitas noites depois o homem alto fêz a sua segunda aparição no tombadilho. Imediatamente um antigo soldado francês caminhou ao seu encontro.

— Cavalheiro — disse êle — posso saber se falo com...? — hesitou um instante e depois, positivamente, perdeu a fala.

— Quem pensa o senhor que eu sou? — perguntou por sua vez o homem alto.

Novamente o soldado, cujo nome era Philippe Pétrie, hesitou. A pergunta que desejava fazer parecia insana.

— Então... **não sabe,** senhor? — aventurou finalmente o antigo soldado.

—Nada sei! — foi a resposta.

— Mas eu sei, senhor — gritou então Pétrie — O senhor é o meu antigo comandante, Marechal Ney. Oh! Graças a Deus está vivo! Eu pensava...

—E pensava muito certo! — respondeu o homem misterioso — O Marechal Ney foi executado, há várias semanas, em Paris!

E não mais tornou a aparecer no tombadilho até ao fim da viagem. Os seus dois companheiros desembarcaram em Filadélfia. Nessa ocasião, inúmeras pessoas viram quando faziam continência e a seguir rodavam no calcanhar. Bem diante dêles, olhando-os através do óculo aberto na porta da cabine, estava um homem de rosto vermelho, com queixo saliente e uma verruga enorme sob a orelha esquerda.

Na manhã de 29 de janeiro de 1816, o navio lançou âncoras no pôrto de Charleston, no Estado de Carolina do Sul, onde o homenzarrão desem-

barcou. Vendo-o passar numa rua, um homem, num grupo de emigrantes franceses, repentinamente gritou:

— **Mon Dieu! Le Marechal Ney!** Eu o reconheceria em qualquer lugar, pois servi sob o seu comando em tôdas as campanhas e até mesmo na última batalha, Waterloo.

Dizendo chamar-se Peter Stuart Ney, o misterioso personagem foi estabelecer residência em Cheraw, na Carolina do Sul, onde solicitou e obteve o lugar de professor numa escola rural, não distante da pequena cidade de Brownsville. Uma tarde, estava sentado diante da janela lendo os jornais, quando repentinamente mostrou-se agitado e deu a aula por terminada.

Os seus alunos, entretanto, curiosos que eram, resolveram espioná-lo pela janela... e viram o professor queimar apressadamente cartas e outros documentos, além de pergaminhos e condecorações. Na manhã seguinte foi êle encontrado deitado e inconsciente — não morto, porém — num mar de sangue. O desgraçado havia tentado cortar a própria garganta com um simples canivete de algibeira, porém a lâmina quebrara antes de chegar a cortar a artéria vital.

Os jornais haviam publicado erradamente a notícia da repentina morte de Napoleão! (Na verdade, Napoleão morreria sòmente cinco anos mais tarde.)

Com a passagem dos anos Peter Ney, que sempre esperara ver os Bonapartistas novamente senhores da França e o Imperador de novo no trono, mostrava-se mais e mais silencioso e triste. Algumas vêzes relatava com minúcias de detalhes as grandes campanhas militares de Napoleão embora jamais tivesse declarado ser o Marechal. Dedicou-se também à poesia, tendo publicado diversos trabalhos nos jornais locais. Lia intermináveis livros de História, particularmente as "Memórias de Napoleão". Depois da sua morte, as margens dêsse livro estavam cobertas de anotações.

Justamente na página 315, por exemplo, onde está impresso êsse período: **"Não fôsse pela demora de ação do Marechal Ney e Napoleão poderia haver socorrido essa posição..."** o professor Peter Ney escreveu na margem: **"Demora? Por que não explicou o imperador o que fêz das minhas reservas? Meus movimentos estavam tolhidos."**



Napoleão I — (Retrato feito por Joseph Longhi, em 1806)

(Diz-nos a História que "as reservas do Marechal Ney foram malbaratadas por Napoleão" e alguns estrategistas acreditam que com êsses 20.000 homens adicionais, Ney poderia ter mudado o curso da Batalha de Waterloo.)

Como Peter Ney, já bastante idoso, visse a sua saúde abalada, perdeu tôda esperança de algum dia retornar à França. O Coronel Placebo Houston colocou à sua disposição a sua encantadora residência, situada numa vasta plantação, na Virgínia. Mais tarde, enfermando gravemente, entrou a sofrer longos períodos de delírio nos quais, julgando estar em plena batalha, gritava ordens de combate, aconselhava manobras urgentes, reclamava mais cavalaria, acusava os Bourbons e chamava por sua espôsa e filhos.

Vencido pela enfermidade, caiu em profunda melancolia. Quando se aproximou a sua undécima hora, em 15 de novembro de 1846, o seu médico assistente suplicou-lhe que esclarecesse o mistério da sua identidade.

"— Sou o Marechal Ney, de França!" — pôde articular; instantes depois morria.

A pedra que assinala o túmulo de Peter Stuart Ney dá ao misterioso personàgem a idade de 77 anos.

Era Peter Stuart Ney o maior soldado de França — imediatamente após o próprio Napoleão?

Os norte-americanos que o conheceram mostram-se absolutamente convencidos de que o professor e o antigo marechal eram uma única pessoa. E para tanto apontavam as inúmeras similaridades — identidade de aparência, sem faltar, mesmo, a grande verrúga sob a orelha esquerda; letra idêntica (o que pôde ser comprovado, comparando-se a letra do professor com vários manuscritos do marechal); o fato de ambos personagens terem a mesma idade, dormirem um máximo de cinco horas, serem excelentes cavaleiros e grandes jogadores de espada; a paixão de um e outro pela flauta, que tocavam razoàvelmente.

Em 1875, o renomado perito de caligrafia, David N. Carvalho, escreveu afirmando **não haver dúvida de que Peter Stuart Ney e o Marechal Ney eram uma só e mesma pessoa!**

Numa declaração feita sob juramento, diante do crucifixo, a Sra. George F. Shepheard, de Elmwood, Carolina do Norte, declarou:

(Continua na página 112)

NÃO há muito tempo, uma história espantosa surgiu num jornal londrino. Contava ela que um cão chamado **Nephew** (sobrinho) possuía poderes sobrenaturais.

Nephew pertencia a um capitão de marinha mercante cujo navio — um pequeno cargueiro — seguia a rota costeira entre Singapura e Batávia, em Java. Ordinàriamente **Nephew** acompanhava o seu dono nessas viagens, porém numa delas foi deixado em terra, na casa de parantes do capitão, cujo lar era na Inglaterra.

Havia uma grande afeição entre o homem e o cão, e **Nephew** não foi levado nessa referida viagem porque o capitão temia que o grande calor tropical fizesse o animal sofrer desnecessàriamente.

Uma noite, quando o animal estava dormindo, repentinamente despertou, logo pondo-se de pé, com todos os músculos do corpo tremendo, ao mesmo tempo que uivava interminàvelmente, em surdina, como se gemesse. A seguir começou a ganir e a chorar como se sofresse com alguma dor inextinguível. Embora os parentes do capitão tudo fizessem para consolar o animal e distraí-lo, nada conseguiram.

Tiveram, então, o pressentimento de que alguma coisa acontecera ao dono do animal; que o capitão talvez tivesse até morrido. Apesar de considerar essa impressão ridícula, aceitando como verdadeiro que o cão tivesse recebido alguma **mensagem telepática** da morte de seu dono, trataram de anotar, cuidadosamente, a hora exata e a data em que o estranho fato ocorreu.

Semanas mais tarde um telegrama chegava, anunciando que a tripulação do barco costeiro — formada totalmente de Malaios — se amotinara, massacrando todos os oficiais brancos e transformando o honesto navio em barco de pirataria.



Naturalmente, não tardou muito a que os miseráveis fôssem alcançados, aprisionados e levados para Batávia, onde foram julgados e condenados, sendo enforcados.

No correr dêsse julgamento ficou plenamente estabelecido que **Nephew** despertara e entrara a ganir e a gemer, desesperado, **no exato instante em que o seu dono caía sob os golpes impiedosos dos seus assaltantes, a mais de 8.000 milhas de distância!**



O collie parece seguir algum secreto e imperioso sinal emitido pelo pensamento do dono.

OS CÃES — TELEPATAS PRODIGIOSOS

A CIÊNCIA, AGORA, ACREDITA QUE OS CÃES TÊM PRODIGIOSA FÔRÇA TELEPÁTICA QUE LHES PERMITE LER O PENSAMENTO HUMANO!

Por LEROY THORPE

Teria **Nephew** algum prodigioso poder de telepatia? Estaria o seu cérebro canino **sintonizado** para as ondas-de-pensamento emanadas do cérebro do seu bem amado dono? Teria assim recebido a terrível mensagem da sua morte violenta?

Teria sido, ao contrário, a sua angústia... mera coincidência? Nessas condições, por que razão persistiu a sua profunda mágua, **como se não tivesse qualquer dúvida de que o seu dono havia morrido?**

Só recentemente começou a Ciência a compreender a verdadeira natureza do pensamento — de todos os pensamentos, inclusive o dos homens, dos cães, dos gatos e talvez até mesmo o da inferioríssima ameba!

Começam agora a entender que o cérebro, o **mente** enfim, é o básico poder no universo; talvez mesmo a única realidade no universo! Se soubessem os cientistas como usar tôda a fôrça do cérebro, tôdas as coisas seriam possíveis, tudo estaria realizado: a transmutação da matéria em energia e vive-versa; a telepatia; a teleportação — e ainda seria possível prever o futuro com absoluta segurança **e modificá-lo, segundo a nossa preferência!**

Na "Duque University", por exemplo, recentes experiências, realizadas sob a direção do mundialmente conhecido psicologista Dr. J. B. Rhine, provaram que o cérebro humano tem todos êsses poderes em graus variados, geralmente, apesar de apenas aproveitados de forma frágil e errada.

Aparentemente já o homem alguma





Êsse "policial" começou repentinamente a chorar e assim ficou horas a fio. Isso ocorreu no momento exato em que o seu dono, ausente, no estrângeiro, morria num desastre.



Essa jovem de Sydney, Austrália, foi assaltada por ladrões, a milha e meia de sua residência campestre. Em sua casa, o cão saltou alto muro e foi em seu socorro, sem hesitar uma só vez, no caminho!

vez possuiu essas faculdades cerebrais em muito maior grau, porém perdeu muitas delas **por falta de uso.**

Os cães — segundo acredita o Dr. Rhine, além de outros sábios pesquisadores — possuem o poder da telepatia ou o poder de ler o pensamento humano num grau miraculoso. Certos cães são capazes de receber o pensamento humanc de distâncias aparentemente ilimitadas!

Caso seja possível descobrir **por que os cães são assim tão extremamente capazes de exercer a fôrça telepática,** estará aberto o caminho para o desenvolvimento do mesmo poder latente no homem, assim como todos os demais poderes que aparentemente possui em grau menor o nosso cérebro **pouco** utilizado ou **erradamente** aproveitado.



Gostaria o leitor de poder "enviar" o seu pensamento diretamente (e secretamente) a alguém da sua escolha, estando ela onde estivesse, neste globo ou mesmo no universo, e saber que êsse alguém recebeu a mensagem, estabelecendo dessa forma, nos dois sentidos, uma **conversação telepática?**

Gostaria de poder "pensar" que uma montanha se movia e essa montanha se mover realmente, obediente a uma simples ordem?

Gostaria, ainda, de "pensar" em si mesmo, **vendo-se viver e agir... no passado como no futuro, à vontade?**

Tôdas essas coisas poderão ser possíveis, **uma vez que possa ser destravada, inteiramente, a fôrça do cérebro!**

E os cães aí estão, admiráveis companheiros nossos, e que nos darão, em dia talvez distante, a "chave" dêsse poder.

A seguir relataremos alguns casos de telepatia, perfeitamente documentados e autenticados, colhidos pessoalmente pelo Dr. Rhine e outros especialistas. Referem-se a **contatos** entre cães e seus donos humanos.

Durante a II Grande Guerra, o navio em que Richard Fairey (filho do conhecido fabricante de aviões, de nacionalidade britânica) cruzava o Atlântico, foi torpedeado em meio da viagem. Fairey e outros 12 homens estiveram seis dias num simples bote de borracha, ao sabor das águas, antes de que pudessem ser encontrados e salvos. Isso ocorreu no mais forte inverno e alguns dos homens, inclusive Fairey, sofreram horrores.

Fairey possui um grande cão dinamarquês, chamado **Jeepers** e, segundo pôde ser verificado, êsse animal parece ter conhecido todos os detalhes do que ocorria com o seu dono, que se encontrava a uma distância superior a 2.000 milhas!

"— E' fato — escreveu Fairey — que de 23 de janeiro, quando fomos torpedeados, até seis dias mais tarde, quando um **destroyer** norte-ame-



ricano nos recolheu a seu bordo, **Jeepers** recusou comer fôsse o que fôsse, mostrando-se tão abatido que todos os de casa temeram por sua vida. Mas a partir do instante em que fui recolhido e tratado a bordo do navio de guerra norte-americano, o animal recuperou a vitalidade, o apetite e a sua natural alegria.

Outro caso interessante é o que ocorreu com um fazendeiro do norte do Estado de Nova York, Wilbur Phelps, que costuma ir apanhar morangos em terras situadas sete milhas distantes da sua casa residencial, no outro lado do Black River. Phelps possui um "vira-lata" de pêlo ruivo desbotado, chamado Bill Bailey e que, nesse dia, havia ficado em casa.

Exatamente às 15,27 horas, o animal que estivera dormindo à sombra da varanda, despertou e entrou a arranhar furiosamente a porta da cozinha, onde se encontrava a espôsa do fazendeiro. Esta abriu a porta e deixou o animal entrar. Imediatamente o cão avançou contra ela abocanhando a barra da sua saia e tentando arrastar a Sra. Phelps para fora de casa. A mulher procurou afugentar o animal, porém êle insistiu parecendo haver repentinamente enlouquecido.

A princípio, pensando que uma das crianças da casa tivesse sofrido algum acidente, no jardim, ela correu para lá. Mas nada acontecera e as crianças estavam calmas e sadias. O cão, a êsse tempo, continuava a arrastá-la para a estrada, em linha reta, como se desejasse varar campos e galgar colinas. Estava tão insistente que a Sra. Phelps ralhou com o animal e depois falou:

"— Bill Bailey! Espera que vou chamar por telefone os MacDonalds (os vizinhos mais próximos) e talvez os rapazes queiram ir com você, sim?"

Bill Bailey entendeu!

Outro fato ligeiramente conhecido a respeito dos cães é que êles podem entender a significação de muito maior número de palavras e frases do que em geral suspeitamos. Muitos cientistas acreditam que **êles poderiam conversar conosco, caso possuíssem o mecanismo vocal apropriado!**



Bill Bailey "consentiu" que a Sra. Phelps fôsse telefonar. Dois rapazes da família MacDonald chegaram depressa, tendo usado o automóvel do pai. Imediatamente Bill Bailey indicou o caminho.



Seguiram o cão através de terrenos difíceis e assim chegaram à margem do Black River, duas milhas além, num trecho bastante largo e perigoso. O cão, entretanto, sem hesitar um instante sequer, lançou-se à água. Os rapazes sabiam que havia uma ponte quatro milhas rio abaixo, porém resolveram atravessar mesmo a nado, atendendo à impaciência revelada pelo animal, que agora soltava ganidos de desespêro parecendo estar extremamente ansioso.

Na outra margem, o animal não seguiu os contornos naturais do terreno, mas continuou quase em linha reta, obrigando os dois rapazes a esforços terríveis para o acompanhar de perto. Mais um par de milhas além, inteiramente fora da estrada, viram finalmente o automóvel de Wilbur Phelps, no qual estava um grande cesto cheio de morangos.



Ao belo dinamarquês, a dama da sociedade inglêsa deve a vida. O animal pressentiu que a dona passava mal. Foi arranhar a porta do banheiro onde a mesma estava desmaiada...

Agora caminhava por caminhos ásperos e que subiam sempre, sendo que o animal continuava a não seguir qualquer trilha, mas parecendo caminhar com absoluta segurança de rumo. Mais três milhas foram vencidas até a um terreno rochoso que terminava repentinamente em precipício.

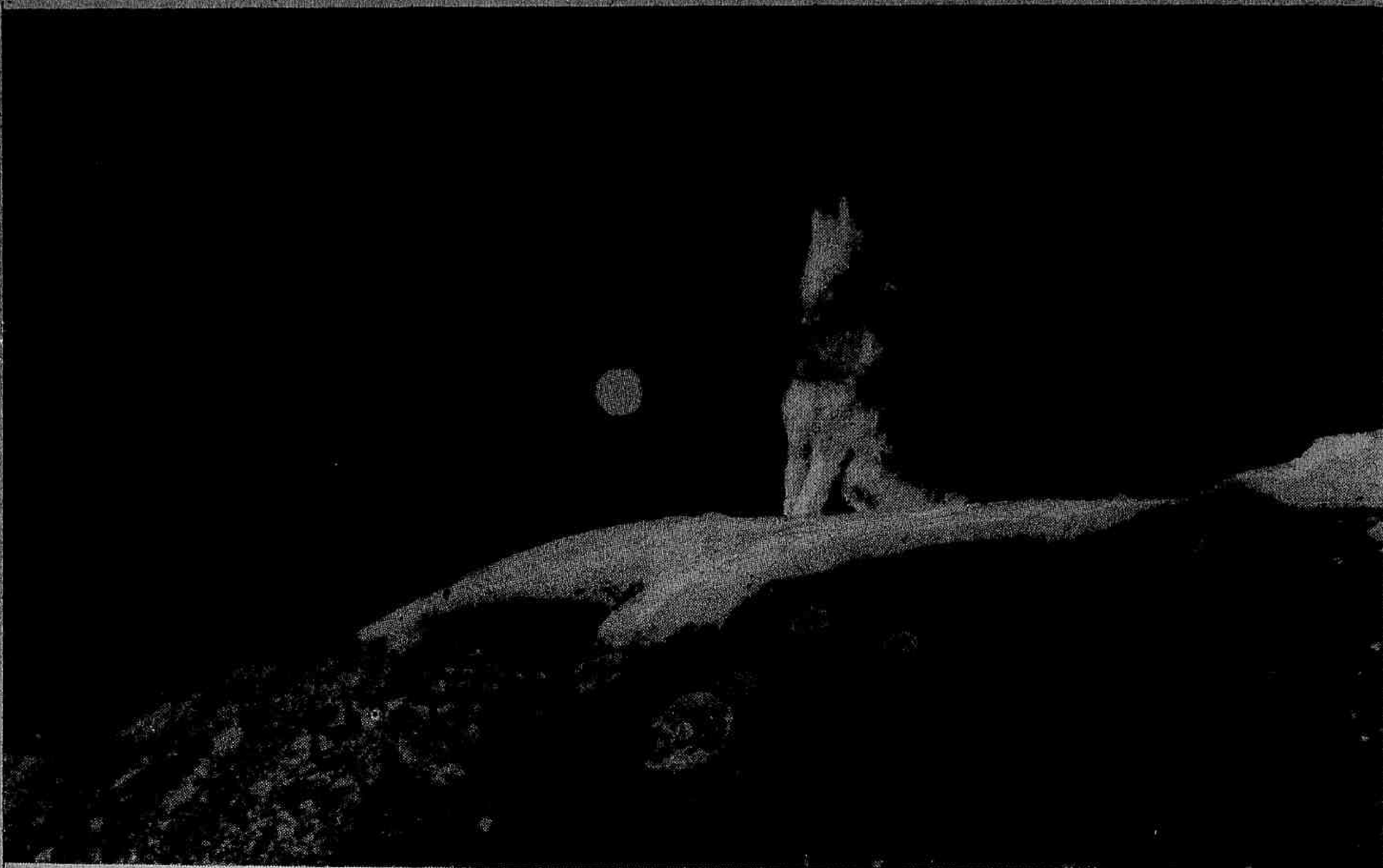
No fundo do mesmo, o cão conduziu os dois rapazes até junto de Wilbur Phelps. O pobre homem tombara do alto da rocha e quebrara a perna esquerda, entre o joelho e o quadril; tratava-se de fratura exposta, estando partes dos ossos surgindo através da carne violentamente rasgada. O desgraçado sofria de maneira indescritível.

Wilbur havia gritado desesperadamente até perder as fôrças, porém ninguém ouvira os seus apelos, pois que a habitação mais próxima ficava ainda assim, além de três milhas de distância, havendo também, além do rio, muitos vales e colinas entre êle e sua própria casa.

No seu bôlso estava o relógio, quebrado. Os ponteiros marcavam 15,27 horas!

O fato só pode ser explicado, aceitando-se que **Bill Bailey** tenha recebido a "mensagem telepática" do seu dono, quando êste tombou no precipício e ali ficou, gravemente ferido e sem qualquer auxílio; e também um "sinal direcional" que levou o cão, sem êrro, através rios e vales, ao local onde ocorrera o acidente.





Incontáveis são os casos em que os cães pressentiram a morte de alguém, próximo ou a grande distância do local em que se encontram. Parece que no instante da morte certos sinais são emitidos com maior vigor.

Em outro caso que podemos considerar fantástico e citado pelo Dr. Rhine, um jovem **collie**, chamado **Bobbie**, viajava com o seu dono F. Brazier, em automóvel, tendo iniciado a viagem em Amsterdam, Holanda. Em Budapest, Hungria, o cão desapareceu.

Brazier, depois de vã procura para localizar o animal, continuou viagem, que consistiu em um longo e vagaroso passeio através de todo o sul da Europa, antes de, finalmente, retornar à Holanda. Seis meses depois do dia do seu desaparecimento em Budapeste, o collie reapareceu na casa do seu dono, em Amsterdam.

Isto nada teria de extraordinário, dado que muitos animais têm o que chamamos de "instinto da residência". Poderia ter usado êsse instinto ou utilizado a memória do caminho percorrido, pois é quase inadmissível que um cão tenha conservado o "olor" do automóvel do seu dono, em estradas percorridas diàriamente por milhares de outros veículos! Porém o cão não caminhou diretamente para casa. Ao contrário, seguiu quase todos os caminhos seguidos pelo seu dono, fazendo quase tôdas as voltas, procurando sempre "aproximar-se" dêle, apesar do variado caminho percorrido: subindo, descendo, indo para leste e voltando para oéste!



Se ia para o sul e repentinamente o dono recomeçava a subir, embora a dezenas de milhas de distância, também êle retornava para o norte! Seguia, assim, **o pensamento do seu dono!**

Há também o caso de um cão, chamado King, pastor-belga, que desapareceu de casa como por encanto, pouco antes dos seus donos se transferirem do extremo-norte para o extremo **sudoeste** da Inglaterra.

Dois meses mais tarde, King aparecia no novo lar, embora jamais tivesse conhecido aquelas estradas, aquela cidade, nem mesmo a própria casa.

King também seguiu "as ondas cerebrais" do seu dono, as quais tinha perfeitamente sintonizado. Em qualquer parte onde estivesse, sempre recebia **sinais de direção** que não o deixavam errar!

Outro caso de um cão, pertencente à família Edwards, que vivia em West Hartford, no Estado de Connecticut, pode ser explicado por uma ordem telepática, enviada por algum membro da família a fim de "ir e encontrar outro membro da família". Isso ficou sendo uma brincadeira no seio da família, composta de pais e cinco crianças. Sempre que alguém desejava falar com outra pessoa da casa mandava o animal chamá-la. Vêzes sem conta o cão realizou êsse trabalho. Ao selecionar os nomes, ninguém falava, escrevendo, simplesmente, o nome da pessoa num pedaço de papel, que era exibido sòmente depois que o cão executava a ordem corretamente. Isso passou a ser feito de lugares distantes e em circunstâncias que só podiam ser explicadas pela telepatia.

Outro exemplo foi suficiente para firmar essa idéia. Durante a Primeira Guerra Mundial, um soldado inglês, John Raeburn, foi enviado para a França. A sua velha cadela-pastor, **Lady**, ficou em Chelsea, inconsolável. Um dia, **Lady** desapareceu. Três semanas depois John Raeburn ficou muito surpreendido ao ver a sua cadela, enlameada e com os pés sangrando, saltar para a sua trincheira! **Lady** fugira para a costa, mete-

ra-se a bordo de um navio que partia para o continente e depois de sua chegada ao solo continental europeu abriu caminho até chegar ao seu dono!

E por que **Lady** não entrou num navio qualquer que partia, por exemplo... para a América do Sul? Isso só pode ser explicado de um modo: **Lady** podia ler o pensamento dos que embarcavam no navio! (Um pensamento que era igual ao que o animal havia lido... no seu próprio dono!)



O belo dinamarquês recebe o agradecimento da menina. Sem o cão esta garôta estaria morta no fundo de um poço...

São incontáveis os fatos referentes a cães que "sentiram" a morte do seu dono, mesmo estando êstes no outro lado da terra. No instante da morte o cérebro humano parece emitir ondas de grande intensidade. O cérebro ultra-sensível do cão percebe êsses sinais da mesma forma que os percebem as pessoas que são chamadas de "psíquicas".

Está provado que os cães revelam estranha excitação quando estão próximas de pessoas que têm o cérebro doente, como os loucos, mesmo que tais indivíduos não demonstrem exteriormente essa enfermidade.

Muitos cães que saltam e pulam de alegria quando se aproxima de casa o chefe da mesma — antes mesmo que o resto da família saiba que êle se aproxima da residência — ao contrário, tratam de sair da sala, escondendo-se sob uma cama ou mesa... se essa pessoa volta para casa mal humorado. Isso, muito antes dessa pessoa saltar do ônibus na esquina, quinhentos metros ou mais, distante do portão. Isso se explica porque já hoje os cientistas sabem que o cérebro enfêrmo ou momentâneamente alterado, emite impulsos elétricos anormais.

Já hoje — em situações de emergência — os cães têm o poder de transmitir o seu pensamento ao respectivo dono! Êsse foi o espantoso caso ocorrido numa fazenda, no Canadá, onde o proprietário, John Wagner, despertou de um sono no qual vira, desesperado, a sua cadela collie, **Greta**, estirada no solo, coberta por alguma branca substância e sofrendo terrìvelmente.



O "pêlo de arame" que, com seus gemidos incessantes, alertou uma família a acompanhá-lo até ao outro lado da cidade onde, num terreno abandonado, seu dono sofrera uma queda, quebrando uma das pernas e sem ninguém para o socorrer.

Wagner saltou da cama e verificou que o animal não estava em casa. Chamou-o, porém não obteve resposta. Impressionado, vestiu-se e, seguindo as indicações do próprio sonho, dirigiu-se para o terreno que nêle vira aparecer. Ali, realmente, encontrou Greta, completamente enterrada sob um espêsso lençol de neve, que despencara repentinamente do beiral do telhado de um imenso celeiro. Infelizmente, o pobre animal tivera a espinha partida e foi preciso sacrificá-lo. Porém, na verdade, a cadela comunicara-se com Wagner, telepàticamente — na dramática emergência.

Talvez o mais espantoso entre todos os cães que comprovadamente exerceram a sua fôrça telepàtica, seja Hector, animal pertencente a C. J. Tryon, um engenheiro de minas, residente no Estado de Arizona, EE. UU.

Não há muito tempo, o grande magazine **Cientific-American** realizou uma série de experiências com **Hector**, usando para isso os mais rígidos contrôles contra uma possível fraude, mesmo uma fraude totalmente inconsciente.

Hector fôra treinado no sentido de calcar certos botões que, por sua vez, acionavam, elètricamente, determinados sinos. Conhecia também a significação de determinadas palavras, podendo resolver intrincados problemas de aritmética.

Quando intimado a somar dois ou três números — como por exemplo 9, 4 e 13 — **Hector**, sem hesitar, calcava o botão, acionando a campainha elétrica o número certo de vêzes — no caso, 26. Podia multiplicar algumas figuras como 26 por 13. Podia igualmente subtrair figuras como 18 de 97.

A pessoa que interrogava **Hector** ficava a uns 6 metros de distância do animal e de costas para êle. Segundo os editôres do magazine científico, não podia haver fraude; não havia circuitos elétricos secretos que ajudassem o animal ou agissem por êle. Segundo o mesmo magazine, **Hector** só tinha um meio de responder com segurança a todos os problemas. Êsse meio era... **lendo o pensamento das pessoas que lhe faziam as perguntas.** Quando completava o número de toques necessários à resposta certa, o cão sabia que era suficiente e parava de calcar o botão.

"Aquilo só podia ser telepatia!" — afirmaram os investigadores.

*

Muitos cães entram a gemer e a esconder-se sob a mesa, quando "descobrem" que o dono está decidido a levá-lo ao veterinário, onde receberá injeções dolorosas. Outros fogem de casa quando seus donos acham que chegou a hora de que sejam sacrificados para que não continuem sofrendo ou tenham morte difícil e dolorosa.

Só há uma resposta para explicar essas ocorrências: telepatia! O Dr. Rhine e outros investigadores chegaram à conclusão de que o cão **tem o** mais acurado poder telepático entre todos os animais. Superior mesmo ao ser humano — com **exceção** dos chamados psíquicos, médiuns, etc.

Na opinião do Dr. Rhine, o homem é telepàticamente fraco porque tem condicionado seu córtex cerebral, "racionando o pensamento" de forma a ignorar a intuição, as visões, etc. A telepatia, nos humanos é como um músculo que jamais foi exercitado.

Mas, caso o homem possa recuperar o uso dêsse "músculo pensante" então talvez possa encontrar em si mesmo a fôrça que lhe permitirá ser como o telefone, o telégrafo, que se tornarão inúteis, como também inúteis serão as cartas e até mesmo as palavras, **pelo fato de que poderá comunicar-se com qualquer pessoa ou criatura, esteja onde estiver, simplesmente projetando seus pensamentos e aguardando, pelo mesmo processo receptor, a resposta.**

★ ★

O TREM FANTASMA

(Continuação da página n. 10)

— A estação de Grove diz — informou o velho — que o 113 nunca se demora lá e que passou normalmente; e Marmion diz que o "Bola de Neve" saiu no horário e não voltou atrás!

Fêz-se pesado silêncio e o inspetor Queen, espantando uma nuvem de moscas que o importunava, explodiu:

— Mas como um trem desaparecer assim? "Bola de Neve"! Ora... **Bola de Neve em agôsto!** Não vão me dizer que Grady a fêz **derreter!**

— Espere, espere! — gritou Ellery — Já sei onde está o "Bola de Neve". E se não corrermos muito podemos rezar pela alma de Lizbet.

— Mas onde? — implorou o Inspetor, enquanto o automóvel já voava.

— No papo de Grady — gritou Vellie.

— Isto é o que êle quer fazer crer! — replicou Ellery — Corra mais, sargento! O trem saiu de Marmion e não chegou a Wapaug onde esperávamos passar Lizbet para o carro. Parece ter desaparecido por encanto entre as duas estações onde não há barranco nem rio para êle cair. Linda mágica! Mas não esmoreça, Vellie! Corra, passe por Marmion e siga adiante!

— Passar por Marmion? Mas, Ellery, se o trem já passou...

— A verdade, papai, é que êle não chegou a passar por Marmion.

—Mas o chefe da estação disse...

— O chefe da estação foi subornado e disse o que Grady pagou para que dissesse. Foi tudo para que perdêssemos tempo, correndo para lá e para cá, enquanto Grady e o bando interceptavam o "Bola de Neve" **antes de que chegasse a Marmion!** Se o que estou vendo é a fumaça de um tiroteio, chegamos a tempo!

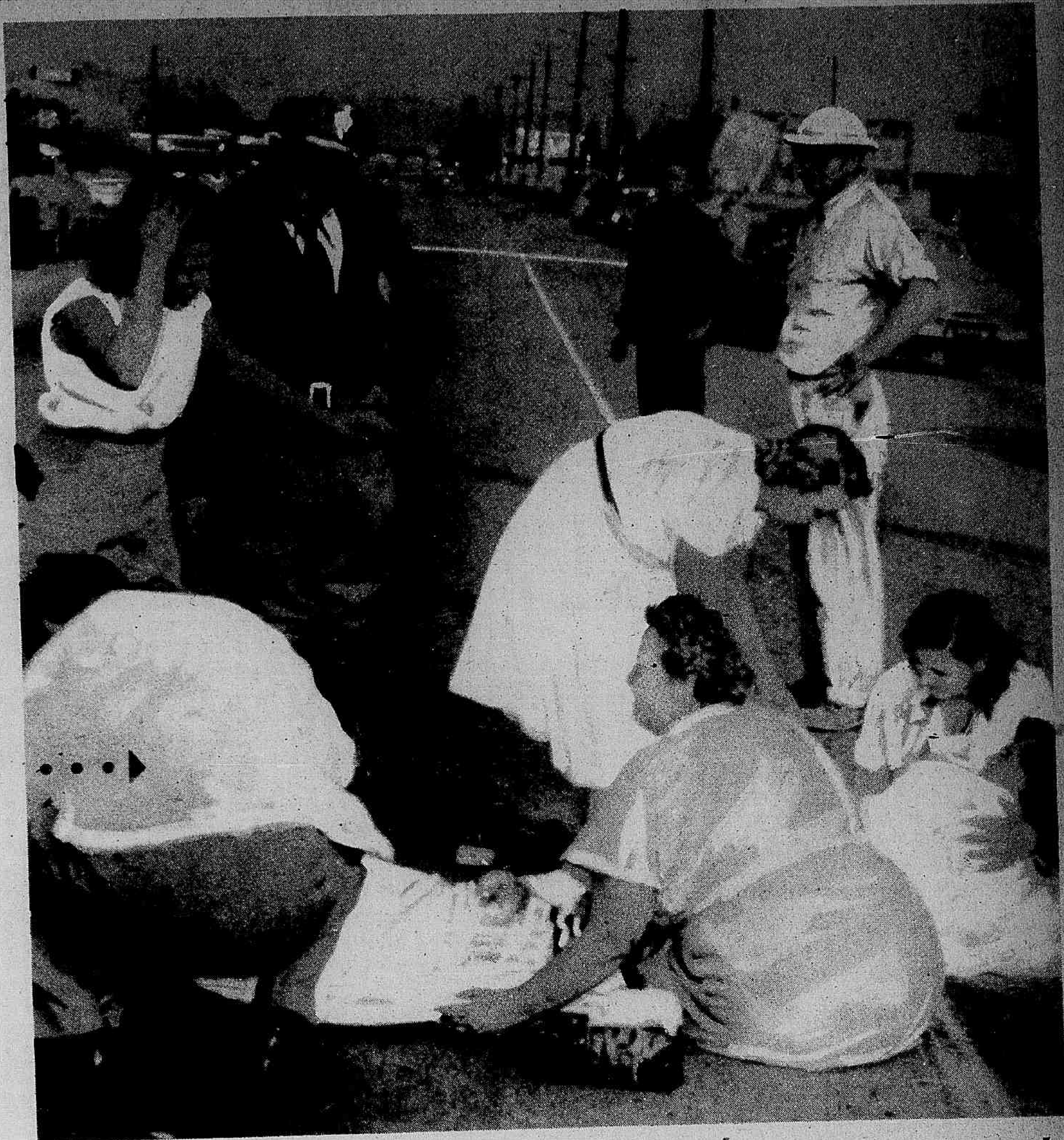
E ali, quatro milhas ao norte de Marmion, estava o "Bola de Neve", parado. Um enorme caminhão de carga atravessado na linha o fizera parar e a julgar pelo pipocar e as faíscas, estava sob forte tiroteio de uma meia-dúzia de capangas, escondidos nas proximidades. Dois indivíduos, um inerte no chão e outro se arrastando no capim, indicavam que a luta estava equilibrada. De uma das janelas do trem partiam rajadas de balas. Pois a turma de Grady não sabia que aquêles dois inofensivos lenhadores eram detectives equipados com excelentes metralhadoras. E quando os seis robustos detectives do Inspetor Queen deceram do carro também protegidos por moderníssimas armas de fogo o bando resolveu deixar cair as armas e entregar-se.

O inspetor Queen e Ellery descobriram Lizbet amedrontada porém salva com outros apavorados passageiros, cercados de cartuchos vazios de metralhadoras.

— Tudo bem, Lizbet? — perguntou o Inspetor — Deseja alguma coisa mais? — acrescentou sorrindo.

Lizbet olhou para êle; estava despenteada, suada, suja de graxa e carvão, lágrimas misturadas com fuligem escorriam pelo rosto sem pintura; porém ela respirou, aliviada:

— Se quero, Inspetor! Quero o lugar de testemunha.



Não tenha medo de socorrer!

É conhecida a recomendação: "Não toque na vítima. Pode causar a morte da mesma!" ★ Uma enfermeira especializada faz outra sugestão: "Usem a inteligência!"

Por ELINOR RINGLAND
(Enfermeira registrada)

A proximidade das grandes festas e comemorações populares, como Natal, Ano Bom, Carnaval, etc., sempre torna apreensivas as autoridades e, principalmente, as instituições de saúde pública e de socorros urgentes, na expectativa de um aumento considerável no índice de vítimas de acidentes de todos os gêneros. E não será êsse índice ainda maior, pelo fato de você não saber o que fazer em caso de acidente?

Meu marido e eu vínhamos, de automóvel, por uma velha estrada, certa noite, quando os faróis da frente iluminaram o aviso: **"Perigo — Curva — Velocidade limitada"**. De repente, luzes em sentido oposto aproximaram-se da curva em velocidade excessiva. Os pneus guincharam, faíscas saltaram no ar quando a carrosseria de aço raspou o chão. O veículo capotou e três pessoas foram atiradas ao fundo de um barranco. Que fazer? Todos nós temos lido artigos sôbre primeiros socorros; temos visto **demonstrações** na televisão e temos também aprendido que **podemos agravar o estado da vítima se nossa atitude não**



Eis o bom processo de transportar uma pessoa que tenha sofrido desmaio: deitada a fio comprido, nos braços de duas ou três pessoas. Não pode ficar no meio da multidão, pois necessita de bem respirar.

fôr a mais correta ao tentar atender a casos de ferimentos e fraturas graves.

Os dias em que uma pessoa via um ferido na estrada e logo o instalava no próprio automóvel, levando-o para o hospital mais próximo — já vão longe! E, examinando as reações das pessoas presentes ao acidente, naquela noite, chegamos à conclusão de que a recomendação para que **não se toque na vítima**, a fim de não agravar-lhe o estado, está tão profundamente gravada em nossa mente, que acabamos temerosos de socorrer.

De tôdas as pessoas que acorreram ao local durante a meia hora em que foi aguardada a ambulância, ninguém — a não ser eu — teve coragem de tocar nas vítimas. Todos se prontificaram a ir chamar a polícia e uma ambulância, alguns desejando ajudar de alguma forma, trouxeram água, whisky ou cognac dos respectivos automóveis, mas ninguém foi além disso!

Quando eu procurava examinar um homem em estado inconsciente e que tinha sido atirado com o rosto na lama e pedi a uma pessoa qualquer que segurasse uma lanterna, a fim de que eu conseguisse virar o rosto do infeliz a fim de que pudesse respirar, disseram-me com veemência que não tocasse na vítima até que a polícia chegasse!

SALVANDO UMA CRIANÇA! — Uma criança estava deitada de costas, também inconsciente. O sangue escorria de sua bôca, embora estivesse com o rosto virado para cima. Aproximei-me disposta a intervir e impedir que morresse sufocada pelo próprio sangue, porém um homem que observava a cena de braços cruzados logo recomendou:

— A senhora não deve tocar nela! E se estiver com a espinha quebrada?

E outro comentou:

— Mesmo porque ela já deve estar morta!

Então apontei para a garganta da criança que latejava.

Às vêzes eu acho que parte dêste temor vem da ignorância acêrca do aspecto que deve ter uma pessoa em estado de choque. Talvez julguem que deva ser semelhante ao de uma pessoa dormindo.

Entretanto, uma pessoa adormecida reagirá automàticamente contra a sufocação e despertará fàcilmente com uma dor qualquer, enquanto que uma pessoa em **estado de choque** não tem fôrças para reagir. Ficará inteiramente indefesa, como uma pessoa anestesiada. De um modo geral, o rosto fica inteiramente sem côr ou demasiado vermelho. A respiração é difícil e **ronronada** e quase sempre a bôca fica aberta e o queixo pendido. Se, por acaso, a vítima se move, não o faz voluntàriamente, pois perdeu o contrôle dos reflexos; seu movimento é convulsivo.

Se o rosto estiver debaixo d'água, se a respiração está obstruída, se está sangrando, a vítima não tem consciência disto e nada pode fazer em seu próprio benefício, mesmo que os ferimentos sejam leves. Em estado de choque, decorrerá muito tempo antes de que a vítima tenha consciência do que a cerca. Às vêzes é preciso que alguém a ampare, a fim de evitar outros ferimentos.

— Está o povo sempre com mêdo de ajudar?

— Por que sempre ficam, todos, em volta da vítima, fitando-a como se velassem um cadáver?

Fiz estas perguntas a um funcionário da patrulha de estradas, que tem atendido a acidentes desta espécie, há mais de vinte anos, e êle respondeu:

— A maioria sempre fica **de fora**, embora tente atender à orientação dealguém que às vêzes aparece com ares de quem sabe o que está fazendo.

— Por que têm tanto mêdo de ajudar? — perguntei.

— Ou não sabem mesmo o que fazer em tais casos ou têm mêdo de se ver às voltas com a polícia. — Foi a resposta.

USE A INTELIGÊNCIA! — Pergunto se os nossos cursos sôbre primeiros socorros têm ajudado o povo ou se o têm deixado ainda mais confuso, com um aluvião de detalhes desnecessários.

— E' possível — respondeu-me o guarda — que nós mesmos tenhamos exagerado a precaução necessária em tais casos; mas o importante

é que a ambulância tem sido chamada com mais freqüência e presteza.

— Neste caso qual será a solução para o socorro imediato?

— Em vez de ter mêdo — **usar a cabeça, com lógica e inteligência!**

O Dr. R. W. Brindley, médico antigo de um hospital de emergência, em Des Moines, diz:

— Quando uma multidão acorre a um local de acidente ninguém quer tomar a iniciativa.

Há mais uma acentuada tendência para ficar de fora do que quando uma ou duas pessoas apenas estão presentes. E' surpreendente a presença de espírito com que uma pessoa qualquer age, quando pode agir por si só! Segue, então, os instintos. Em caso de esvaimento de sangue aplica uma pressão direta a fim de para a hemorragia, enquanto uma pessoa mais treinada perderia tempo com torniquetes.

Nos casos de fraturas dolorosas, um transeunte qualquer não se lembrará de aplicar talas mas preferirá deitar a vítima em posição cômoda, tanto quanto possível, até à chegada do médico.

O QUE DEVE SER OBSERVADO — O Dr. Brindley diz que duas coisas devem ser observadas **imediatamente.** Hemorragias, que devem ser estancadas e a respiração (a roupa deve ser afrouxada e o rosto virado para o ar livre). Dois outros pontos de grande importância no caso são:

1.º — Conservar a vítima aquecida e quieta.

2.º — Chamar a polícia e a ambulância.

A criancinha que mencionamos antes e que parecia morta, tinha apenas o queixo fraturado; nada mais! Entretanto, teria morrido, fatalmente, por sufocação, caso não fôsse mudada a sua posição. O homem que caíra com o rosto na lama tinha apenas cortes, escoriações generalizadas e fratura do dedo mínimo da mão esquerda. E também estaria morto, a esta hora, caso tivesse continuado como estava!

O próprio leitor, se fôr o primeiro a chegar junto de uma vítima de acidente, poderá ser o indicado para a salvar. Isto não quer dizer que deva tocar **desnecessàriamente** na pessoa inconsciente, porém **acertadamente,** se a mesma estiver por exemplo em risco de sufocação ou sofrendo forte hemorragia.



E' um êrro querer que a pessoa que sofreu um simples desmaio fique de pé ou sentada. E' preferível deitá-la e com a cabeça sem nenhum apoio, pois assim a circulação se fará mais depressa e a vítima recobrará os sentidos.

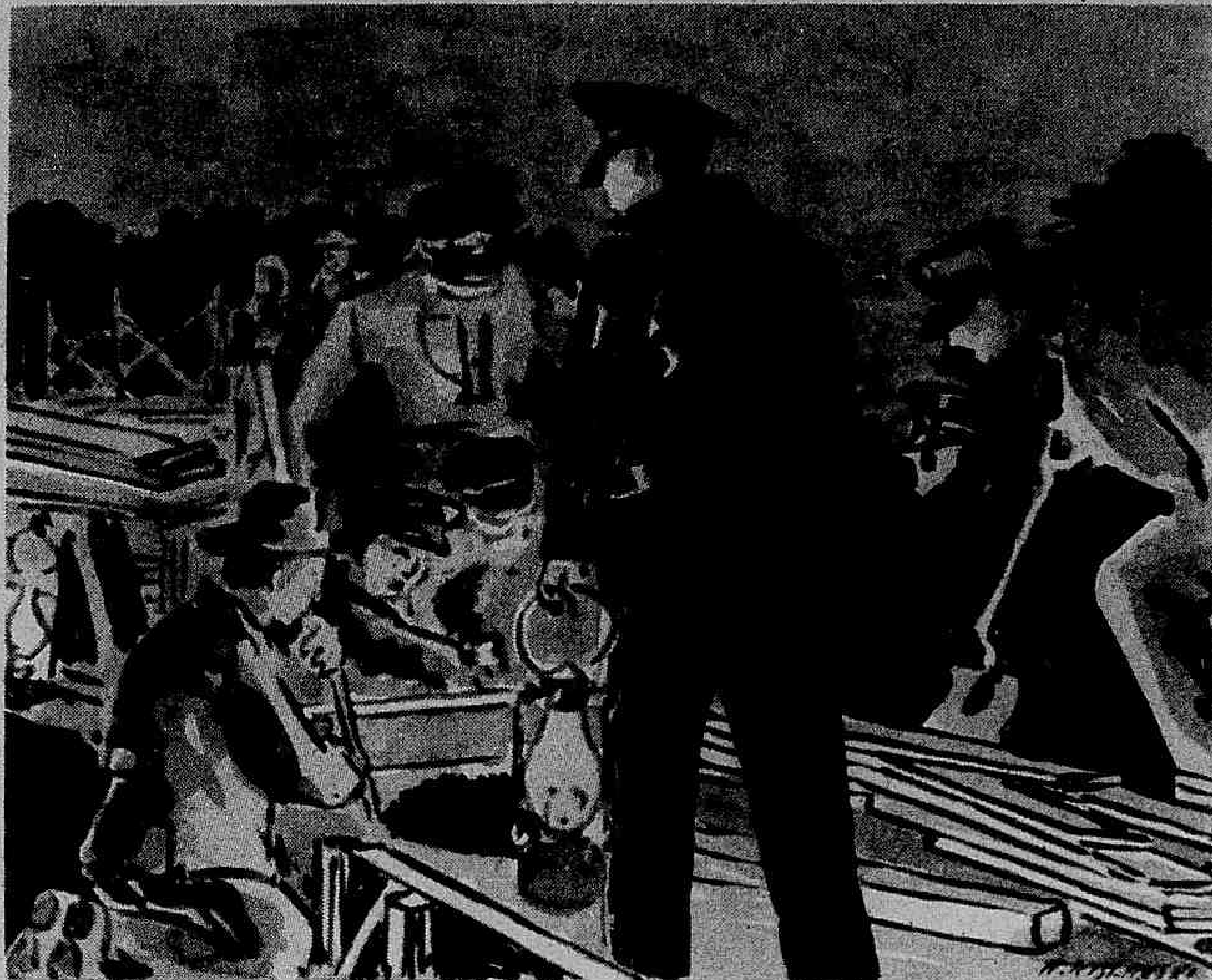
O elemento **tempo** deve ser considerado como de máxima importância!

Não obstante, às vêzes, o tratamento é simples.

Como disse o funcionário da patrulha de estradas:

"— Não tenham mêdo! Usem a inteligência."

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?....



TRABALHANDO para a companhia Telefônica de Marselha, os operários abriram um profundo fôsso, indispensável ao serviço e medindo, aproximadamente, 30 centímetros de diâmetro e cêrca de três metros de profundidade. Ao terminar o serviço do dia, trataram de cobrir o buraco com tábuas, retirando-se. Isto, porém, não representou obstáculo para um menino que, com a curiosidade e imprevidências dos seus dois anos, quis ver o que havia sob as tábuas... e acabou escorregando e caindo no buraco. E como tinha os braços ao longo do corpo, portanto inutilizados e sem poder mover-se, só lhe restava usar os músculos vocais e isso êle fêz de maneira tão efetiva que não tardou muito a surgirem várias pessoas que chamaram a polícia e os bombeiros.

Êstes, porém, não podiam usar um laço, porque não havia onde passar a corda, a não ser na própria cabeça da criança. Não podiam também fazer descer um dos seus homens pela garganta do orifício em forma de chaminé porque êste era muito estreito para um adulto. Não podiam, ainda, pensar em alargá-lo, porque a queda de terra sufocaria a criança.

A despeito dêsses obstáculos, êles puderam trazer o guri, são e salvo, para a superfície. Sabe o leitor como agiram os bombeiros?

(Resposta na página n. 112)

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

GRACIELA ELIZALDE
(Da *Globe Press*)

As donas de casa norte-americanas que, em sua maioria cozinham, elas próprias, os seus quitutes, descobriram não sòmente recursos para economizar o tempo, como também muitas maneiras de tornar mais saborosos e mais distintos muitos pratos simples.

Não resta dúvida de que, tudo isso, é questão de eficiência, principalmente devido ao uso de equipamentos modernos. Mesmo as famílias que dispõem de rendas bem pequenas economizam para que possam comprar uma série de aparelhos que, de fato, facilitam consideràvelmente a vida doméstica e que vão desde as máquinas de lavar roupa até aos congeladores. Seja como fôr, também muitas das minhas leitoras latino-americanas devem dispor dêsses modernos aparelhos domésticos que tornam a vida tão mais fácil e agradável. E mesmo as que não tenham poderão melhorar consideràvelmente o aspecto dos pratos na realidade bastante simples.

O "truque" está no môlho, no emprego de môlhos requintados para serem colocados sôbre sorvetes, pudins ou simplesmente fatias de bôlo.

MÔLHO "ARLEQUIM"

1/3 de xícara de água com um pouquinho de sal
1/4 de xícara de açúcar
1/3 de xícara de tâmaras, picadas bem fino
1/4 de xícara de cerejas açucaradas partidas em cruz
1/3 de xícara de amêndoas tostadas e raladas.

Misture-se todos os ingredientes, menos as amêndoas, numa caçarola de um litro e deixe-se ferver. Em seguida, deixe-se o môlho esfriar e junte-se a amêndoa. Esfria-se bem. Dá uma xícara de môlho.

MÔLHO CREMOSO PARA BOLOS

1/4 de xícara de manteiga ou margarina
1/2 xícara de açúcar
1/3 de xícara de creme com um pouquinho de sal.

Derrete-se a manteiga numa caçarola de um litro, junta-se o açúcar e também o creme com sal e ferve-se a mistura. Baixa-se o fogo e deixa-se cozinhar o môlho durante dez minutos. Serve-se quente. Dá dois terços de xícara.

MÔLHO DE TORTA DE LARANJA

3 colherinhas de farinha de trigo
1/2 xícara de açúcar com um pouquinho de sal
2 ovos ligeiramente batidos
A casca de uma laranja
2 xícaras de leite
1 colherinha de essência de baunilha

Mistura-se a farinha de trigo com o açúcar e o sal numa vasilha funda, juntam-se os ovos e bate-se a massa. Ferve-se o leite, separadamente, com a casca de laranja, numa caçarola de um litro. Cozinha-se a mistura a fogo lento, mexendo-se constantemente, até que tome consistência e pegue na colher. Tira-se do fogo, deixa-se esfriar e junta-se a essência de baunilha. Leva-se para o refrigerador e serve-se gelado.

ONDE DESCANSA A DAMA DAS CAMÉLIAS

O monumento em si nada tem de especial. E' uma **memória** como muitas outras que existem neste pequenino cemitério parisiense de Montmartre.

Trata-se, na verdade, de um sepulcro simples, de pedra, num estilo antigo e coroado superiormente por uma urna cinerária. Presos por fios de arame, pendem dos seus ângulos dois "ex-voto". Duas simbólicas camélias brancas, de celulóide, e de caule envolvido em papel de prata; no centro, esta recomendação: — **Orai por ela.** Rodeando o monumento há uma grade de ferro, onde se lê a inscrição, pintada a negro: **Concessão para sempre — n.º 33 — ano 1847.** E duas placas de mármore branco, colocadas em cada uma das faces laterais, elucidam, na singeleza dos seus dizeres, fortemente evocativos, algo da identidade daquela cujos restos mortais ali repousam eternamente: **Aqui descansa Alphonsine Plessis — Nascida a 13 de fevereiro de 1824 — Morta a 3 de fevereiro de 1847 — De Profundis.** — Portanto, fazem no mês próximo, justamente, 106 anos que morreu essa grande e desgraçada amorosa, que Alexandre Dumas, Filho, celebrizou no seu emocionante romance "A Dama das Camélias", sob o nome convencional de Margarida Gauthier, sentimental e trágica mundana que passou como um meteoro nesse mundo — 23 anos apenas! — e foi uma das beldades mais disputadas (mais infelizes também) pelos "leões" da moda da suntuosa Paris do seu tempo.

Da sua existência curta, mas de funda intensidade dramática, fêz o operoso romancista o magistral livro, êsse livro paradoxalmente suave e violento, de páginas vibrantes, comoventes, livro que, com exceção da Bíblia, será, talvez, o volume mais largamente divulgado na terra inteira.

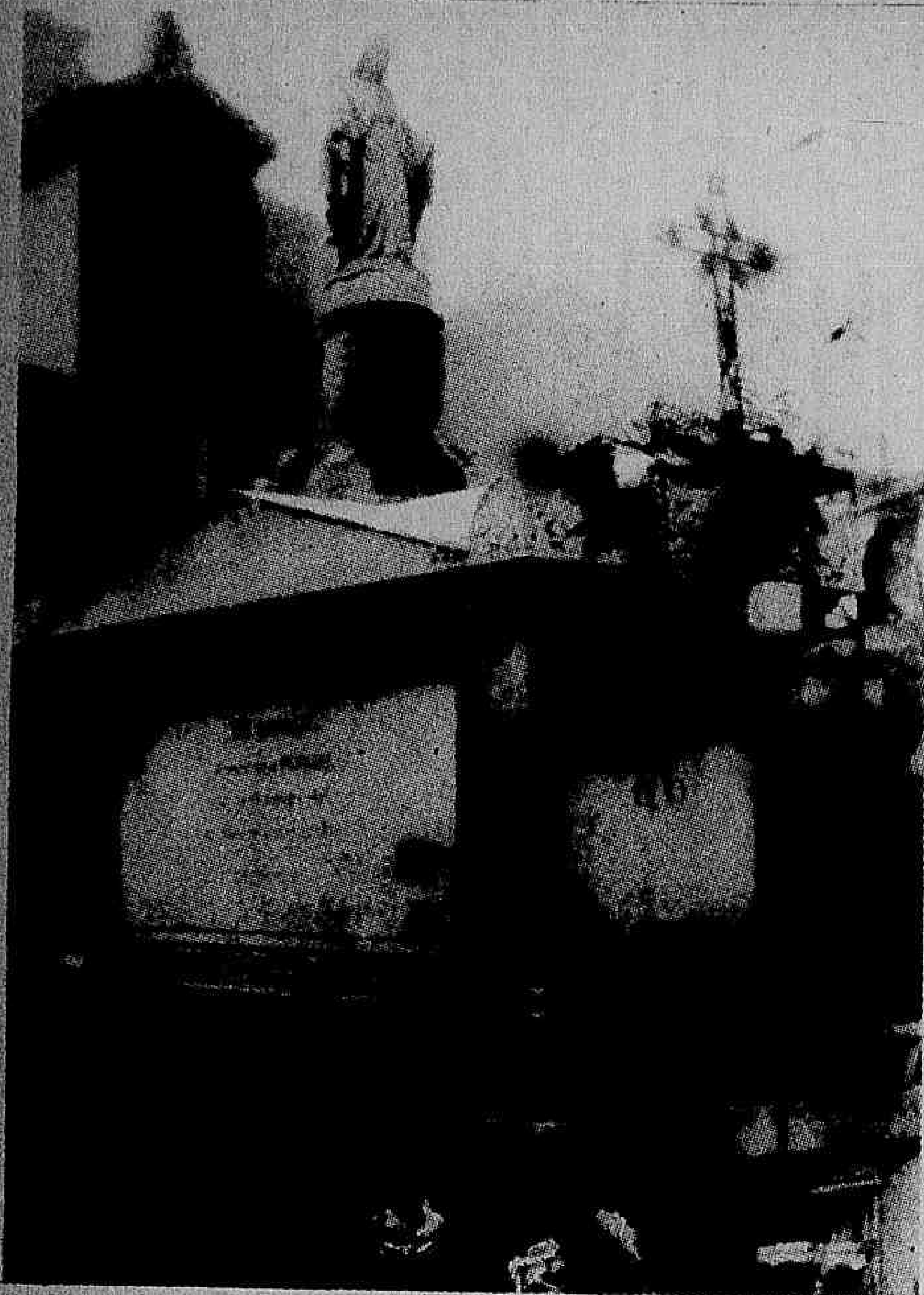
De fato, há cêrca de um século, que a impressionante história dessa pobre sacerdotiza do amor vem fazendo palpitar lancinantemente os corações sensíveis, provocando o borbulhar de irresistíveis lágrimas em milhares e milhares de olhos femininos — e a tantos masculinos, certamente! — através das suas páginas ardentes, de esmagadora sugestão, e escritas com tal poder convincente, de tão subjugante dramatismo, que é fora de dúvida poder-se, como muitos asseguram, identificar o protagonista do famoso romance com o próprio autor. Há tanta verdade nas duas principais figuras da "Dama das Camélias", que só com forçada boa vontade se poderá admitir que elas sejam sempre figuras literárias, criadas por um cérebro — embora prodigioso e privilegiado — mesmo num momento de aguda inspiração. Voltando a Margarida Gauthier, sente-se vibrar nessa delicada sensitiva a paixão tirânica, fremente, ansiosa, de uma alma atormentada, de uma flor do pecado, que se quis elevar à pureza, redimir-se na alvura sem mácula de um amor quase sublime.



Alphonsine Plessis, conhecida por Marguerite Duplessis e imortalizada por Alexandre Dumas (Filho) sob o nome de Margarida Gauthier. Não se esqueceu, ao posar para o fotógrafo, de trazer a sua flor preferida, uma camélia, sôbre o peito.

Poucos temas como o da "Dama das Camélias" têm arrebatado de maneira absoluta as multidões, amarfanhando-as na mesma angústia da protagonista, quer seja no filme, incarnada por artista de primeira grandeza, como no teatro, desempenhado pela genial Sarah Bernhardt, ou na ópera (Traviata) interpretada pelas mais representativas "primadonas" da arte lírica. Em tôda parte, por todos os meios — pelo livro, pelo filme, no palco — o assunto é empolgante e é eterno, porque eternas sempre são as paixões humanas como o amor. Não haverá, igualmente, no orbe, em qualquer cemitério, outro túmulo que registre — ainda nos nossos dias em que o materialismo impera — maior afluência de visitantes do que o de Alphonsine Plessis, em Montmartre. E isso desde que o seu corpo esbelto, diafanizado pela tuberculose imperdoável, baixou à terra, primitivamente, encerrado num modesto caixão de carvalho — ela que em vida fôra senhora de preciosos móveis talhados em ricas madeiras côr de rosa, sob modelos expressamente desenhados e que respeitáveis damas parisienses não desdenharam copiar para seu uso.

MORTA HÁ 106 ANOS É, EM PARIS, CULTO DE ESPÍRITOS ROMANESCOS



Túmulo de Margarida Gauthier (Alphonsine-Marguerite Duplessis) a Dama das Camélias.

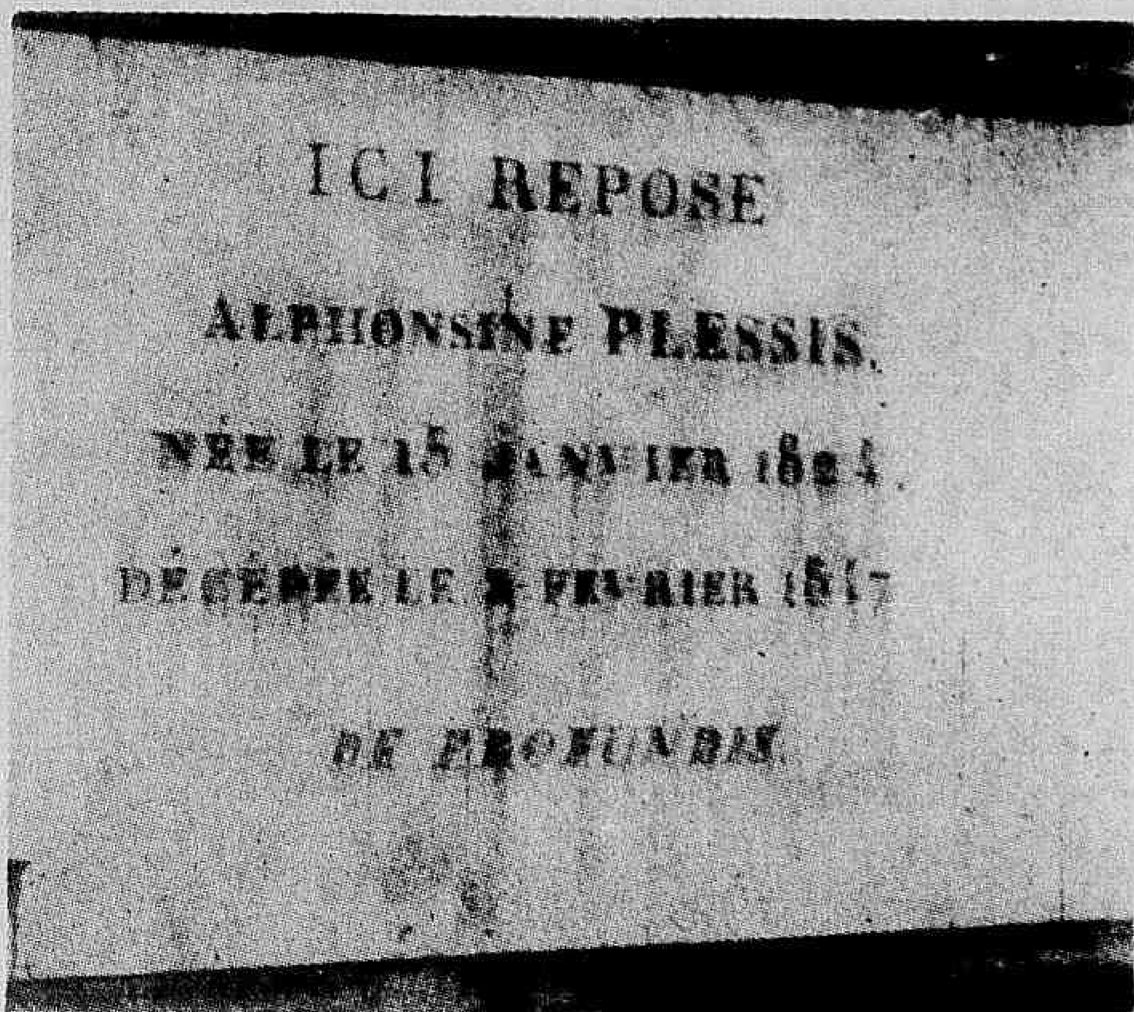
Não houvera tempo de erigir-lhe o mausoléu, na ocasião, mas Alexandre Dumas, Filho — certamente, num preito de funda saudade de Armando Duval — não demorou em perpetuar-lhe, na pedra, para o público, (que na literatura e no seu coração já ela tinha monumento!) a passagem pela vida, deixando aos seus descendentes, quando faleceu, o encargo de velarem pela respectiva conservação.

Tão grande era a romaria de piedosos admiradores de Alphonsine Pléssis — que foi viscondessa de Perregaux, sendo também conhecida por Maria Duplessis, mas que, para a posteridade, ficaria ùnicamente como Margarida Gauthier — que o Município de Paris se viu na necessidade de proibir, sob pena de multa, que se tirassem fotografias ou se fizessem inscrições no seu túmulo. Mas, o engenho dos espíritos romanescos encontra sempre meios para iludir a postura proibitiva. O mármore do seu mausoléu cobre-se, pelos tempos a fora, de nomes, iniciais, signos, datas, que um marmorista encarregado de tal tarefa raspa implacàvelmente, algumas vêzes no ano, prosaicamente insensível ao sentido dessas manifestações póstumas.

Entretanto, o caso é diferente quanto ao plátano centenário, que, junto, se ergue para o céu e parece proteger o túmulo das intempéries e do sol. No seu tronco propício têm os apaixonados deixado votos amorosos e juramentos eternos, ali gravados em momentos de inquietação emotiva por complacentes canivetes ou tesouras afiadas. A casca dêsse plátano transformou-se, com os tempos, num completo álbum de sentimentais expansões da alma. Durante muitos anos, e diàriamente, uma mulher — a viscondessa Vera de la Jouchére — ia ao cemitério de Montmartre levar flores ao túmulo da grande amorosa... Vera de la Jouchére levou para a tumba o segrêdo do motivo dêste seu culto. Também uma inglêsa, Mary Dalton — que nascera, como Margarida Gauthier, num dia 13 de fevereiro — atravessava, anualmente, nesse dia, a Mancha, em peregrinação ao túmulo de Alphonsine, em que depunha, com as suas orações, um lindo ramo de camélias brancas. O fato tornou-se notório e, como oferecesse certo mistério, um repórter arguto de "Le Journal" recebeu a incumbência de esclarecer a causa daquela homenagem anual. Mary Dalton tivera, em Londres, um modo de vida idêntico ao de Margarida Gauthier e, como esta, também encontrara um avassalante amor, que a redimira! A coincidência era assinalável, até mesmo para o espírito prático de uma inglêsa. Simplesmente, Mary Dalton não teve um escritor da estirpe de Alexandre Dumas que lhe imortalizasse o nome.

Nem sempre, porém, essas manifestações de mórbido sentido se limitam a um alarde exterior sem conseqüências. Por várias vêzes, houve patéticos delíquios de mulheres sôbre o túmulo da apaixonada de Armando Duval, onde se registraram, lamentàvelmente, cinco evasões da vida, feitas, tôdas elas, por ingênuas mocinhas levadas àquele ato extremo por desilusões de amor.

Nos vasos presos às grades do monumento vicejam permanentemente flores, muitas flores — da custosa orquídea deposta pela multimilionária norte-americana ao mais singelo malmequer colhido especialmente para o efeito, nos arrabaldes de Paris, por alguma costureirinha sonhadora.



Inscrição da pedra tumular da Dama das Camélias. Todos os anos, os românticos de Paris cobrem-lhe o túmulo com camélias.



Não hesite mais!

Por WALTER HOVING

"O presente cáos em que se debate o mundo pode ter como causa o cáos de nossas idéias." — *RADHAKRISHNAN.*

SE há uma palavra que possa bem representar o sentimento de muitos povos, na atualidade, é ela *hesitação*. Estamos realmente mergulhados em confusão e hesitamos a respeito de tudo ou de quase tudo: nossa política exterior, nossos problemas internos, nossa própria maneira de viver e — acima de tudo — a respeito das nossas relações com o mundo em que vivemos.

Por certo muito faríamos, no sentido de aliviar êsse estado de incerteza, se nos detivéssemos a fim de refletir e considerar a situação geral. Em nosso sistema, ao contrário de outros muitos, no mundo moderno, a derradeira responsabilidade repousa não sôbre o govêrno, não sôbre um ditador, mas sôbre os indivíduos, indistintamente. E' do povo. E' nossa!

Por tôda parte, neste continente, encontramos homens e mulheres exercendo a responsabilidade sob variados aspectos, não apenas em negócios privados, mas também em caridade privada, em instituições particulares, em clubes e associações, intermunicipais ou simplesmente intervizinhos — e também em nosso govêrno, principal responsável por todo cidadão. Entretanto, por mais diversas que sejam as nossas atividades, tôdas dependem do exercício da responsabilidade particular.

Uma vez que aceitamos êsse conceito de responsabilidade particular, penso que tudo aquilo que era confusão, antes, torna-se claro — de repente. Precisamos de responsabilidade, porque a responsabilidade desenvolve o caráter humano — e um caráter robusto, confiante em si mesmo, baseado nos princípios Cristão-Judaicos, é o objetivo da civilização ocidental.

O único meio de solver os nossos problemas, individualmente e como nação, é alargando o nosso sentido de responsabilidade particular.

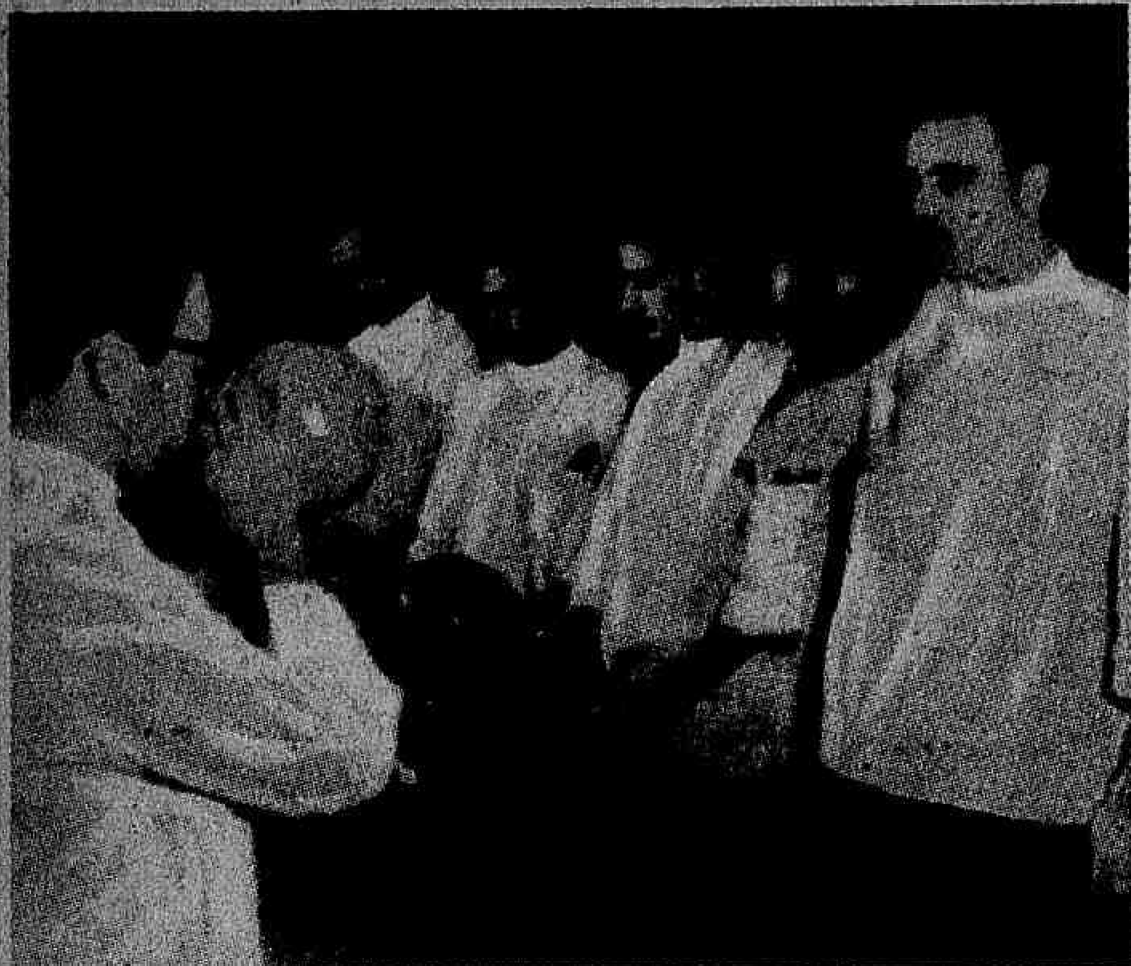
Temos que olhar em redor de nós e da nossa família. Temos que sentir crescendo um sentido de responsabilidade *em todos*; em nossos vizinhos e em nossa comunidade. Temos que compreender que não estamos no mundo apenas para colhêr benefícios para nós mesmos. Aqui estamos para cumprir com a nossa parte, por menor que seja, na construção de um mundo melhor.

Em resumo, cada um de nós é membro do Sistema de Responsabilidade Particular. Cada um de nós tem um trabalho a realizar.

Oportunidades para assumir responsabilidades existem em cada canto de rua, em cada vizinhança.

Diante de um desafio assim, como é possível continuar hesitando?

ANO E MEIO DE ESCOLA



Os alunos enchem os balões até dar-lhes o tamanho de uma cabeça humana normal. Com a fragilidade da borracha, o aprendiz de barbeiro vai a pouco e pouco se habituando a manipular a navalha com grande sutilidade de movimentos.



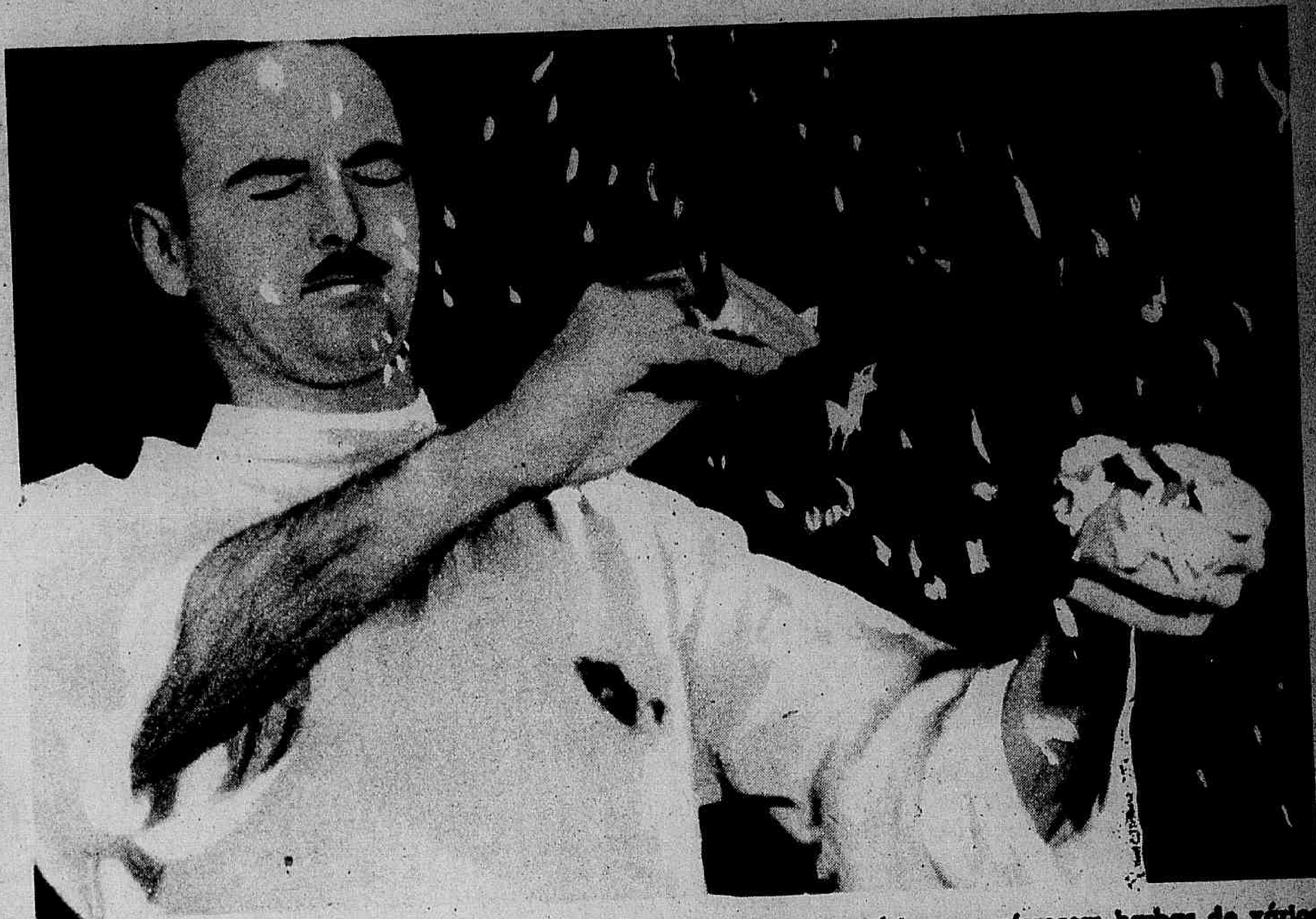
Manuel Gilvi, da "Escola de Barbeiros de Nova York", ensaboa bem o seu "cliente", antes de passar-lhe a navalha. O aluno que conseguir "barbear" determinado número dêsses balões, sem arruiná-los, pode começar a barbear de verdade.



Quantos balões êsses alunos romperão antes de aprender a barbear corretamente e quantos cortes terão poupado aos clientes de verdade, quando um barbeiro treinou durante o tempo suficiente com bolas de borracha cheias de vento, antes de ousar tocar a navalha sôbre um rosto de verdade!

PARA BARBEAR SEM TALHO

O BOM BARBEIRO NÃO SE IMPROVISA ★ 1.000 BOLAS DE ENCHER SÃO OS SEUS PRIMEIROS CLIENTES



Espoucando bolas de soprar e dando talhos no rosto dos voluntários que oferecem barbas de vários tipos. (ralas, cerradas, ásperas, atravessadas, etc.) é como êles conseguem ser barbeiros perfeitos.

★

NOS Estados Unidos exigem que o barbeiro, para ter um diploma pratique, pelo menos, mil horas de barbear **em vivo** e outras tantas "em um rosto artificial".

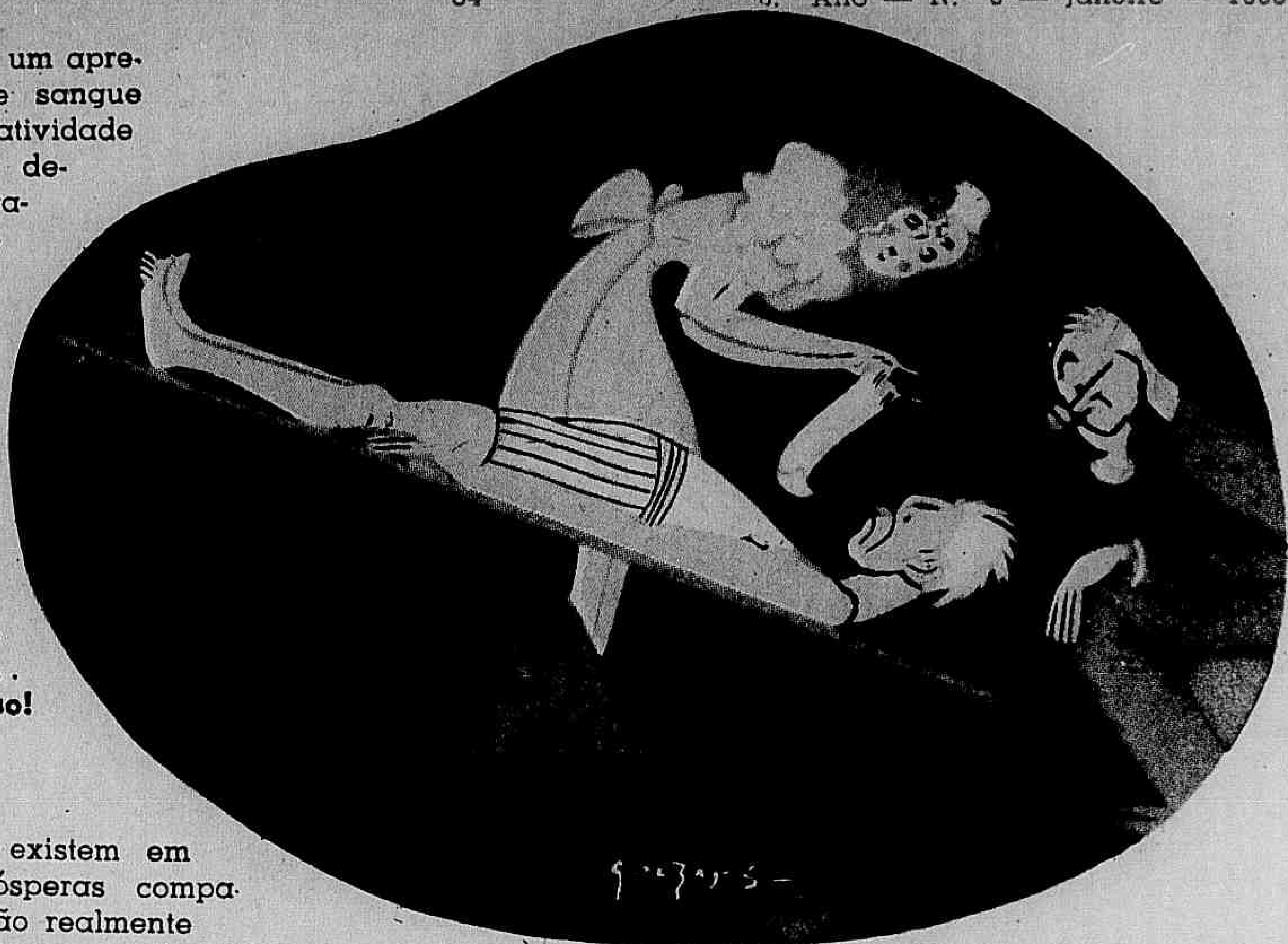
A "Escola Atlas", de Barbeiros, de Nova York, para treinar seus alunos útiliza como "modelos vivos" os indivíduos que, para economizar, se arriscam nas mãos inexperientes de aprendizes e como "manequins" centenas de bolas de soprar, devidamente cobertas com espuma de sabão. 300 dólares custa a matrícula nesse curso, de onde os alunos saem **barbeiros cem por cento perfeitos**, pois têm que praticar ano e meio antes de apresentar-se ao exame final e oficial.

★



Demonstração de destreza no manejo do instrumento de barbear, que apesar do progresso do mundo, continua sendo a clássica navalha.

QUE, realmente, há um apreciável afluxo de sangue ao cérebro, durante a atividade mental, acaba de ser definitivamente demonstrado, colocando-se um indivíduo numa balança em forma de leito e de tal maneira que o corpo fique perfeitamente dividido e a balança estabilizada. Porém quando foi dado ao indivíduo um problema para resolver, a extremidade pertencente à cabeça pendeu... **sob o aumento do pêso!**



*

Acreditem ou não, existem em Nova York duas prósperas companhias cujos serviços são realmente extraordinários: a primeira se dedica a tornar os mais altos edifícios da cidade **"a prova de pombos e outros pássaros"**, isto é, a impedir que uns e outros sujem as fachadas e beirais de janelas. A outra é uma organização que se dedica a tarefa não menos útil: torna **"à prova de moscas e mosquitos" qualquer** área ao ar livre (estádios, acampamentos, quadras de tênis, terrenos de garden-parties, etc.) a fim de que os assistentes não sejam molestados pelas moscas ou picados pelos mosquitos.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

Por FRELING FOSTER

*

O único cidadão negro cujo retrato já apareceu num sêlo dos Correios dos Estados Unidos foi Booker T. Washington; e a única cidadã negra a colaborar com a Justiça norte-americana é Jane M. Bolin, que tem assento no Tribunal de Relações Domésticas, da cidade de Nova York.

*

Um estudo da vida passada de setecentos professôres escolares, servindo em asilos de alienados, revelou que mais de noventa por cento dos mesmos jamais se interessou por qualquer classe de recreio e diversão como cinema, jogos de baralho, esportes, músicas, danças ou viagens.

*

A melhor substância para filtrar o ar, (particularmente nas máscaras para gases) é uma espécie de carvão, feito com casca de côcos. Uma grama de suas partículas — menos de uma colherinha de chá — contém cêrca de 3.000 metros quadrados de superfície absorvente.

*

No "Instituto Pasteur" de Bangkok, onde as serpentes venenosas são criadas ùnicamente para delas ser retirado o veneno e com êle ser preparado sôro contra picadas dêsses reptis, um siamês chamado Suttram foi mordido mais de cem vêzes. Hoje, entretanto, êsse indivíduo trata os reptis com mais cuidado, pois o Instituto resolveu descontar do seu ordenado o custo das injeções que lhe forem aplicadas de agora em diante.

*

Embora os jardins zoológicos públicos sejam conhecidos desde que a China organizou o seu famoso "Jardim de Inteligência", no ano 1100, antes de Cristo, não existem mais de cem em todo o mundo, atualmente, sendo de notar que cêrca de quarenta daquele total são mantidos por apenas dois países — Estados Unidos e Alemanha.

*

Acreditando, sem dúvida, que as curtas separações são excelentes para a vida dos casados, o govêrno da Suécia acaba de fazer votar e aprovar uma lei pela qual tôda espôsa poderá ter, a expensas do govêrno, dez dias de férias, anualmente... **desde que não se faça acompanhar pelo marido!**

*

A palavra "over", que pode ser preposição ou advérbio, (sôbre, por cima, além, etc.) é usada em mais palavras compostas ou combinadas do que qualquer outra da língua inglêsa. Segundo a lista do **Webster Dictionary**, passam de 2.000, começando com **overability** e terminando com **overzealousness**. (Super-habilidade e zêlo extremado).

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da França, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurançon e, recuperando as fôrças, foi caçar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor "avançara muito" às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém, outro Felipe ali surgira: Felipe Polyxene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XIV, mais tarde duque de Orleans e Regente de França. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados "os 3 Felipes", devido à grande amizade que os unia. Eis por que o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1699, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se duas dezenas de espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para "serviços inconfessáveis". Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os "bravos" que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada, e que hoje era insuperável com uma na mão!

— Ah! — exclamaram todos — Pobre e honesto italiano!

— Têm razão! ... Eu também lamentei muito e aqui está o fim da história — disse Passepoil. — O duque de Nevers estêve dezoito meses fora da França. Quando regressou à Côrte, todos ficaram surpreendidos! Nevers estava forte, são e infatigável como sempre! Tornou a ser, depois do destemido Lagardère, a primeira espada do mundo!

Passepoil calou-se, tomando uma atitude modesta, e Cocardasse concluiu:

— Tão vigoroso se encontra hoje Nevers, que o príncipe de Gonzaga julgou conveniente reunir aqui oito mestres-de-armas para acabar com êle, não é verdade? ...

Todos ficaram silenciosos. O senhor de Peyrolles, disse, por fim:

— Mas a que propósito vem tôda esta conversa? Para aumentar a vossa retribuição? ... Quanto desejam mais?

— Em primeiro lugar, que seja triplicada esta importância!

— Aceito! — replicou Peyrolles sem vacilar.

— Em segundo, queremos a promessa de ficarmos fazendo parte da casa do príncipe Gonzaga, logo que o assunto esteja concluído.

— Concordo! — anuiu ainda o confidente.

— E em terceiro lugar ...

— Já pedem muito ... — interrompeu Peyrolles.

— Com mil demônios! — exclamou Cocardasse — êle acha que pedimos muito!

— Sejamos justos! — disse Passepoil, conciliador — Pode acontecer o seguinte: o sobrinho do rei querer vingar o amigo e então ...

— Então — replicou Peyrolles — passamos a fronteira, o príncipe toma conta dos seus bens na Itália e ali estaremos em segurança ...

Cocardasse consultou primeiro Passepoil, com o olhar; depois, os seus companheiros.

— Negócio fechado! — respondeu.

Peyrolles estendeu-lhe a mão.

O gascão fingiu não a ver e, examinando a espada, disse:

— Êste é o fiador que responde pela promessa que nos faz, senhor Peyrolles! Temos a certeza de que não procurará enganar-nos!

Peyrolles, finalmente livre, alcançou a porta.

— Se não conseguirem matá-lo — disse já do umbral — fica sem efeito a combinação!

— Nem é preciso dizê-lo! Durma tranqüilo, senhor de Peyrolles!

Uma gargalhada alegre saudou a saída do confidente e tôdas as vozes disseram ao mesmo tempo:

— Vamos beber! ... Vamos beber!

IV

LAGARDÈRE

Eram cêrca de quatro horas.

Na sala da hospedaria cantava-se e gritava-se como num dia de festa.

Entretanto, nos fossos de Caylus os camponeses apressavam-se a terminar a sua tarefa.

Repentinamente ouviu-se o ruído de patas de cavalos na direção do bosque e, alguns instantes mais tarde, partiram dos fossos gritos de terror. Eram os camponeses que fugiam de um grupo de soldados que roubavam forragem para os animais.

Os nossos espadachins chegaram à janela da hospedaria para ver o que se passava.

— Os velhacos são atrevidos! — disse Cocardasse.

— Roubando mesmo por baixo das janelas do Marquês!

— Quantos são? ... Três ... seis ... oito ...

— Tantos quanto nós!

Enquanto isso, os soldados apanhavam o feno

e riam alegremente, comentando o susto dos camponeses.

Logo que se acharam abastecidos, deixaram os fossos. O chefe, que levava galões de oficial, disse:

— Venham por aqui! Vejo, precisamente a poucos passos de distância, aquilo que nos faltava!

E apontou a hospedaria.

— Bravo! — gritaram todos.

— Amigos, aconselho-vos a cingir as espadas — disse Cocardasse.

Num abrir e fechar de olhos, aquêles espadachins passaram os cinturões e tornaram a sentar-se. Todos êsses preparativos pressagiavam tempestade próxima.

— Dizíamos, pois, que parar os golpes dum competidor canhoto é difícil e perigoso — disse Cocardasse, aparentando indiferença.

— Olá! — exclamou naquele instante o chefe dos saqueadores, assomando à porta da hospedaria — A sala está cheia!

— Pois é preciso esvaziá-la — responderam os que o seguiam.

O chefe, que se chamava Carrigue, nada objetou. Apearam-se dos cavalos, e ataram as montadas, carregadas de feno, às anilhas que pendiam da fachada da hospedaria.

Os espadachins continuavam imóveis no seu pôsto.

— Vamos, senhores! Depressa! — disse Carrigue — E' preciso saírem daí para dar lugar aos voluntários do rei!

Ninguém respondeu.

Os homens de Carrigue chegaram também à porta.

— Então?... Que respondem?

Todos se ergueram e cumprimentaram muito cerimoniosamente.

— Pede-se o obséquio de sair pela janela! — disse um dos soldados, enquanto esvaziava o copo de Cocardasse.

Carrigue acrescentou:

— Não vêdes que necessitamos dos vossos copos, das vossas mesas e das vossas cadeiras?

— Está bem... já lhos vamos dar... — respondeu Cocardasse.

E estampou o copo em cima da cabeça de um dos soldados. Por sua vez, Passepoil atirou com o banco ao peito de Carrigue.

Dezesseis espadas saíram a um só tempo das bainhas. Todos eram valentes e amigos da luta.

De entre o tumulto, ouviu-se a voz de Cocardasse, que gritava aos seus:

— Vamos, amigos!... Vamos a êles!

Ao que Carrigue e os seus responderam:

— Para a frente!... Passagem a Lagardère!

Êste nome produziu um efeito teatral. Cocardasse e Passepoil, que se encontravam na primeira fila, deixaram de lutar.

— Baixar as armas! — gritou o gascão em voz de trovão.

— Que disseram? — perguntou Passepoil, trêmulo de emoção.

— Por que motivo gritaram "Passagem a Lagardère"?... — perguntou Cocardasse — Respondam com franqueza!

— Porque é êle o nosso chefe! — respondeu Carrigue.

— O cavalheiro Henrique de Lagardère?...

— Êle mesmo!

— O nosso "Petit-Parisien"!... A nossa jóia!... — acrescentou Passepoil com os olhos úmidos.

— Mas... não é possível!... Deixamo-lo ainda há pouco em Paris, onde era escudeiro da Casa Real.

— Que importa!... Lagardère não quis continuar e aborreceu-se com o seu destino; agora comanda uma companhia de voluntários, destacada nestas imediações.

— Então, não haverá combate! Guardemos as espadas!... Os amigos de Lagardère nossos amigos são! Bebamos e brindemos juntos pela primeira espada do mundo!

— Está dito! — respondeu Carrigue, secundado pelos seus.

A criada foi buscar vinho fresco na adega. Colocaram-se as mesas e bancos debaixo do caramanchão, visto a sala da hospedaria ser muito pequena para conter tanta gente.

Minutos depois todos se encontravam cômodamente instalados e conversavam como velhos conhecidos.

— Falemos de Lagardère! — disse Cocardasse — Fui eu quem lhe deu as primeiras lições de esgrima. Tinha êle, então, apenas uns dezesseis anos; mas que maravilhosa habilidade para manejar a espada!

— E agora não deve ter mais que dezoito... E' um valente! — respondeu Carrigue.

Quase sem darem por isso, todos os presentes se interessavam por aquêle herói desconhecido, escutando atentamente as suas proezas e, com certeza, nenhum dêles desejava encontrá-lo na sua frente.

— Mas... pelo Diabo! — exclamou Joel de Jugan — dizei-nos quem é o vosso Lagardère!

— Meus amigos — respondeu Cocardasse — Lagardère é tão fidalgo como o rei, vem da rua de Croix-des-Petits-Champs e faz o que quer! Perceberam? No entanto, se quiserem mais pormenores, dêem-me de beber!

Passepoil encheu-lhe o copo e o gascão continuou:

— E' uma história maravilhosa. Já disse e sustento que é mais nobre que o rei, mas se quiserem que lhes diga a verdade, ninguém lhe conheceu o pai nem a mãe!... Quando o encontrei, andava pelos doze anos... Foi na praça das Fontes, em frente do Palácio Real, no momento em que repelia o ataque de meia-dúzia de vagabundos, todos mais velhos do que êle. A causa da contenda era aquêles jovens bandidos pretenderem roubar o cesto de uma pobre velha, que vendia rosquilhas, por baixo das abóbadas do palácio de Montesquieu. Perguntei o nome do rapaz e responderam-me:

"— E' o pequeno Lagardère!...

"— E quem é a família?...

"— Não tem...

"— Sim... mas quem cuida dêle?...

"— Ninguém!

"— Onde vive?...

"— Nas ruínas do antigo palácio Lagardère, na rua de Saint-Honoré...

"— Qual é o seu ofício?...

"— Tem dois: mergulha na Ponte Nova e desarticula-se na praça das Fontes!... São duas soberbas profissões!..."

Cocardasse parou para respirar. Depois prosseguiu:

— Só quem conhece Paris sabe avaliar o que é mergulhar na Ponte Nova. A capital é a cidade dos papalvos que, do parapeito da Ponte, lançam moedas para o rio. Então, alguns garôtos intrépidos, embora com risco da vida, atiram-se à água para apanhar o dinheiro e êste espetáculo os diverte.

"Quanto à profissão de contorcionista, o marôto do Lagardère fazia realmente maravilhas com o corpo: alargava-se, encolhia-se, saltava, dobrava-se e fazia braços dos pés e dos pés braços... Ainda me parece estar vendo o pequeno imitar o velho sacristão de Saint-Germain, que era corcunda de peito e costas!...

"Enfim, aquêle garôto de cabelos louros e de faces rosadas pareceu-me encantador. Livrei-o das mãos dos seus inimigos e disse-lhe: "Escuta, vadio: queres vir comigo?..." Resposta: "Não, porque sou o amparo da tia Bernarda!"

"A tia Bernarda era uma pobre mendiga que vivia num buraco das ruínas onde Lagardère habitava e a quem o bondoso garôto levava, tôdas as noites, o produto das suas contorsões e dos seus mergulhos.

"Foi então que lhe descrevi o quadro empolgante de uma sala de armas. Os olhos brilharam quando me disse, soltando um suspiro:

"— Quando a tia Bernarda morrer irei ter com o senhor!

"E desapareceu... Juro que nunca mais pensei nêle...

"Três anos depois, Passepoil e eu vimos entrar, um dia, na nossa sala de armas, um rapaz, lindo como um querubim, mas de ar tímido e envergonhado.

"— Sou o pequeno Lagardère — disse-nos — Morreu a tia Bernarda...

"Alguns dos que se encontravam na sala principiaram a rir. O rapaz ficou muito vermelho, deu um salto e fêz rolar no solo os imprudentes.

"Era um verdadeiro parisiense! Delgado, ágil e bonito como uma mulher, mas duro como ferro.

"Seis meses depois combateu com um dos nossos ajudantes, que teve a infeliz idéia de lhe recordar os seus tempos de mergulhador e de contorcionista; deixou-o inutilizado!

"Ao cabo de um ano, quando esgrimíamos, brincava comigo como eu o faria com qualquer dos senhores voluntários... — isto sem ofensa!

"Assentou praça; matou o capitão e desertou. Por ocasião da campanha da Alemanha, alistou-se no regimento dos voluntários de Saint-Luc, cuja amante roubou, desertando de novo. Villars fê-lo entrar na batalha de Fribourg-en-Brisgaw. Sòzinho, sem ninguém o mandar, fêz uma surtida e voltou com quatro soldados alemães prisioneiros. Villars nomeou-o corneta. Num duelo, Lagardère matou o coronel. No entanto, como Villars gostava muito dêle, encarregou-o de levar ao rei a notícia da derrota do duque de Bade.

"O duque de Anjou viu-o e fê-lo seu pajem. As damas de honor da própria duquesa o disputavam; tiraram-lhe o cargo. Depois, foi nomeado escudeiro do rei... Não sei, porém, se por causa de uma mulher, se de um homem, deixou a Côrte... Se foi por uma mulher... ela é uma criatura feliz!... Se foi por causa de um homem... rezemos por alma do desgraçado!

Cocardasse calou para beber um copo de vinho... Merecera-o!

O sol já ocultava-se por detrás do bosque.

Carrigue e os companheiros falavam em se retirar e iam beber o último copo de vinho, quando Saldanha viu um rapaz que deslizava na direção dos fossos, procurando ocultar-se. Era um garôto dos seus treze ou quatorze anos, que parecia muito assustado. Ia vestido de pajem, levava a mala de correio, mas, como não usava côres, nem distintivo algum, não era fácil saber a que casa pertencia.

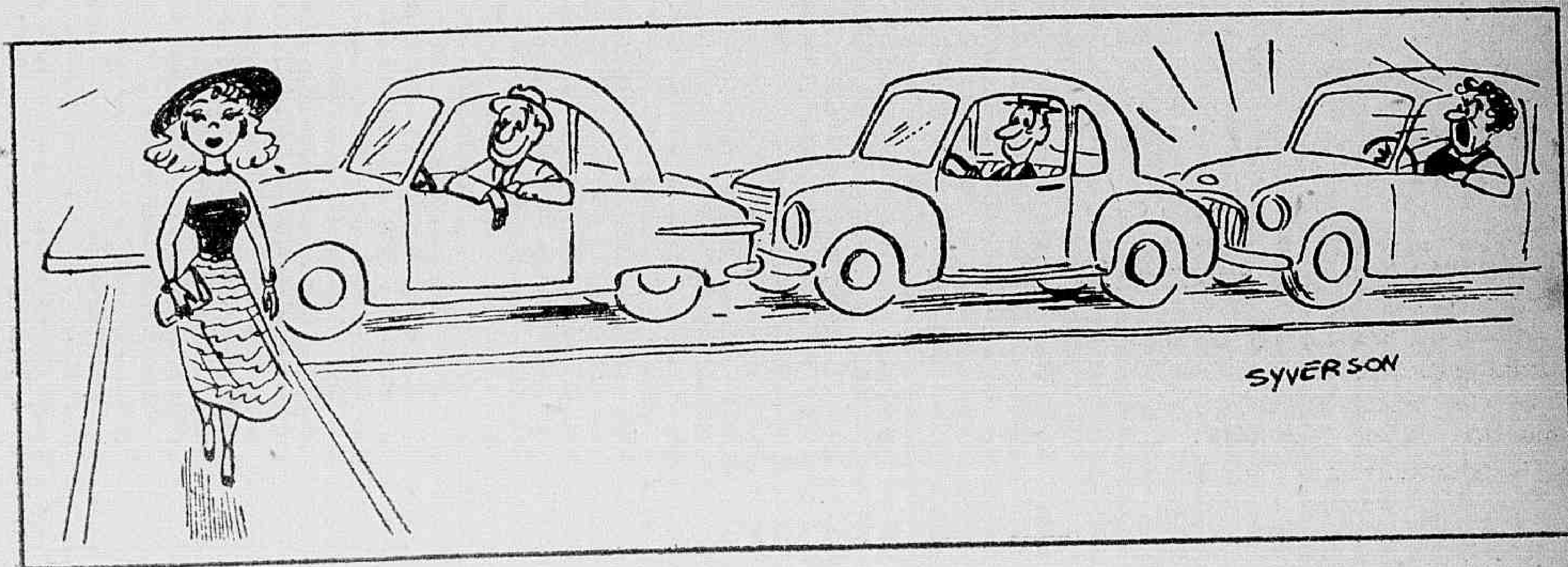
Saldanha mostrou-o aos companheiros.

— Diabo!... — exclamou Carrigue — Já perseguimos aquêle vadio por mais de uma vez; mas sempre nos desaparece como um espectro. Deve ser um espião do governador de Vanasque e precisamos apanhá-lo.

— Acho bem — replicou o gascão — embora não creia que êle seja o que dizem. Senhor voluntário, aquêle peixe vamos nós pescá-lo, se não se importa...

E os homens se dividiram em dois grupos, indo atrás do pajem, cada um por seu caminho.

Quando o rapaz se viu cercado, deixou de fugir e principiou a chorar. A mão deslizou por entre as dobras do gibão.



— Por Deus, meus senhores, não me matem! ... Não tenho dinheiro... não tenho nada!

O infeliz tomava aquêles homens por simples bandidos.

— Não mintas! — disse Carrigue — Esta manhã atravessaste os montes...

— Eu?... Os montes... — disse o pajem.

— Diabo! — interrompeu Saldanha — Êle vem mas é de Argelès em linha reta, não é verdade, rapaz?

— De Argelès?! — repetiu o pajem.

E ao mesmo tempo o seu olhar procurava a janela baixa que havia sob a ponte.

— Vamos, menino — disse Cocardasse — Não queremos fazer-te mal; no entanto, desejamos saber para quem é esta carta de amor... Vamos revistá-lo!

— Oh! Não! Não!... — exclamou o menino, caindo de joelhos — Não me revistem, meus bons senhores!

— Como te chamas? — perguntou Cocardasse.

— Berrichon — respondeu o garôto sem titubiar.

— Quem é o teu amo?

O pajem calou-se. Espadachins e voluntários principiaram a impacientar-se.

Saldanha agarrou o garôto pelo colete, enquanto os demais perguntavam em côro:

— Vamos! ... Diz-nos o nome daquele a quem serves!

— Pensas então, tolinho, que podemos perder o nosso tempo a brincar contigo? — acrescentou Cocardasse — Revistem-no!

Nesse momento, viu-se um espetáculo singular: o trêmulo pajem de há pouco soltou-se bruscamente de Saldanha, tirou do peito, com ar resoluto, um pequeno punhal e, de um salto, passou entre Faenza e Staupitz, dirigindo-se para a parte oriental dos fossos; porém Passepoil, correndo como um gamo, foi atrás dêle; parecia uma flecha.

Em algumas pernadas encontrou-se junto do pobre Berrichon. Êste se defendia valentemente. Atingiu Saldanha com o punhal, mordeu Carrigue e deu terríveis pontapés em Staupitz; mas a luta era demasiadamente desigual, e já o pobre pajem, caído por terra, sentia perto do peito a mão dos seus perseguidores, quando um raio caiu sôbre êles.

Um raio!... Carrigue rodou três ou quatro passos; Saldanha deu uma quantidade de cambalhotas; Staupitz rugiu como um leão ferido e até o próprio Cocardasse, dando um salto inexplicável, caiu redondamente no chão.

Que se passara?

Um só homem fôra quem produzira tudo aquilo, num abrir e fechar de olhos, e quase de um só golpe!

Fêz-se um largo círculo em redor do recém-chegado e do pajem. Nem uma só espada saíu da bainha e todos os olhares se baixaram.

— Tunante! — resmungou Cocardasse, esfregando as costas.

Estava furioso, mas, apesar disso, um sorriso animou-lhe os lábios.

— O "Petit Parisien"! — disse Passepoil, tremendo de emoção e de espanto.

Os homens de Carrigue, sem se preocuparem com os que estavam no chão, levaram as mãos aos chapéus e exclamaram com respeito:

— O Capitão Lagardère!

V

A FAMOSA ESTOCADA DE NEVERS

Era, de fato, o próprio Lagardère, a terrível espada, o encanto dos corações femininos!

As dezesseis espadas daqueles homens temíveis permaneceram embainhadas diante de um rapaz de dezoito anos, que sorria, com os braços cruzados sôbre o peito.

Mas... aquêle homem era Lagardère!

Cocardasse e Passepoil tinham razão e não haviam exagerado; pelo contrário...

Lagardère era a juventude que atrai e seduz; a juventude esplêndida e radiante, de cabeleira loura e ondulada, com um sorriso alegre nos lábios e um clarão fascinante no olhar.

Henrique de Lagardère era de estatura mediana. Não era um hércules, mas os seus membros possuíam o vigor e a agilidade próprios do tipo parisiense. Tinha os cabelos louros que, formando caracóis naturais, emolduravam uma fronte alta, nobre e inteligente. Tal como o bigode torcido, as sobrancelhas eram negras. Nada mais interessante do que êste contraste, principalmente nos momentos em que os seus olhos azuis iluminavam a sua palidez um pouco fria.

O oval do rosto, um pouco largo, a linha atrevidamente curva das sobrancelhas e o desenho firme do nariz aquilino e da bôca, davam certa nobreza à fisionomia.

Aquêle sorriso alegre nunca lhe desaparecia dos lábios, mas o que não é possível descrever era a atração, a graça e a juvenil galhardia daquele conjunto, nem a mobilidade daquele rosto.

Vestia elegante farda do corpo da guarda do rei, um pouco usada, mas que era realçada por uma bela capa de veludo, colocada negligentemente sôbre os ombros; uma faixa de sêda vermelha com franjas de ouro indicava a sua posição entre os aventureiros.

— Não têm vergonha! — disse-lhes com desdém — Maltratar um garôto!

— Capitão! — disse Carrigue, erguendo-se.

— Cala-te... Quem são êsses homens?

Cocardasse e Passepoil estavam perto dêle com o chapéu na mão.

— Hein?... São os meus dois "protetores"?! — acrescentou, fitando-os — Que diabo fazem tão longe da rua de la Croix-des-Petits-Champs?...

E estendeu-lhes a mão, com ar de príncipe que dá os dedos para beijar.

Cocardasse e Passepoil apertaram-na com devoção. Verdade seja que essa mão já muitas vêzes se abrira para êles, cheia de moedas de ouro.

— E os outros? — acrescentou Henrique — Parece-me que já os vi noutra parte... Onde foi?... — perguntou, dirigindo-se a Staupitz.

— Em Colônia — replicou o alemão, baixando o olhar.

— Ah! Sim! Lembro-me que me tocaste uma vez!

— Contra doze em que fui tocado! — murmurou o alemão, humildemente.

— Ah! Ah! ... — continuou Lagardère, olhando para Saldanha e Pinto — Os meus dois campeões de Madrid! Boa parada! ...

— Ah! Excelência! — disseram os dois espanhóis ao mesmo tempo — Era uma aposta... Não estávamos habituados a lutar dois contra um...

— Hein? ... Dois contra um?! ... — exclamou o gascão.

— E a dizerem que não o conheciam! — observou Passepoil.

— E êste — disse Cocardasse, designando Pepe, o **Matador** — não fazia votos para se encontrar com Lagardère? Pois aqui está o herói!

Pepe fêz o que pôde para agüentar o olhar de Lagardère, que apenas disse:

— Êste?! ...

Por fim, Pepe baixou a cabeça, resmungando.

— Quanto a êstes dois valentes, compreende-se que não soubessem de quem se tratava... — prosseguiu Lagardère, designando Pinto e Saldanha — Eu, na Espanha, só usava o nome de Henrique... Meus senhores — e interrompeu-se, fazendo o gesto de quem dá uma estocada — vejo que mais ou menos já nos encontramos, pois está ali também um valente a quem fiz provar as lâminas da sua terra...

— E ainda tenho a marca...

— Enfim, vê-se que não têm tido sorte comigo, camaradas — prosseguiu Lagardère — e agora estavam ocupados numa tarefa muito mais fácil... Aproxima-te, pequeno...

Berrichon obedeceu.

Cocardasse e Passepoil queriam explicar ao mesmo tempo o motivo por que queriam revistar o pajem, mas Lagardère impôs-lhes silêncio.

— Que vieste fazer? — perguntou.

— Ao senhor, como é bondoso, não mentirei! ... Vim trazer uma carta.

— A quem?

Berrichon hesitou e o seu olhar se dirigiu de novo para a janela baixa.

— Ao senhor.

— Pode entregar!

O rapaz estendeu-lhe um envelope e, ao mesmo tempo, aproximando-se do ouvido de Lagardère murmurou:

— Ainda trago outra carta!

— Para quem? ...

— Para uma senhora.

Lagardère deu a sua bôlsa ao menino, dizendo:

— Toma e vai, pequeno; ninguém te fará mal.

O garôto partiu, correndo, e dali a pouco desapareceu por entre os fossos. Então Lagardère abriu a carta.

— Podem retirar-se, senhores — disse para os voluntários e espadachins que principiaram a aproximar-se demasiado — costumo despachar a minha correspondência sòzinho.

Todos se afastaram vivamente.

— Ótimo! — exclamou Lagardère, depois de ler as primeiras linhas — Excelente mensagem! Vim aqui exatamente para a receber... Deus do Céu! Êste Nevers é um verdadeiro cavalheiro!

— Nevers! — exclamaram os espadachins, cheios de assombro.

— Que quer isso dizer? — perguntaram Cocardasse e Passepoil.

— Vamos beber! — disse Lagardère — Estou alegre! ... Muito alegre! ... Quero contar-lhes uma história... Senta-te aqui à minha direita, Cocardasse, e tu, Passepoil, à esquerda. Quanto aos outros, sentem-se onde quiserem!

O gascão e o normando, orgulhosos com esta distinção, sentaram-se onde o seu herói lhes indicara. Henrique de Lagardère, depois de beber um copo de vinho, principiou:

— Devo dizer-lhes, senhores, que fui desterrado... Dentro em breve sairei da França!

— Desterrado! — exclamou Cocardasse.

— E por quê? ... — perguntaram os outros.

— Conhecem êsse diabólico Bélissen?

— O barão de Bélissen?

— O bravo Bélissen?

— O falecido Bélissen! — retificou Lagardère.

— Morreu? — perguntaram algumas vozes.

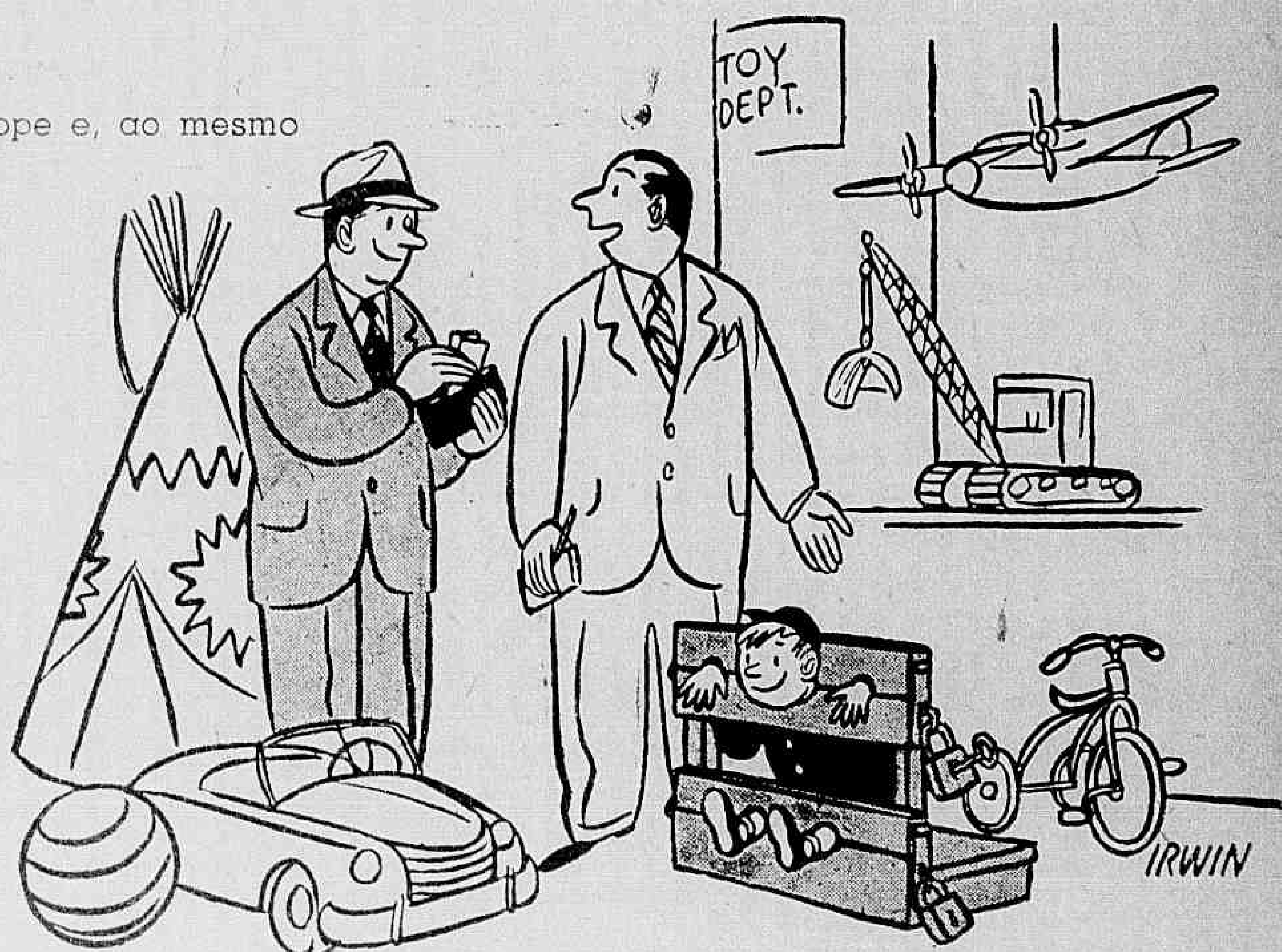
— Matei-o! O rei me armara cavalheiro para eu poder entrar ao seu serviço. Prometi portar-me com tôda a prudência e durante seis meses fui um santo, quase me esqueceram; porém, uma noite, êsse Bélissen maltratou bàrbaramente um pobre garôto imberbe.

— Sempre o mesmo: um cavaleiro andante! — disse Passepoil.

— Aproximei-me de Bélissen — prosseguiu Lagardère — e como havia prometido ao Rei, quando me fêz cavalheiro, nunca dirigir palavras injuriosas a ninguém, contentei-me em lhe puxar as orelhas, como se faz aos garôtos, nas escolas. Parece que êle não gostou...

— Pois claro! — exclamaram todos.

— Êle o disse demasiadamente alto e eu lhe dei aquilo que êle há muito tempo merecia: uma pa-



— **Ótimo! E' êsse, justamente, o que será mais apreciado lá em casa!**

rada, uma passagem de ponta e uma estocada a fundo... E vejam o que são as coisas: em vez de me darem um prêmio por ter desembaraçado a sociedade de um bandido... desterram-me!

Todos foram unânimes em concordar que aquêle destêrro era um castigo imerecido!

— Mas, em resumo: obedeço e parto! O mundo é grande e espero encontrar algum sítio onde possa viver bem; no entanto, antes de passar a fronteira, quero satisfazer uma fantasia... duas, aliás: um duelo e uma aventura amorosa... Dêsse modo me despedirei dignamente da França!

— Conte-nos isso, Cavalheiro Lagardère — disse Cocardasse com curiosidade.

— Digam-me uma coisa — perguntou Lagardère, em vez de responder — já ouviram, por acaso, falar da estocada secreta de Nevers?

— Diabo! — exclamaram todos.

— Era precisamente disso que estávamos a falar quando apareceu!

— E que diziam?

— As opiniões estavam divididas: uns asseguravam que era uma tolice e outros, ao contrário, pretendiam que o velho mestre Delapalme vendera ao duque o segrêdo duma estocada, ou talvez uma série delas, por meio das quais Nevers está completamente seguro de tocar o adversário no meio da fronte, entre os olhos.

Lagardère ficou pensativo durante um momento e depois perguntou de novo:

— Digam-me: que pensam das estocadas secretas, em geral, visto serem mestres-de-armas?

Depois de muito discutir, a opinião que prevaleceu foi a de que as estocadas secretas não passavam de simples ardis e que todo golpe podia ser evitado com a correspondente parada.

— Era essa também a minha opinião, **antes de cruzar a espada com a de Nevers...**

— E agora? — perguntaram todos com interêsse.

— Agora — continuou Lagardère — é diferente! Essa maldita estocada foi o meu pesadelo durante muito tempo. Palavra de honra que me roubou horas de sono.

"Por tôda parte e a qualquer hora, desde o seu regresso da Itália, só ouvia à minha volta está música: "Nevers! Nevers! Nevers!"

"Era Nevers para aqui, Nevers para lá... Sempre Nevers! Os cavalos de Nevers, a fortuna de Nevers, as armas de Nevers!

"As suas conquistas, a sua sorte no jôgo e, por último, o seu bote secreto! Uma noite, a dona da casa serviu-me costeletas **à Nevers!** Atirei com o prato pela janela e saí sem jantar.

"Julguei enlouquecer. Compreendendo que era necessário pôr têrmo a semelhante obsessão, montei a cavalo e fui esperar o duque, à porta do Louvre. Quando saíu, chamei-o pelo seu nome.

"— Que desejais? — perguntou.

"— Senhor duque, como tenho grande confiança na vossa cortesia, venho pedir-vos que me ensineis o vosso bote secreto à luz do luar.

"Olhou-me atentamente. Pensei que me julgava um louco, fugido do manicômio.

" —Quem sois? — perguntou.

"— Sou o Cavalheiro Henrique de Lagardère, por graça de Sua Majestade, do corpo da Guarda do Rei, antigo corneta da Ferté, ex-alferes de Conti, ex-capitão do regimento de Navarra e sempre vítima da minha pouca prudência...

"— Ah! Sois então o belo Lagardère! — disse saltando do cavalo — Falavam-me muito a vosso respeito e isso já estava a fatigar-me...

Seguimos juntos até à igreja de Saint-Germain l'Auxerrois.

"— Se não me julgais bastante nobre para cruzar a minha espada com a vossa, retorqui-lhe...

"Ah! mas como êle foi amável, verdadeiramente fidalgo! Devo-lhe essa justiça! Em vez de me responder, atirou-me uma estocada tão rápida e certeira entre as sobrancelhas, que se eu não tivesse dado prontamente um solto à retaguarda, a estas horas não estaria aqui.

"— Aí tendes a minha estocada! — disse-me.

"Confesso que lhe agradeci de boa vontade: era o menos que podia fazer.

"— Quereis repetir a lição, se isto não é abusar? — perguntei.

"— Às vossas ordens.

"Diabo!... Dessa vez fêz-me um furozinho na testa. Fui tocado! Eu, Lagardère!

Os mestres-de-armas trocaram olhares inquietos. O **bote de Nevers** adquiria para êles proporções espantosas.

— Não viu mais do que o brilho da espada? — insinuou, tìmidamente, Cocardasse.

— Vi a finta — exclamou Lagardère — mas não consegui aparar o golpe! Nevers é mais rápido do que o raio!

Todos estavam admirados.

— E como terminou a aventura?

— Chegou uma ronda... separamo-nos como bons amigos, e o duque prometeu-me a desforra.

— Mas... e o seu **bote secreto?**

— Já não me interessa — replicou Lagardère.

— O quê?... Descobriu o segrêdo?

— Talvez! Fartei-me de o estudar sòzinho, durante muito tempo.

— E depois?

— Ora! E' uma ninharia!

Os espadachins respiraram. Cocardasse ergueu-se e disse solenemente:

— Se ainda se recorda das lições que em outros tempos lhe dei com tanto gôsto, não me recusará um favor!...

— De que se trata? — perguntou Lagardère, levando instintivamente a mão à bôlsa.

Cocardasse teve um gesto de dignidade.

— Não é isso!... Gostava que me ensinasse a estocada secreta de Nevers!

Lagardère levantou-se.

— E' muito justo — respondeu — E' uma coisa que te convém, devido à tua profissão.

Puseram-se em guarda. Os voluntários e os espadachins formaram um círculo em volta dêles. Os últimos, principalmente, olhavam com extraordinária atenção.

— Hum! — disse Lagardère tateando com a sua espada a de Cocardasse — isso está muito fraco! Ora vamos lá. Ligamento de têrça, estocada direta. Pára, estocada direta, voltar à guarda, parada de prima e resposta, passa o ferro, estocada direta aos olhos.

E juntou a ação à palavra.

— Raios e trovões! — exclamou Cocardasse, saltando para o lado — Vi um milhão de luzes. E a parada?... — prosseguiu, pondo-se de novo em guarda.

— Vê se compreendes. Parada de têrça, voltar à guarda, parada de prima duas vêzes e... pronto!

Embainhou a espada. Passepoil agradeceu-lhe efusivamente e, virando-se para os companheiros, perguntou:

— Estão inteirados, não é verdade? — E enxugando a testa, exclamou — Êste "Petit Parisien"... Que grande homem!

Todos fizeram sinais afirmativos com a cabeça.

— Pode vir a servir-lhes... — comentou Cocardasse.

— Talvez muito em breve — continuou Lagardère, puxando pela carta que o pajem lhe entregara — Conforme lhes disse, Nevers prometeu-me a desforra... Pois bem! Era necessário liquidar o assunto antes de partir. Escrevi ao Duque, que sabia encontrar-se no seu castelo do Béarn. Esta carta é a resposta...

Os espadachins não puderam conter uma exclamação de assombro.

— Continua a ser o fidalgo de sempre e, depois de me bater com êle, sinto-me capaz de lhe querer como a um irmão. Aceitou tudo quanto lhe propus... a hora... o sítio...

— E qual é a hora? — perguntou Cocardasse, perturbado.

— Ao anoitecer de hoje...

— E o local?

— Os fossos do castelo de Caylus.

A estas palavras seguiu-se um silêncio absoluto. No entanto, Cocardasse perguntou:

— E por que razão escolheu êste local?

— Isso é uma outra história! — disse Lagardère, a rir — E' a minha segunda fantasia! Desde que tenho a honra de comandar êstes valentes voluntários... isto para matar o tempo enquanto não parto... ouvi dizer que o velho marquês de Caylus era o melhor carcereiro do mundo! Era preciso realmente ter talento para lhe chamarem o **Ferrôlho...** Ora, o mês passado, por ocasião das festas de Tardes, vi a filha dêle e, palavra de honra!... achei-a lindíssima! Assim, depois de ter arrumado o meu caso com o duque de Nevers, quero ver se posso distrair um pouco aquela encantadora reclusa.

— Tem a chave da prisão? — perguntou Carrigue, designando o castelo.

— Tenho tomado de assalto muitas outras fortalezas! — respondeu Henrique de Lagardère — Assim, entrarei pela porta, pela janela, pela chaminé, por qualquer lado, mas... hei de entrar!

O auditório ficou silencioso.

— Não concordam?! — exclamou Lagardère admirado — Não acham a minha aventura tentadora?...

— Sim — respondeu Passepoil — estamos aqui para vos servir...

— No entanto ,gostava de saber — disse Cocardasse com gravidade — se falou de Aurora de Caylus na sua carta ao duque de Nevers.

— Evidentemente! Explicava-lhe tudo! Era preciso dar um pretexto para êste encontro em sítio tão afastado.

Os dois amigos trocaram um olhar que não passou despercebido a Lagardère.

— Por que razão êsse ar misterioso? — perguntou.

— Estávamos a pensar que nos devemos dar por felizes por nos encontrarmos a vosso lado, nesta altura... — disse Passepoil.

— Sempre o poderemos ajudar... — acrescentou Cocardasse.

Henrique de Lagardère soltou uma gargalhada.

— Talvez não ria com tanto gôsto — prosseguiu o gascão — quando lhe dissermos uma coisa...

— Digam lá...

— O duque não deve vir sòzinho ao encontro marcado por vós...

— E por quê?... Pode sarber-se?...

— Porque depois do que lhe mandou dizer, o combate que se vai travar entre ambos deixará de ser uma demonstração: há-de ser um duelo de morte! Um dos dois tem que perder a vida!... O duque de Nevers é o marido de Aurora de Caylus.

Cocardasse enganava-se supondo que Lagardère deixaria de rir.

— Bravo! — exclamou o cavalheiro — Temos um casamento secreto!... Um verdadeiro romance espanhol!... Não podia esperar melhor, como última aventura!

VI

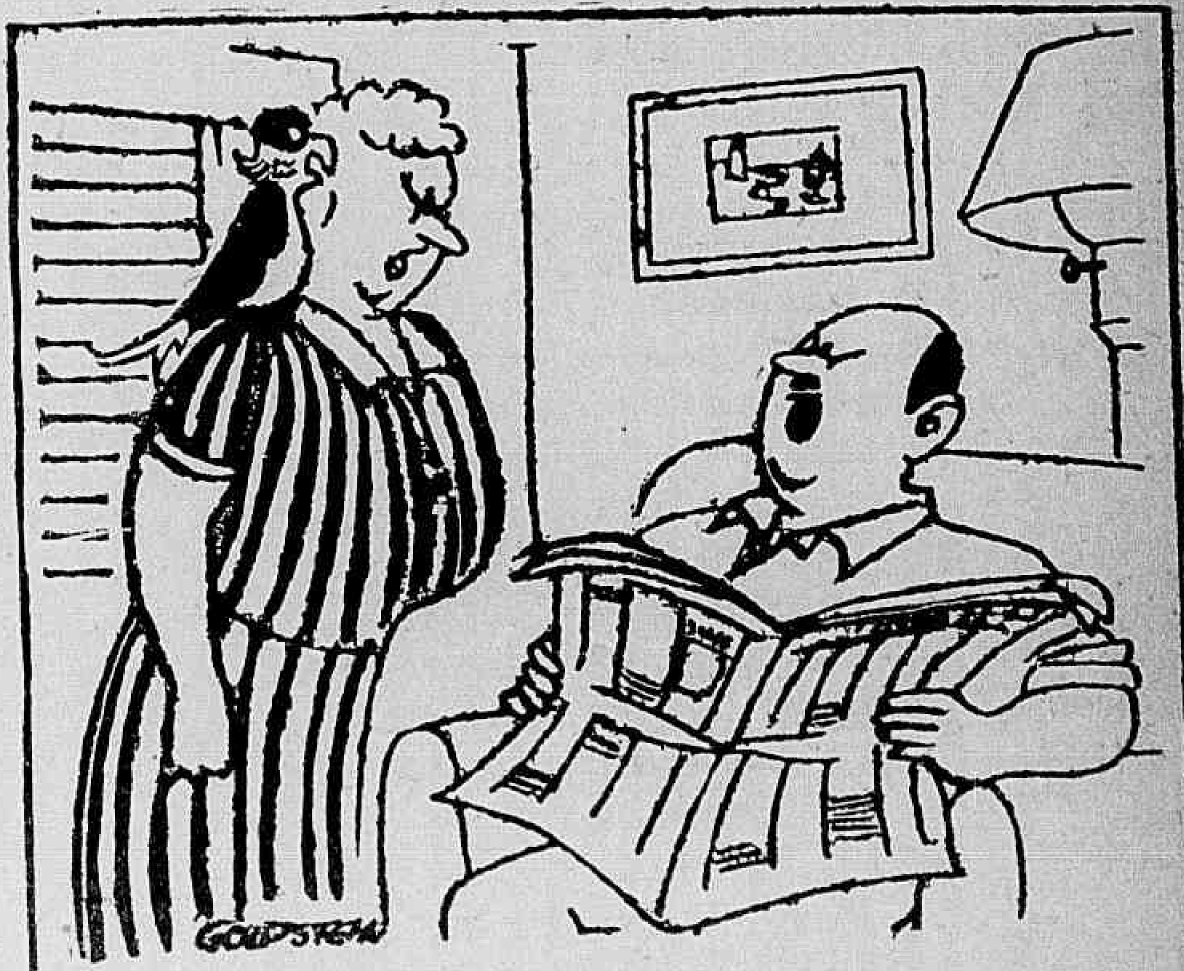
A JANELA DO FÔSSO

Aproximava-se a noite e a massa sombria do castelo de Caylus mal se destacava à débil claridade da luz vinda do céu.

— Vejamos, meu capitão! — disse Cocardasse no momento em que Lagardère, levantando-se, cingia a espada — Aceitai os nossos serviços para o caso de Nevers não vir só...

— Bem sabem que costumo liquidar os meus assuntos sòzinho. Vem aí a criada: que nos encha mais uns copázios de vinho, e, depois, deixem-me. E' o único serviço que espero de vós!

Os soldados dirigiram-se para o sítio onde estavam os seus cavalos; porém, nenhum dos espada-



— **Por favor!** Um **de cada vez!**

chins se moveu. Cocardasse chamou Lagardère de parte e disse-lhes:

— Não lhe podemos obedecer, porque também esperamos alguém...

— Mas quem?

— Não se zangue, mas cada um tem o seu ofício... esperamos o duque de Nevers!

Lagardère estremeceu.

— Olá!... e por que esperam o duque?

— Esperamo-lo por conta de um digno fidalgo...

E não pôde terminar a frase porque a mão de Lagardère, apertando-lhe a garganta, impediu-o de continuar.

— Uma covarde cilada!... E é a mim que o dizes?!

— Deve compreender... — principiou Passepoil.

— Não quero ouvir mais nada! Proíbo, perceberam?... Proíbo que toquem num só cabelo do duque de Nevers, pois, se tal fizerem, comigo terão que se haver! Nevers pertence-me e se tiver de morrer, será às minhas mãos, mas em luta nobre e leal. Nenhum de vós lhe tocará enquanto eu fôr vivo!

Lagardère erguera-se e estava majestoso.

— Ah! Era então para isso que queriam que lhes ensinasse o bote secreto de Nevers!... E eu fui tão ingênuo que... Carrigue!

O interpelado apareceu imediatamente, seguido pelos companheiros, que levavam pela rédea os cavalos carregados de forragem.

Lagardère prosseguiu:

— Foi uma vergonha termos bebido em companhia desta gente!... Montem, vão a galope. Não necessito de ninguém para castigar êstes covardes!

Carrigue e os seus homens não precisaram que lhes repetissem a ordem.

— Quanto a vós — continuou o cavalheiro, dirigindo-se a Passepoil — desapareçam, do contrário dar-lhes-ei um segunda lição, mais severa.

E ao dizer estas palavras desembainhou a espada.

Cocardasse e Passepoil fizeram retroceder os espadachins que, animados pelo número, se dispunham a fazer frente a Lagardère.

— Para que havemos de nos opor aos seus desejos? — disse Passepoil — Êle, sòzinho, fará aquilo que todos nós devíamos fazer.

Em lógica havia poucos que ganhassem ao bom normando. A opinião geral foi, portanto, que todos se deviam retirar.

— Vamos embora!... Vamos!... — disseram.

— Vão para o diabo! — respondeu Lagardère, voltando-lhe as costas.

Os espadachins saíram e, como se esqueceram de pagar, foi Lagardère quem liquidou a conta.

— Ouve, pequena — disse êle para a rapariga — fecha as janelas e tranca a casa. Ouças o que ouvires nos fossos, esta noite, é preciso que todos nesta casa sejam inteiramente surdos... São assuntos que não lhes dizem respeito...

A criada fêz o que o cavalheiro mandou...

Caíra a noite, mas uma noite sem lua, nem estrêlas. Uma luz amarelada, colocada no extremo da ponte, ardia diante da imagem da Virgem, colocada numa pequena excavação talhada na rocha. A sua fraca luz não podia alumiar o fôsso, porque a própria ponte a ocultava. O vale perdia-se em densas sombras, cujo manto era rasgado, dificilmente, em alguns pontos, pela luz da cabana de algum pastor.

— Oito contra um! Miseráveis! — dizia Henrique de Lagardère, seguindo o caminho que conduzia aos fossos — Um assassinato! Mas que bandidos!... Isto chega para desonrar a nobre arte da esgrima!

Chegou à ponte. Os olhos tinham-se acostumado à escuridão a pouco e pouco.

— Bem!... Reconheçamos o terreno — acrescentou, recuperando o seu bom humor — O duque chegará dentro em pouco, terrìvelmente furioso; é conveniente saber onde estamos. Mas que noite!... Vamos ser obrigados a jogar completamente às cegas!... Nem um lince seria capaz de ver a ponta de uma espada!

Do outro lado do fôsso ouviu-se o rumor de passos.

— O duque virá acompanhado?... — pensou Lagardère — Parece que são passos de mais de uma pessoa...

O ruído tornou-se mais perceptível e a luz da imagem, colocada na abertura feita na rocha, permitiu-lhe ver dois homens cuidadosamente embuçados em amplas capas. Ficaram imóveis, olhando para todos os lados, como se procurassem qualquer coisa.

— Não vejo ninguém... — disse um dêles em voz baixa.

— Mas tenho a certeza de que está alguém junto da janela — respondeu o outro.

E, baixinho, chamou:

— Cocardasse!...

Lagardère permaneceu imóvel.

— E se não fôsse nenhum dos nossos?!... — murmurou o companheiro.

— E' impossível — respondeu Peyrolles — Mandei que um dêles ficasse aqui de sentinela. E' o Saldanha... reconheci-o... Saldanha!...

— Presente! — disse Lagardère, imitando a pronúncia espanhola.

— Vêdes?... — exclamou Peyrolles — Tinha a certeza! Desçamos a escada. Aqui está o primeiro degrau.

— Vens da capela? — disse o que parecia ser o amo e em cuja voz Lagardère julgou reconhecer um certo sotaque da pronúncia italiana.

— Sim, mas cheguei demasiadamente tarde — respondeu Peyrolles, aborrecido.

O outro bateu com o pé no chão, em sinal de cólera.

— Estúpido!

— Fiz tudo quanto podia, meu senhor. Encontrei o registro, porém, as fôlhas relativas ao casamento da senhora de Caylus com o senhor duque de Nevers e ao nascimento da filha...

— Que lhes aconteceu?

— Foram arrancadas.

Lagardère era todo ouvidos.

— Roubaram-na!... Mas quem teria sido? Aurora?... Sim, devia ter sido ela. Pensa que esta noite verá Nevers e quer entregar-lhe juntamente com a filha as provas que justificam o seu nascimento.

— E isso que importa? — disse Peyrolles — Uma vez morto Nevers...

(Continua no próximo número)

CONTRÔLE REMOTO

O QUE MUITA GENTE TEM QUE FAZER ANTES DE TER O DIREITO DE RECEBER UMA HERANÇA!

QUEM sabe? Talvez o seu tio rico resolva deixar o leitor fora do seu testamento — e sem direito a um cruzeiro sequer... a menos que passeie com sapatos apertados, um dia inteiro, ou case com uma velha Esquimau! Em nenhum outro país do mundo, talvez, ocorram tais fatos como na Inglaterra e nos Estados Unidos, porque as leis, nesses países, como em quase todos os que falam a língua inglêsa, permitem que cada um aperte os cordões de sua bôlsa e solte o dinheiro para os seus respectivos herdeiros, sòmente depois que êstes cumpram o que estipularam em testamento. E muitas vêzes essas estipulações são obras de loucos. Muitos indivíduos, por meio de um testamento, podem — pràticamente — estabelecer regras estritas para que sejam seguidas por seus descendentes. Continuam, portanto, a controlar todos os movimentos dos vivos, embora se encontrem sete palmos abaixo da superfície da terra!



Vejamos alguns casos realmente interessantes:

★

UMA VELHA SOLTEIRONA DECRETOU: — "Se, quando eu morrer, minha bem amada sobrinha ainda viver, a ela pertencerão todos os meus bens, **desde que**, no tempo máximo de seis meses após o meu falecimento, ela desista, de uma vez por tôdas, do péssimo costume de pintar o rosto e os lábios". A sobrinha, é claro, desistiu do make-up e recebeu a herança.

★

UMA HERDEIRA PERDEU uma herança de 50 mil dólares... porque recusou aceitar os termos de um testamento. Seu marido exigia que o dinheiro que lhe deixara "fôsse dispendido segundo a mulher bem entendesse **desde que**, primeiro, entrasse para determinada ordem religiosa e passasse o resto da vida a rezar, diàriamente, durante duas horas, em intenção da sua alma.

★

EM GLASGOW, Inglaterra, um solteirão que vivia absolutamente só e adorava êsse gênero de vida, teve que arranjar noiva e casar, a fim de receber as 300.000 libras deixadas por seu pai.

★

UM TESTADOR que tinha as suas simpatias pelas mulheres gordas, resolveu deixar o seu vasto escritório de negócios de Seguros para o seu jovem irmão, mas com uma condição: a de jamais empregar mulheres pesando menos de 80 quilos! O irmão — pois claro! — aceitou a condição imposta.

★

GRANDE PROBLEMA JURÍDICO-POLICIAL foi o que provocou um testador. De fato, após um acidente de motocicleta, um indivíduo, sabendo estar prestes a morrer, ditou o seu testamento, deixando tôda a sua fortuna para a própria noiva... **desde que** esta se casasse com o seu único irmão. Entretanto, êste jamais pôde ser encontrado, apesar de todos os esforços da polícia e de detectives particulares, nesse sentido, durante quatro anos. O Tribunal decidiu, então, mandar entregar todo o dinheiro à herdeira, dando-lhe, ao mesmo tempo, o direito de escolher o marido que bem entendesse.

★

UM SOLTEIRÃO MILIONÁRIO, de Long Island, estipulou em seu testamento que "sòmente os seus sobrinhos virtuosos teriam direito à sua fortuna". E definiu "sobrinhos virtuosos" como "aquêles que não fumassem, não tivessem sentado, jamais, nas mesas de algum bar e estivessem acostumados a saltar da cama nunca depois de 6,30 da manhã". Quando afinal morreu, só um sobrinho recebeu a fortuna, deixando os demais **a ver navios**. O felizardo tinha apenas quatro anos de idade!

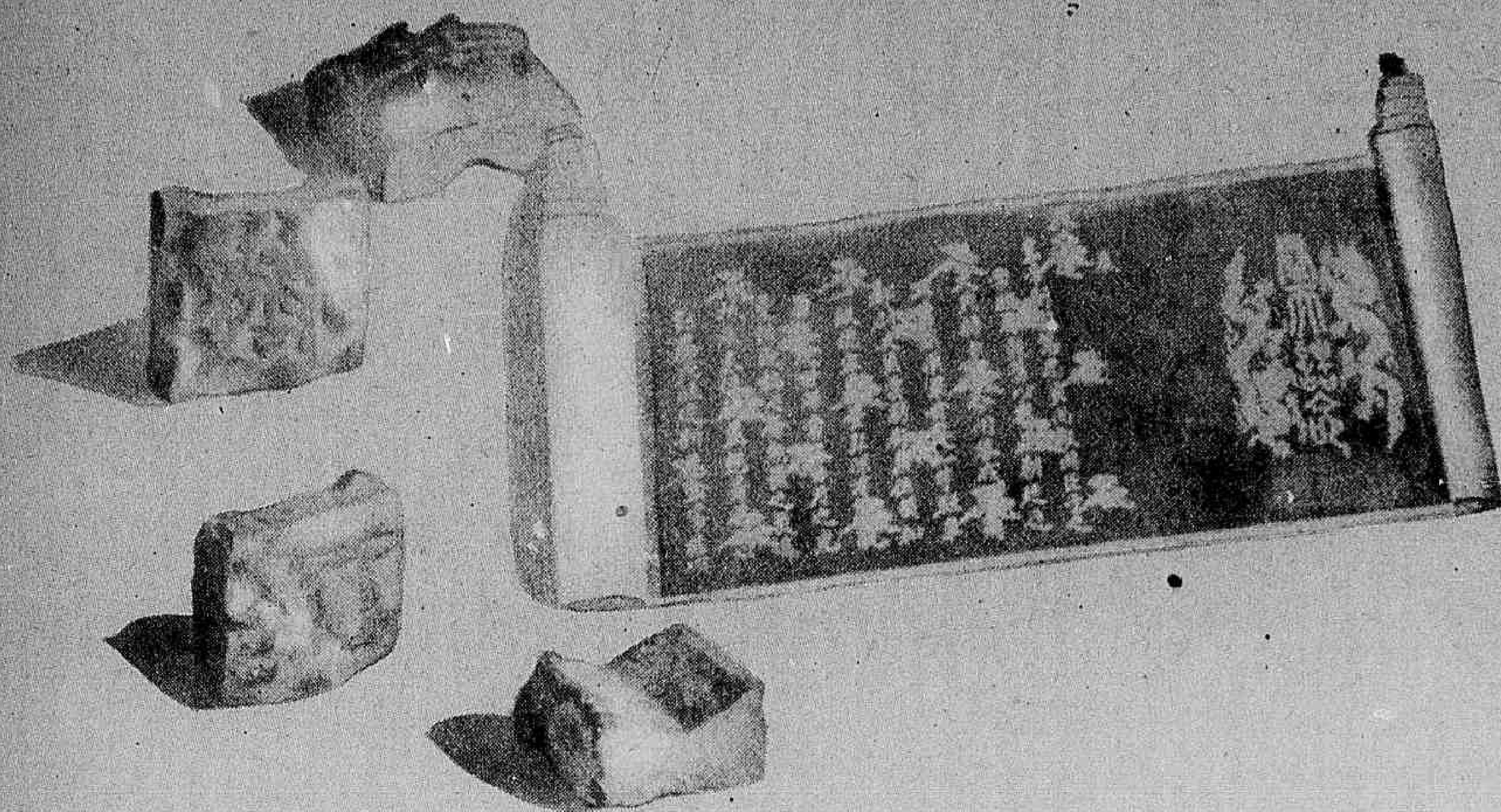
★

A ESPÔSA DE UM CAVALHEIRO de meia-idade, herdou tôda a fortuna que lhe foi deixada pelo marido em testamento. Mas teve que encontrar outro marido — segundo fôra estipulado no testamento — "antes de decorridos cinco anos após a morte do testador", sem o que perderia todo direito à herança!

Devemos entender esta exigência como **um gesto magnânimo?** Nada disso! O marido queria — segundo explicou tranqüilamente no testamento — que "outro homem soubesse quão horroroso era ter que viver na companhia da mulher."

★

ISABELLE SINGER, filha do famoso "rei da máquina de costurar", Franklin Morse Singer, fizera-se freira contra a vontade do pai. Quando êste morreu deixou para a filha, em testamento, dois e meio milhões de dólares... **desde que** abandonasse a vida monástica e voltasse à vida exterior. Isabelle apelou para a Justiça e esta decidiu que podia permanecer no convento... **e receber a herança!**



A EVOLUÇÃO DO LIVRO

WILLIAM BOND WHEELWRIGHT

QUANTAS vêzes nos vem à mente a palavra **volumes** com a significação de livros, sem recordarmos de que, originalmente, **volume** queria dizer um rôlo de papel sôbre o qual um livro tinha sido inscrito! Ou, se não fôsse de papel, o volume seria de papiro, seu predecessor, ou mesmo, como era freqüente, de peles de animais, unidas em uma longa tira.

E' difícil conceber uma forma mais imprópria de livro. Imagine o leitor se os livros de hoje fôssem impressos dêste modo! Teríamos que desenrolar e enrolar tôda a tira para acharmos um determinado trecho; e não haveria possibilidade de se compor um índice!

Se tivesse essa forma, a lista telefônica da cidade de Nova York, por exemplo, quando desenrolada, envolveria Manhattan! Tendo em mente que, naquela época, tanto o papiro como o papel só podiam ser feitos em fôlhas relativamente pequenas, causa admiração que os antigos as colassem umas às outras para formar tiras que eram, posteriormente, enroladas, em vez de terem concebido um expediente tão simples, qual seja o de dobrá-las e encaderná-las em uma forma mais conveniente e de fácil manuseio, como a que se tornou conhecida posteriormente no mundo clássico, com o nome de **códex**. Não obstante, por vários séculos, antes da Era Cristã, e mesmo após, os livros eram feitos em forma de rolos.

"Por volta do ano 400 da Era Cristã — escreveu Hellmut Lehmann-Haupt, **curador de livros raros** da Universidade de Colúmbia, — o **códex** predominava e, desde então, a forma do livro, falando de um modo geral, não mudou até os nossos dias".

帝新疹疫
窬高窀崖

Impressão feita com tipos coreanos existentes no Museu de História Natural, de Nova York.

É, no entanto, uma curiosa coincidência que os livros reproduzidos pelo moderno processo microfotográfico tenham, por razões óbvias, revertido à forma de rôlo. Apesar da forma do livro ter sido estabelecida em data tão remota, a sua produção se conservou na dependência dos escribas durante mais de mil anos.

"Antes da invenção da imprensa, os **manuscritos** eram os únicos livros conhecidos e, em geral, os seus preços eram tão excessivos que poucas pessoas, além das favorecidas pela fortuna, podiam formar uma biblioteca.

"Subsistem alguns dados que demonstram o alto aprêço em que eram tidos os livros pelos mais hábeis "connaisseurs" da antiguidade, pelas grandes quantias que pagavam pelas melhores obras.

Assim podemos recordar que Platão, apesar de ter apenas uma pequena herança paterna, comprou três livros pelo preço de dez mil denários (cêrca de Cr$ 30.000,00)...

Em outra época, quase Sã



Uma oficina de impressão do século XV. Apesar de primitivas, oficinas como esta produziram livros que ainda hoje perduram, como um tributo àqueles que os fizeram.

Jerônimo se arruinou a fim de comprar os trabalhos da "Origem". E podemos citar outros fatos. Durante a Idade Média, por exemplo, os preços dos livros se tornaram tão altos que mesmo as pessoas de fortuna regular não podiam sequer pensar em comprá-los. Ninguém — a não ser os reis, bispos e abades — podia possuir quaisquer livros, razão pela qual não havia, então, escolas, a não ser nos palácios reais, bispados e mosteiros".

Lembrando-nos de tais fatos, começamos a apreciar a importância da invenção do papel, feita pelos chineses, no ano 105 da Era Cristã pois esta foi a primeira substância que pôde, de fato, ser usada, econômicamente, para a escrita, ou pràticamente para imprimir, quando esta arte foi descoberta. A inexistência do papel, na Europa, até depois do século XII, foi o bastante para retardar a invenção da imprensa. No Oriente, o primeiro tipo de imprensa apareceu quase sete séculos antes que na Europa e, por mais estranho que possa parecer, sòmente 665 anos após o aparecimento do papel!

No Japão, a Imperatriz Shotuki possuía um milhão de cromos, impressos por meio de blocos de madeira, em 770 da Era Cristã, os quais constituíram a primeira impressão sôbre papel. Mas foi na China que, em 868, apareceu o mais antigo livro impresso — o **Diamond Sutra.** "O rôlo, a forma original do verdadeiro livro chinês, tem 4,80 metros de comprimento". Sua impressão era realizada colocando-se uma fôlha de papel sôbre os blocos de madeira, e esfregando-se o lado de cima da fôlha com um chumaço de fibra ou de pano, até que os caracteres ou desenhos dos blocos se transferissem para o papel. Compreender-se-á que tais técnicas de impressão não tinham semelhança com as que foram inventadas muito depois, na Europa. O fato é que a existência de um meio realmente fácil, para imprimir, deu origem a determinados métodos de impressão, em ambos os continentes, independentemente um do outro. Como H. G. Wells observou tão bem:

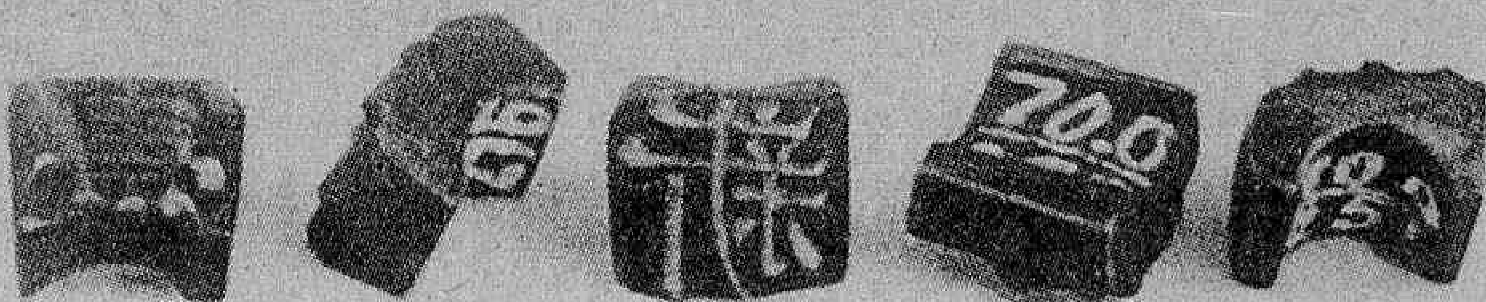
"Foi a introdução do papel do Oriente, que tornou prático o há muito latente método de impressão... e podemos dizer que o papel tornou possível o ressurgimento da Europa".

No que se refere à Europa, não se sabe, ao certo, a data do aparecimento da mais antiga impressão, por meio de blocos de



John Gutenberg

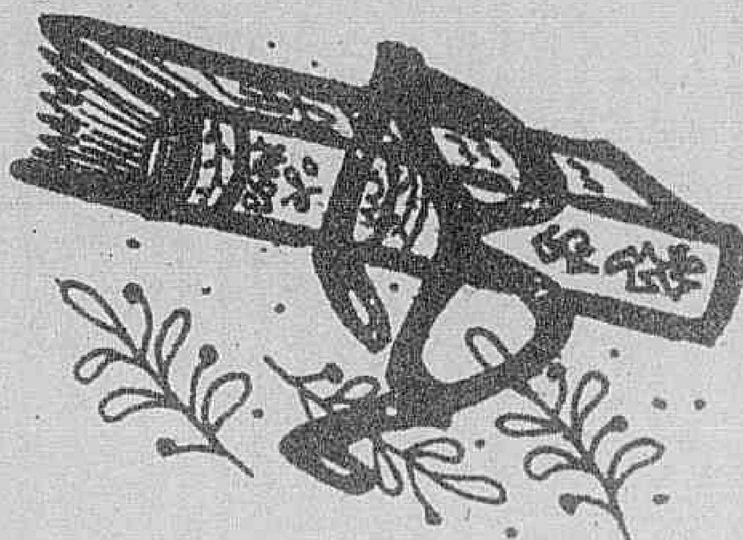
madeira. No século XII já se estampavam tecidos, enquanto que a fabricação do papel ainda estava se iniciando na Espanha. Algumas pessoas acreditam que a impressão por meio de blocos foi inicialmente usada para fazer cartas de jogar, mas no que se refere a livros não há evidência de que algum tenha sido impresso, no continente europeu, antes da descoberta do processo tipográfico. Depois do estabelecimento da impressão tipográfica, não tardou o aparecimento de blocos de madeira, gravados com desenhos (xilogravura) para adornar ou ilustrar os livros.



Antigos tipos coreanos, fundidos em metal e existentes no Museu Americano de História Natural, de Nova York.

Quando se menciona a invenção da imprensa, quase sempre nos lembramos de John Gutenberg, Strasbourg e Mainz, que aperfeiçoaram a arte por meio de tipos móveis, pouco depois da metade do século XV e imprimiram a célebre Bíblia de 42 linhas em 1456, mais ou menos.

Apesar de, como vimos, essa invenção estar longe de ter sido a **primeira** no mundo, foi o primeiro tipo de impressão que tornou prática e, ùltimamente, econômica a produção de livros. Não foi pròpriamente a invenção de tipos móveis, por Gutenberg, que diferençou a impressão oriental da ocidental, pois os chineses fundiam caracteres de metal antes de seu tempo. Os seus tipos, porém, não tinham semelhança com os de Gutenberg: eram retangulares e chatos, e não podiam ser alinhados e fixados como os tipos de Gutenberg.



"O molde de metal fundido, a aplicação da prensa e o uso de tinta oleosa, por Gutenberg, juntos, constituíram a base da imprensa européia".

Até à época desta invenção, o papel tinha sido usado principalmente para a escrita. No Oriente, a escrita era feita com um pincel e um pigmento fluido, em papel macio e não engomado, e na Europa com pena e tinta em papel duro e engomado com resina animal. Antigamente, a impressão primitiva tinha que se adaptar ao papel, ao passo que, em nossos dias, o papel é fabricado **especialmente para os diversos tipos de impressão que foram criados.**

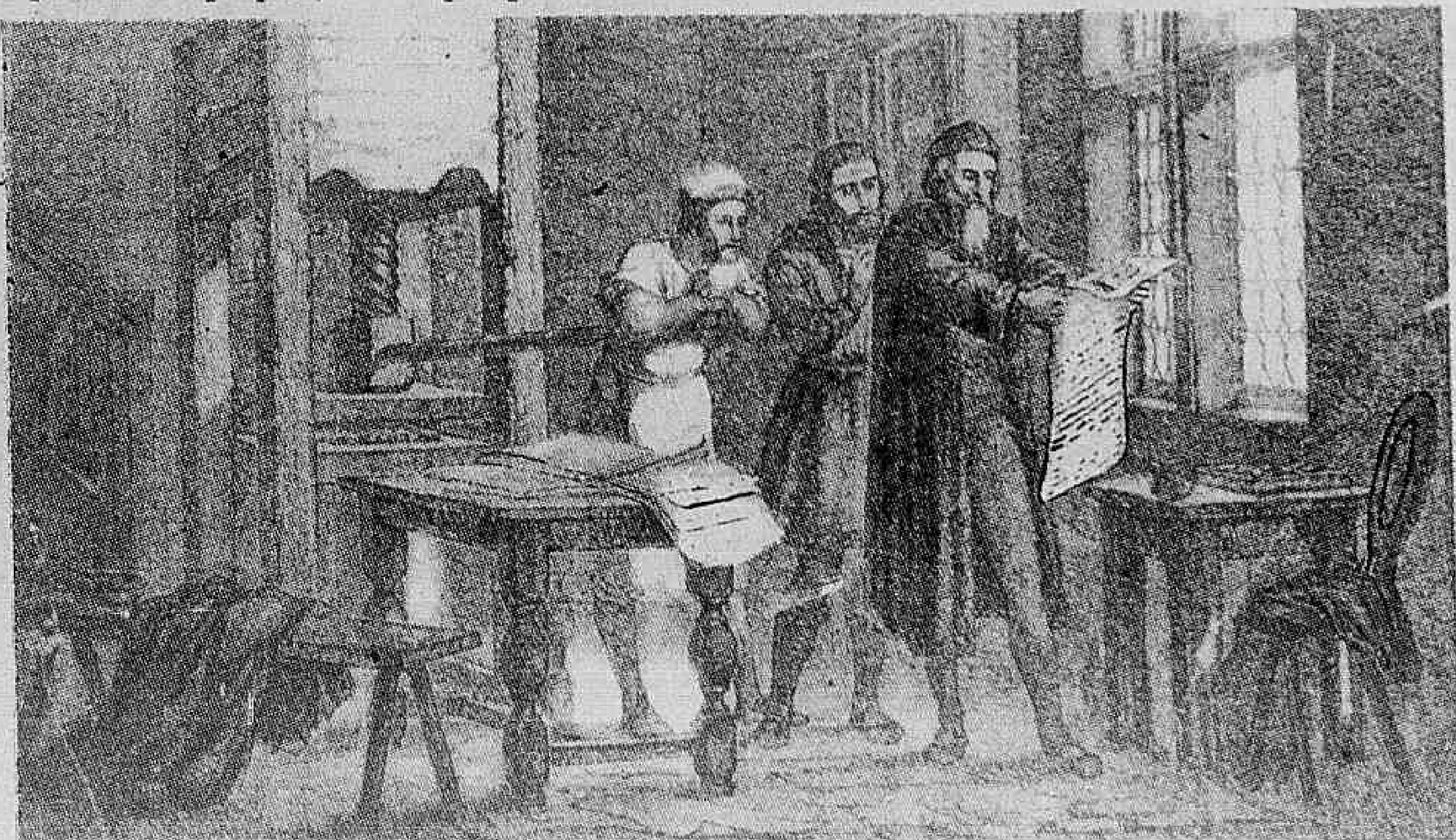
A impressão não deve a sua existência apenas à fabricação do papel. Mas, além de que sem o papel ela não poderia existir, tal como a conhecemos hoje, as primeiras máquinas impressoras foram copiadas das prensas usadas pelos antigos fabricantes de papel, com certos acessórios adicionais.

Por tudo isso, é hoje difícil imaginar o estado primitivo das indústrias de fabricação do papel e impressão, nos dias de Gutenberg. A turma usual de três operários, empregada na fabricação do papel, podia manufaturar apenas 5 resmas de papel diàriamente, enquanto que a prensa de **fusel** podia entregar 500 impressões em 12 horas de trabalho.

As fôlhas usadas para a impressão da Bíblia de 42 linhas mediam, mais ou menos, 42x60 cm. Cada exemplar tinha 320 fôlhas e acredita-se que foram impressos cêrca de 200 exemplares. Uma parte foi impressa em pergaminho. Segundo o Departamento de Imprensa e Artes Gráficas da Biblioteca do Colégio de Harvard, Estados Unidos, podemos afirmar que "existem 45 exemplares conhecidos, da Bíblia de Gutenberg, e apenas 18 estão completos. Doze dêstes 45 são de pergaminho, e dêstes doze quatro apenas estão completos".

O visitante pode ter o prazer de ver exemplares na Biblioteca do Congresso, em Washington; na Biblioteca Morgan, de Nova York; e na Biblioteca Widener, da Universidade de Harvard. Todos êsses volumes notáveis estão tão bem conservados que êste primeiro exemplo da fabricação do livro ocidental esteja prendado com a imortalidade! E isto constitui uma prova da boa qualidade do papel empregado! Não obstante, a produção de uma parte da edição, em pergaminho, demonstra que não se depositava muita confiança na duração do papel.

Podemos dizer, ainda, que seria difícil produzir um papel de qualidade mais durável que aquêle, pois era composto de trapos de linho e algodão, e preparado sem alvejamento artificial.

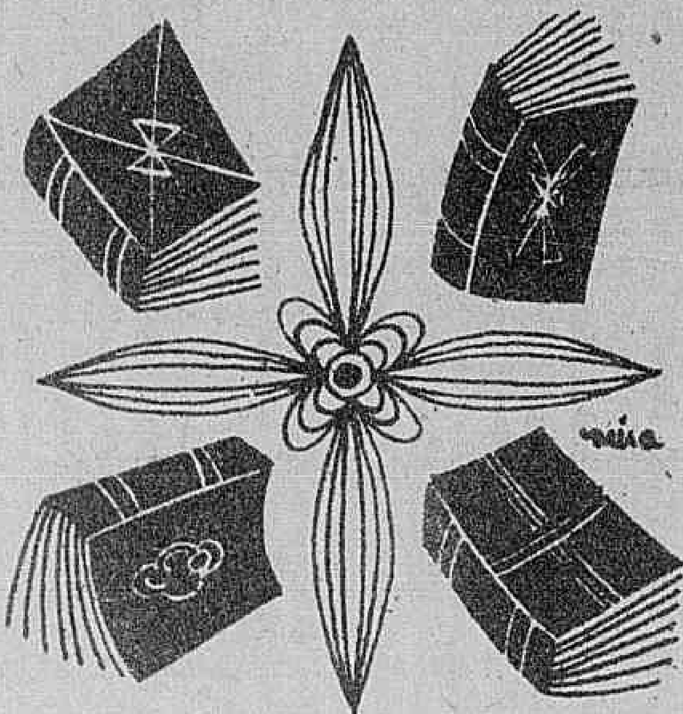


Gutenberg, tirando as primeiras fôlhas da sua famosa Bíblia, em 1452.

O método empregado, **de amassar em máquinas compressoras**, produzia fibras mais fortes e mais longas do que os nossos modernos amassadores: as fôlhas eram sêcas, naturalmente, pelo ar; depois eram mergulhadas numa resina animal que, uma vez sêca, deixava uma superfície impermeável e dura, apropriada para a escrita. Para impressão, entretanto, isto resultava em novas dificuldades, forçando os impressores a arranjar um outro método para imprimir.

Êsse processo é descrito do seguinte modo, num livro publicado em 1814, quando os papéis feitos manualmente ainda dominavam:

"O papel é preparado para uso sendo prèviamente mergulhado em água, algumas fôlhas de cada vez, e depois empilhado, fôlha sôbre fôlha; uma tábua grossa é colocada sôbre a pilha, e nela colocam-se grandes pesos, de acôrdo com o seu tamanho. A razão pela qual o papel deve ser umedecido, antes de estar em condições de receber a impressão, é que êle deve tornar-se suficientemente macio, para aderir bem ao tipo e absorver uma quantidade apropriada de tinta, de modo que possa proporcionar uma impressão clara e regular. E' necessário, também, umedecer o papel, a fim de que a sua dureza e natureza grosseira, quando sêco, não afete a face dos tipos".



Não sabemos se Gutenberg conheceu êste método e se o seguiu; mas sabemos que êle se tornou, dentro de pouco tempo, uma prática geralmente aceita. Sabemos, também, que algum tempo depois, os impressores descobriram que o seu trabalho na prensa podia ser facilitado pelo emprêgo de papel não engomado, que era mais macio. Sem dúvida, o custo mais baixo das fôlhas não engomadas, que requeriam um trabalho consideràvelmente menor para serem feitas, constituiu um outro fator importante que influiu para a sua escolha.

São tão poucas as pessoas que tiveram ocasião de manejar uma prensa manual, que uma breve descrição é necessária. As primeiras prensas, copiadas das que eram usadas pelos fabricantes de papel, eram movimentadas por meio de um parafuso e uma barra. Os modêlos posteriores, mais aperfeiçoados, adotaram o princípio da alavanca, que permitiu maior velocidade. Em ambos os casos, a fôrça exercida pelos músculos dos homens é que acionava o mecanismo. O impressor prático podia julgar pela tensão de seus braços quando havia aplicado fôrça suficiente para assegurar uma boa impressão dos tipos sôbre o papel. Até aqui, quaisquer variações na grossura das fôlhas não tinham efeito, tal como acontece nas modernas máquinas de precisão. Até a distribuição da tinta sôbre os tipos era feita com bolas de couro, manualmente, e, a fim de se obter uma impressão perfeita e nítida, a prensa era acionada duas vêzes. A perfeição não dependia tanto do maquinismo quanto da habilidade do impressor.

Do ponto de vista do moderno fabricante de papel, que toma cuidado especial com o pêso, tamanho e acabamento do papel, o contraste é interessante.

Não se conhecia a chamada **impressão vertical**, na prensa manual. Quando a prensa era acionada, havia uma grossa camada de pano entre a face do tipo e a chapa, para evitar a quebra daquele, e a impressão era realizada nas fôlhas de papel umedecidas.

Gradualmente foram surgindo melhoramentos nas primitivas prensas de madeira, de modo que o trabalho se tornou mais rápido.

"De acôrdo com o "Regulamento do Impressor de Frankfurt", em 1573, a produção diária atingia a uma média de 3.600 impressões... O tempo de serviço montava a 15 horas por dia, incluindo o tempo reservado às refeições, equivalendo assim a uma produção horária de 240 impressões".

Comparada com a velocidade estimada do trabalho de impressão do tempo de Gutenberg, ou seja de 500 impressões em doze horas de trabalho, ou de 24 impressões por hora, êste aumento de produção é digno de nota. Indica um melhoramento considerável no mecanismo das prensas, em comparação com a desajeitada prensa de **fusel** do século XV.

E, enquanto a impressão e a fabricação do papel continuaram sendo feitas manualmente, o que se verificou até ao comêço do século XIX, apenas foram feitas insignificantes mudanças na técnica de produção.

Na evolução do livro, partindo do **volumen**, que era montado em um carretel de madeira, protegido por extremidades salientes, houve um período de transição que produziu o livro na forma de **códex**.

Isto deu lugar a uma forma rudimentar de encadernação. "A princípio — de acôrdo com McCarthy — as fôlhas que constituíam um trabalho eram, provàvelmente, apenas amarra-



Presumìvelmente, os primitivos fabricantes de papel, na China, faziam flutuar o molde numa corrente d'água. Sôbre êle derramavam a fibra macerada que, depois de sêca, tornava-se uma fôlha de papel.

das com um cordão e guardadas numa caixa. Depois, para evitar uma desarrumação na ordem das páginas, surgiu a idéia de costurá-las umas às outras e prendê-las por um nó. Mais tarde êste método foi aperfeiçoado, costurando-se as dobras das fôlhas a tiras ou cordões horizontais, e as extremidades dos cordões eram provàvelmente passadas em tôrno do livro e atadas.

Para maior proteção, o próximo passo foi o de acrescentar pranchas finas e retangulares na frente e atrás do livro e, finalmente, a parte de trás do livro foi considerada como **uma integrante da encadernação".**

De princípios tão rudes, a arte do encadernador andou paralelamente com a dos escribas, do decorador e do xilógrafo.

Na época da invenção da imprensa, a arte de encadernar livros "já estava numa fase adiantada, e, desde aquêle tempo, não se introduziu nenhum melhoramento para aperfeiçoar a forma ideal de um livro".

Assim, podemos dizer que, com a invenção da impressão de tipos **móveis**, a aplicação da prensa e o uso de tinta oleosa, a Bíblia de 42 linhas de Gutenberg foi a grande base sôbre a qual se assentou a evolução do livro.



Imagens Fabulosas do mundo atual

Embora a atual população do mundo seja ligeiramente superior a 2 bilhões e 200 mil pessoas, desde o nascimento de Jesus Cristo até hoje viveram neste mundo 40 bilhões de pessoas, aproximadamente.



Sabe o leitor quanto custa... pescar? Segundo o Departamento de Caça e Pesca, dos Estados Unidos, que realizou estudos no Parque Nacional de Yellowstone, onde uns 200 000 pescadores vão, anualmente, tentar a sorte nas águas do Lago Central, dêsse parque, são necessárias mais de 200 000 horas de continuados esforços, com o caniço em punho, para pescar... 149 000 peixes, pesando — em média — 400 gramas cada um!

Só um têrço de tôdas as mulheres entre 20 e 24 anos, e apenas 15 por cento das mulheres entre 25 e 35 anos, estão casadas, em todo o mundo, devido à grande crise econômica que vem afligindo o mundo nos últimos dez anos. Em 1940, essas figuras eram de 50 por cento e 23 por cento, respectivamente.

Segundo os resultados de um inquérito recente e muito sério, realizado sob a direção de alguns cientistas inglêses em solos de variadas regiões da Terra, nada menos de 40 000 000 de formigas, aranhas, abelhas, vespas e outros incômodos animais, vivem em cada acre de terreno. Isso aliás, o leitor já havia suspeitado, por certo, com a sua experiência de pique-niques...

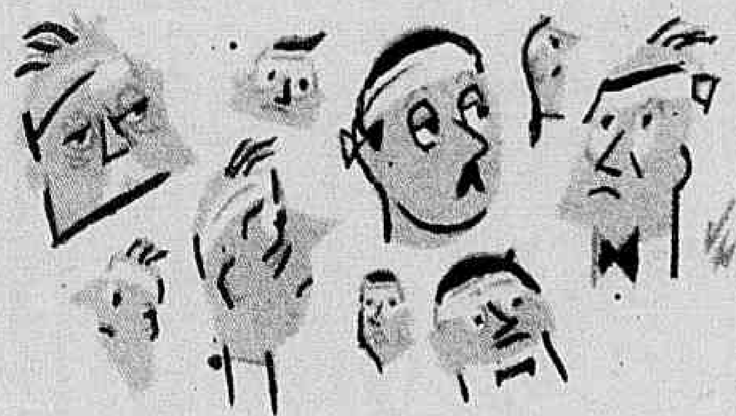
O norte-americano, segundo revela uma estatística, está comendo mais peru que outrora. De fato, em 1930, sòmente 18 milhões dessas aves foram sacrificadas ao apetite nacional. Hoje, graças aos automáticos que vendem sanduíches de peru — e ao elevado custo do bife — 53 000 000 de perus são sacrificados anualmente — o suficiente para fornecer 5,4 libras de carne por pessoa.

54 000 cientistas e engenheiros (47% do total nacional norte-americano) estão, atualmente, engajados em pesquisas.

Estamos pagando, hoje, 337 cruzeiros pela mesma quantidade de alimento pelo qual pagávamos apenas 100 cruzeiros, em 1939 — o ano em que o quilo de carne de primeira qualidade custava seis cruzeiros!

A velocidade da máquina de costura aumentou de 50 **pontos** por minuto (há cem anos) para 83 **pontos...** por segundo, atualmente.

A moléstia mais temível do mundo atual é a malária, que ataca cêrca de 800 000 000 de pessoas, anualmente, e mata uns 3 000 000.



Os norte-americanos estão consumindo tabletes de analgésicos à razão de 15670944200 anualmente, gastando ainda cêrca de 85 milhões de dólares experimentando outros recursos terapêuticos para combater a dor de cabeça.

As possibilidades do leitor vir a ser pai de gêmeos é de 1, em 92, segundo recente estudo realizado por várias instituições internacionais. Os triplos nascem 1 vez em 9 400 partos; já os quádruplos são ainda mais raros: 1 vez em 620 000!

VOCÊ SABE CHAMAR A *Polícia* ?

REALMENTE, está é uma pergunta muito interessante: o leitor (cu leitora) sabe quando deve — e quando não deve — chamar a polícia? Já terá feito, por acaso, essa pergunta a si próprio, a fim de verificar se está, de fato, preparado para qualquer emergência ou se, ao contrário, vai perder tempo, talvez precioso, ou cometer uma **gaffe** maiúscula?

Vamos ver alguns fatos bastante elucidativos:

O homem, ainda muito moço e muito simpático, retirou o chapéu; tinha o ar levemente acanhado e foi com um sorriso amável que perguntou à senhora de idade, que atendeu ao seu toque de campainha, **se era ali que residia ou se sabia onde morava, pelos arredores, um certo Dr. Alberico... Alberico... Alberico Rocha... ou Gomes, não podia ter a certeza... de bigodinho aparado, magro e alto, com uma filha loura...**

Não. Infelizmente a senhora de idade não podia informar. Jamais ouvira falar sôbre tal pessoa naquela rua... Mas talvez que, mais adiante...

O rapaz simpático agradece, desculpando-se. Esquecera o nome todo! Era uma pena! Precisava tanto encontrar o Dr. Alberico! (Retira-se com um largo cumprimento)

Na mesma noite, vai bater em outra casa, **por coincidência também isolada, como a primeira,** a fim de indagar sôbre o Dr. Alberico. Mas não encontrando os moradores em casa... força à porta e faz, no local, uma completa "limpeza".

Quando, finalmente, pôde ser prêso, semanas mais tarde, confessou ter conseguido, por êsse processo, roubar em duas dúzias de residências. **E nem uma só** das pessoas que êle havia procurado, a fim de pedir informações sôbre o "Doutor Alberico", se lembrou de ligar a sua rápida passagem aos roubos havidos na vizinhança. **Nem uma só foi contar o caso à Polícia...**

— Para que contar isso? Coisa tão natural! Tão comum!

Então cabe perguntar: quando e por que você deve e quando e por que **não** deve chamar a polícia?

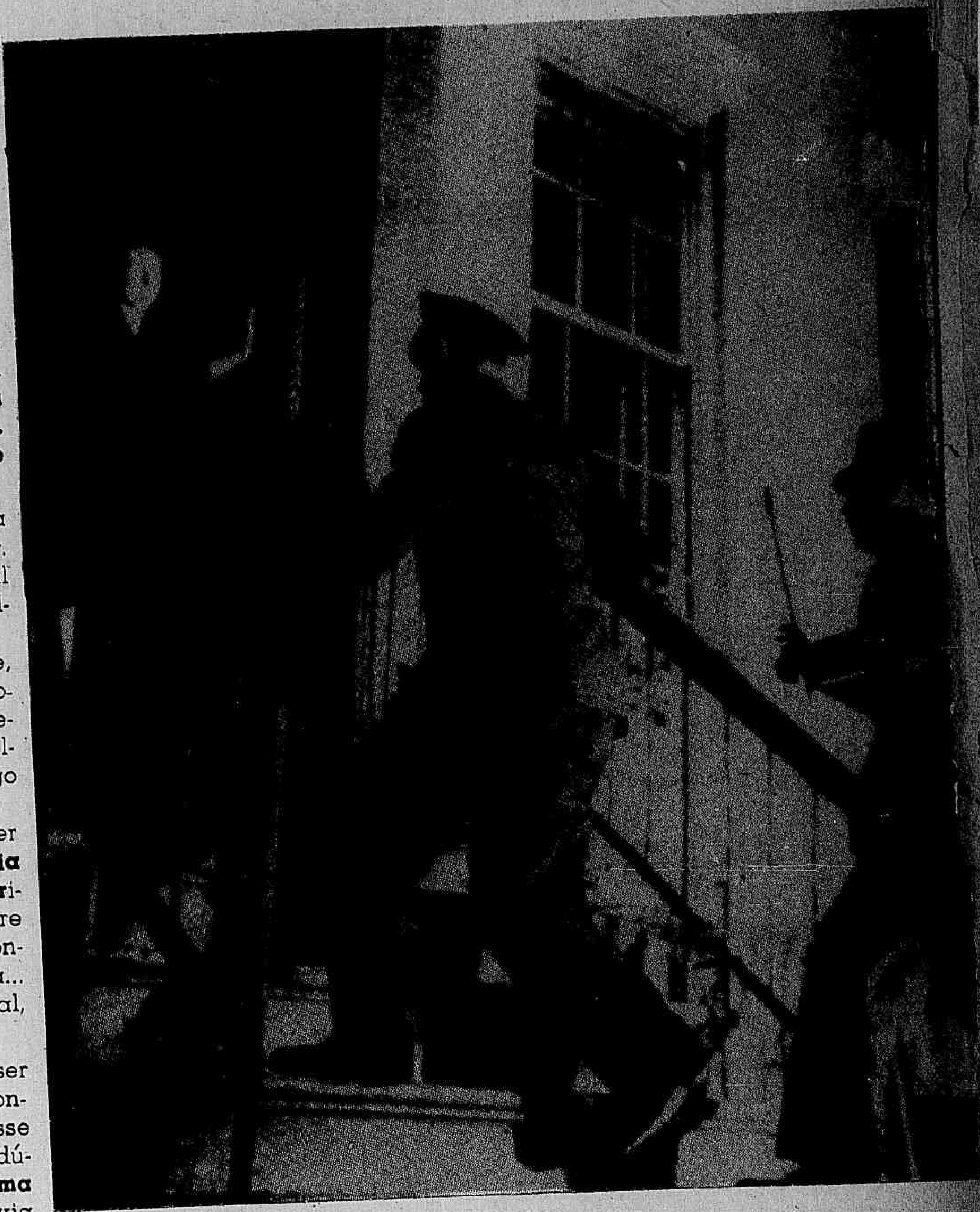
A polícia, com todos os seus departamentos e suas delegacias, existe para três funções básicas:

a) prevenção do crime;

b) detecção do crime;

c) prisão dos violadores.

Naturalmente, seja onde fôr que ocorra um crime e dêle sejamos testemunhas, temos por dever comunicar imediatamente à polícia. Porém, entre assassinatos, agressões, assaltos e outros inúmeros tipos de crime, há outros, incontáveis e menores, incidentes ligeiros e que bem podem merecer um urgente chamado à polícia. Mesmo



ALARMA — Para ação mais rápida tenha o número da "Rádio Patrulha" bem visível junto do telefone

fatos de menor importância, como, por exemplo, vizinhos barulhentos, rádios gritadores, até altas horas da noite, podem ser "casos de polícia" — **desde que êsses ruídos exagerados interfiram com o sono ou prejudiquem a saúde.**

NÃO ESPEREM! — A invasão da propriedade alheia é ato criminoso, que deve ser imediatamente reportado à polícia. No caso do leitor ver alguém entrar na residência de um vizinho, estando êste ausente da mesma, em férias por exemplo, deve comunicar urgentemente à polícia. Da mesma forma dará aviso à polícia, se ouvir ruídos suspeitos no interior da sua própria casa ou no jardim, à noite.

Uma senhora, só em sua residência, com os filhos menores, tem o direito de chamar a polícia para que lhe dê a proteção que ordinàriamente lhe é dada pelo espôso, no momento ausente.

Se um indivíduo (dêsses que procuram vender artigos domésticos de porta em porta, ou um bêbedo) tomar atitude insultuosa ou faltar com o devido respeito... **não esperem!** Chamem a polícia! Se alguém, repentinamente, adoece gravemente e a leitora não sabe como encontrar um médico... **não hesite!** chame a polícia!

Se uma criança não regressa da escola ou de um passeio à hora prevista, e não pode ser localizada dentro de um espaço de tempo razoável... **Não esperem!** Chamem a polícia!

Se uma senhora volta para casa e encontra um ébrio caído na calçada, barrado-lhe a passagem ou tem os passos tolhidos diante da sua porta, por algum cão desprovido de focinheira... também poderá apelar para a polícia; principalmente se o animal aparenta estar doente ou está ferido.

Se a leitora fôr obrigada a caminhar sòzinha por uma rua, transportando grande quantia em dinheiro ou jóias, vários departamentos da polícia poderão fornecer-lhe uma escolta.

Se uma criança fica trancada num quarto ou banheiro e não se consegue abrir a porta e libertá-la, podem chamar a polícia.

Se o leitor saiu de casa para ir viajar e imagina que deixou determinada porta aberta ou apenas encostada, pode telefonar para a polícia relatando o fato e pedindo que tire o fato a limpo e providencie o necessário para a salvaguarda dos seus bens.

Da mesma forma, quando tiver que se ausentar com a família, deixando a casa inteiramente abandonada e sem vigia, poderá prevenir a polícia a fim de que a "tenha sob especial vigilância".

CHAME A POLÍCIA QUANDO :

1 **Um crime foi, ou está sendo cometido.**
2 **Um estranho insiste em penetrar na propriedade alheia.**
3 **Algum ruído realmente suspeito quebra o silêncio da noite.**
4 **Os ruídos da vizinhança são constantes e perturbadores do repouso e da saúde.**
5 **Uma criança desaparece de casa ou no caminho da escola, etc.**

NÃO CHAME PARA:

1 **Corrigir alguma criança teimosa e malcriada.**
2 **Resolver discussões de família.**

CHAMEM DEPRESSA! — Vale porém recordar que no caso de haver contratado alguém para efetuar, digamos, uma limpeza semanal, convém prevenir a polícia, a fim de que não ocorra algum incidente desagradável com aquela pessoa.

Mas, é claro, nem sempre é justo que se chame a polícia!

Há pessoas que chamam a polícia sem qualquer razão, e com isso fazem os policiais perder tempo precioso, que muito bem poderiam empregar em outro setor mais necessitado.

Não chamem a polícia, para decidir discussões familiares ou apenas porque um bêbedo está encostado à árvore da esquina (a menos que, num e noutro caso, surjam atos de violência). Acima de tudo, não chamem a polícia para corrigir crianças rebeldes! A menos que alguma emergência tenha ligação imediata com a proteção de uma vida ou propriedade, melhor será apelar para a ajuda de um amigo ou de um vizinho. Mas, se a situação é realmente grave, chamem a polícia. **E chamem depressa!**

Tenham em lugar certo o número da delegacia correspondente à rua em que residem, assim como o do Corpo de Bombeiros, Hospital mais próximo e Rádio Patrulha. Em caso contrário, chamem a telefonista de auxílio e digam simplesmente — **Polícia — Urgente.**

E quando houver dúvida, quanto a se deve ou não ser chamada a polícia, não hesitem: **chamem mesmo!**



NOVIDADES E INVENÇÕES

Eis uma boa notícia para os automobilistas, especialmente para aquêles que se esquecem de experimentar as baterias de seus carros. Uma companhia de pesquisas, de Miami, afirma que, as novas tampas por ela descobertas prolongam de seis a dezoito meses a duração das baterias. O motivo disso é que essas tampas estão cobertas por um material químico, o paládio, que torna a transformar em água o oxigênio e hidrogênio que procuram escapar, conservando a bateria sempre cheia, e, além disso, dissolve as emanações ácidas, que corroem o metal.



Os cientistas conseguiram produzir um iodo radioativo, capaz de deter a evolução de certos tumores e que elimina algumas formas de câncer da tireóide.

A ASTRONÁUTICA E SEU PASSADO

Abandonar nossa morada terrestre e tomar um impulso através das vastidões cósmicas, em direção aos astros que povoam a imensidão dos espaços, parece um imperioso desejo que os homens se legaram através das gerações.



A cada passo, no estudo que é feito de cada povo, é comum encontrar vestígios dêsses **vôos celestes.** Em Ninive, após prolongada busca, foram encontrados os cilindros de barro, provenientes da biblioteca do rei Assurbanipal. Êles nos contam a ascenção do rei Etam para o céu (3.200 anos A. C.) e nos revelam "que êle subiu ao céu **tão alto que os mares e as terras passaram a ser, para os seus olhos, como um simples pão dentro de uma cesta"!**



Em 1641, Grimelhausen idealizou coisa muito mais simples: prender em redor do corpo vários garrafões com rócio e esperar que o calor do sol os elevasse também com a evaporação . . .



OS VEÍCULOS DE AMANHÃ! — Desenhos de Chesley Borestell, desenhista científico norte-americano, representando um automóvel lunar. No céu, a Terra e as estrêlas são visíveis, tanto durante o dia como durante a noite lunar.

No **Vedas,** livro sagrado dos Indus, eram as almas que realizavam o percurso interplanetário. Entre os Esquimaus, a mesma crença subsiste e a Lua é escolhida por êles como a meta preferida para as suas viagens.

A obra sânscrita de "Bhagavata" (XV século antes de Cristo) dá preciosas diretrizes aos "yoghis" **para se guiarem até ao nosso satélite** e, na mesma época (na magnífica época de Ramayana) é descrito o passeio celeste de Rama.

Entre os povos, através dos tempos, nas regiões as mais diversas do nosso globo, êsse desejo sempre subsistiu! Uma lenda muito antiga, de origem mexicana, conta a visita, ao povo Maya, de um Deus que desceu entre êles **por uma teia de aranha!** E por sua vez, entre os Peruanos, é costume afirmar que o fundador da dinastia dos Mango-Gueella veio do céu, juntamente com a sua **espôsa**. Também os egípcios acreditavam, firmemente, na habitabilidade das estrêlas, da Lua e de todos os demais planêtas. Quanto aos Japonêses, acreditam que o deus Souzano residiu na Lua, antes de vir habitar a Terra; devemos acrescentar, também, que os antepassados dos chineses caíram todos da Lua — e que, finalmente, um príncipe persa "se aproximou ousadamente do Sol, **montado num cavalo de madeira!**



Em várias obras, parece igualmente que os moradores da Atlântida — supondo que êles te-

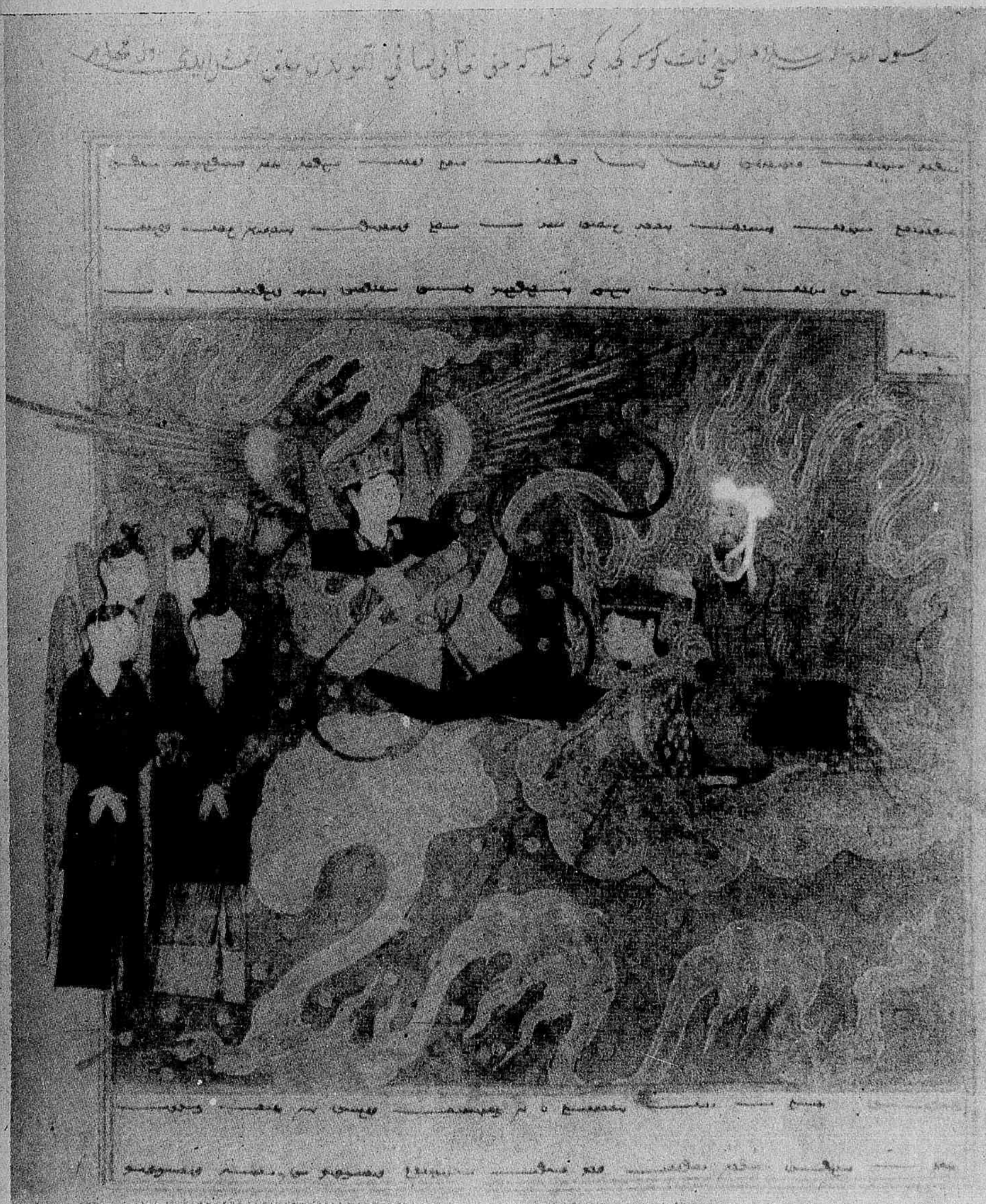
nham existido — teriam escapado da destruição do seu continente utilizando os aparelhos reativos que lhes permitiram atingir os planêtas.

A rapidez da flexa não foi totalmente desdenhada e Herôdoto muitas vêzes escolheu êsse meio para enviar os homens aos quatro cantos do mundo.

Foi igualmente uma flexa lançada ao céu da tôrre de Babel e, em 194 antes da nossa era, o imperador da China, Wou-hi, praticou um gesto análogo que não alterou, em nada, a harmonia celeste. Um outro Mongol lançou uma flexa tão alta **que só caíu de volta, na Terra, depois de ter trespassado, durante o seu percurso, diversas estrêlas!**

*

Mas nem todos foram felizes nas suas expedições cósmicas e uma lenda nos conta a aventura de um mandarim, Wan-Tou, que não teve



E Mahomet subiu ao céu, precursor da astronáutica, montado num ser misterioso, com cabeça de mulher...

êxito na sua tentativa. Êste último, entretanto, querendo subir às nuvens, amarrou no seu trono 47 foguetes, que foram acesos simultâneamente. Uma vez dissipada a fumaça não foram encontrados nem o trono... **nem o mandarim!** Tal foi o desastroso resultado da primeira tentativa astronáutica.



Caricaturistas inglêses de outrora já haviam previsto a propulsão a reação

Recordemos ainda que, antes da nossa era, os Gregos acreditavam que o céu e os astros estavam tão próximos da Terra, que seria apenas necessário subir voando nas costas de uma águia para poder alcançá-los com as mãos; e pensavam igualmente que um par de asas, sòlidamente fixadas, poderia prestar o mesmo serviço. Ainda é lembrada a tentativa memorável de Ícaro!

Na magnífica época de Alexandre, o Grande, vamos encontrar, também, um dêsses vôos engenhosos: é êle realizado num carro, atrelado a muitas águias esfomeadas e cujo vôo é estimulado por uma "isca" prêsa a uma vara verticalmente colocada.

Na Bíblia encontramos um bom número de **ascenções:** principalmente a do profeta Elias — "que subiu **num turbilhão,** usando **um carro de fogo** arrastado por cavalos também de fogo — está entre as mais características.

No primeiro século da nossa era, Ovídio, nas suas "Metamorfoses", descreve a viagem de **Phaeton** ao Sol, e, no século II, Luciano de Samosata, nos **Menippos,** relata as aventuras de seu herói, que, no meio de uma tempestade, é totalmente envolvido por uma tromba d'água que o transporta, juntamente com o seu navio e tôda a sua equipagem, para o nosso satélite.

No ano 630, no Alcorão, Maomé conta o vôo que realizou para o trono de Deus, montado num animal alado.

Mais tarde, Ferdousi, êsse delicado poeta persa do século X, descreve uma viagem do xá Kay-Kaus ao céu; afirma que, chegado ao ponto culminante da sua viagem, o xá lançou para o espaço uma flexa, antes de retornar à Terra.

Na epopéia nacional finlandesa, o "Kalevala", um conto, nos revela **o vôo de uma abelha em direção ao Sol, à Lua e às estrêlas;** um outro trecho nos fala da chegada de um urso à terra, do rapto do sol e da lua e



H. G. Wells nos falou também dos "primeiros homens na Lua".

também da sua restituição. A literatura astronáutica da Idade Média é, por assim dizer, inexistente. Os autores, sem dúvida alguma, se desinteressaram dêsses passeios cósmicos, talvez **temendo a fogueira;** o único passeio ao céu que podemos ter dêsse período é o que foi realizado, **a pé,** por um missionário!

Podemos ainda citar a viagem de Dante ao Reino das Estrêlas.

E' a partir da Renascença que o problema toma vulto e as obras se multiplicam. Também Ariosto aproveita para enviár à Lua Astolfo, o mais que famoso herói do "Rolando Furioso".

Em 1634, Kepler, e um pouco mais tarde A. Kircher, fogem, **em sonno,** da nossa terra. Enfim, Godwin, escolhendo para meta o mesmo satélite, faz o aventureiro Gonzalez partir com uma equipagem composta de patos selvagens. Alguns anos mais tarde, Grimelhausen usa de processo em todos os pontos igual; depois, em 1640, surgem **com versos de viagem à Lua,** nos tempos de Galileu.

Entretanto, os romances não são mais ùnicamente fantasistas; os pássaros, a abelha, a flexa, enfim, são substituídos por aparelhos munidos dos meios os mais diversos (e geralmente muito complicados). O domínio do conhecido é pôsto a serviço dos autores e as descobertas, que se multiplicam, passam a ser a fonte interminável para aquêles que desejam, cada vez mais, dar às suas fantasias uma certa verosimilhança.

Em 1638, Wilkins é o primeiro a introduzir essa nova fórmula; Cyrano de Bergerac o segue de perto e, por uma intuição verdadeiramente no-

Domingo Gonzalez atingiu a Lua de maneira facílima . . .

tável se antecipa, de mais de um século, não sòmente à invenção do balão e do pára-quedas, mas também à aplicação do motor reativo à astronáutica.

O impulso está dado, e podemos registrar desde então o aparecimento, em intervalos cada vez menores, dos romances, contos ou projetos visando a exploração cósmica. Começam a ser escritas as observações sôbre os habitantes planetários, tais como as de David Fabricius; os cientistas, como os romancistas, se esforçam por descrever os seus costumes, o ambiente em que vivem; o mundo começa a se interessar cada vez mais pelas outras "Terras" do céu, irmãs da nossa, onde alguns pretendem que há vida mais intensa, **mais febril ainda que na nossa.**

Newton prevê a realização possível de um navio cósmico, "movido por reação" e, em 1742, Kindermann envia, por meio de um balão no qual foi feito vácuo, cinco de seus personagens sôbre um satélite de Marte! Kindermann, aliás, sonhava ir, algum dia, até Júpiter e Saturno **a fim de fazer grande colheita de cereais e plantas exóticas, "conforme outros já haviam feito"!**

Em 1765 surge, em Haia, uma obra importante, escrita por Maria-Ana Raumier, sôbre a **Viagem de Mylord Cedon aos Sete Planêtas** e, logo a seguir, aparece outro manuscrito que relata a chegada dos habitantes de Mercúrio sôbre a Terra, por meio de engenhos **movidos elètricamente.**

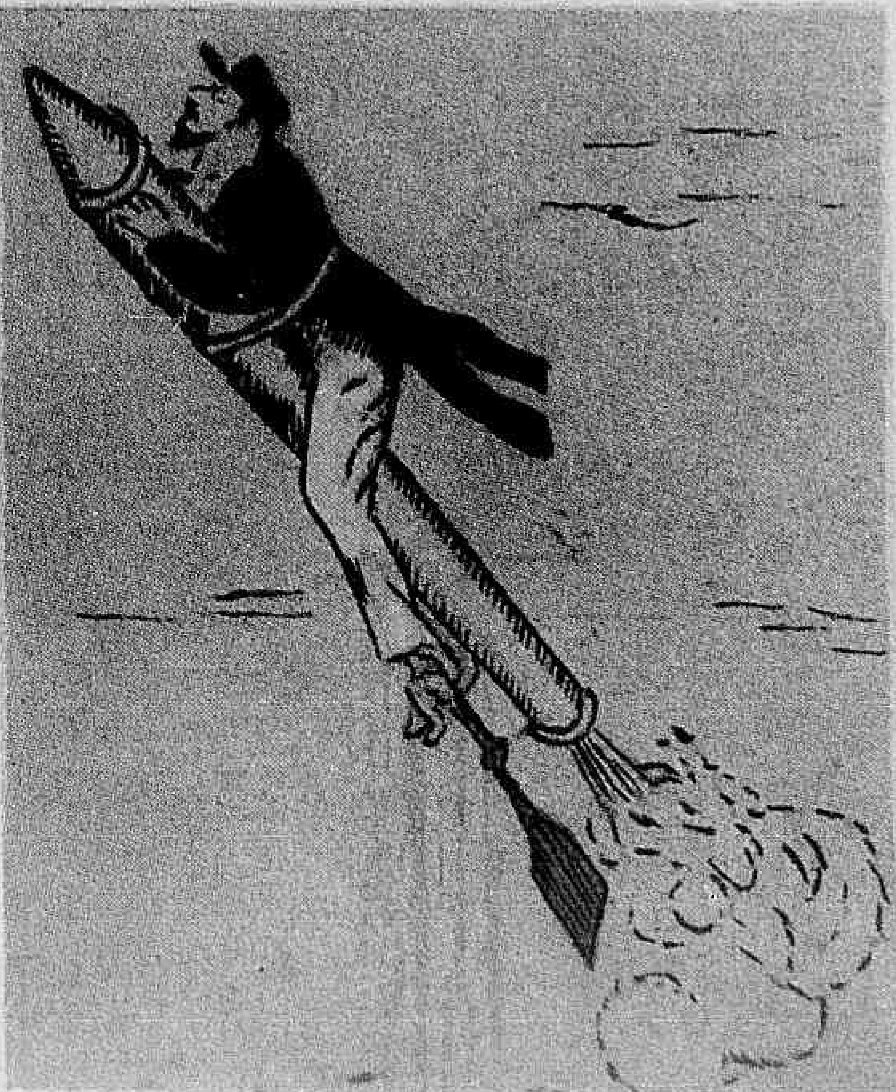
O século XIX, tão rico em descobertas de tôdas as sortes, incita os autores, mais que em outra qualquer época, ao romance científico e, na maioria dos casos, ultrapassam a própria ciência.

Assim é que Hans Pfall, o herói de uma narrativa de Edgard Pöe, escrita em 1835, **conseguiu chegar à Lua numa cabine esférica hermèticamente fechada, sustentada por um balão de grande dimensão.** O autor estava longe de suspeitar que, exatamente 3 anos mais tarde, seria usado o mesmo princípio para se elevar à estratosfera. Em 1852, o Dr. Cathelineau propôs, num romance, o emprêgo de uma matéria anti-gravitacional e nisso se antecipou à prestigiosa "cavorite" de Wells; depois é a vez da obra imortal da **La Légende des Siècles,** em que Victor Hugo canta o nascimento da aviação e da astronáutica.

Em 1863, Achille Eyraud, numa linguagem menos poética talvez, porém não menos sedutora, descreveu **uma viagem sôbre Vênus,** e emitiu a idéia de que o seu navio celeste **poderia, graças aos foguetes,** progredir mesmo no vácuo!

Mas devemos esperar 1865, exatamente, para ver surgir, com Júlio Verne, o verdadeiro romance científico. Sua obra **Da Terra à Lua** continua a ser, hoje ainda, uma obra notável, **porque marca, indiscutìvelmente, a data intermediária entre a pura ficção e a possibilidade prática.**

Desde então os romances se multiplicam e vemos aparecer os



OS FOGUETES DE ONTEM — A fantasia supunha que o "astronauta" cavalgaria um foguete pouco maior que o das nossas noites de S. João.

projetos mais inverossímeis. André Laurie propõe **aproximar a lua por meio de um ímã,** a fim de passar mais fàcilmente para a sua superfície — ou **reunir a Terra a seu satélite** por meio de uma avenida pela qual fôsse possível circular livremente.

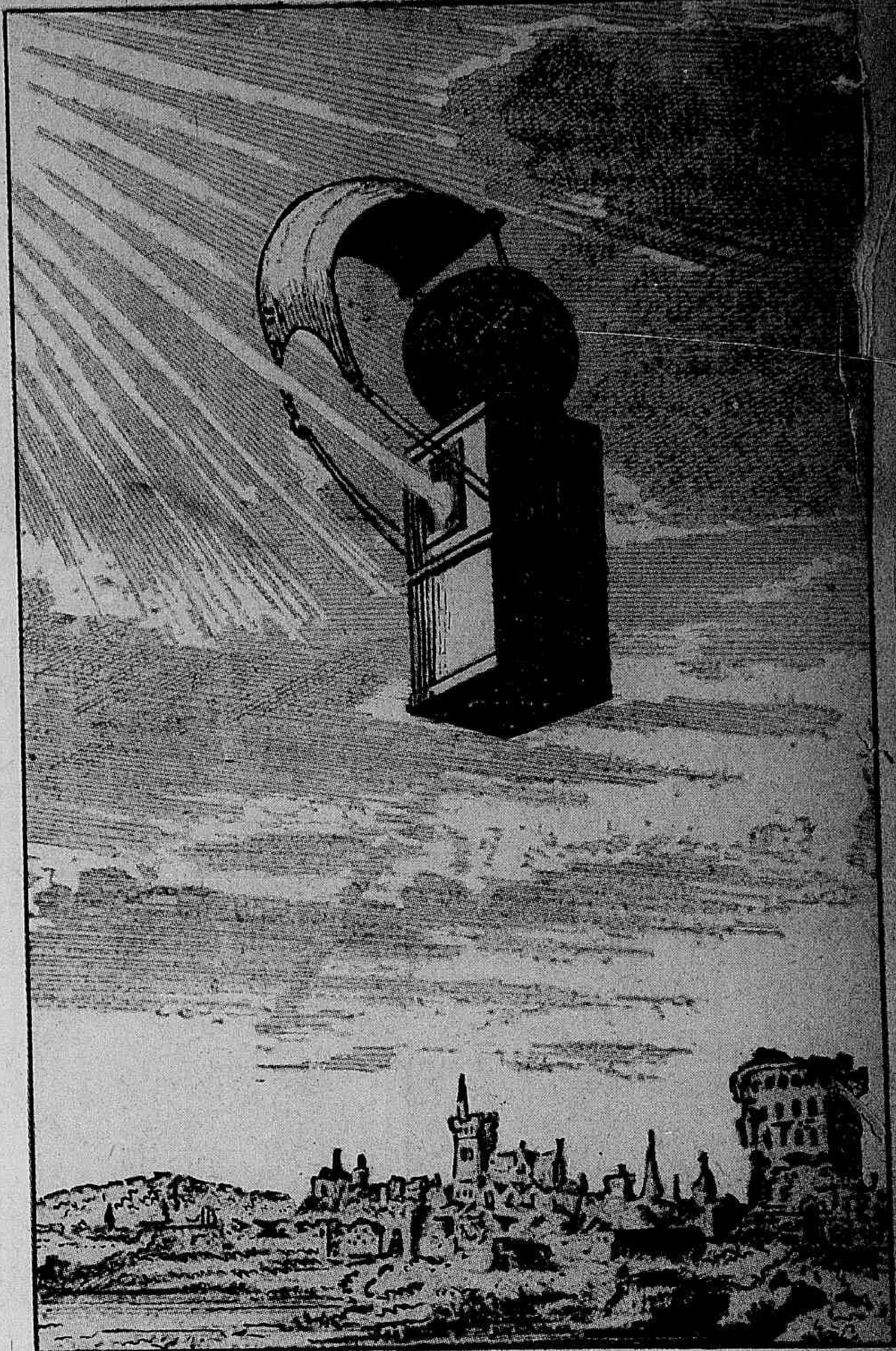
O barão de Munchausen, para atingir a Lua, propõe, entre outros processos, o do crescimento de uma planta ou, mais simplesmente, a viagem sôbre a bala de um canhão! Em 1895, Faure e Graffigny consignam, em três volumosas obras, as extraordinárias aventuras de um sábio russo através do sistema planetário, em engenhos que desafiavam tôda imaginação.

Em 1897, com Ganswung e Zolskowsky, o maior reativo é pôsto a funcionar e chegam mesmo a estabelecer uma série de projetos notáveis.

Finalmente Wells, no início do século XX, antecipa a chegada dos Marcianos à Terra e descreve a invasão de nosso globo — e o faz de maneira alucinante. A seguir preconiza um aparelho engenhoso para a utilização da matéria gravitacional.

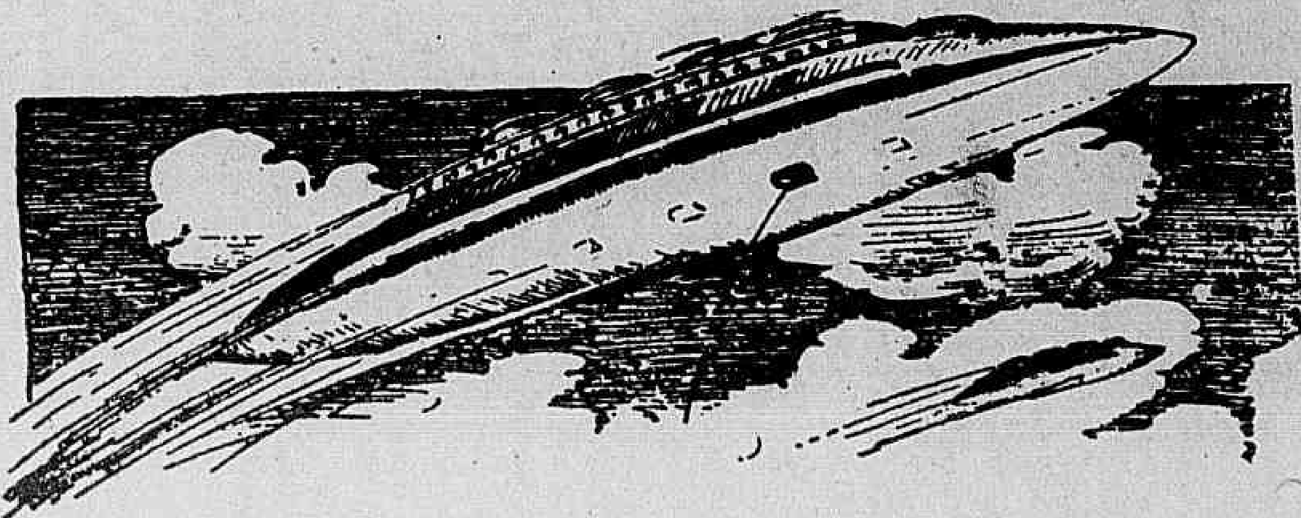
E o capitão Ferber, em 1908, diz, entre outras coisas que, "para voar mais alto era necessário um meio diferente do avião; **o motor reativo é o mais indicado...**"

Não devemos esquecer, sem incorrer em grande injustiça, os desenhistas e os caricaturistas que, a sério ou por pura blaque, "inventaram" várias centenas de aparelhos, todos capazes de conduzir, com relativa confôrto, o Homem através dos espaços interplanetários. Foram, é claro, "ensaios" sem pretensão científica, mas alguns com um notável bom senso e muita intuição do que realizariam ou estariam tentando realizar os cientistas do presente.



Entre os Inglêses, Robinson conquistou o primeiro lugar porque, com a sua humorística e o seu modo de "simplificar", não esqueceu o impulso por meio do foguete para nos conduzir um pouco à la maluca, perdendo os óculos e o pince-nez no seio dos marcianos.

Ficaram os caricaturistas a meio caminho entre os cientistas e os romancistas.



Um dia será lançado o navio cósmico.

Se, durante o século XIX, os romancistas ultrapassavam a ciência — pelo que não podem ser censurados, mas até elogiados, porque inspiraram inúmeras descobertas modernas — atualmente êles a seguem, espreitam os seus menores progressos e os utilizam com finalidades astronáuticas.

Entre os romancistas mais cotados, Rosny — **ainé** — foi o que mais se destacou nessa arte, e a ciência da navegação cósmica deve ao escritor francês — senão a descoberta de um processo novo — ao menos a criação da palavra **"astronáutica"**.

A. ANANOFF

Rio

No fim da semana Carling chegou à conclusão de que sua viagem para recrutar nativos fôra um fracasso. Os nativos nem sequer o ouviam. Preferiam morrer de fome em suas cabanas, à beira do rio, a trabalhar nas plantações de fumo, onde teriam boa alimentação, moradias decentes e uma orientação técnica segura, para que melhorassem sempre.

O mal era que êles já haviam trabalhado para os brancos, antes — e para brancos inescrupulosos — que eram os grandes responsáveis pela atual desconfiança.

E agora as coisas começavam a piorar com as chuvas impiedosas e Carling devia voltar para as plantações imediatamente, embora começasse a escurecer e o rio já revelasse princípio de enchente.

Sem outro remédio, Carling reuniu as suas coisas, despediu-se do delegado e do chefe da aldeia e, passando pelas miseráveis palhoças dos nativos, encaminhou-se para a margem do rio. Seus homens o esperavam. Observaram a expressão de Carling já prevendo a sua decisão. As águas barrentas do rio engrossavam, criavam fôrça para arrancar uma palmeira de sagu, que passou, boiando, com as raízes de fora, como as mãos aflitas de um afogado.

— Nós tentaremos a travessia — falou Carling aos empregados.

Êle precisava voltar. Para os nativos o rio era uma espécie de deus temível e poderoso. Quando o nível das águas cobrisse os seus campos, os poucos empregados que tinha desertariam e a sua espôsa ficaria abandonada, e cheia de terror.

NOVELA DE

HUGH B. CAVE

Tradução de

SYLVIA JAMBEIRO

Tenebroso

Saltou para dentro da embarcação e disse:

— Iremos até onde fôr possível e então saltaremos e tomaremos a estrada.

Sua espôsa! Interessante como os seus pensamentos se agarravam a ela, naquele instante, enquanto perigosamente o barco era levado pelas águas escuras do rio. Êle sabia o que ia acontecer; suas marés eram violentas. Mas o que êle não conseguia era imaginar a reação de sua espôsa ante a inclemência das águas enfurecidas.

Há seis meses tinham casado, em Melbourne, em uma de suas raras visitas ao lugar. Elena, certamente, achara romântico ser a espôsa de um homem cuja vida era devotada a ajudar os esfaimados e supersticiosos nativos da Nova-Guiné.

Era jovem e linda, e chegou à Nova-Guiné como uma princesa em férias, com numerosas malas cheias de objetos fúteis, além de belos e dispendiosos vestidos. Êle achou tudo aquilo muito divertido.

— Chefe... (o empregado que ia na pôpa do barco virou para êle os olhos esbugalhados de mêdo) rio vingativo e mau.

— Ainda não — atalhou Carling, tentando incutir coragem. E seus pensamentos continuaram na espôsa: vestidos de sêda — e que ela nem chegou a usar. Recordava-se bem da expressão dela quando, gentilmente, lhe aconselhara, afirmando que **era melhor guardar tudo nas malas.** Ela não se queixou, mas a expressão desapontada dos seus belos olhos lembrava um sonho agonizando, embora ela se voltasse para êle com um sorriso triste e o beijasse carinhosamente, para provar que não se importava.

Carling tentava desesperadamente salvar a espôsa ameaçada pelas águas tenebrosas do rio e pelos nativos

E depois disso, quantos vêzes, às escondidas, ela abria as malas e tirava as suas jóias, para tocá-las com as mãos trêmulas e admirá-las em silêncio, guardando tudo em seguida.

Às vêzes a surpreendia mas voltava-se, rápido, fingindo que não tinha visto. Ela, certamente, odiava aquilo tudo, segundo êle pensava. Odiava a casa rústica, onde moravam, odiava os insetos e a solidão. Seus belos vestidos se estragavam irremediàvelmente.

E ela temia o rio! Acima de tudo, temia aquelas águas turbulentas e traiçoeiras que nesta noite pareciam, a êle próprio, mais bravias e ameaçadoras do que já tinha visto nos seis anos em que ali vivia.

— Chefe... — gemeu um nativo, apavorado.

A esta altura o ruído dos remos lembrava o rolar de contínuos trovões. Continuar era verdadeira tentativa de suicídio.

— Está bem, vamos para a margem. — Ordenou aos homens.

O resto do trajeto teria que ser feito a pé, e a caminhada seria um longo pesadelo, por uma estrada que se transformara em pântano.

Os homens não quiseram acompanhá-lo, mas não se importou; sabia tão bem quanto êles o caminho e os perigos. Mas o rio o deixava apreensivo; nenhum acúmulo de chuva poderia justificar tamanho aumento no volume das águas, que já devoravam as margens por onde êle seguia.

Por que, aquêle absurdo?

Já chegava às vizinhanças de suas terras quando o dia começou a surgir e então pode achar explicação para o caso. Lembrou-se da palmeira de sagu, arrancada pelas águas, e viu que ali onde o rio se tornava estreito e de margens altas, uma porção de outras plantas gigantescas, arrastadas pelas águas, se acumulara, formando uma espécie de represa que obrigava as águas a voltarem sôbre a corrente provocando a enchente. Agora êle caminhava sôbre lama espêssa e mole, onde o rio começava a se expandir e a inundar suas terras. Com calma surpreendente examinou a situação: a não ser que a barreira de árvores, galhos e palmeiras cedesse, as águas do rio se expandiriam sôbre os seus campos e a plantação estaria perdida. Seis anos de paciente labor e incontáveis sacrifícios! De qualquer modo, em questão de minutos, as águas invadiriam tudo. Êle não se importava, a casa nada valia; mas Elena estava lá, assustada, apavorada, os nativos já teriam fugido, amedrontados e desnorteados. Então tratou de correr.

A primeira coisa que êle notou, quando atingiu a varanda e abriu a porta, foi a ausência das grandes malas onde ela guardava os vestidos. Nada mais era preciso para saber que ela se fôra, e levara as suas preciosidades. Como era criança!

Correu aos outros cômodos, gritando por seu nome, em vão. Ninguém ficara na casa. Cozinheira, empregados, plantadores — todos haviam desertado. A casa estava vazia. Alguns criados, por certo, deviam ter ido com ela, pois era impossível que Elena tivesse carregado aquelas malas e bobagens sozinha. O resto devia ter fugido.

Voltou, correndo, para a beira do rio e viu alguns botes vazios, ao sabor das águas. O maior de todos não estava ali; ela o devia ter usado! E àquelas horas ela estaria no meio do rio, tentando chegar ao povoado, ignorando a monstruosidade da violência prestes a desencadear-se ali mesmo, logo que a tal represa natural rebentasse.

Por um momento o impulso de Carling foi o de tomar um daqueles botes e tentar alcançá-la; mas

foi sensato bastante para saber que jamais o conseguiria. Conservou o olhar para o caminho por onde viera e mordeu os lábios — oito milhas — oito penosas milhas através do mato e sôbre pântano cortado por algumas rústicas e frágeis pontes, aqui e ali... e êle exausto, febril, molhado até aos ossos!

O mato se fechava como porteira, atrás dêle, o ar, úmido e pesado; os mosquitos perseguindo-o. Corajosamente, Carling começou a andar, rezando para que as suas fôrças não o abandonassem. Precisava desesperadamente de suas fôrças, pois o chão onde pisava era mole e escorregadio como geléia; e por sua vez, o vento sacudia impiedosamente as árvores onde se prendiam as pontes por onde tinha que passar, como uma aranha, sem olhar para trás!

Tocou para diante, mais e mais, sôbre o lôdo, terra, pântano, e vendo derrubadas árvores gigantescas que ainda ontem se erguiam majestosas à margem do rio. Milha após milha... E que o esperava, quando chegasse ao povoado? Elena, sentada entre as suas malas, no escritório do delegado, **se o rio tivesse misericòrdiosamente permitido.** Ali ela esperaria o primeiro vapor que aparecesse para a levar de volta à civilização, para longe dêle! Êle deveria ter contado com isso. Não que ela não o amasse; amava-o, sim; mas não era questão de amor! Ela suportaria, sim, o desconfôrto, por êle; sacrificaria muita coisa. Mas Carling exigira muito, muito mesmo, ali, naquele inferno nativo!

Atravessou mais uma ponte; o tempo já não tinha mais significação para êle; podia calcular pelo aumento do próprio estado febril e pelo entorpecimento dos músculos. Continuava a chover aumentando o potencial de fôrça hidráulica, por trás da reprêsa natural! Êle ouviria, quando rebentasse! Ouviria o ruído da destruição, como se um trem enorme passasse, esmagando tudo... e então êle fugiria das margens para a mata, às cegas...

Era, porém, outro, o ruído que ouvia! Era um canto! Parou, sem querer acreditar; mas o som era real! Vinha do lado oposto, onde a terra era mais alta e havia uma estrada que êle desconhecia. Quantas coisas os brancos jamais conhecem nas selvas; mas... Repentinamente parou rígido e lívido e viu: os nativos seguiam em fila, cantando; a chuva não deixava que êle visse muito bem, mas as suas roupas eram diferentes... e então o seu coração parou; um soluço desesperado sacudiu todo o seu corpo.

Eram os preciosos vestidos de Elena, que êle via, cobrindo a nudez dos nativos! Sêdas e rendas que ela costumava olhar com tanto carinho, agora em farrapos cobriam os selvagens, que possìvelmente as haviam encontrado espalhadas pelas águas barrentas. Agora era tarde demais!

Sentou-se, ali mesmo, no chão molhado e ficou olhando, angustiado.

Quando o último nativo desapareceu, levantou-se e continuou automàticamente a caminhar. Ia sem pressa, passo a passo, sentindo o coração amargurado. Levou uma hora para chegar e a êle pouco fazia que o rio o tivesse carregado também. Era sua a culpa por tê-la trazido a um lugar daqueles!

Atravessou o povoado, subiu a colina, no tôpo da qual ficava o escritório do delegado. Êle nem sabe bem o que disse quando o delegado o tomou pela mão e o foi conduzindo como a um sonâmbulo para uma cadeira, na varanda.

— Eu... eu queria alguns dos seus homens para subir comigo até ao barranco e desobstruir a reprêsa. A safra está perdida mas queria salvar o campo. Custamos tanto a limpá-lo!!

O delegado olhou para êle, espantado:

— Mas, Carling, é que...

— Não me diga que não! E' preciso! E' preciso! — gemeu Carling.

— Na verdade — falou o delegado, antegozando a surprêsa do seu amigo — todos os homens disponíveis que eu tinha já seguiram para lá, Carling! Sua espôsa os convenceu!

—Não brinque, por favor! — gritou Carling, arregalando os olhos.

— Não estou brincando, meu amigo. Ela está aqui, dormindo, muito cansada. Mas conseguiu o que nem você nem eu conseguiríamos jamais. E ria, satisfeito, sem poder imaginar os pensamentos angustiados de Carling.

— E sabe como ela conseguiu isso? Com a mala cheia de vestidos e coisas bonitas. Rendas e sêdas, Carling! Foi de pé, aqui mesmo, nesta varanda, decidida, positiva como ela só! Negociou tudo o que possuía na mala... e garantiu o futuro de vocês dois.

E tirando um pesado relógio de ouro do bôlso, sorriu com satisfação e disse:

— Êles devem estar chegando lá, agora! Seus campos estão salvos, Carling. Agora venha; venha ver a sua corajosa espôsa.

Mas antes de que êle acabasse de falar já Carling, animado e alegre, tinha corrido ao encontro de Elena.



COMO VIVIAM AS TRAÇAS ?

Os biólogos do govêrno britânico têm estado preocupados com um problema que, provàvelmente, jamais preocupou o leitor: como puderam sobreviver as traças, antes que houvesse, na terra, vestimentas humanas com que se alimentar?

A solução a que chegaram foi surpreendente. As traças vivem e se alimentam... nos ninhos de muitas aves. O conselho que deram os cientistas britânicos para combater as traças não foi, entretanto, o de combater as aves, que são muito populares nas Ilhas Britânicas.

Nem por isso, contudo, a recomendação deixou de constituir uma novidade. A traça — disseram os cientistas inglêses — deve ser submetida a quatro horas de calor intenso, seja qual fôr o estado em que se encontre, desde o ôvo até ao inseto adulto. Em têrmos exatos, o conselho é o seguinte: 41 graus centígrados e 70% de umidade relativa.

Como poderá uma dona de casa criar essa temperatura letal para as traças é coisa pela qual não se interessaram os fleumáticos conselheiros. E, assim, continuaremos a usar inseticidas que sejam fáceis de aplicar.

Mas a maior garantia na luta contra as traças consiste nos novos tratamentos a que são submetidos os tecidos antes de serem postos à venda.



LIÇÃO BEM APROVEITADA

(EPISÓDIO REAL)

DOIS olhos vivos e inteligentes descobriram o rapazola, de 17 anos aparentes, sentado num banco da estação de estrada de ferro da Chicago-Northwestern, em Windy City. Logo ao primeiro olhar, via-se que era algum ingênuo rapaz do interior, o que pareceu ao outro detalhe excelente para os seus "negócios". Eis por que, com gesto natural e ares paternais, o indivíduo de meia-idade foi sentar-se ao lado do rapaz.

— Então? Que faz aí sentado... e de onde vem? Você parece ser inteligente e decente... Como é o seu nome?

— Albert Vienne, senhor. Sou de Lake Villa, no Condado de Lake...

— Sim. Sei onde é. E... que pretende fazer? Já tem emprêgo?

— Não, senhor.

— Ora muito bem. Justamente estou à procura de um rapaz inteligente e bem apessoado. Mas precisa ser alguém que saiba querer e não desista com facilidade. Pois êsse é o primeiro requisito para ser um bom detective.

— *Detective!* (Os olhos do rapazinho brilharam de entusiasmo. Sempre desejara ser detective!)

— Detective, sim... (O homem baixou a voz) Mais até!... Polícia Federal! (Abriu ligeiramente o paletó para que o *tabaréu* visse o escudo de metal) Estou, justamente, trabalhando num caso importante e para o qual preciso de um rapaz esperto. Vamos sair daqui... Lá adiante eu lhe direi como se faz o juramento para ser detective. Aqui tem muita gente.

Fora da estação foi *revelado* o "compromisso". Coisa simples, mas que impressionava!

"Pela Polícia Federal darei a própria vida!" O rapazinho, embora emocionado, aprendeu depressa o juramento e as demais lições dadas pelo "oficial". Antes de tudo só receberia escudo depois de realizar algum serviço realmente valioso; não podia revelar a quem quer que fôsse a sua ligação com êsse importante órgão de investigações do Govêrno Federal; da mesma forma, tinha que ser sempre cauteloso e quando em situação difícil, podia fazer um sinal para algum companheiro próximo, porém um só sinal: passar a mão duas ou três vêzes sôbre os olhos, como se os sentisse fatigado.

Não deixou de prevenir — é claro — que tudo isso exigiria 150 dólares para *as despezas de secretaria, taxas, etc.*, "a fim de tudo ser logo encaminhado a Washington"!

Quando se convenceu de que todo o dinheiro de que podia dispor o matuto havia passado para o seu próprio bôlso e que da vítima não podia sair mais um níquel, o "professor" informou ao "trouxa" que já agora êle podia agir como um Polícia Federal e que por isso podia conceder-lhe apenas o resto da tarde e da noite, pois que na manhã seguinte o aguardaria na Polícia Central, às 9 horas!

O deslumbrado rapaz chegou pontualmente ao local indicado pelo espertalhão e quando, ao fim de quatro horas de espera, não viu chegar o "oficial", resolveu subir as escadarias que conduziam ao pôsto central, onde o chefe dos detectives, George R. McSwain, tratou delicadamente de o informar de que fôra, simplesmente, enganado, tendo caído no conto do vigário".

★

Entretanto, três meses mais tarde, em 13 de fevereiro de 1947, dois Agentes Federais prendiam James Monroe Davidson, ex-convicto, depois do mesmo ter sido apontado por Albert Vienne, na Estação de *Union Depot*.

Porque Vienne aprendera muito bem a *lição*; particularmente a *regra número Um*, que dizia: *"Não desista de uma boa pista, antes de atingir o alvo"*. Durante três meses visitara prolongadamente tôdas as estações de estrada de ferro e principalmente as estações dos trens provincianos apontando-o aos dois agentes destacados para o caso.

Vienne também estava no tribunal, quando o vigarista ouviu a sentença que o mandava passar mais sete anos na Prisão Federal. E quando o condenado se levantou, entre os dois guardas que o conduziriam ao presídio, viu o seu "aluno", que, sorrindo sarcàsticamente, passou repetidas vêzes a mão sôbre os olhos.

Davidson também riu. Riu porém amargamente, reconhecendo aquêle *sinal de "dificuldade"*.

Mas que podia fazer naquela conjectura?

OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS ★ (VII)

NA entrada de uma pequenina aldeia normanda, Malaunay, pouco distante de Rouen, havia, na época, um albergue de péssima reputação. Era dirigido por uma mulher de conduta leviana e que gostava de beber. Chamava-se Paulina Delacroix, era casada com Serafim Druaux e tinha 29 anos. Paulina, que tivera dois filhos, antes de casar, acabou fazendo **um bom casamento**, segundo entendiam os vizinhos. O marido é rapaz sério, trabalhador, econômico, antigo empregado em uma propriedade agrícola, então servindo numa fábrica de margarina, em Malaunay. Serafim Druaux é homem de gênio fácil. Dá-se bem com o irmão de Paulina, Gastão Delacroix, de 18 anos, e que veio viver no albergue pagando por um quarto e comida. Gastão é totalmente diferente da irmã, à qual não cessa de censurar por suas leviandades e seu amor à bebida. Em suma, o trio forma dois campos, que brigam continuamente: os dois homens de um lado, a mulher do outro.

Ela, entretanto, é capaz de enfrentar os dois adversários. Robusta, pesada e disposta a tudo, costumava, sòzinha, com punho viril, expulsar marido e irmão, atirando-os pela porta do albergue. E sua linguagem é ainda mais violenta. Rara é a vez em que ela não sai vitoriosa dessas rixas que, nove vêzes em dez, são provocadas por ela própria.

Nesse dia, porém — 5 de abril de 1887 — ela não consegue dominar o campo de luta: Serafim Druaux, apesar de tôda a sua indulgência, zanga-se afinal, e lança a mulher à calçada, convidando-a a não mais pisar o interior do albergue. Cólera legítima, pois ao voltar do trabalho havia encontrado a espôsa em palestra galante com um vizinho, um certo Poyet, que havia tratado de fugir, deixando os esposos discutindo.

Paulina trocou pernas a noite tôda, pela aldeia, importunando todo mundo com os seus gemidos de ébria; no dia 6, correu o campo, indo de propriedade em propriedade, para voltar, ao cair da noite, a fim de implorar perdão a Serafim, que teve a fraqueza de a acolher. Assim ela recuperou o seu lugar no albergue, logo ao despontar do dia 7. Nos dias 8 e 9, o albergue fica fechado. Não se vê nenhum de seus três habitantes. Mas ninguém se inquieta. Houve em Rouen uma feira importante. Paulina pode ter ido fazer compras. Serafim e Gastão devem ter ficado em Malaunay, onde trabalham. Os vizinhos não manifestam qualquer emoção. Mas, no dia 10, o ferreiro, Aristides Drouet, vai bater à porta do albergue; ali esquecera, dias antes, uma ferramenta. Bate. Nenhuma resposta. Insiste. Nada! Chama-a... Finalmente, abre-se uma janela do primeiro andar: Paulina Druaux nela aparece, olhos inchados, cabelos revoltos; arqueja, vomita ameaças, grita insultos terríveis. O homem desiste. Que adiantaria discutir com uma tal megera — e em tal estado? Bêbeda **de cair**, sem dúvida!

Roda no calcanhar e já se afasta quando a mulher grita:

UM FORNO CONTRA



COMO SEU CUNHADO, SERAFIM DRUAUX NA ALDEIA FOI, ENTÃO, UM GRITO SÓ:

— Mas, já que está aí, pode ir dizer ao cura que Serafim morreu!

— Morreu?

— Sim, morreu, morreu... — repetiu a ébria, com uma sinistra gargalhada — O diabo já tem a sua alma!

Com tamanha gritaria, outros vizinhos surgem e tudo ouvem. Um dêles, que parece saber como falar a uma criatura em tal estado, pergunta jovialmente a Paulina:

— Então? Como é isso? Êle está morto e você não paga um gole para nós?

— Boa idéia! — afirma Paulina, que logo se lança escadas abaixo e abre a porta do albergue. Os homens e mulheres da aldeia imediatamente se precipitam para o interior do estabelecimento e esbarram num corpo, a poucos metros da entrada... Não é, porém, o corpo de Serafim: é Gastão Delacroix que ali jaz, com a fisionomia convulsionada pelo sofrimento.

— Sim, sim... — declara Paulina mal se sustentando sôbre as pernas — Êsse também está morto.

Serafim está no primeiro andar, no quarto conjugal, apresentando exatamente as mesmas características trágicas que o seu cunhado. Está estirado sôbre imundícies, o rosto torturado, as mãos ainda crispadas... Os dois homens devem ter tido morte atroz... Um pensamento acudiu à mente de todos os camponeses: **Paulina envenenou o marido e o irmão!**

Em tôda a aldeia só há um grito: **"Paulina é a assassina!"** Quis livrar-se dos dois "obstáculos" à sua vida de devassidão!

Inquérito judiciário. Perícia. Quatro médicos de renome, os drs. Levausage, Ancenil, Pettenier e Cenré, de Monville, Rouen e Paris, procedem à autópsia das duas vítimas. Suas conclusões são unânimes. Envenenamento com certeza, embora não seja possível indicar em que circunstâncias nem com que tóxico os crimes foram praticados. Nada resta nas vísceras de Serafim e de Gastão. No máximo, os quatro médicos puderam encontrar "traços ínfimos de cantaridina nas dejecções recolhidas no soalho do albergue. Ora, a cantaridina é veneno violento e que deixa fracos vestígios.

UMA INOCENTE...



MORREU ENTRE ATROZES SOFRIMENTOS «PAULINA DELACROIX É A ASSASSINA!»

A CONDENAÇÃO — Paulina nega, entretanto, com selvagem obstinação, mas pouca habilidade. Afirmava que o irmão e o marido tinham sido atacados, no dia 8, ao alvorecer, de violentas náuseas que os impediram de sair para o trabalho. Haviam bebido um copo de rum e, a seguir, um pouco de café. Porém seu sofrimento aumentara ràpidamente. Tinham sucumbido quase ao mesmo tempo, Gastão em primeiro lugar, entre 10 e 11 horas da manhã. Ela mesma não se sentia bem... Como se estivesse bêbeda:

— E no entanto — afirmou ela — **tanto quanto me recordo,** eu nada havia bebido naquela manhã.

"Tanto quanto me recordo...". A restrição era importante e tudo podia justificar, tanto mais que Paulina havia acrescentado:

"— Não sei mais o que ocorreu nessa noite nem na manhã seguinte... Eu dormia quando Drouet foi bater... Levantando-me e caminhando para a janela, tropecei no corpo de Serafim... Lembrei-me, então, de que êle havia morrido...

Consideravam, realmente, como uma prova de sua culpabilidade, o fato de ter ela anunciado ao ferreiro a morte do marido, mas não a do irmão.

E' bem verdade que as explicações da depoente não eram de molde a satisfazer a Justiça. Os magistrados consideraram as palavras de Paulina simples tagarelice de ébria e logo trataram de enviar a desgraçada para o júri do Sena.

Paulina Druaux compareceu perante os seus juízes no dia 15 de novembro de 1887 e os debates foram conduzidos com pressa nunca vista. Os relatórios dos peritos eram formais: o passado da acusada não lhe grangeava simpatias. Foram recordadas por algumas testemunhas certas frases da acusada, que vinham aumentar as suspeitas de sua culpa. Dissera ela, certa vez, quando o marido se queixava de não estar bem de saúde: **"Todos nós temos de morrer um dia. Quanto a você, não custarei muito a encontrar substituto..."** assim como relações não menos inquietadoras (Paulina contava entre os seus admiradores um tal Leborgne, homem considerado por todos da aldeia como **feiticeiro**, suspeitando-se de que vendia "filtros" contra os nascimentos e "venenos" **para as mulheres mal casadas).**

O depoimento do Dr. Levausage acabou de firmar a convicção dos jurados; uns quinze dias antes do drama, êle fôra chamado à residência dos Druaux pelos vizinhos, alarmados com o mal estado de saúde de Serafim; de fato, fôra encontrar o infeliz muito fraco e queixando-se, realmente, de inúmeros males. Paulina, como quase sempre, estava bêbeda e não pôde proferir qualquer palavra.

Começo de envenenamento? Muito provável...

Veredito afirmativo, com circunstâncias atenuantes: Paulina foi condenada a prisão perpétua com trabalhos forçados. Os filhos foram confiados à Assistência Pública e o albergue vendido.

*

NOVAS MORTES — Por assim dizer, desde o primeiro dia da sua instalação, os novos proprietários do albergue se sentiram prêsa de dolorosos mal-estares e, menos de seis meses depois, a esposa, Sra. Maria Gauthier, cuja sobriedade não podia ser posta em dúvida e que gozara até então de saúde perfeita, sucumbia. O médico diagnosticou uma ruptura de aneurisma.

Nova venda. Desta vez a um casal, Dubeaux, que, por sua vez, é vítima de uma lenta e misteriosa intoxicação. Uma tarde, estando Elisa Dubeaux colhendo cerejas a algumas centenas de metros do albergue, num pequenino jardim, os transeuntes ouvem gemidos vindos do interior do albergue. Detêm-se, entram e vão encontrar Dubeaux desfalecido e estirado justamente no mesmo lugar em que, dois anos antes, fôra descoberto o cadáver de Gastão Delacroix, **e como êste, entre dejecções, com as mesmas contrações, o corpo todo torcido, etc.**

Desta vez, a atenção do público e das autoridades desperta. Alguém observa que ao lado do albergue Druaux existe um forno de cal! Suas emanações seriam a causa do mal de que eram vítimas os Dubeaux?

Tratam de extinguir o forno. Os males logo desaparecem.

A imprensa se movimenta, por sua vez, emocionada. Recorda a morte estranha da Sra. Gauthier. Salienta que Serafim e Gastão apresentaram **os mesmos sintomas,** mas, infelizmente, em grau mais violento que o casal Gauthier e os Dubeaux. Começam a pensar que Paulina Druaux bem podia ter sido vítima de um fatal concurso de circunstâncias. A justiça (é justo dizer em seu louvor, pois muito teremos que dizer contra ela, mais adiante) logo se apodera do caso: reabre o inquérito de Malaúnay, nomeia novos peritos, três sumidades da Faculdade de Medicina, de Paris, os Drs. Brouardel, Descouts e Ogier. Intima os arquitetos para explicações.

Mesma unanimidade que em 1887 — **mas em sentido inverso.**

O arquiteto demonstra que as fendas existentes na parede do albergue permitem a passagem das emanações do forno vizinho, emanações suficientes para asfixiar todos os locatários! Os médicos afirmam que as três mortes, de Serafim, de Gastão e de Maria, foram causadas por uma intoxicação oxicarbônica. O presidente Félix Faure, que, sendo Normando, acompanhara tôda a espantosa história com particular emoção, agracia Paulina sem demora e antes mesmo de terminar o ano de 1895.

A desgraçada havia passado oito anos na prisão!

REABILITAÇÃO — No dia 16 de junho de 1896, o Tribunal de Cassação anula a sentença de Rouen, tornando a enviar o caso ao júri de Somme. Em Amiens se desenrolou não mais o processo de Paulina Druaux, não mais o dos peritos e juízes. Uns e outros tinham muita coisa a se censurar. Atiraram, sem cerimônia, as responsabilidades à cabeça uns dos outros.

Os peritos se surpreenderam — não sem razão — de que **os elementos mais importantes do processo lhes houvessem sido escondidos.** Nunca lhes fôra assinalada a presença de um forno para cal, na proximidade da trágica taberna! Ninguém lhes havia dito que, quinze dias antes do drama, uma das vítimas apresentara sintomas de asfixia!

Porém os magistrados responderam afirmando aos peritos que tinha sido um dêles, o Dr. Levausage, quem examinara Serafim no decorrer de seu penúltimo ataque de **náuseas.** Estava, assim, melhor indicado que outro qualquer para comunicar o que sabia aos seus colegas; mas, no entanto, fôra dos primeiros a considerar essa indisposição preliminar como o resultado de uma tentativa de envenenamento! Longe de inocentar Paulina, seu depoimento, no tribunal de Rouen, foi esmagador contra a infeliz.

Os pobres peritos tiveram que curvar a cabeça, humildemente, sob tão grande tempestade. Seus próprios confrades, os contra-peritos, os trataram com grande severidade. O grande Brouardel, principalmente, os esmagou, dizendo:

"— Se os peritos de Rouen tivessem ao menos pensado em analisar o sangue das vítimas, em poucos minutos teriam encontrado a verdade, esclarecendo o mistério cuja chave em vão procuravam — **e jamais Paulina Druaux teria sido inquietada!"**

Ela própria estivera prestes a morrer. Quando declarou que **nada recordava,** fôra absolutamente sincera! Sua robusta constituição permitira que

triunfasse de uma intoxicação à qual sucumbiram seus marido e seu irmão, mais frágeis."

Podia ser, além do mais, que o estado de embriaguez permanente — ou quase — da infeliz Paulina nada tivesse que ver com o vinho ou o álcool, sendo ùnicamente **uma perda de consciência devida à intoxicação oxicarbônica!**

Foi o professor Brouardel quem resumiu de maneira mais curta e mais sensata a atmosfera em que se desenrolara o primeiro processo.

— Na realidade — declarou êle ao fim do seu longo e empolgante depoimento que provocou movimentos extraordinários em tôda a sala — Na realidade, Paulina Druaux era antipatizada por outros motivos: **eis por que foi ela condenada!**

O promotor exprimiu seus votos de que os filhos de Paulina pudessem esquecer as horas dolorosas vividas por sua mãe e tôda a lama que fôra injustamente lançada sôbre a desgraçada. A seguir, convidou os jurados a "proclamar a inocência absoluta da condenada de 1887".

O defensor de Paulina desistiu de falar.

Os jurados ficaram na sala das deliberações apenas o tempo necessário para escrever a palavra "não", diante das perguntas de **pura forma** que tinham sido feitas. E foi pronunciada a absolvição.

O advogado de defesa pediu então a palavra a fim de solicitar para Paulina as reparações pecuniárias a que tinha direito pelo êrro dos juízes de Rouen. Paulina recebeu 40.000 francos, equivalentes, em dinheiro atual (1952) a quase quatro milhões de francos (230 contos ao câmbio oficial).

Nunca mais se ouviu falar dela.



"Como é que você sabe?"

Foram só estas cinco pequeninas palavras. Porém eu as recordei tôda a vida!

HARRIETE ROSEMBERG

QUANDO éramos crianças costumávamos fazer a papai — pastor presbiteriano — certas perguntas teológicas, tais como: **"Qual foi o pecado inesquecível?"** ou **"Quem foi o diabo, papai?** "Êle sempre sorria e dizia: **"Bem... Essa será uma das primeiras perguntas que eu mesmo farei a Mateus** (ou Marcos, ou Lucas, ou João) **quando chegar ao céu!"**

Às vêzes, porém, fico pensando que tôdas essas respostas ficaram bem abaixo de outra, formada por cinco pequeninas palavras e que, um dia, êle me dirigiu. Eu tinha sido castigada e censurada um sem número de vêzes, como ocorre com as crianças; porém **nunca tão efetivamente** como quando êle me fêz essa pergunta. A lição que isto representou jamais foi esquecida.



Tudo ocorreu numa quente manhã de verão, quando nos ajoelhávamos para rezar diante do pequenino altar familiar, após o café matinal.

Papai, nas manhãs de domingo, prolongava de tal forma as suas orações que um de seus amigos, um velho acólito, sempre terminava lançando olhares ansiosos para o relógio e tossindo discretamente. Não havia, entretanto, mesmo ali, no ambiente do lar, quem se atrevesse a interrompê-lo. Notei, um tanto divertida, quando uma atrevida mosca pousava sôbre o nariz do oficiante. Papai enxotou o animal com gesto lento, porém ela logo voltou, agora procurando pouso em sua nuca.

Repentinamente, estremeci de alegria, descobrindo coisa muito mais importante que o vôo de uma mosca. Meu irmãozinho, ajoelhado a dois passos de distância e apoiado no banquinho do piano, como num genuflexório, tinha os seus belos **olhos** azuis puríssimos... **abertos!** Portanto, em flagrante desobediência às recomendações estritas de papai, que sempre exigia das crianças que mantivessem a cabeça curvada para baixo e os olhos fechados, enquanto durasse o serviço religioso familiar.

Pigarreei ligeiramente, chamando-lhe a atenção e quando êle notou voltou para mim um olhar de desafio e deitou a língua para fora, como zombaria.

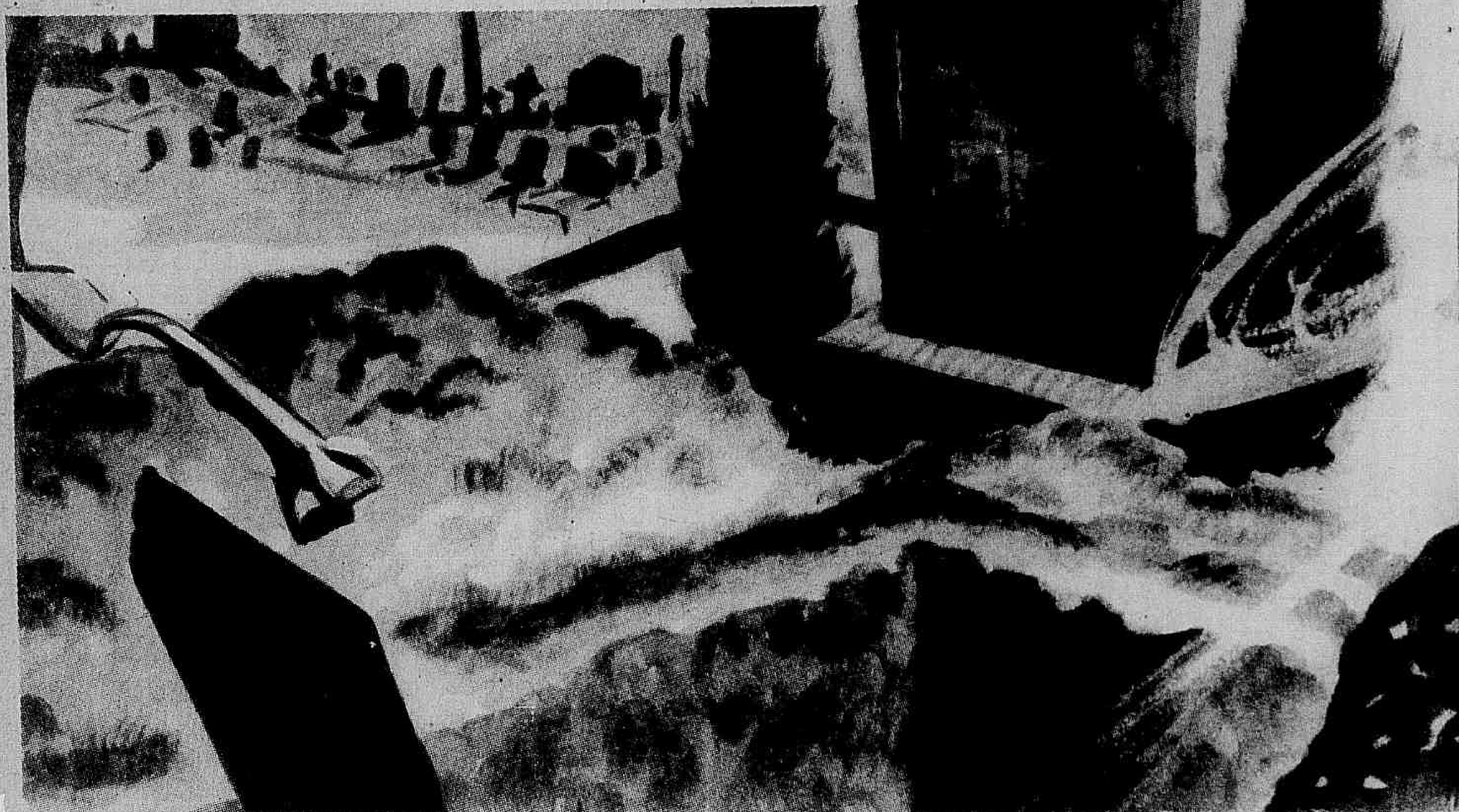
Aquilo era excessivo para o meu amor próprio. E justificava muito largamente aquilo que eu já decidira fazer e que era denunciá-lo a papai! Porém êste prosseguia em suas orações e agora (felizmente aproximando-se do final) pedia a Deus que abençoasse o Presidente dos Estados Unidos (que na época era Teodoro Roosevelt), os Congressistas e todos os indivíduos necessitando de ajuda em todos os hospitais, em todo o mundo... Isto serviu apenas para aumentar minha impaciência e vontade de tirar desforra do meu irmão. Tão logo êle pronunciou "Amen", eu saltei do meu lugar:

— Papai! — anunciei triunfalmente — Paulo ficou com os olhos abertos durante todo o tempo das orações.

Êle, porém, olhou para mim por alguns segundos, antes de falar. Então disse apenas estas cinco palavras, com a sua voz calma, lenta e grave:

— **Como é que você sabe?**

O Cobertor do Morto



Por WILLIAM WALLRICH

EU despertara. O mêdo me arrancara do sono, apertando o meu coração e cobrindo minha fronte com um suor gelado, no quarto silencioso e escuro. Com o despertar fôra interrompido o sonho... Sonhava com minha mãe — morta muitos anos antes — que viera cobrir-me carinhosamente — sendo eu ainda menino — para que dormisse mais confortàvelmente.

Tinha sido êsse um dos seus hábitos. Nas noites mais frias, não deixava de ir ao meu quarto de criança, estender os cobertores e agasalhar o meu corpo para um sono mais tranqüilo.

Agora, entretanto, essa sensação de paz, êsse sono seguro, tudo havia desaparecido. Persistia ùnicamente um elemento dêsse sonho — **continuava a sentir certos movimentos, uma suave pressão sôbre os meus pés e subindo até um pouco acima dos joelhos...**

Mas agora eu estava realmente acordado! Sabia quem eu era; sabia onde estava, e sabia também, **o que havia feito!**

Porque... eu era um assassino! Eu havia matado um homem! Eliminara o meu benfeitor — o único e verdadeiro amigo que jamais conhecera! Exatamente **isso...** e mesmo agora eu estava deitado no leito **dêle** e sob o cobertor **dêle**, no quarto que lhe pertencera!

Tudo tinha sido muito simples. O velho Jonathon, o homem que me havia criado como se fôra meu pai, morreu depois de curta mas desesperada luta. O desgraçado saíu dêste mundo sob o mais forte terror de morrer, pois teve tempo de sobra para compreender que estava sendo assassinado, **sem remédio.**

De fato, os meus braços foram muito mais fortes que os dêle, e o macio, fôfo travesseiro que calquei contra o seu rosto venceu com facilidade todos os seus desesperados esforços, não deixando ouvir mais que muito ligeiramente, os seus gemidos em busca de ar.

Só isso. Em menos de dois minutos tudo estava acabado! **Tinha que estar acabado**, segundo eu esperava, pois que, sendo êle um homem de idade avançada, a sua morte, enquanto estivesse dormindo, era coisa por todos aceitável, mesmo para os que o haviam conhecido ìntimamente na pequena comunidade em que vivíamos.

A morte do velho — não é preciso dizer — deixou-me absolutamente só e senhor de todo o velho casarão, pois que eu havia sido adotado



"— Esvaziei a arma atirando contra o que havia no túmulo. Depois tornei a carregar e continuei dando tiros até que os meus bolsos, que eu enchera de munição, ficassem vazios."

como filho por Jonathon, sendo dessa forma o seu herdeiro universal, absolutamente sem concorrentes!

Depois de matá-lo, cuidei de preparar todo o quarto, até ter a certeza de nada haver deixado, capaz de levantar suspeitas contra mim ou sequer suspeitas de ter sido ciminosa aquela morte.

Retornei ao meu próprio quarto, satisfeito e estranhamente aliviado, com a certeza de que, em breve, os 20.000 dólares que êle havia recebido pelos campos de pastagem, situados na zona leste da região, seriam meus. 20.000 dólares **em dinheiro;** dinheiro pronto para ser usado, sem contar a casa imensa e os campos cultivados, a formosa fazenda que cobria quase tôda a zona do condado de Alamosa, o gado e todos os valores em móveis e benfeitorias existentes na propriedade.

Em uma semana foi tudo feito. Jonathon, meu benfeitor e meu pai, foi enterrado numa cerimônia simples, à qual compareceram os seus amigos de longos anos e todos fizeram questão de apresentar suas simpatias e solidariedades "ao pobre rapaz que havia perdido o seu amado e bondoso pai". Em nenhum instante notei qualquer cochicho ou um olhar que revelasse, em alguém da pequenina cidade, qualquer suspeita contra mim ou contra a naturalidade da morte de Jonathon.

Logo na segunda noite depois da minha visita noturna e mortal, ao quarto do meu protetor, descobri, mais ou menos acidentalmente, um rôlo de notas de vinte dólares em um dos escaninhos da sua enorme e antiquada escrevaninha.

Com êsse dinheiro no meu bôlso não havia necessidade de me preocupar com a apresentação do testamento de Jonathon. Melhor seria mesmo esperar, e isso até serviria para reforçar a minha posição de pessoa modesta e que continuava indiferente à fortuna e apenas desolado com a morte daquele que fôra o meu protetor. Esperaria, pois, dando tempo ao tempo, para que, finalmente, as autoridades competentes decidissem dar andamento à última vontade do morto.

Por algum tempo considerei mais prático transformar tôdas as propriedades de Jonathon em dinheiro e sair da cidade; mas logo desisti, imaginando que os amigos do morto não deixariam de estranhar êsse pouco interêsse pelo que pertencera ao meu pai de criação. Assim, prometi a mim mesmo que esperaria um ano mais. Depois disso começaria a vender as propriedades. Não tudo, de uma vez; mas pouco a pouco, até transformar

em dinheiro casas, fazendas, gado, etc. Enquanto isso, os 20.000 dólares em dinheiro, colocados sensatamente, teriam aumentado consideràvelmente.

Talvez tudo isso repassasse por meus pensamentos quando o cobertor se moveu pela primeira vez. Porque poucas semanas depois da morte do velho, eu fôra ocupar o seu próprio quarto, por ser o maior e mais confortável da casa e também porque tinha melhor vista sôbre a bela floresta que cercava a propriedade. Foi uma sensação desagradável e que me deixou alguns segundos indeciso. Entretanto, passados alguns segundos, novamente o cobertor se moveu.

Levantei-me, trêmulo, ficando alguns instantes sentado no leito, tacteando e encontrando apenas o macio cobertor. Curvei-me para a frente, abrindo e fechando os braços, porém nada encontrando. Devagar voltei a repousar a cabeça no travesseiro. Porém, ao fazê-lo, estirei o braço tão silenciosamente como pude, na direção do interruptor da pequena lâmpada de cabeceira. Fàcilmente pude encontrar o botão. Instantes depois o quarto era bruscamente inundado de luz suave e amarelada.

Eu estava só, no quarto, com os móveis, o leito imenso, o cobertor e as grandes sombras nos quatro cantos do quarto. Eu sabia, porém, que não podia estar ninguém escondido em qualquer delas, pois que havia revistado minuciosamente o quarto todo, depois de dar duas voltas de chave na fechadura da porta e passar na mesma uma tranca sólida. Além do mais, entre o último movimento do cobertor e o acender da lâmpada, não teria sido possível a quem quer que fôsse correr do leito até a qualquer das sombras, pois que, como já disse, o quarto é imenso. Não podia haver dúvida: eu estava só.

Deixando a luz ligada, recostei-me no leito a fim de ouvir. Tudo estava calmo e silencioso como um túmulo, no quarto, enquanto do lado de fora, o vento parecia ter aumentado, provocando verdadeira chuva de fôlhas, arrancadas às árvores centenárias. De tal forma que cheguei a acreditar que o movimento do cobertor não passara de imaginação. E decidi que só havia uma coisa a fazer: dormir.

Entretanto, antes de desligar a lâmpada, levantei-me e caminhei até aos pés da cama, onde examinei o cobertor, com a sua parte inferior encaixada entre a cama e o colchão. Tudo em ordem, portanto!

Vagamente tranqüilizado, dei volta ao leito com a intenção de dormir quanto antes. Nesse movimento ocorreu o fato que veio salvar a minha vida. Realmente, ao caminhar de volta ao leito notei, pendurado à parede, um facão de caçador, arma terrível e que o velho sempre tinha ao alcance da mão.

Apanhando a arma, levei-a comigo para o leito, onde a guardei sob o próprio travesseiro. Uma vez tomada mais essa precaução, desliguei a luz e o quarto voltou a ficar mergulhado em trevas e tão intensas que esmagavam. Naturalmente não notei isso, a princípio, pois tratava apressadamente de me arrumar com os lençóis.

Então, em menos talvez que um minuto, fiquei impressionado com essa escuridão tão completa e estranha e, exatamente no mesmo instante, notei também que o vento cessara completamente, sendo agora o silêncio externo tão completo como o do próprio quarto. Não havia, positivamente, nenhum som, além das batidas descompassadas do meu coração e os gemidos da cama, sacudida por meus movimentos nervosos.

A despeito de tudo, adormeci, ou cochilei — não posso dizer quanto tempo, pois eu agora despertava muito cedo para ir observar os trabalhos nas **minhas** terras. Mas, repentinamente recuperei a consciência das coisas... ao sentir que o cobertor, que fôra por mim atirado para os pés da cama, **recomeçava a subir!**

A princípio foi coisa quase imperceptível. O meu mêdo foi maior ainda porque não conseguia compreender, exatamente, o que estava acontecendo **e com que finalidade!** Devagar, muito devagar, o pesado cobertor de lã, que ficara dobrado nos pés do leito, estava agora subindo pelos meus pés e pernas. Centímetro a centímetro, começou a cobrir o meu corpo, movendo-se como uma lagarta, encolhendo-se e esticando-se, e avançando sempre, em ondulações quase imperceptíveis. Assim prosseguiu, subindo um quase nada, mas insistentemente. Tentei mexer-me mas não pude; minhas juntas pareciam soldadas, ao que parece, pelo avanço implacável do cobertor. Ainda tentei gritar — mas também não consegui. E mesmo que gritasse, de nada adiantaria, pois que me achava absolutamente só na casa de Jonathon — só... com o sinistro cobertor que subia pelo meu corpo, silencioso e infatigável.

Já a extremidade atingia o meu peito. Então, como se entendesse que já não havia mais necessidade de ser cauteloso, em um brusco avanço o cobertor saltou sôbre o meu rosto! O vento, provocado por êsse repentino ataque, foi como ducha fria sôbre os meus olhos — e talvez tenha sido isso o que quebrou o estranho poder que me paralisava.

Com um grito terrível e que encheu todo o casarão, como se quisesse derrubar as suas velhas paredes e deslocar as suas portas e janelas, pude levantar um braço, enquanto, com o outro procurava o facão, sob o travesseiro.

A mão que eu levantara parecia nada poder contra o cobertor, agora extraordinàriamente pesado para mim e acumulando-se em dobras espêssas sôbre o meu rosto, tirando-me todo o ar! Conheci o pânico de uma pessoa aprisionada sob a água. Tentei lutar, embora sentindo que não tinha mais fôrças...

Repentinamente, os meus dedos nervosos puderam, enfim, encontrar o facão. Erguendo, então, a mão, com o punhal, ataquei furiosamente o traiçoeiro cobertor, desferindo golpes loucos, em tôdas as direções, indiferente aos ferimentos que praticava em mim mesmo.

Enfim a luta terminou. O cobertor foi rechaçado! Com um último repelão atirei-o para longe do meu rosto, fazendo-o cair no chão, aos pés da cama. Então tornei a ligar a luz e saltei do leito, correndo para o cobertor, enquanto na mão direita, que tremia, continuava a empunhar o facão de caçador.

Ali, formando um monte imprestável, estava caído o cobertor. A lã de qualidade superior es-

(Continua na página 111)

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Cont. do número anterior)

O caboclo, com sua residência mais modesta mas não menos hospitaleiro, dará, de acôrdo com suas posses, mate em lugar de café, feijão com farinha em lugar de frango com arroz. Dormirá no chão para ceder-lhe a sua cama. O viajante sempre paga o milho dado aos animais, e o pobre caboclo aceita de bom grado um pequeno presente quando você vai embora de manhã, mas mesmo isso êle nunca espera e nem pede.

Há, entretanto, uma virtude em que tanto o fazendeiro rico quanto o caboclo pobre são deficientes, comparando-os, neste respeito, ainda que desfavoràvelmente, com o desprezado bugre Coroado: — a higiene pessoal não é feita com o cuidado que o tempo exige.

Por exemplo: a casa de um grande fazendeiro, que emprega talvez de cem a duzentos trabalhadores durante a estação de plantação, tem, usualmente, para servir de lavatório, uma bacia de fôlha, onde os pés do hóspede são lavados à noite, e onde, pela manhã, todo membro masculino da casa lava os olhos e as pontas dos dedos. Com a temperatura de 90º Fahr. à sombra, durante a metade do dia, nem o fazendeiro nem o Caboclo sonha tomar um banho nas águas convidativas do rio, que corre bem em frente à sua casa. Nestas situações, quando o primeiro pensamento de um inglês se fixa numa banheira, o brasileiro encontra perfeito alívio num cigarro. Com êle, de fato, o cheiro do fumo sempre fica no lugar das abluções pessoais.

Um dos costumes comuns, nesta região essencialmente agrícola do Vale do Ribeira, é tão curiosamente semelhante à nossa festa da colheita, que acho interessante fazer aqui uma curta referência a seu respeito.

Consiste em uma festa anualmente dada pelo fazendeiro aos seus caboclos. Esta festa recebe o nome de *puxerão*, palavra muito expressiva que poderá significar, mais ou menos, "a grande colheita". O objetivo do *puxerão* não é só provocar relações amistosas e bons têrmos entre o patrão e os empregados, como acontece no velho país entre os senhores feudais e seus trabalhadores ou colonos. Sua principal finalidade é facilitar a todos a única oportunidade que têm, durante o ano, de estarem juntos numa localidade.

O patrão que dá a festa é quem mais recebe os benefícios, pois economiza uma quantidade enorme de tempo e trabalho, não tendo de cavalgar grandes extensões de terra por onde se encontram espalhados os seus empregados. Quase todos os negócios para a estação que se segue são mais ou menos encaminhados durante a realização do *puxerão*. Os homens são reengajados e destacados para esta ou aquela roça. Acertam-se contas, pagam-se dívidas ou transferem-se para o semestre seguinte. Ou então algum caboclo tolo contrai novas dívidas, sem saber que está se entregando ao cativeiro, e o dia termina satisfatòriamente para todos.

Fui convidado para assistir a dois dêstes *puxerões* e o seu caráter comercial estava claramente evidenciado pela ausência completa de mulheres, pois essas, naqueles confins do Brasil, não se empregam como acontece nos países mais civilizados; pelo contrário, ficam fechadas em casa, ocupadas com os serviços domésticos. Embora na festa do *puxerão* haja uma grande quantidade de cachaça, não vi um só caso de embriaguez. O orgulho natural do brasileiro é suficiente para evitar que se embriague pùblicamente nestas ocasiões, embora as suas inclinações sejam para entregar-se a bebidas alcoólicas.

Neste ponto, a classe inferior do brasileiro é um tanto superior a do seu irmão inglês.

Eu estava ansioso para ir para Ipiranga, o ponto do Ribeira até onde podiam subir os vapores, a fim de ver com os meus próprios olhos qual o volume de comércio feito neste vale. Dispunha, porém, de pouco tempo, e a espécie de empregado que eu procurava não era provàvelmente encontrada naquele lugar, o que me fêz desistir da idéia de ir até lá.

Voltando pelas duas Assunguis, demos uma batida para a direita e para a esquerda do nosso caminho, apanhando um homem aqui, outro ali; em conseqüência disso, os nossos animais ficaram exaustos. Durante muitos dias a fio, viajei doze e treze horas a cavalo, acompanhado de um ou dois dos meus auxiliares. Numa ocasião, o cavalo em que eu viajava caiu na descida de um caminho íngreme e, não ficando satisfeito em me atirar no mato, rolou também algumas jardas pela encosta abaixo, só parando quando os cipós e espinhos, entre os quais ficara emaranhado, o seguraram. Para retirar o animal dali, fomos obrigados a usar a faca, tão emaranhado estava êle nos cipós.

Quando chegamos à casa do Sr. Cordeiro, apanhamos os animais que lá havíamos deixado, os quais estavam muito melhores e mais descansados.

Ao mesmo tempo, fui obrigado a vender aquêles que havia comprado nesta mesma fazenda, há três semanas antes, porque estavam completamente exaustos, comprando outros que os substituíssem.

Os camaradas recém-engajados viajavam a pé e só os seus escassos equipamentos iam em burros de carga. Da Freguesia de Assungui fomos diretos para Ponta Grossa e daí para Colônia Teresa, uma distância cansativa de quase 200 milhas. Uma vez eu fui bem infeliz, pois tive um ligeiro ataque de insolação, que foi, entretanto, bastante forte para me prostar durante várias horas e nos interromper a viagem por dois dias.

Passando pela pequena povoação de Ipiranga, mencionada no primeiro volume desta obra, ficamos detidos outro dia, pelo desaparecimento de três de nossos burros. O juízo que faziamos de Ipiranga já não era bom, por causa dos desaparecimentos de animais pertencentes à expedição, nas suas vizinhanças.

Havia um negro velho, chamado João, que era tido como autor dêstes roubos inexplicáveis. Fôsse êle ou não, o certo é que os burros, que desaparecessem nesta povoação, não eram encontrados, a não ser com o auxílio de João que, nestas ocasiões, sempre aparecia oferecendo seus serviços para procurá-los, ao preço de cinco mil réis por cabeça de animal encontrado. Se êste auxílio não fôsse aceito, significava um adeus aos animais perdidos. Uma verdadeira chantage era assim feita com todos os viajantes.

A gravura que aqui se vê, feita pelo meu amigo Mr. G. Selwyn Edwards, é uma cópia fiel do original que, em acréscimo às suas propensões para roubar burros, tinha uma capacidade de beber cachaça, como só os africanos a têm.

No dia 22 de novembro, após uma ausência de dois meses e uma viagem a cavalo de nada menos de 800 milhas, encontrei-me novamente em Colônia Teresa.

Assim sempre será, no empreendimento de grandes feitos ou trabalhos em países semibárbaros. As necessidades mais elementares, os problemas mais simples, requerem para a sua execução um periodo de tempo, trabalho e perseverança que, nos países mais adiantados, seria quase suficiente para a conclusão de tôda a obra.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIÒNAL

QUARTA PARTE

CAPÍTULO I

Resumo de novembro de 1873 *a junho de* 1874 ★ *A solução de um problema difícil* ★ *Esboços: presente, passado e futuro.*

Seis meses se passaram, depois do dia que mencionei no fim do último capítulo — seis longos meses, plenos de acontecimentos. As grandes corredeiras do meio do Rio Ivaí, que há tanto tempo vinham sendo motivo de pavor para os brasileiros, foram vencidas e navegadas, inúmeras vêzes, por uma dezena ou mais de homens escolhidos da expedição. O corpo principal do grupo havia armado o seu último acampamento a duzentas milhas abaixo de Colônia Teresa, enquanto uma turma avançada de catorze homens, sob as ordens de Curling, penetrara noventa milhas para o interior do vale do baixo Ivaí, até Corredeira de Ferro, que era o ponto terminal de nosso setor de exploração. Sobreveio então um repentino colapso. Os homens, que formavam a turma avançada, amotinaram-se com mêdo dos índios Coroados que, em número de cêrca de quinhentos, achavam-se reunidos em aldeiamentos perto da Corredeira de Ferro. Êles planejavam, na calada da noite, desertar e abandonar o chefe e guia (Curling), fugindo de canoa, deixando-o com os dois europeus à mercê dos índios. Só devido à medidas extremas que foram tomadas, não puseram êles em execução o covarde plano.

Completamente dominados pelo terror e também por outras causas, êles se retiraram para o local onde se achava o corpo principal de trabalhadores, rio acima. Como um grande número de índios coroados andava pelas margens do rio, espalhou-se o pânico em tôda a turma de brasileiros e todos os esforços foram infrutíferos para fazer com que os homens ficassem. Persuasões, ameaças, pedidos — tentou-se todos os meios — tudo porém com o mesmo resultado negativo.

Por êsse motivo, todo o grupo foi obrigado a voltar para o acampamento situado rio acima, ficando os trabalhos interrompidos. Isto aconteceu no mês de março. Até os elementos, nesta ocasião, se insurgiram contra nós, e, desde o dia da retirada, as chuvas caíram quase ininterruptamente por cêrca de cinco semanas. O rio subiu e as cataratas roncavam de um lado e de outro, ao nosso derredor. A viagem começou no dia 10 de março e a última canoa, na qual eu viajava, só chegou à Colônia Teresa no dia 15 de abril. As provisões se estragaram nas canoas, e as roupas se esgarçaram no nosso corpo, durante esta penosa viagem de cinco semanas. As embarcações ficavam alagadas todos os dias e a bagagem, contendo valiosos instrumentos e documentos, estêve sempre sujeita a



Briga de mulas bravas na Fazenda Fortaleza

ser carregada a qualquer momento pelas enchentes. Uma viagem assim, feita sob tais condições, era simplesmente horrível, moral e fìsicamente.

Nesta época, tendo o Primeiro Grupo terminado os trabalhos do seu setor, acabava de chegar à margem do rio, onde iria fazer o levantamento da extensão que lhes fôra reservada na metade do caminho, entre as duas seções. Felizmente êste Grupo era composto principalmente de europeus, e de homens que já haviam sido submetidos a duras provas durante dezoito meses de trabalho. Por fim, determinou-se que êste Grupo seria o núcleo de uma turma maior, formada pela combinação de vários membros do Primeiro, Segundo e Terceiro Grupos e que êle, assim reforçado, seria encarregado da execução de todo o percurso restante da seção do Ivaí.

Ainda existia a possibilidade de um insucesso, no caso dos índios, em Corredeira de Ferro, se mostrarem hastis (1). Para arrostar com esta possibilidade, resolvemos fazer uma exploração preliminar de outro roteiro, isto é, pelo vale coirmão do Tibagi, por onde o desejado objetivo de ligar Curitiba ao Rio Paraná podia ser atingido. Fui encarregado de realizar esta nova exploração e agora relembro ao leitor uma das datas mencionadas no cabeçário dêste capítulo.

No primeiro dia de junho de 1874, às 10 horas da manhã, ou estava de pé no alto de um morro sem vegetação, olhando para a cidadezinha de Tibagi, cujas dimensões eram ainda menores vistas à distância e devido ao plano inferior em que estava situada. Estendendo-se além da cidade, muito longe, estavam as planícies, com algumas elevações onde se viam alguns bois ou tropas de burros pastando. À direita, tremeluzindo aqui e ali, elevava-se em forma de ondas o capim verde escuro; via-se, também, a água coberta de espuma, marcando a posição de tantos pontos do rio, por onde eu havia pouco antes descido com segurança — em sessenta milhas do qual já havia feito a minha exploração. Atrás do morro havia floresta, e floresta e prado intercalados, formando parte da faixa ou zona neutra mencionada nos primeiros capítulos desta obra. À esquerda, ficava uma região semelhante de florestas e planícies intercaladas, além das quais preponderava o grande sertão, por onde eu iria fazer as minhas futuras explorações.

Antes, entretanto, de ir tão longe, devo apresentar ao leitor um verdadeiro fenômeno dos pampas — pois assim m'o pareceu — que ficavam bem a meus pés, compreendidos numa pequena área compacta de cêrca de dez milhas quadradas. Nesta pequena extensão de campinas, manifestavam-se todos os sinais de uma população próspera e abastada. Havia um grande aglomerado de chácaras e de outras pequenas casas. Existiam jardins, laranjais, plantações de batatas e mandioca, pastagens verdes em que se viam burros e vacas pastando; tudo isso, tão raro na província do Paraná, chamava a atenção do viajante.

Estava comigo um inglês que, embora tivesse se estabelecido nesta região mui recentemente, havia prosperado tanto que já estava quase noivo da filha de um dos mais ricos fazendeiros da vizinhança. O fenômeno em questão, Mercer explicou-me da maneira seguinte: As chácaras e casas haviam sido habitadas inicialmente por mineiros. Com o abandono das minas, êsses homens, ao contrário do que se observa no Brasil, acharam melhor ficar onde estavam e cultivar solo tão fértil, comparado ao de outras terras da planície. Além disso, estavam numa situação muito boa, quanto ao que se referia a outros requisitos essenciais.

Esta situação foi, de fato, o elemento mais importante para assegurar a prosperidade dêste pequeno punhado de colonos. Sua vantagem se situa no fato de estar êle muito próximo à floresta, ficando, ao mesmo tempo, fora de suas fronteiras. Cada um dêsses pequenos fazendeiros possuía o seu jardim e seu cercado de pastagens, de uns vinte ou trinta acres de campina, perto de sua casa, onde tinha burros, vacas e porcos. À uma distância, que podia ser percorrida em uma hora, ficavam as suas roças, onde plantava milho e feijão, sem os quais seus burros não podiam trabalhar, seus porcos não engordariam, e nem mesmo êle poderia viver. Enquanto na campina havia a facilidade de se manter, com lucro, uns seis ou mais burros, a floresta era o celeiro de onde, por meio dos burros de carga, todo o necessário para sua subsistência era extraído. A produção excedente de suas roças êle podia levar para os mercados vizinhos de Ponta Grossa, Castro e Curitiba, onde poderia obter preços razoáveis.

Encontrei aí, resolvido, um caso do problema muito debatido da colonização do Brasil. Um grupo de pequenos proprietários havia surgido, sem a proteção ou apoio do govêrno ou de entusiastas bem intencionados como o Dr. Faivre, e a prova da prosperidade a que êles chegaram estava ali, diante de nossos olhos.

Assim como, na região de florestas de Assungui, não se pode nunca ter esperanças, sob as condições normais, de organizar um núcleo próspero de pequenos proprietários, quer estrangeiros ou brasileiros, também a região das campinas, que estávamos agora olhando, podia ter, de há muito, se transformado numa extensa propriedade de algum grande fazendeiro, se não fôra esta condição principal, que é a proximidade da floresta.

Nenhum viajante observador deixa de notar, nesta parte do Brasil, a ausência absoluta de

---

(1) *A causa principal do pânico, que resultou na amotinação dos brasileiros do Segundo Grupo, foi o fato lamentável de um conflito ocorrido entre os índios de Corredeira de Ferro e alguns membros do Quarto Grupo, que haviam ido do Paraná para êsse ponto, oito meses antes. Neste conflito, se foram verdadeiras as palavras de nossos intérpretes, foram mortos dois índios, a tiros. Por êsse motivo, a tribu ameaçou tirar uma vingança. Os intérpretes, com a comunicação imprudente dêste fato aos brasileiros de nosso Grupo, causaram o pânico desastroso a que nos referimos acima.*

pequenos fazendeiros em tôdas as regiões de prados, porque só as grandes propriedades podem produzir algum lucro quando não há floresta perto. A mesma lei serve para as propriedades puramente de florestas, como já tive ocasião de dizer (1). Só o grande fazendeiro pode viver independente — os pequenos têm de viver na pobreza ou de se contentarem em se empregar. Só simultâneamente à margem da floresta e da campina, onde as duas são igualmente acessíveis, pode o pequeno proprietário ou, em outras palavras, o colono, ter esperanças de conservar a sua independência e conseguir bom êxito.

Esta verdade não é conhecida de todos aquêles que estão, de qualquer modo, ou como capitalistas ou como emigrantes, provàvelmente ligados ao sistema de colonização nesta província do Brasil. Nenhuma colônia agrícola exclusivamente situada na floresta, como a de Assungui, pode ter êxito e, afirmando-se com igual segurança, qualquer tentativa para estabelecer uma colônia exclusivamente pastoril nas campinas, por meio de pequenos proprietários, com pouco ou nenhum capital, será apenas abortiva.

Voltemos mais uma vez ao nosso ponto no alto do morro. O grande Sertão de floresta, que se estendia à nossa esquerda, ia até o vale do baixo Tibagi, numa extensão de centenas de milhas, atravessando a Bacia do Paraná e dirigindo-se para uma região desconhecida. A maior parte da estensão desta floresta ainda estava no seu estado virgem, desconhecida e ainda não trilhada pelo homem civilizado. Numa distância de cêrca de setenta milhas, em linha reta, à nossa frente, erguiam-se dois notáveis picos, ponteagudos e muitos juntos, acima do nível geral do sertão. Tão clara estava a atmosfera nesta direção que eu quase julguei poder distinguir, com o auxílio do meu binóculo, as árvores isoladas sôbre o seu cume.

Já conhecia de nome êstes dois grandes marcos da região, que duas gerações antes tinham servido de balisa aos índios selvagens coroados, em constantes guerras, na ocasião, com os novos colonizadores brasileiros em tôdas estas paragens. Eram os dois pontos mais altos de uma cordilheira de montanhas, que estava diversamente marcada nos mapas como Serra dos Agudos e Serra de Apucarama. No mapa que acompanha êste livro, segui a divisão mais popular e fiz o rio separar as duas serras, não obstante o fato delas formarem geològicamente uma única cordilheira.

Nenhum homem civilizado jamais explorou o rio nas partes que ficam para cima e para baixo dêsses dois picos, entre os quais supõe-se haver uma queda d'água muito grande, calculada diversamente de 100 a 500 pés. Cêrca de 100 milhas desta parte do rio ficaram sem ser exploradas, além da considerável extensão que não foi lançada no mapa e que foi vista apenas por uns caboclos aventureiros que haviam, de vez em quando, desbravado os seus mistérios e enfrentado os seus perigos à procura de ouro e diamantes.

(1) *Vide Parte III, Capítulos II e III.*

Além dêstes dois picos, a uma distância de outras setenta milhas em linha reta, fica o Vale do Paranapanema, famoso na História do Brasil, como local onde se realizaram os mais audaciosos feitos dos Jesuítas na América do Sul, e também onde tiveram êles os mais brilhantes sucessos e os maiores desastres. (1).

Em nossa própria época, ficou conhecido como a região por onde o Govêrno Brasileiro enviava homens e material para o seu exército, durante a grande guerra de vida ou morte com o Paraguai.

Foi êste vale o limite da minha expedição atual, por causa de alguns dos incidentes principais, os quais formarão a essência dos poucos capítulos restantes.

CAPÍTULO II

O primeiro diamante ✶ O efeito de sua descoberta ✶ Algumas conseqüências da guerra do Paraguai ✶ As minas ✶ Sua história ✶ Idéias de lucro dos brasileiros ✶ O primeiro "beneficiado"

Numa noite de luar, há quarenta e dois anos, quando o local onde está agora situada a cidade de Tibagi ainda era um campo inculto, um certo senhor Manuel das Dores Machado ia para casa a cavalo, vagarosamente, passando entre inúmeras casas de cupim e tocas de tatu — que até hoje constituem grande perigo para a equitação — olhando para o chão, quando viu qualquer coisa brilhar em cima de um dos referidos montículos, e que, sem dúvida, havia sido levada para ali por algum tatu "trabalhador" ou por alguma das corujas que se ocultam em luras. Apeiando, verificou que era um *diamante*.

No dia seguinte, seus escravos foram tirados das roças e postos para procurar pedras preciosas. A notícia se espalhou. Vinha gente de tôdas as regiões. E com o primeiro bom resultado, o Sr. Manuel, que nesta época era dono das terras desta zona, cedeu uma certa porção das mesmas para que fôsse fundada uma cidade. Foi assim que teve origem a cidade de Tibagi. Entretanto, só em 1873 conseguiu todos os direitos municipais de uma Vila.

A cidade e a região vizinha contavam, naquele ano, 4.890 habitantes, cuja maioria era de caboclos — aqui a palavra caboclo inclui tôdas as pessoas de sangue misturado, que não eram negociantes nem fazendeiros.

Durante a guerra do Paraguai, quando a região estava sendo percorrida por agentes do serviço de recrutamento, enviados pelo Govêrno, esta e tôdas as outras povoações novas passaram por forte crise. A maioria dos rapazes foi levada para servir no exército, e um grande número, para evitar igual destino, fugiu para o mato, onde se ocultou, levando uma vida de índio. Como conseqüência natural, tôdas as indústrias interromperam os seus trabalhos e, da

(1) *Vide Apêndice, Nota L, "Os Jesuitas no Paranapanema".*

crise geral, não ficaram isentas as explorações de diamantes.

Com o fim da guerra o povo voltou, embora em número reduzido; mais uma vez a região prosperou e sua população aumentou de ano para ano.

Ao ficarem esgotadas as minas ou, para falar mais acertadamente, ao se tornarem menos lucrativas, a prosperidade com que êles começaram inicialmente não foi repentinamente interrompida, como aconteceu com tantas outras povoações mineiras brasileiras. Os mineiros trocaram apenas de profissão, tornando-se pequenos fazendeiros, cujo grau de prosperidade é limitado por suas próprias necesssidades, que, infelizmente para o progresso rápido destas zonas, são poucas e simples, sendo fàcilmente supridas com a atividade de três meses de trabalho no ano.

As razões desta exceção à regra quase geral, considerando-se a decadência das regiões mineiras, são duas: uma é a posição desvantajosa da povoação para fins agrícolas; a outra è devido ao fato de que as minas de diamantes nunca foram exploradas por nenhuma companhia importante. Quando há falência nessas minas, ela é repentina e completa, levando de roldão tudo que se encontra num raio de umas vinte léguas, talvez. As excavações feitas foram muito superficiais, não se usou maquinismo de nenhuma espécie e nem se empregou capital para fazer face às despesas de sua exploração.

A exploração regular e sistemática das minas (se podemos usar aqui tal denominação) foi interrompida em 1871, ano em que foi calculado que apenas 4.000 libras das preciosas pedras haviam sido exportadas dali. A falência de uma indústria pequena como essa, segundo mostra esta cifra, não têve consequências muito desastrosas, e provàvelmente nem cinquenta homens foram diretamente afetados por ela.

Até êste ponto, a informação me foi dada por um homem — o negociante principal da cidade de Tibagi — chamado José Manuel da Silva, negociante antigo e de boa reputação no lugar. Êste cavalheiro ficava revoltado tôdas as vêzes que, durante a conversa, se abordava o assunto relativo ao abandono das minas; pois a maior parte dos diamantes encontrados passaram-lhe pelas mãos, sem dúvida, com grande contentamento seu. Segundo sua declaração, um feitor com uns seis escravos podia ter realizado, em seis meses, todo o trabalho feito no ano de 1871; contudo, êles acharam que a renda bruta de 4.000 libras, naquêle ano, não havia sido suficiente para que considerassem os trabalhos compensadores.

No Brasil, deve-se fazer tudo em caráter reservado, mais especialmente em se tratando de "minas"; não creio que o leitor dê mais crédito do que eu às afirmações não comprovadas do Sr. José Manuel. Entretanto, à primeira vista, notava-se claramente o abandono insensato e precipitado das minas, o que ainda mais animava o estranho a entrar na questão. Resolvi fazer isto nos poucos dias que tive de lazer, enquanto esperava a conclusão das negociações para a continuação da exploração do Vale do Tibagi. A informação adicional que segue será interessante e as histórias anexas têm a sua moral, embora oculta.

Desde o ano de 1871, as explorações, que estavam limitadas a um só lugar, abriram as portas para os interessados, resultando na tirada de 200 libras anuais de diamantes, por um só indivíduo. A razão alegada para o abandono das minas não era que elas estivessem esgotadas, mas que a profundidade em que era encontrado o jazigo dos diamantes era tão grande, que a sua exploração, segundo pensavam, não deixava margem para lucro.

Como a palavra "lucro" no Brasil tem uma significação popular, a qual difere segundo a localidade, e ao sabor da idiosincrasia dos indivíduos que dela fazem uso, devo também explicar que 24 por cento, por ano, sôbre um capital empregado com a maior garantia, é considerado, na província do Paraná, pouca compensação ou mesmo "lucro" nenhum. Pode-se imaginar muito bem que, no caso da situação flutuante e incerta de uma propriedade como uma mina de diamantes, um capitalista do Paraná pode mesmo considerar que uma compensação de cem por cento não é satisfatória, e procede da maneira que acha mais conveniente, a fim de conseguir o que, a seu modo de ver, constitui lucro tirado de empreendimento tão pequeno!

Aqui, entretanto, podemos perceber a contradição aparente que existe entre o fato das minas de diamantes do Tibagi, que ora estão abandonadas, e a afirmativa do negociante revoltado, Sr. José Manuel da Silva, cujo trabalho eficiente lhe tinha produzido lucros polpudos, durante o último ano em que elas foram exploradas regularmente: as importâncias nominais que, sem dúvida, eram um tanto inexatas, mas não chegavam a ponto de serem consideradas improváveis, como podiam levar a crer à primeira vista.

Vou registrar aqui uma história que eclipsa os dias mais florescentes da mineração na Califórnia: Dona Maria Machado, espôsa do descobridor das minas, desejou possuir certo escravo, de propriedade de outra senhora. Por êsse escravo, que valia, no mercado, cêrca de 100 libras, Dona Maria deu uma xicara cheia de diamantes escolhidos. Outra: Um caboclo, que trabalhava por conta própria num garimpo nas margens do rio, achou um diamante que pesava uma oitava e meia (uma oitava é igual a 17:44 quilates). Com esta pedra êle comprou uma casa no valor de 40 libras. O mesmo diamante, mais tarde, rendeu 1.400 libras! O mesmo indivíduo vendeu, tempos depois, duas lindas pedras, que pesavam juntas uma oitava, pelo preço de apenas 50 libras! O valor real das pedras em apreço era, a êste tempo, muito baixo nesta longinqua região.

Nenhuma história desta parte do país é completa, se não falarmos alguma coisa a respeito do padre, especialmente quando nela existe o sabor da maroteira. A que passo a contar foi confirmada pelo morador mais antigo do lugar.

Frei Mattheo, um dos primitivos "beneficiados", indicado para se encarregar das almas dos mineiros, sendo um homem santo e tendo

grande interêsse em suavizar os tormentos diários do seu rebanho, insistia em aliviá-lo destas preocupações e aborrecimentos materiais — que eram inseparáveis de uma certa espécie de riqueza para a qual não havia mercado próximo — comprando os seus diamantes a um preço de duas libras por quarta parte de oitava, e recebendo tôdas as pedras, grandes e pequenas! Ora, pelas regras comuns de se avaliar diamantes, uma pedra de pura água, pesando uma quarta parte de oitava, em bruto, raramente vale menos de 50 libras. Foi assim que o homem santo começou a enriquecer ràpidamente. No fim de alguns meses estava tão cheio de contos de réis, que pôde sair do lugar sem nenhum pesar, justamente na ocasião em que o seu rebanho começou a desconfiar de que estava sendo ludibriado. Se êle retardasse um pouco mais a sua saída e esperasse que o pressentimento dos caboclos tomasse vulto, o seu futuro projeto para gozar a vida seria, então, possìvelmente alterado.

Essas e muitas outras histórias antigas sôbre os primeiros dias das minas, embora um tanto deturpadas e exageradas devido ao grande número de vêzes que já foram contadas, ainda mostram que, nos primeiros anos de sua existência, os mineiros não recebiam grande auxílio, e que nenhum trabalho sistemático era então feito. Mais tarde, fizeram, sem dúvida, uma tentativa por meio de trabalho sistemático e conseguiram algum êxito até o abandono definitivo, em 1871.

Foi isso o que consegui apurar com referência a essas minas. Falta agora apenas registrar os resultados de uma investigação cuidadosa que fiz, para me certificar até onde os pontos principais de interêsse atual podem ser confirmados pelos fatos.



Mulher da tribo dos Coroados, com o filho pequeno

CAPÍTULO III

Examinando as minas ★ O encontro com um fugitivo ★ Descrição da situação das explorações ★ Porque foram abandonadas ★ Conclusão a que cheguei ★ A mina desaparecida ★ Ignorância dos trabalhadores ★ Indicações importantes ★ Uma jazida de diamantes.

A uma distância de menos de três milhas da cidade de Tibagi, situada na região que agora é propriedade comum de cêrca de 100 pessoas, ficam os trabalhos principais da exploração das minas diamantíferas.

Uma manhã bem cedo, um dia ou dois depois de nossa chagada à cidade, fui com Mercer a êste local, com a intenção de dedicar o dia todo em informar-me e averiguar, não só a respeito dêste trabalho especial, mas também a respeito de tôda a região circunvizinha, onde haviam encontrado ou onde diziam haver achado diamantes.

Pouco antes de chegarmos às excavações principais, que ficam situadas nas margens das florestas, passamos por diversos pequenos ranchos, habitados por caboclos e suas famílias. Êsses homens ainda cavavam as minas de vez em quando, mas isso só se dava uma vez ou duas por mês. Durante o resto do ano êles levavam uma vida de pura ociosidade, com a única exceção do pequeno período em que se empregavam para fazer uma roça na floresta — para o que eram convocados em suas próprias casas — quando plantavam; na ocasião oportuna, faziam a colheita do produto. Êstes eram os jogadores ou fatalistas — palavras quase sinônimas — o tipo do caboclo menos atraente entre todos os que encontrei. Apeamos e entramos em diversas destas habitações. Quase sem exceção, os homens pareciam não ter coragem nem ânimo, e que traziam por destino levar aquela desgraçada existência.

Para surprêsa minha, numa casa, ou melhor, numa cabana, reconheci um antigo empregado nosso; um dos mesmos homens que haviam fugido, uma noite, do Areranha, com mêdo dos índios que não haviam aparecido "— Então Ignácio" — perguntei-lhe — "livrou a sua pele? Espero que não tenha esquecido de contar aos seus amigos a história da sua bravura!" O homem ficou cabisbaixo e não respondeu. Compreendi que êle alimentava uma vaga desconfiança de que eu tinha ido acompanhado do subdelegado, com o fim especial de levá-lo de volta às florestas do Ivaí.

Quando comecei a conversar sôbre diamantes, êle se animou um pouco e, em seguida, exibiu um pequenino gomo de bambu, em cuja extremidade havia enfiado uma palha de milho enrolada. Tirando esta, virou na palma da

mão um punhado de pequenos diamantes, sendo que os maiores pesavam talvez um pouco mais de um quilate. Perguntei-lhe quantos dias de trabalho representava a q u e l a quantidade de pedras. "Oh!" — respondeu — "eu os achei nesses últimos oito ou nove meses, mas não trabalhei, ao todo, mais de vinte dias." Êstes diamantes, juntos, valiam 10 libras ou doze. Ofereci-lhe setenta mil réis pelo lote, mas êle não quis aceitar.

A maioria dos caboclos que visitamos tinha uma pequena quantidade, de espécie semelhante, cujo valor variava de três a quatro libras e o lote de 12 a 14 libras. O maior e melhor que vi era um perfeito octaedro de cêrca de dois quilates. Seu dono pediu-me 80$000 por êle (oitenta mil réis). Podia valer e podia não valer isso. Entretanto, cheguei à conclusão de que o padre, de quarenta anos atrás, encontraria o atual rebanho um pouco mais esperto do que o de seu tempo.

A primeira impressão que tive da mina foi a de que parecia uma cascalheira comum, aberta na encosta de uma colina.

Pouco depois, quando o olhar se habituava ao ambiente, percebia-se que ela havia sido, se não continuava a ser, alguma coisa mais importante do que aparentava.

Aqui e ali existiam montões de cascalho, amarelo e grosso, no interior da mina, enquanto que, a uma pequena distância, no lado de fora, existiam montículos maiores de um material branco e lavado, que era o refugo das lavagens. Num lado da mina, um encanamento tôsco, feito com palmeiras rachadas ao meio, a fio comprido e escavadas, conduzia a água do riacho, que corria a trinta passos de distância, para a entrada de mina, perto da qual viam-se os restos de uma avelhantada cuba que há muito não recebia água. Um morro elevado, coberto de vegetação, se erguia atrás da mina, havendo outros à direita. Na frente, estendia-se um vale estreito e profundo, ao longo do qual o pequeno rio, que fornecia água para a mina, precipitava-se impetuoso, para levar o seu pequenino tributo ao rio maior e de águas mais calmas, que se escoavam a uma distância de cêrca de uma milha.

De um relance compreendia-se a razão por que o trabalho havia sido abandonado. Era mesmo pelo motivo que já ouvira mencionar.

Enquanto a superfície do terreno se alteava abruptamente na direção em que a mina seguia, a jazida onde se encontrava o diamante, isto é, os extratos de cascalho, corrria quase num mesmo nível. Em consequência disso, a cada nova jarda de terreno trabalhado, aumentava a profundidade em que êstes extratos ficavam abaixo da superfície, o que originava uma relação sempre crescente à proporção das despesas do serviço.

Não cansarei o leitor amador com minúcias do exame que fiz, o que ser-lhe-ia de muito pouco interêsse; no entanto, darei as conclusões gerais a que, por fim, cheguei. Se essas ditas conclusões forem, como creio que o são, na maior parte, corretas, algum dia a sorte sorrirá para a gente desta região, agora tão sossegada.

1º) Que os diamantes são encontrados em certos extratos estreitos e horizontais e separados por outros extratos ou camadas de composição ligeiramente diferente.

2º) Que êstes extratos de aluvião determinam o lugar onde foi, em dias remotos, o leito de um rio, o qual recebeu depois, juntamente com tôda a região circunvizinha, grandes entulhamentos de aluviões de épocas subsequentes. Êsses aluviões formam agora os morros da vizinhança imediata, que se altearam mais uma vez e sofreram uma denudação, por meio da qual a fisionomia da região, como então existia — as montanhas, os vales, os morros e as ravinas — ficou esculpida.

3º) Que êste processo de formação havia atravessado o leito do antigo rio já mencionado, no ponto em que estava situada a mina em questão, e que, com tôda probabilidade, outra mina semelhante, até então não descoberta, correspondendo à outra seção exposta do leito do antigo rio, existia muito perto e que, com uma pesquisa inteligente se podia descobri-la com pouca dificuldade.

Isto é o que se relaciona com o depósito diamantífero. A seguir, no que se refere à exploração da mina existente. Só alguns dias mais tarde, após ter, em adição a um cuidadoso exame e demoradas investigações feitas pessoalmente entre os antigos mineiros e entre os mais antigos habitantes da cidade, me senti apto a chegar a uma conclusão neste sentido, baseado em fatos que mereciam atenção.

Em poucas palavras, a opinião que eu formei, por fim, foi a seguinte. Que as explorações atuais, afora quaisquer considerações a respeito da existência provável de outra mina nas imediações, tornam possível, com métodos aperfeiçoados de lavagem e uma orientação inteligente, conseguir-se um lucro maior. Presentemente, a mina funciona com a desvantagem de não ser famosa, conseqüência natural do fato de nunca ter produzido pedras grandes. Entretanto, existe um fato que merece atenção, no rio: todos são unânimes em dizer que não foram poucas as pedras grandes e valiosas que dali levaram. Por que será então que os resultados das explorações foram tão desanimadores nesse sentido? Só ouvi falar a respeito de um ou dois diamantes, ali descobertos, que valiam mais de um conto de reis.

Uma razão que admito muito provável é a seguinte: Foi logo observado que a jazida de cascalho mais fino era mais rica, no número de diamantes, do que o cascalho mais grosso. De fato, o último parecia ser completamente estéril. Observando também que o cascalho mais grosso era muito mais deficiente em "formação" — nome dado pelos mineiros a uma certa pedra preta pequena, que geralmente acompanhava o diamante, — os mineiros não davam importância aos cascalhos mais grossos e não os lavavam, ignorando o fato de que, se existissem diamantes, êsses só poderiam ser encontrados nos cascalhos grossos e não nos finos. Sem dúvida, em qualquer caso, estas pedras maiores existiam esparsas e em número comparativamente pequeno. No entanto, a única formação provável, em que elas poderiam ser encontradas, era jogada fora como sem valor, não merecendo, por isso, lavagem, nem mesmo por experiência, o que parece uma grande tolice.

(Continua no próximo número)

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

À pergunta do juiz, respondeu com voz firme:

— Inocente! E como tal farei minha defesa.

A seguir, os jurados prestaram juramento. Jack os observou atentamente, enquanto refletia, com um sentimento a um tempo de surprêsa e de ansiedade, sentindo que a sua vida dependia agora da escolha e da decisão dêsses estranhos, dêsses indivíduos que via pela primeira vez e que jamais conhecera, homens que ignoravam tudo do seu caráter, da sua maneira de viver, das suas idéias e das suas ambições! Homens, enfim, que não haviam tido, jamais, nada em comum com êle próprio!

Saltava aos olhos que os senhores do corpo de jurados estavam impressionados pela importância de que se viam repentinamente revestidos. Seus olhos, seus gestos e suas palavras, tudo nêles era tìpicamente inglês — e de inglêses da classe média, colocados em tal circunstância.

Êsse pensamento o acalmou um pouco e quase chegou a sorrir. Mas logo tornou a se mostrar grave, ao refletir que qualquer daqueles homens tinha a sua vida entre os dedos. A vida ou a morte.

Considerados em seu conjunto, os seus juízes nada tinham de formidáveis, em seu exterior. A maior parte parecia pertencer à burguesia, embora estivessem entre êles indivíduos de classes mentalmente mais elevadas.

A voz do promotor, Sir William Broom, que êle muito conhecia, cortou o fio dos seus pensamentos. Recostou-se no banco de madeira envernizada, que lhe cabia como acusado, e tratou de ouvir, cruzando os braços como fazem todos os que se encontram na mesma situação. E êle, nas suas precedentes presenças nos tribunais criminais, jamais pudera notar os mil detalhes estranhos, bizarros, que agora captavam a sua atenção! A voz de Sir William Broom, por exemplo, cujo timbre deveria literalmente abrir-lhe o caminho da glória, não sem arranhar os nervos dos seus auditores.

Sir William falava agora dêsse outro Sir William, cuja morte provocava a atual reunião do tri-

---

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de avistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja ainda uma terceira personagem, Mr. Sawyer que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, o homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade, tendo aberto, pessoalmente, uma garrafa. Examinando essa garrafa, Biles descobre a marca digital revelando uma larga cicatriz. Indo ao bosque, na manhã seguinte, encontra um objeto de forma arredondada lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey, e exibe-lhe o achado, e o médico, imediatamente, afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem ela pertencia devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Office confirmam a natureza do achado e o Dr. Hailey se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que, após o rompimento do noivado saiu a passear, indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara Miss Armand, quando Biles lhes informa que Sawyer viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio, Jack estremece e exclama: "O homem da pelerine comprida!" acrescentando que o mesmo usava barba e tinha os olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico, êste descobre, numa árvore, fragmento de pele humana. Deduzem, então, que o corpo devia estar próximo. Medindo o terreno em redor e pesquisando melhor, descobrem uma fôlha manchada, aparentemente, de sangue. Depois de minucioso exame do local, o Dr. Hailey conclui que Sir William fôra assassinado e seu corpo escondido no local ideal... no próprio cemitério da aldeia, num túmulo recém-aberto e que por isso mesmo não despertaria a atenção da polícia, com a sua terra ainda fôfa por ter recebido conhecida figura do local. Assim realmente fôra feito pelo assassino... Quem era êle, porém? Nem Derwick nem Sawyer teriam tido tempo para executar todo o plano. Miss Armand? Porém esta também desaparece, levada em automóvel por um desconhecido, justamente quando a polícia pretendia interrogá-la e prendê-la, juntamente com o ex-noivo, Jack Derwick. Hailey decide vigiar os passos de Blunder, o sócio de Sir William. Descobre que o mesmo tinha relações em Londres, com uma atriz teatral e que, ùltimamente, deixara de comparecer ao escritório alegando estar doente. Vai procurá-lo e pouco pode arrancar do solicitador. Pouco depois Biles vem anunciar a Hailey a prisão de Derwick, que não parece satisfeito com a notícia. Na mesma noite vai postar-se à porta do escritório de Blunder. Quando êste sai, já noite, segue-o em seu automóvel. Blunder, após longa viagem, volta a Londres e ali, num arrabalde tranqüilo penetra num velho casarão. Hailey vai em seu encalço, penetra na casa e ouve gritos de dor ou de agonia. Revólver em punho, penetra num quarto e surpreende Blunder com um médico e uma enfermeira. O advogado afirma que ali estava para salvar Miss Estele Armand, que enlouquecera. Afirma que a causa do rompimento do seu noivado com o jovem Derwick fôra imposição do pai, que já tinha sido por duas vêzes vítima da filha que, num dos acessos de loucura, tentara matar o próprio pai. Fôra por piedade que escondera a desgraçada, para que não caísse nas mãos da polícia, que sem dúvida ligaria todos os fatos e lançaria Miss Armand na prisão como assassina de Sir William. O velho fôra assassinado porque intimara Miss Armand a romper o noivado, embora contra os conselhos dêle próprio, Blunder. Porque êle era...

bunal. Afirmava que tinha sido "homem de honorabilidade irrepreensível". Não tardaria a falar do seu assassinato, espaçando as sílabas, como era seu hábito.

O prisioneiro respirou com fôrça e desviou o olhar; mas foi rápido o seu abandono e o seu sentimento de indiferença não tardou a desaparecer, voltando o acusado a ouvir atentamente o orador.

Sir William fêz um apanhado geral dos pontos principais da acusação e o seu principal argumento, tal como Derwick esperara, foi a ausência do prisioneiro de Calthorpe Hall durante todo o tempo indispensável ao criminoso para praticar o seu hediondo crime.

"— Prova será dada — disse êle aos jurados — de que o acusado foi visto penetrando no bosque poucos instantes antes de Sir William; que ninguém tornou a ver o acusado, em seguida, senão duas horas mais tarde, em Calthorpe Hall. Então o acusado tinha sôbre si manchas de lama e de sangue. Mais ainda: será provado que fàcilmente êle teria conseguido uma enxada, pois que sabia onde encontrá-la e também sabia haver no cemitério um túmulo recentemente escavado.

"Há ainda o móvel do crime! Sir William possuía fortuna considerável. Tinha uma filha única e de grande beleza, noiva do prisioneiro e que, evidentemente, o amava profundamente. Derwick, ao contrário, é pobre e naturalmente ambicioso. Quem pode duvidar de que o acusado contava com o dinheiro dos Armand para conseguir uma bela situação no Parlamento?

Os jurados — segundo Jack Derwick temia — não duvidavam. Sir William Broom, evidentemente, **conhecia a natureza humana**, principalmente a de gente de instrução mediana...

A idéia de patinhar na lama e no sangue para conseguir fortuna e posição era coisa ao mesmo tempo sedutora e terrível, para tal gente. Nova onda de amargor o invadiu, seguida pelo pensamento de que o seu erudito confrade o tratava com total desconsideração.

— Os senhores pertencem ao mundo... — dizia nesse momento o acusador, dirigindo-se aos jurados — Eis por que faço um apêlo aos seus sentimentos, aos seus raciocínios. Tudo o que peço é que façam uso do bom senso..."

Sir William Broom voltou ao seu lugar. Derwick sentiu o próprio pulso se acelerar, como sempre ocorria, quando, numa reunião política, o presidente se voltava para lhe dar a palavra.

O inspetor Biles foi a primeira testemunha chamada. Descreveu as pesquisas efetuadas sem omitir o menor detalhe e seu testemunho provocou grande emoção. Êsse gênero de história era, de-

---

Sawyer. Disfarçara-se mesmo a conselho de Sir William, que não desejava que seu drama **íntimo** chegasse ao conhecimento público. Depois de examinar ligeiramente Miss Armand, Hailey se retira e na mesma noite recebe a visita de Biles, que lhe relata detalhes do inquérito contra Derwick. Hailey tudo ouve como se pensasse noutra coisa e só parece interessado quando o policial declara ter encontrado um carta de Sir William para **Lady** Windwest. Carta apenas iniciada e deixada por terminar. Armand & Blunder eram os procuradores dessa senhora, que se encontra bastante enfêrma. Então Hailey fica imaginando se Blunder não se apropriara do dinheiro de Lady Windwest para ser gentil com a atriz Poppy de Vere. Por intermédio de uma sua velha amiga, antiga atriz teatral, consegue aproximar-se de Miss de Vere e verifica que essa jovem atriz está muito aborrecida porque as representações da peça em que era a primeira figura tinham sido suspensas da noite para o dia (por elevados prejuízos, segundo soube pouco depois). Como quem nada quer, cita o nome de Blunder como principal financiador da peça e Poppy de Vere nega indignada, afirmando que apenas conhece muito levemente o solicitador. Pensando talvez que Hailey fôsse homem rico e amigo de aventuras, convida-o a seguir, insistentemente, para a sua residência, para tomar chá. **Hailey** imediatamente compreende que Blunder amava loucamente a atriz e que estava de fato arruinado. Restava saber se o desastre tinha ligação com o desfalque da firma e o desvio dos dinheiros de Lady Windwest. Talvez tivesse sido êste o motivo por que Sir William fôra a Londres e depois recebera a visita de Blunder no "Touro Negro" e tanto falara em honra e em decisão suprema. E' que também êle ficaria desonrado pela atitude desonesta do sócio, desonra a que não escaparia sua própria filha... E para não salpicar na lama o nome de Jack Derwick... forçara a filha a romper o noivado com o rapaz... E, caso Sir William tivesse reposto o dinheiro, com sacrifício da sua própria fortuna... a sua morte tudo apagaria e salvaria duplamente a Blunder! Mas era preciso que isso fôsse mesmo verdade. Por isso vai visitar Poppy e tudo se confirma. Blunder está apaixonado pela atriz, já perdera tôda a sua fortuna para sustentar seus caprichos teatrais e tem um ciúme terrível. Mas deve também ter arranjado mais dinheiro, pois anuncia que os espetáculos vão começar. Quando Blunder se retira, ela ouve de Hailey a revelação de que o solicitador talvez fôsse culpado de um grande crime e, então, resolutamente, defende-o e diz que vai revelar a Blunder tôda a manobra de Hailey contra êle. Na mesma tarde Biles vevela ao médico que Blunder era o único executor testamentário de Sir Armand e que êste deixava tôda a fortuna para a filha. Hailey nada lhe diz sôbre o paradeiro de Estele mas assegura não acreditar na culpabilidade de Derwick e que vai ajudar o rapaz. De fato visita-o na prisão e o prisioneiro recusa acreditar no que lhe conta o médico sôbre as razões da ruptura do noivado. Para êle, Estele nunca fôra enfêrma. Horas depois, na aldeia de Colthorpe e no Touro Negro os comentários que ouve deixam Hailey desanimado. Todos acreditam que Derwick é o assassino. Voltando a examinar o local do crime, descobre, numa árvore, a marca como a de um ôlho, igual à que já vira no Museu, referente a sinais supersticiosos contra mau olhado. Isto significaria que na região havia ainda quem acreditasse nessas tolices? Algum fanático? Fanático perigoso? E' o que precisa averiguar. Visita várias autoridades no assunto e continua indeciso. Visita igualmente o reverendo Willoughby, pois êste, por certo, poderia indicar algum residente praticante dessas superstições. Nada consegue, sendo mesmo recebido friamente pelo estranho sacerdote. Desanimado, Hailey vai visitar Estele... mas encontra a casa vazia. Indagando, sabe que a mansão estava confiada à guarda da firma Armand & Blunder, estando há muito desabitada. Resolve procurar o médico que havia passado o atestado de insanidade de Estele. Não tarda a descobri-lo e êste, surpreendido ao saber que se tratava de um embuste e que a moça em questão estava sendo procurada pela polícia, relata como fôra procurado por Blunder e como fôra ver a enfêrma. Informa também que a moça fôra recolhida a um asilo de loucos, para o qual logo se dirige em companhia de Hailey, que realmente encontra Miss Armand internada... embora de boa-fé, diante do atestado assinado pelo médico de Hampstead. Estele, já livre dos entorpecentes, afirma não ser louca e em vista disso o diretor do asilo, a conselho de Hailey, telefona para a polícia dando o paradeiro da criatura procurada. Antes de se retirar Hailey a tranqüiliza e diz que Jack está prêso, mas que a sua situação era razoàvelmente boa. No dia imediato, é iniciado o julgamento de Derwick, numa sala repleta.

fato, o que os jurados melhor compreendiam e apreciavam. Derwick não fêz mais que uma pergunta ao depoente, no seu interrogatório contraditório.

— O senhor mencionou — disse êle — ter recebido, durante as buscas efetuadas, a preciosa ajuda do Dr. Hailey, de Harley Street. Não seria mais justo dizer que **todo o mérito dessas pesquisas cabe ao Dr. Hailey?**

Biles corou fortemente, mas logo se dominou:

— Reconheço exatamente o que o senhor diz — respondeu friamente.

Outras testemunhas citadas vieram provar que Derwick entrara, realmente, no bosque, quase ao mesmo tempo que Sir William; a seguir, um perito do **Home Office** descreveu como encontrara vestígios de morfina no corpo do morto e manchas de sangue na roupa do prisioneiro.

— Essa mancha não poderia provir do sangue da pessoa que usava a roupa? — perguntou Derwick.

— Oh! E' claro que sim... De qualquer outra pessoa!

—Suponhamos, por exemplo, que essa pessoa se tivesse ferido num dedo e calcado o mesmo nesse ponto da roupa, para estancar o sangue?

— E' possível. Mas, nesse caso, acredita o senhor que êle escolheria a parte trazeira do paletó?

— Se êle tivesse colocado o lenço no chamado bôlso do revólver, não faria o gesto tentando apanhá-lo?

— Sim... Tem razão!

O dia avançava e a luz, através das janelas de vidraças enegrecidas, enfraquecia ràpidamente. Os servidores da mansão se sucederam de maneira fastidiosa. Afirmaram aos jurados que era muito fácil ao acusado munir-se com uma enxada, apanhada no depósito da mansão. Disseram ainda que Miss Armand e seu noivo pareciam amar-se profundamente e, finalmente, que na noite do crime Miss Armand não apareceu para o jantar.

— Nesse caso... ninguém jantou, essa noite? — sugeriu Sir William Broom.

— Ninguém, senhor!

— Uma tal coisa ocorreu, alguma vez, quando a família residia em Calthorpe?

— Não. Jamais... segundo me recordo, senhor.

A última testemunha foi Blunder. Inclinou-se profundamente, voltado para o juiz, logo que chegou ao local destinado às testemunhas. Seu rosto redondo estava resplendendo saúde, como uma maçã madura e prestou seu depoimento num tom vivo que contrastava agradàvelmente com as respostas monótonas dos criados. Quando Jack se levantou para o interrogar, voltou a inclinar-se, como para demonstrar que em qualquer circunstância era homem capaz de manter seu sangue frio.

— O Sr. declarou — começou Jack — que Sir William o visitou pouco antes da sua morte...

— E' a exata verdade!

— Devo acreditar que, nessa ocasião **ou pouco depois**, êle comunicou ao senhor a sua intenção de romper o noivado entre a sua filha e... eu?

Frizou ligeiramente, porém de modo apreciável, as palavras "pouco depois". Um brilho surgiu nos olhinhos de Blunder quando sentiu o sublinhamento dessas palavras. Lançou um olhar rápido e furtivo ao rosto do acusado. Jack compreendeu claramente que o solicitador perguntava a si mesmo se o Dr. Hailey batera ou não com a língua nos dentes. Hesitava...

— O senhor não responde à minha pergunta?

Blunder enrugou a fronte antes de dizer:

— Sir William revelou, realmente, que pretendia romper o noivado da sua filha com o senhor — declarou em voz surda.

Durante todo o dia, era o primeiro ponto marcado pela defesa. Sir William Broom levantou a cabeça, não parecendo estar muito à vontade. Alguns jurados se endireitaram na cadeira, curvando-se para a frente, a fim de ouvir melhor.

— Não teria dito ao senhor... **o motivo?**

Os pescoços se esticaram. Um ligeiro murmúrio, permitindo ouvir claramente os gritos da rua, e que até então caracterizara a audiência, cessou completamente. Blunder segurou a barra de ferro diante da sua poltrona, parecendo querer torcê-la com as duas mãos.

— Sim.

— Qual era êsse motivo?

A pergunta veio como um tiro sêco, de pistola. No silêncio profundo, que reinava na sala, ressoou muito alto.

— Receio muito — disse o depoente — ser impossível divulgá-lo. Sir William não era apenas o meu sócio; era também o meu amigo e o meu cliente.

Ao silêncio sucedeu um movimento nervoso em tôda a sala. Os auditores se indignavam, sem dúvida, com essa recusa em responder. Blunder



— Então? Como vai progredindo êsse t-ú-n-e-l?

se voltou para o juiz, como para invocar a sua proteção, mas o magistrado falou antes dêle.

— Não existe qualquer privilégio, Sr. Blunder, entre advogado e cliente, quando êste último está morto. Creio que o senhor deve responder à pergunta que lhe foi feita.

Novo silêncio se fêz. Jack espreitou os olhinhos de Blunder. Teria dado muito para saber se Blunder era realmente pessoa honesta, mas a posição atual de Estele não lhe deixava o direito de duvidar.

Permaneceu de pé, modêlo de paciência, esperando a resposta. Esta veio, afinal.

— Miss Estele Armand sofrera, várias vêzes, sérios ataques de epilepsia. Só o pai sabia, porque tais crises sobrevinham sempre tarde da noite. Sir William não achava que era justo, nessas circunstâncias, permitir que a filha contraísse núpcias.

— Obrigado, Sr. Blunder.

Jack voltou a sentar, com grande alívio — evidente — da testemunha. Os sentimentos dos auditores puderam ter então livre curso e se traduziram em novos murmúrios e movimentos diversos. O juiz, porém, com um olhar severo, logo restabeleceu a boa ordem. Curvou-se, então, para o depoente e disse:

— Creio que vou fazer algumas perguntas ao senhor, na próxima segunda-feira, Sr. Blunder.

CAPÍTULO XXVII

As explicações de Estele Armand

Durante os últimos dias da semana, o interêsse do público pelo processo em curso aumentou consideràvelmente — resultado, sem dúvida, da confissão dramática arrancada a Blunder. Quando o tribunal se reuniu novamente, segunda-feira, pela manhã, havia como que eletricidade no ar.

Foi com passo firme e confiante que Jack se dirigiu para o banco dos acusados. Antes de sentar, voltou-se e trocou um sorriso amistoso com o Dr. Hailey, sentado justamente atrás dêle.

A uma ordem do juiz, voltaram a chamar o Sr. Blunder. O Dr. Hailey, que o observou atentamente, enquanto o solicitador subia os degraus para chegar ao lugar das testemunhas, concluiu que êle ignorava ainda a prisão de Estele. A polícia tomara suas precauções para evitar qualquer publicidade em tôrno do assunto. O fato da prisão ter sido efetuada num sábado, facilitou, em parte, essa tarefa. O solicitador, porém, não parecia lá muito à vontade. Sua inquietação aumentou ainda quando o seu olhar cruzou com o do médico.

— O senhor disse, creio, que Sir William se confessara ao senhor, a propósito da saúde da filha — começou o juiz, após consultar os apontamentos feitos no correr da última audiência. Poderia dizer-me a razão por que êle assim fêz?

— Porque, excelência, éramos amigos íntimos, e porque êle desejava combinar uma consulta com um dos meus amigos que se especializou no tratamento da epilepsia.

— Não pretendia comunicar qualquer coisa... ao acusado?

— Absolutamente, excelência! Disse-me várias vêzes que seu desejo era o de que o Sr. Jack Derwick nada soubesse... Jamais!

Ia o juiz permitir que a testemunha se retirasse, quando Jack se ergueu e pediu permissão para fazer a Blunder algumas outras perguntas.

— Quando viu o seu sócio pela última vez? — perguntou êle em tom incisivo.

Blunder estremeceu. Seu olhar, instintivamente, procurou o Dr. Hailey, cujos olhos mornos fixavam os seus. O Dr. Hailey se preparava para aspirar rapé. Não teve êle um só estremecimento. O solicitador pareceu, um instante, querer cruzar espada com êle, mas logo recuou.

— No dia do assassinato — respondeu êle em voz baixa.

— Devo entender que Sir William deixou Calthorpe, nesse dia? — perguntou Jack.

— Não, senhor. Eu mesmo fui vê-lo em Calthorpe... no albergue.

O espanto se estampou em todos os rostos, inclusive no de Sir William Broom, que se ergueu, a meio, de sua cadeira, voltando a sentar-se logo a seguir. A voz de Jack vibrou ao fazer a pergunta seguinte:

— **Sob o nome de Sawyer, creio?**

— Sim... Isso mesmo!

Blunder retirou do bôlso um grande lenço, com o qual secou o suor da fronte. Novamente o seu olhar procurou Hailey, porém foi em vão que lançou um desafio a êsse homem impassível. Não recebeu, em troca, nenhum sinal de ira ou provocação.

— Nesse caso... **Foi o senhor quem acompanhou Sir William ao bosque em que êle tombou assassinado?**

— Sim.

— E avistou, **nesse instante**, alguém mais, pelas proximidades?

— Não, ninguém! Mas a noite se tornava mais e mais sombria...

O juiz interrompeu para perguntar, severo:

— Por que não fêz tais declarações no sábado último? Êsse depoimento é da maior importância para os jurados.

— Porque, excelência, fazendo essa declaração, eu divulgaria um segrêdo dos mais teimosamente guardados por meu amigo, Sir William.

Terminadas as perguntas, Blunder se retirou para a cadeira que lhe fôra reservada na sala, não distante do Dr. Hailey. Ali permaneceu, curvado para a frente e com a cabeça entre as mãos.

Os argumentos da acusação estavam terminados e por isso Jack se levantou, a fim de dirigir a palavra aos jurados.

— Senhores — disse êle — um dos obstáculos que enfrenta um homem inocente é o de encontrar-se, sem qualquer preparo, diante da acusação. Sem defesa, portanto! Essa é a dificuldade em que me encontro, ao me dirigir aos senhores. Essa acusação me apanhou desprevenido, porque nunca imaginei que precisasse de estar preparado para um fato semelhante. Quando examinei a questão da minha defesa, descobri que o número de testemunhas de defesa seria mínimo, de fato. Assim, não posso prometer em minha defesa mais que ligeira prova testemunhal. Minha principal linha de defesa, realmente, repousará sôbre o próprio júri, sôbre êsse instinto que permite à

honestidade reconhecer a honestidade, à inocência reconhecer a inocência, mesmo quando — e êsse é o meu caso — um homem se encontra, aparentemente, prêso nas malhas de circunstâncias e de coincidências adversas.

"Não tentarei, pois, negar muitas das declarações feitas pelo ministério público. Creio que poderei conversar com os senhores membros do júri com inteira franqueza. E', pois, perfeitamente verdade, que penetrei no bosque de Calthorpe quase ao mesmo tempo que Sir William; é perfeitamente verdade, também, que teria tido todo o tempo necessário para perpetrar o horrível crime de que me acusam, e faltaria à verdade se afirmasse não haver notado, ao passar ao longo do cemitério, o túmulo recém-ocupado.

"Minhas recordações sôbre êsse ponto são bem nítidas. Quatro horas apenas haviam decorrido depois do rompimento do meu noivado com Miss Armand. Tinha eu a morte na alma, sentia o corpo dolorido e sem fôrças. Pensei mesmo, ao ver o túmulo com a terra frescamente remexida, que a pessoa que ali estava enterrada era mais feliz que aquêles infelizes que, como eu, embora sem esperanças, tinham que continuar a viver!"

Deteve-se um instante. Os jurados permaneciam impassíveis. Embora tivesse o hábito dos tribunaise, Jack sentia essa falta de reação pesar em seu espírito. Talvez, em suma, tivesse êle errado ao firmar tôda a sua confiança na própria personalidade. Melhor teria feito, talvez, seguindo o conselho dos amigos e confiando a sua causa a algum grande advogado.

"— Entretanto, senhores, se não tenho muitas testemunhas de defesa, vou apresentar uma ou duas... O reverendo Hargreave, pastor em Calthorpe, que poderá dizer que com êle, em sua própria residência, tomei chá, na tarde do crime. Ouvirão de sua bôca se lhe causei a impressão de um homem que acabava de praticar um assassinato. Um perito de grande fama virá, a seguir, explicar aos senhores jurados a significação de algumas das marcas encontradas na árvore junto da qual Sir William foi assassinado. Têm elas um caráter muito especial e significando coisa bem diversa do que declarou o procurador geral do rei. Compreenderão, enfim — segundo acredito — após ouvir essas testemunhas, ou qualquer homem são de espírito, o autor do crime."

★

Sentou-se. Na luz fraca da sala do tribunal, julgou ver errar sôbre os lábios do primeiro jurado, homem gordo e calvo, um sorriso de incredulidade. Respirou fortemente. Afinal, nenhuma prova era menos própria a convencer de sua inocência do que afirmar o acusado que não era o culpado!

A primeira testemunha da defesa foi o Dr. Hailey, e a chegada dêsse **personagem misterioso** — para o público — excitou uma grande curiosidade. Seu depoimento, no que se relacionou com o encontro do cadáver, serviu apenas para confirmar as declarações do inspetor Biles; mas o interêsse se reavivou quando entrou a descrever as marcas sôbre as árvores.

Sir William Broom o interrogou contraditòriamente sôbre êsse único ponto e se esforçou para levar a testemunha a reconhecer que essas marcas podiam ser originárias da biqueira da bengala de Sir William ou do próprio assassino. O médico, entretanto, foi inabalável em seu depoimento.

— Eu havia chegado a essa conclusão, por ocasião da minha primeira visita a Calthorpe — confessou êle — Mas após um segundo exame mudei completamente de idéia.

— Tem o senhor grande experiência das velhas superstições?

— Ao contrário. Conheço pouco...

O reverendo Hargreaves surgiu a um chamado de Jack, embora o fizesse visìvelmente a contragosto. Tôda aquela **atmosfera de justiça** — foi essa a sua expressão — lhe repugnava! Todavia, o seu depoimento foi precioso para Jack. Afirmou êle aos jurados, com a sua voz aguda e cheia de emoção, que "não podia conceber que o prisioneiro tivesse cometido o crime de que o acusavam."

"— Um assassino — acrescentou êle — não teria podido — prestes a praticar um crime — mostrar-se calmo e perfeitamente equilibrado como estêve o seu hóspede, durante o chá que lhe



— Algumas vêzes fico pensando que talvez fôsse mais fácil arranjar novo marido do que fazer tanto sacrifício para conservar o que tenho!

ofereceu! Minha experiência da natureza humana me obriga a repelir essa idéia!"

O sacerdote não foi submetido a um exame contraditório, mas Sir William Broom interrogou longamente o professor Mildmay. Foi mal recompensado dos seus esforços: o professor tinha convicção firmada.

— Repito — declarou êle, quando intimado a responder com clareza — que na minha opinião a marca foi feita com um dêsses antigos sinetes de que se serviam, há muitos anos, os camponeses e outros indivíduos, para "proteger" seus campos contra as influências ocultas.

— Mas... Afinal... uma tal idéia ressalta mais de — como direi? — ...da imaginação. Quem, na opinião do ilustre professor, poderia possuir um tal instrumento?

— Oh! Ainda podem ser encontrados muitos dêsses objetos de superstição, espalhados pelo interior, nos campos, em poder de velhas famílias...

— Então, acredita o senhor que algum camponês tenha surgido após o crime, para gravar êsse sinal no tronco da árvore? Para combater o... **mau olhado?**

— Sim! A menos que o próprio assassino tenha feito isso. Não sou criminologista, mas confesso que fiquei impressionado com alguns detalhes característicos dêsse crime; e estou inclinado a acreditar tenha sido êle obra de um desequilibrado.

— Devo entender, professor — observou o juiz — que não era raro, outrora, que um criminoso matasse a sua vítima... perfurando-lhe os olhos com um punhal?

— Exatamente! Se suspeitavam de que um homem — ou mulher — tinha **mau olhado** — e se tal indivíduo não fôsse queimado, em praça pública, acabava sendo assassinado e então arrancavam-lhe os olhos e tratavam de gravar, próximo ao local da "execução", um "encanto" contra o **mau olhado!**

O professor foi dispensado. Jack lançou um olhar sôbre a fisionomia dos jurados. Notou — conforme já temia — que essas minúcias científicas os haviam surpreendido mas não convencido. Imaginava já os seus comentários, quando deixassem a sala do tribunal, sôbre o que, na opinião unânime, não passava de uma desesperada tentativa de justificação. Respirou fortemente, levantou-se e chamou com voz clara:

— Miss Estele Armand!

A animação que se seguiu foi extraordinária, pois a imprensa noticiara com detalhes o desaparecimento da órfã e o insucesso de Scotland Yard na tentativa de efetuar a sua prisão, o que dera ensejo a comentários verdadeiramente cáusticos. Todo o público se ergueu a meio, esticando o pescoço para ver Miss Armand, quando penetrasse na sala do tribunal.

O Dr. Hailey aproveitou êsse instante para lançar um rápido olhar sôbre Blunder. O solicitador conteve com esfôrço um grito de surprêsa. As faces rubras e cheias do sócio de Sir William estavam agora terrìvelmente pálidas e os seus olhinhos, sempre vivos, fitavam qualquer coisa à sua frente. O médico continuou a observá-lo até que a voz de Jack, dando instruções à nova testemunha, pediu silêncio na sala.

— Por favor, Miss Armand, queira dizer aos Srs. Jurados, tudo o que sabe dêste drama.

Estele Armand começou a falar quase em voz baixa. Parecia extramamente nervosa; mas, salvo a palidez do rosto, nada alterava os seus belos traços. Êstes, a bem dizer, não revelavam qualquer ansiedade dolorosa, embora — conforme sabia o Dr. Hailey — a pobre moça muito sofresse nesse justo instante.

— Meu pai — começou ela — aprovava de todo coração o meu noivado com o Sr. Derwick. De fato, gostava muito do meu noivo e o tratava como se fôsse o seu próprio filho; isto continuou até à véspera da sua morte.

Deteve-se para levar o lenço aos olhos e lutar contra os soluços.

Um murmúrio de simpatia se elevou da assistência. O Dr. Hailey, receando que ela perdesse os sentidos, levantou-se a meio em sua poltrona. Isto fazendo, notou que Blunder recuperara totalmente o seu aspecto ordinário, e tomava notas num caderno de algibeira, que equilibrava sôbre os joelhos.

Jack, neste momento, interrogava:

— Foi nesse dia que Sir William anunciou ser necessário romper o nosso noivado?

— Sim. Foi nesse dia.

— E explicou quais eram os motivos que o levavam a assim agir?

— Realmente...

— E êsses motivos... foram aprovados, também, pela senhorita?

— Sim.

Esta última palavra foi pronunciada em voz tão baixa que o juiz não a ouviu nìtidamente e, por isso mesmo, pediu à testemunha que falasse um pouco mais alto. Jack notou que todos os jurados, sem exceção, se curvavam, ansiosamente, para a frente, a fim de não perder uma só sílaba.

— Sir Armand sugeriu que fôsse guardado segrêdo sôbre a revelação que lhe fê?

— Sim. Fêz-me prometer nada revelar a quem quer que fôsse... Mesmo a **você.**

Êsse "você" lhe escapou sem querer. Suas faces logo se cobriram de rubor e tratou de desviar o olhar que mantivera voltado, até então para o acusado, a fim de enfrentar os jurados.

"— Fêz-me prometer — repetiu então — nada dizer ao Sr. Derwick. Mantive a promessa!

Começou então a descrever como, na manhã seguinte, rompera o noivado com o Sr. Jack Derwick, acrescentando que, antes de chegar a êsse extremo, havia enviado ao "Times" e ao "Morning Post" a notícia dêsse rompimento.

— Não havia tempo a perder, pois que um golpe terrível podia cair sôbre nós, de um momento para outro!

Jack se apoiou, com uma das mãos, à grade que limitava o seu lugar. Seu corpo se curvou para a frente e seu olhar, extraordinàriamente agudo, indicou antecipadamente a importância que emprestava à pergunta que estava prestes a fazer:

— E que era essa calamidade ameaçadora?

Estele respondeu com uma voz repentinamente clara e ressonante, de tal forma que suas palavras chegaram até ao fundo da sala.

— Meu pai... — sem que houvesse qualquer culpa da sua parte — passara a pertencer à classe dos criminosos!

CAPÍTULO XXVIII

O segrêdo de Sir William Armand

No profundo silêncio que se seguiu, tôda palavra ganhava seu pleno valor.

"— Meu pai se dirigiu a Londres — continuou Estele — após haver sabido, pelos jornais, da enfermidade que atacara Lady Windwest. Êle e seu associado, Sr. Blunder, eram os administradores da fortuna dessa dama. Meu pai desejava verificar pessoalmente que tudo estava em ordem.

Deteve-se, pois que acabava de ver Blunder pela primeira vez na sala do tribunal. Um raio de sol caía nesse instante sôbre o rosto do advogado, iluminando-o em cheio, como nos teatros os fogos móveis de um refletor envolvem o ator sôbre o palco. Estele pareceu recuar em pensamento, para dias mais trágicos.

— E... tudo estava em ordem? — perguntou Jack Derwick.

— Não.

A palavra tremeu em seus lábios.

— Quer então dizer, segundo entendi, que uma parte do dinheiro havia desaparecido?

Estele inclinou a cabeça. Os momentos terríveis pelos quais passara seu pai, quando fizera essa descoberta, ainda estavam presentes em sua memória. Revia os seus traços fisionômicos, na noite em que retornou de Londres, e a expressão do seu olhar, quando lhe anunciou que estava arruinado.

— E Sir Armand lhe anunciou haver feito essa descoberta em Londres? — perguntou o juiz.

— Sim, milord. Disse-me que tudo o que possuía, até ao último cêntimo, não seria suficiente para reembolsar a quantia devida a Lady Windwest. Voltou a Calthorpe para decidir o que devia fazer, porque o Sr. Blunder lhe suplicara não precipitar as coisas.

— E qual foi a sua decisão? — perguntou Jack.

— Avisar imediatamente a vítima do roubo e a polícia, oferecendo, ao mesmo tempo, tôda a sua fortuna a fim de reembolsar parte da dívida. Foi essa decisão que comunicou, de fato, ao Sr. Blunder, no albergue.

— Então, a senhorita sabia que o homem que se dizia chamar Sawyer era, na realidade, o Sr. Blunder?

— Eu sabia que o Sr. Blunder devia vir.

— Acredita que tenha sido por vontade de Sir William que êle adotou um disfarce?

— Êle nada me disse a êsse respeito. Pessoalmente, não creio — mas, afinal, pode ter sido assim mesmo.

— A senhorita, sem dúvida, acredita que nessa entrevista, no albergue, o Sr. Blunder ficou com a impressão de que seria, dentro de poucas horas, o objeto de uma grave acusação?

— Não há dúvida sôbre isso! Meu pai disse que êle próprio também seria prêso, apesar de não haver tocado em um só **penny** dêsse dinheiro. Eis por que rompi meu noivado. Caso assim não tivesse feito, a infelicidade e a desonra que se abateriam sôbre nós teriam, também, envolvido o bom nome do Sr. Jack Derwick!

Durante essa parte do interrogatório, a atmosfera, na sala, se tornara mais e mais carregada. Pouco a pouco, todos os olhares se desviaram da jovem testemunha para procurar o homenzinho cuja reputação de solicitador competente e íntegro vinha de ser destruída para sempre. Sentado e curvado, Blunder conservava a mesma posição que adotara à entrada de Estele, na sala do tribunal. A despeito da ardente curiosidade que devia sentir em seu redor, continuava a escrever no caderninho de algibeira. O Dr. Hailey, que o vigiava com o olhar desde meia hora antes, percebeu que êle agora escrevia mais ràpidamente que no início do depoimento de Miss Armand. Seria possível que aquêle espírito, fértil em expedientes, tivesse, em reserva, uma outra surprêsa?

Justamente quando assim pensava, Blunder levantou a cabeça e procurou o médico com o olhar. Seu rosto estava calmo e impassível. Os olhos de um e outro homem se encontraram e houve assim como a troca de um ligeiro sorriso de reconhecimento entre dois amigos, na platéia de um teatro.

Após a última pergunta feita, Jack se curvara ligeiramente a fim de consultar os seus apontamentos. Quando voltou a levantar a cabeça, o raio de sol, deslocando-se através da sala, à medida



— **Está ótimo!**

que a hora avançava, o atingiu em cheio. Jack ofereceu, então, um belo retrato de homem, com a sua cabeça bem formada e os cabelos ligeiramente ondulados e brilhando como o ouro. Seu corpo esbelto parecia em perfeitas condições físicas. A seguir, o olhar de Hailey procurou a jovem órfã que, em circunstâncias mais felizes, teria sido a espôsa do acusado. Quão estranho e dramático, após a separação, era êsse encontro daquelas duas criaturas que se amavam, ali, naquela terrível sala do tribunal em que êle, de pé, corajosamente, defendia a própria vida contra tôdas as fôrças organizadas da justiça humana.

— Segue-se, creio eu — disse Jack — que o Sr. Blunder tinha excelentes razões para eliminar Sir William. Talvez a depoente saiba que o Sr. Blunder é o único executor testamentário do seu pai?

— Disseram-me isso.

Estele relatou, então, a visita de Blunder à mansão de Calthorpe. Afirmara, nessa ocasião, que Sir William devia ter sido assassinado e que, por certo, acusariam Derwick dêsse crime. Sua prisão, entretanto, não poderia ser feita... se ela própria desaparecesse. Êsse argumento a convencera imediatamente.

— Reconheço ter agido como uma tola — confessou ela — Mas eu me encontrava sem fôrças, num estado de nervos que me impedia de raciocinar claramente. Sabia que alguma coisa terrível ocorrera no bosque e que, na mesma ocasião, **você...** o senhor se encontrava no bosque ou nas suas vizinhanças...

Blunder a levara a Newcastle e de lá, por trem, para Grantham. Tinha seu automóvel numa garage da cidade e seguiram pela estrada de Londres. Ao deixar a cidade, sentira, repentinamente, uma dor aguda no braço direito. Deixou escapar um grito de dor e seu companheiro pedira imediatamente desculpas, exibindo um alfinete prêso à própria manga do seu paletó e que a espetara no momento em que a envolvera com o braço para a amparar melhor ao subir para o veículo. Logo a seguir, ela se sentira estonteada e não se recordava mais de nada do que ocorreu, até ao instante em que se encontrou na clínica do Dr. Hillman.

Sir William Broom se levantou para a interrogar; seu rosto se apresentava com uma expressão de surprêsa evidente, que êle se esforçava por esconder, inùtilmente, sob um ar pomposo.

— Creio não errar, Miss Armand, ao dizer que se encontra sob ordem de prisão?

— Exatamente.

— Sob suspeita de cumplicidade com o acusado, no assassinato de Sir William?

— Sim.

Sir William Broom se voltou, então, para os jurados, como para indicar o pouco crédito que se deveria dar ao depoimento de uma criatura em tal situação. Depois, curvando-se ligeiramente para a depoente, perguntou:

— Disse-lhe, por acaso, o Sr. Blunder, que Sir William Armand o informara a respeito dos ataques de epilepsia a que a depoente estava sujeita? Disse-lhe, ainda, que essa tinha sido a razão pela qual o noivado fôra desmachado? Segundo a senhorita sabe... sofreu alguma vez de epilepsia?

— Não... Jamais

— Jamais... na sua opinião.

— Se é assim que o senhor prefere dizer.

Sir William Broom mudou repentinamente o seu ponto de ataque.

— Não lhe pareceu singular que Sir William tenha ido ao "Touro Negro" a fim de encontrar-se com o seu associado e ali discutir negócios com êle? — perguntou.

— Não. Meu pai não teria permitido, sob qualquer pretexto, que o Sr. Blunder voltasse a pisar em nossa casa. Só consentiu em avistar-se com êle novamente, porque, sinceramente, esperava encontrar uma solução para o caso e obter o dinheiro indispensável para atender honrosamente ao pagamento da dívida!

— Compreendo. Mas isso não explica que o Sr. Blunder ali tenha ido sob um nome falso. Posso dizer, também, que o Sr. Blunder já apresentou as suas razões...

Estele hesitou ligeiramente.

— Ignoro por que o Sr. Blunder disfarçou a sua identidade — disse ela simplesmente.

Sir William Broom consultou suas notas.

— Segundo penso, a senhorita tem em seu poder — disse êle — uma seringa hipodérmica e algumas pílulas de morfina, que, de acôrdo com o seu depoimento de sábado último, o Dr. Brown afirmou lhe haver fornecido...

— Realmente. Deveriam servir para as crises nevrálgicas de meu pai.

— A senhorita aplicou várias injeções em Sir William?

— Apenas duas.

— Quer dizer que apenas empregou duas ampolas das vinte que a caixa continha?

— Sim.

— Então, como explica que a seringa e as ampolas tenham desaparecido de casa?

Estele abriu os seus grandes olhos, com sincera surprêsa.

— Desapareceram... realmente? — perguntou.

— A Polícia, pelo menos, não pôde encontrar nada parecido com seringa e ampolas.

Estele moveu ligeiramente a cabeça, com ar de alívio.

— Ah! Compreendo... E' que não poderia mesmo encontrar sem a minha ajuda. Sempre as conservei, para maior segurança, numa gaveta secreta, colocada por trás da cabeceira da minha cama. Tem chave própria e que, neste momento, se encontra em meu bôlso.

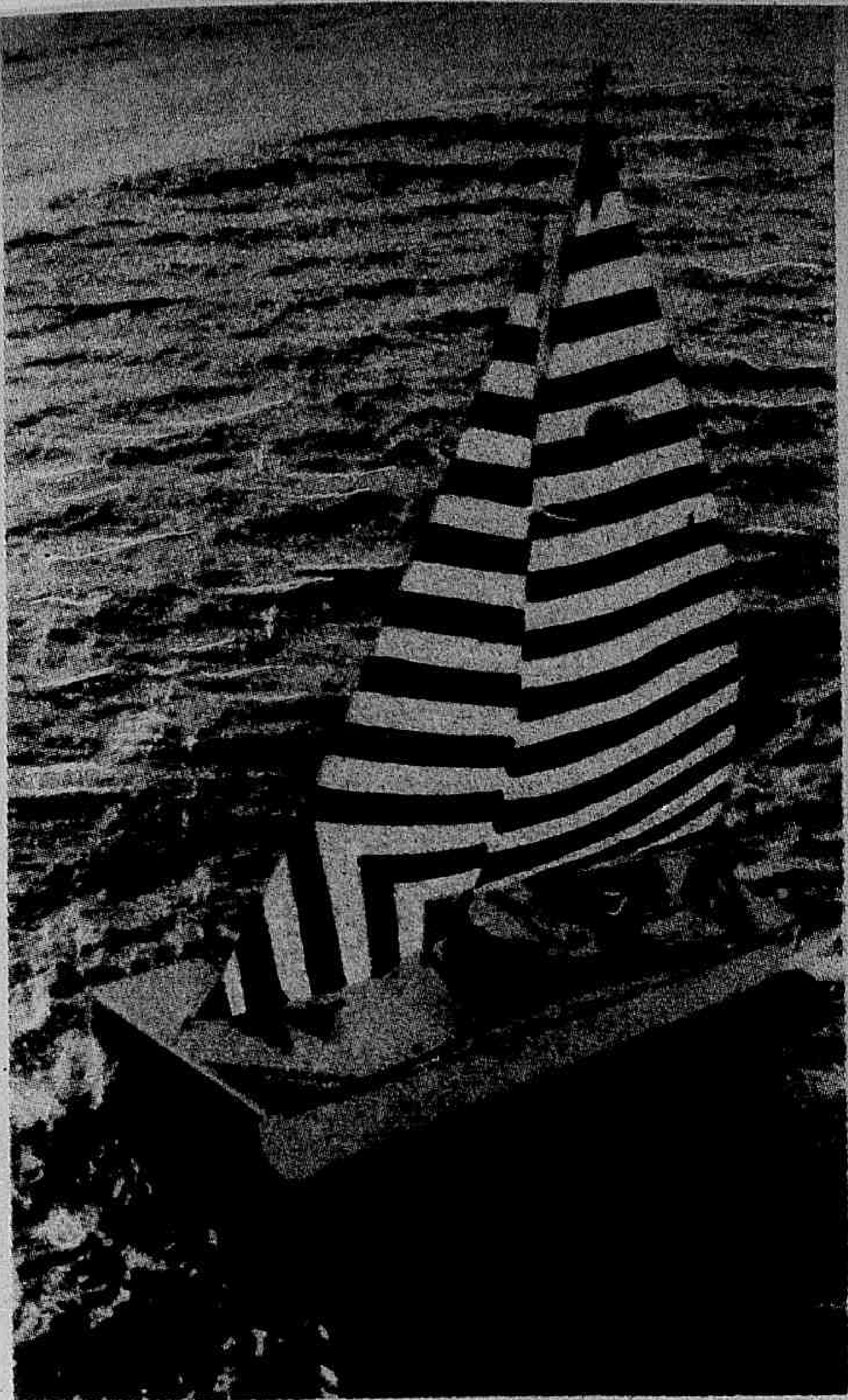
Jack Derwick se levantou:

— Milord — disse êle — Ouso pedir que seja enviado algum emissário especial à mansão a fim de comprovar a declaração da depoente.

O juiz consentiu e ordens foram dadas nesse sentido. O inspetor Biles foi encarregado dessa missão; a seguir, Sir William Broom retomou o seu interrogatório. Dirigiu a Estele várias perguntas sôbre a sua fuga de Calthorpe e pareceu considerar as suas explicações como um mito.

— Quer sugerir, parece-me, que lhe administraram alguma droga?

(Continua no próximo número)

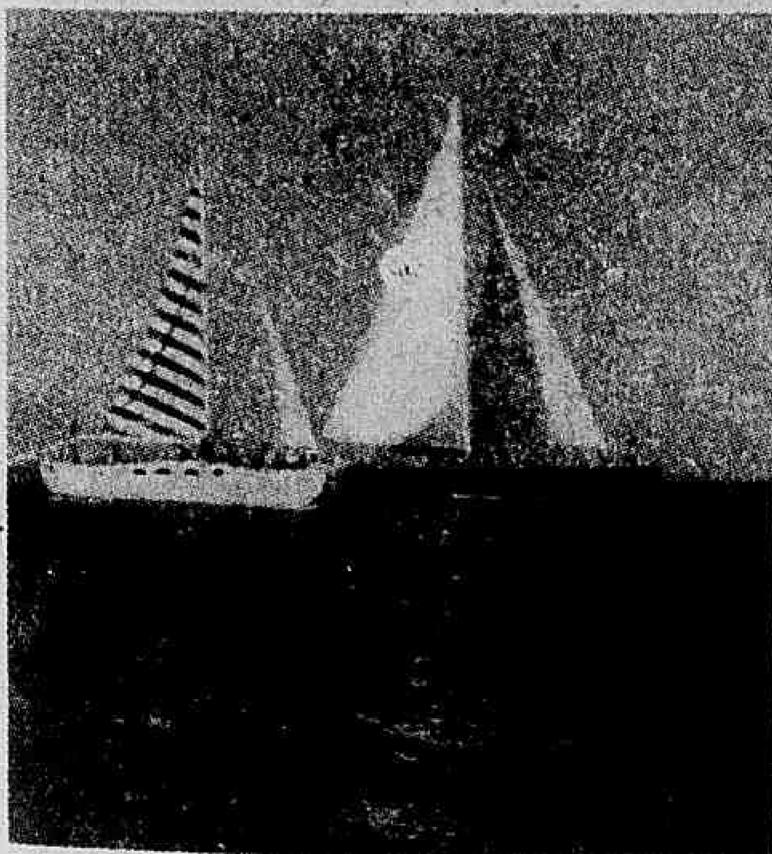




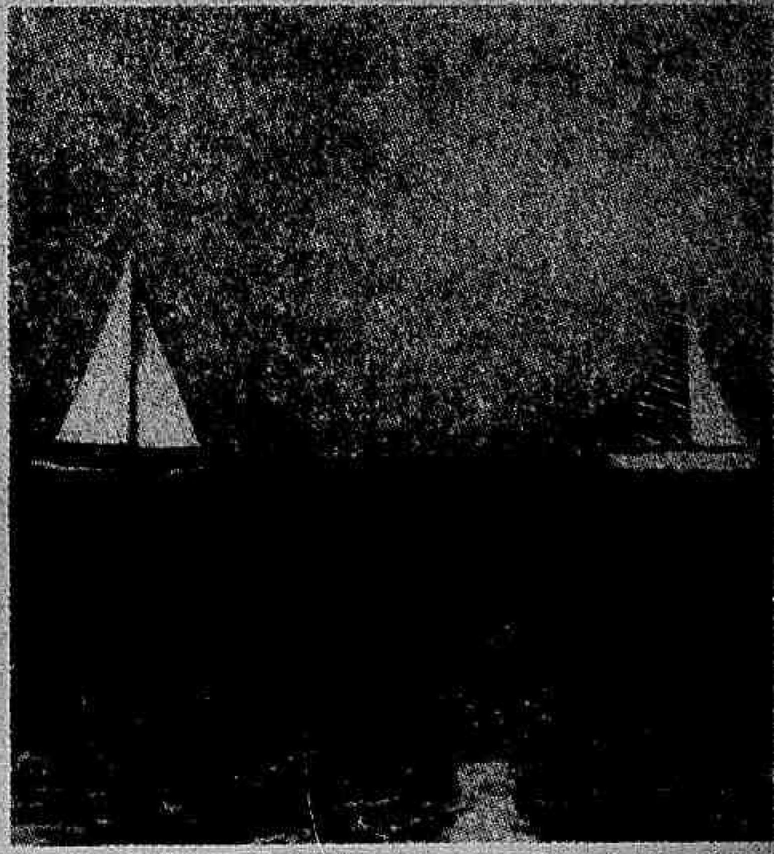
Ao alto: Na baía de S. Pedro, Califórnia, o catamarau faz 22 nós, sob brisa fresca, podendo, assim, rivalizar com uma lancha a motor. Ao lado: A curiosa silhueta do catamarau visto de pôpa. Velas altas, tombadilho alto e casco ôco.

O MAIS RÁPIDO DO MUNDO!

O catamarau é um tipo de embarcação desenvolvido há muitas centúrias pelos polinésios. Colocando duas quilhas altas, paralelamente, e unindo-as por uma plataforma superior, criaram uma embarcação que não pode ser tombada pelos ventos fortes da região e pode ultrapassar com facilidade os recifes. Hoje está sendo adotada em muitas regatas na França, na Inglaterra, no Canadá e EE. UU., já havendo provas especiais para êsses barcos, que são mais velozes que os demais tipos.







No início de uma regata, o "catamarau" dá vantagem a um barco de linhas convencionadas, porém logo se aproxima, ligeiro... Mais algumas dezenas de metros e passa à frente do concorrente, e segue, abrindo luz e distanciando-se para ganhar a prova com a maior facilidade, pois, além de rápido, êle é de fácil manobra.

DE COMO SE SALVOU UMA

O REFLORESTAMENTO DOS ESTADOS UNIDOS PROSPERA ★ UM PLANO QUE ABRANGE 29 ESTADOS

NOTÍCIAS recentes indicam que foi criado um método que permite **fabricar** valioso material de construção, utilizando como matéria-prima a serragem comum e corrente. Calcula-se que êsse material permitirá reduzir o custo de construção de uma casa, do tipo médio, de 30% pelo menos, e talvez até 50%, em alguns casos.

Podemos contar, pois, com um novo produto derivado da madeira. Não é, entretanto, o primeiro. Da madeira podemos obter atualmente: adubos, combustíveis, aguarrás, álcool, sêda artificial, matérias plásticas, etc. Talvez passem dos 6 000 os produtos de diversas espécies em que a madeira entra como matéria-prima.

E' evidente, pois, a necessidade de fazer com que a oferta possa satisfazer a crescente procura. Em caso contrário, podemos chegar a esgotar nossos recursos madeireiros, a menos que se encontrem meios diferentes de fazer frente à mencionada procura.

Há pouco mais de dez anos que uma das grandes emprêsas madeireiras do noroeste dos Estados Unidos concebeu um projeto, cuja realização se traduziu no mais grandioso esfôrço de reflorestamento pôsto em prática até a presente data. Até aí o fato nada tinha de extraordinário. A referida emprêsa procedeu simplesmente, plantando arbustos novos em cêrca de 48 000 hectares de terreno. Por tôdas as partes colocou letreiros em que se lia: **"Obras de Reflorestamento"**.

Naquela época, as antigas terras boscosas da aludida região, que permaneciam despovoadas de árvores, pràticamente não tinham valor, e por elas transitavam pescadores, caçadores, recolhedores de frutas silvestres, etc. Não faziam caso dos flamantes letreiros e era freqüente que não cuidassem de apagar devidamente as fogueiras que acendiam, nem de cobrir com terra os moirões rubros, que arremessavam para um lado, quando levantavam acampamento. A emprêsa, desesperada com as consideráveis perdas que isto ocasionava, decidiu apelar para os habitantes de Montesano, lugar próximo aos aludidos terrenos, procurando a sua cooperação para resolver aquêle cruciante problema.

Durante o estudo dêste problema, alguém comentou que os letreiros com a legenda **"Obras de Reflorestamento"** careciam de verdadeira significação para o público em geral. Por que não chamar o citado esfôrço uma **"Plantação de Árvores"**? Todo o mundo sabe o que é uma plantação e todo mundo sabe também qual o objetivo da plantação de árvores.

A sugestão foi aceita. A referida emprêsa colocou letreiros, em diversos lugares do terreno, com a legenda **"Plantação de Árvores"**, e com isso ficava explicado o propósito dos letreiros. Não demorou em espalhar-se a notícia, e o povo vinha de tôda a região observar os resultados do mencionado esfôrço... e para comprovar que as árvores também podem ser cultivadas em grande escala, como se cultiva o trigo ou o milho.

Foi assim que nasceu um movimento que, hoje, é conhecido, nos Estados Unidos, como o **Plano norte-americano de plantação de árvores**, o qual, num decênio, estendeu-se a 29 Estados, entre os mais ricos em bosques da União norte-americana.

FONTE DE RIQUEZA AMEAÇADA DE RUÍNA

Sobem atualmente a 3 697 as zonas de plantações de árvores oficialmente reconhecidas. Sua extensão passa dos dez milhões de hectares, e aumenta na razão de 1 200 000 hectares cada ano, aproximadamente.

O tamanho destas propriedades varia desde diminutos terrenos de um hectare até bosques imensos, que poderiam cobrir a extensão total de um dos pequenos Estados da União. Aquelas que não são destinadas a propósitos industriais constituem, provàvelmente, 70% destas plantações de árvores.

A idéia, entretanto, não é nenhuma novidade. Os métodos empregados para a sua execução são os mesmos a que os silvicultores da Europa vêm recorrendo desde um século. Êstes conseguiram o reflorestamento de seus bosques mediante sementes selecionadas de árvores que reúnem qualidades excepcionais, do ponto de vista da exploração a que se destinam: ramos curtos, troncos retos, desenvolvimento muito rápido.

Sòmente com a base num muito cuidadoso trabalho de conservação puderam certos países exportadores de madeira, como a Iugoslávia e a Áustria, estar aptos a alimentar as suas serrarias durante séculos.

No nosso Novo Mundo, porém, a exploração dos bosques tem oferecido características muito diferentes. E' certo que até 300 ou 400 anos, as árvores não diminuíam de maneira alguma e que os grandes bosques chegavam a constituir, em algumas regiões, um sério obstáculo para o avanço do progresso. Tinham que ser talhados a fim de abrir terras para a agricultura que se iniciava...

Em tal situação, o machado não descansava. Foi porém alcançado o outro extremo, chegando-se ao ponto de escassear a madeira, sem contar todos os demais prejuízos derivados do corte desapiedado de nossos bosques. Foi daí que, de distintas partes surgiram vozes que clamavam para que se detivesse a derrubada suicida e se realizassem esforços efetivos para replantar árvores.

Infelizmente os esforços que em tal sentido se realizaram foram — pelo menos nos Estados Unidos — quase completamente infrutíferos, até que se criou, em 1875, a Associação Norte-Americana de Silvicultura, da qual partiu a idéia de colocar, livres do machado, certas regiões do país, hoje consideradas como "bosques nacionais".

*

CRESCEM JUNTOS

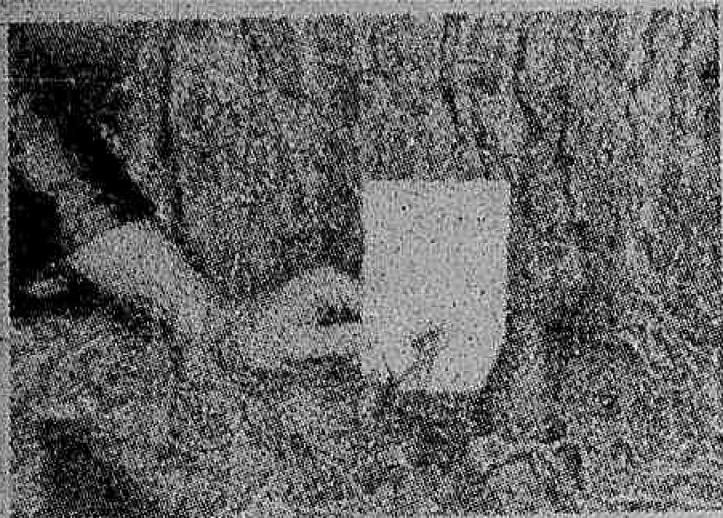
Esta é a história de um menino e de uma árvore, que crescem juntos. A árvore é um pinheirinho, nascido na mesma localidade de Opelika, Estado do Alabama, onde nasceu o menino.

Em 1951 noticiamos, sob o título de "Um milhão de árvores plantadas num ano", explicando ao mesmo tempo os excelentes propósitos dessa campanha e os bons resultados já então obtidos. As fotografias ao lado estão relacionadas com a mesma campanha. A da esquerda foi tomada em 1949, quando o garôto e o pinheiro tinham apenas quatro anos. A da direita é recente. A árvore deixou o menino muito para trás, em estatura. Dentro de dez anos mais êste medirá, provàvelmente, 1,80 e a planta 20 metros! O mesmo surpreendente desenvolvimento é observado na campanha de reflorestamento, que se realiza em Opelika sob os auspícios dos rotários da região. Foi iniciado com a plantação de 375 000 pequeninas árvores, em 1949. Agora já se eleva a mais de 3 000 000 o número das que foram plantadas. Calcula-se que em 1958 a área repovoada de árvores valha mais de 4 milhões de dólares! Porque a natureza sempre paga com juros generosos a ajuda que o homem lhe dá em sua obra.


1949


1952

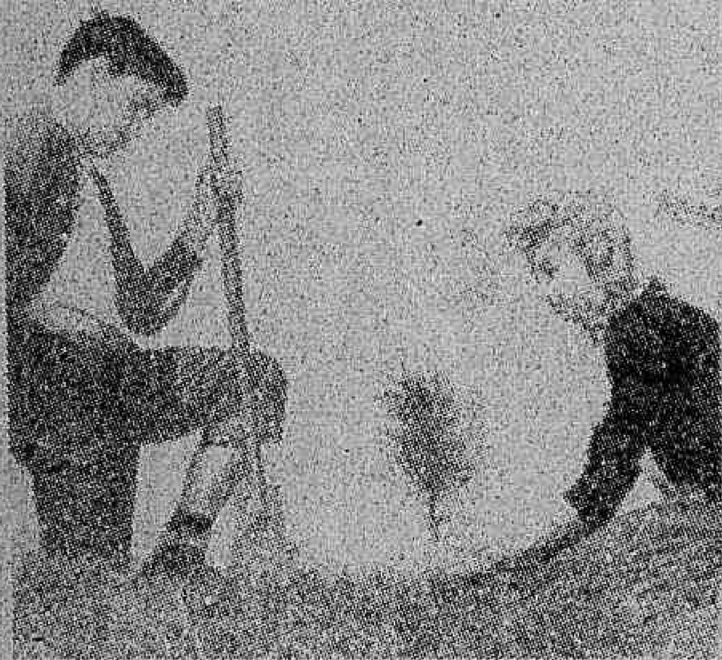
O TRABALHO É DE TODOS



Aqui, diante do cartão, vê-se um dos pinheiros recém-semeados e que, um dia, será frondoso e opulento.



Equipe mecanizada de plantação de árvores, em ação.



Estudantes, membros do Clube de Plantadores "4-H", cuja aspiração é a de ser agricultores, colaboram na obra de reflorestamento dos EE. UU.

★



Entrega de certificados de estímulo, pelo presidente da Organização de Plantadores de Árvores, a um camponês que se destacou no esfôrço geral em prol do reflorestamento.

A proteção com que primeiramente contaram êsses bosques foi escassa, mas atualmente já existe um exército de 13 000 guardas florestais, dedicados exclusivamente à sua defesa.

Para que se tenha uma idéia mais clara da espetacular transformação ocorrida no quadro dos recursos florestais dos EE. UU., cabe recordar que o govêrno considerou **esgotada**, por 30 anos, a região meridional do país, do ponto de vista da produção comercial da madeira. O Diretor dos Bosques, Sr. Graves, fêz a seguinte predição, em 1919: **"Em dez anos não existirá, pràticamente, um só pinheiro amarelo no sul**, e no correr de cinco a sete anos terão fechado cêrca de 3 000 fábricas".

Acresce notar que, na data da sua predição, não podia ter contado com os tremendos efeitos que poderia ter o desenvolvimento da indústria produtora de pasta de madeira sôbre a economia florestal do sul dos Estados Unidos...

Hoje, a referida região é uma das zonas madeireiras mais importantes do país. Produz 40% da madeira e 50% da pasta empregada na fabricação de papel, matérias plásticas, substâncias químicas e um milhão de artigos de diversas espécies.

As plantações de árvores da referida região somam 1 669, e os plantadores não só estão empenhados em aumentar a provisão de madeira como também em proteger os bosques contra os perigos a que costumam estar expostos. Ao limpar os bosques de gravetos e serragem, além de outros resíduos de madeira, reduzem o risco de incêndio e também o desenvolvimento de certos insetos que costumam aparecer com a existência dos aludidos resíduos. Primeiramente, eram abandonados no bosque porque não podiam ser aproveitados. Hoje, valem dinheiro.

No princípio dêste século, quando a madeira em pé era baratíssima, tornava-se mais econômico mudar de vez em quando as serrarias de lugar, a ter que plantar novas árvores. Hoje são incontáveis as regiões em que se aproveitam até os 70%!

Quando um novo membro ingressa na mencionada organização de "Plantadores de Árvores" recebe a visita do guarda florestal designado para a respectiva região e que inspeciona as árvores com que conta o flamante "plantador" e marca aquelas que podem ser cortadas, aconselhando o seu melhor uso, indicando, ainda, as medidas de segurança que devem ser adotadas, etc.

O "plantador" assume a obrigação de adquirir um equipamento adequado para combater incêndios, em sua própria fazenda, ou num lugar próximo. Os serviços prestados são gratuitos.

Mencionaremos o exemplo de um dêstes novos "plantadores", Howard Olson. Adquiriu um terreno que contava com 16 hectares de bosque. Um encarregado da compra de dormentes para a estrada de ferro ofereceu 2 500 dólares pela madeira. Olson decidiu consultar o guarda florestal. Êste, depois de rigorosa inspeção, calculou que na citada fazenda havia, aproximadamente, uns 400 000 pés de boa madeira, com um valor aproximado de 8 000 dólares. Depois indicou a forma de explorar aquela riqueza **sem destruí-la**: cortar apenas 20 000 pés cada ano. Ao fim de dez anos o pequeno bosque

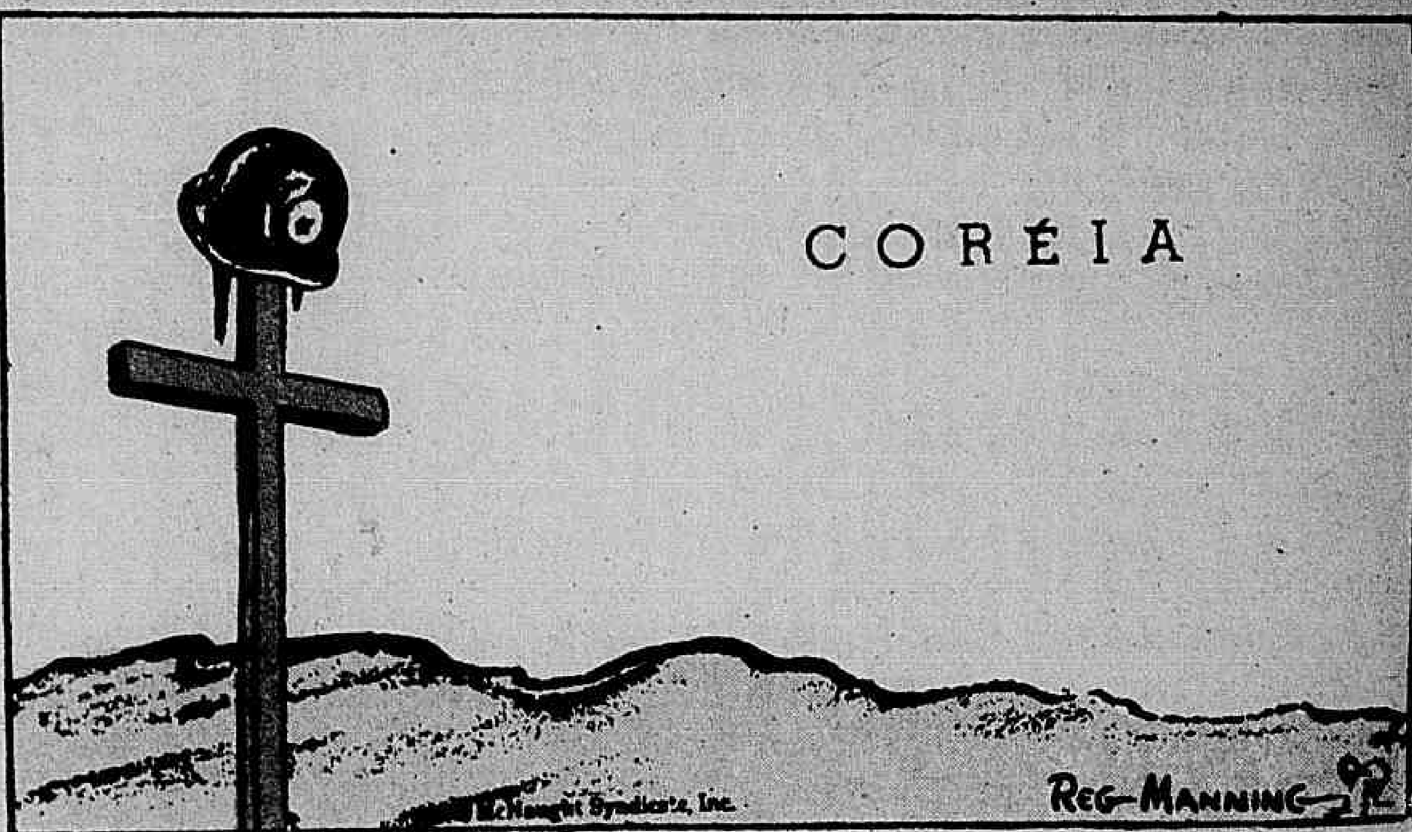


já teria produzido o suficiente para pagar o valor da propriedade total, que media 112 hectares, e ainda poderia contar com 300 000 pés de madeira em pé...

Com a aplicação de medidas modernas de proteção contra incêndios, do tipo das que vêm sendo postas em prática pelos "plantadores" de árvores, vai diminuindo sensivelmente a área despovoada de árvores, nas regiões de grandes florestas. Em muitos casos, a natureza — com essa ajuda do homem — realiza esplêndidamente a fecunda tarefa.

Em 1918, calculava-se que os exploradores dos recursos florestais norte-americanos derrubavam 5,8 árvores por nova árvore que se desenvolvia. Atualmente, a proporção se eleva a uma nova árvore para cada árvore que é cortada; e à medida que crescem em número e em extensão as plantações de árvores, os Estados Unidos vão aumentando os seus recursos madeireiros, com o conseqüente progresso de sua indústria, o incremento de sua produção e a criação de fontes de trabalho muito mais amplas.







O ACASO NAS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS

SEM querermos, de modo algum, menosprezar as horas intermináveis que os cientistas vêm gastando em pesquisas cuidadosas, poderíamos dizer que algumas das descobertas que mais benéficas se mostraram para a humanidade... foram **obra do acaso.**

Um dos problemas mais difíceis entre todos os processos da fabricação de tecidos é a operação de tingir. Na Inglaterra, por exemplo, é usado o processo de cubas de metal fundido para se tingir tecidos. A côr que se obtém com êsse processo é firme, mas é impossível evitar-se que fragmentos metálicos se prendam aos tecidos.

No outono de 1950, num laboratório inglês, o Sr. S. H. Williams, quando procurava aperfeiçoar o sistema de tingir em cubas de metal, fêz uma descoberta interessantíssima. Um pedaço de tecido tratado com tinta da cuba azul escuro caiu, acidentalmente, num pouco de óleo em ebulição. O contato do pano úmido com o óleo provocou uma pequena explosão que espalhou óleo pelo laboratório. Quando os químicos foram fazer a limpeza, verificaram que o óleo fervente havia tingido, de maneira quase instantânea, o tecido que se encontrava na cuba.

O "processo do **óleo em ebulição**" foi adotado imediatamente e as máquinas do tipo convencional foram adaptadas a êsse novo processo, que tomou o nome de Williams, e já está sendo empregado em algumas fábricas de tecidos latino-americanas. Graças a êsse método, permitindo que a operação de tintura se faça continuamente e não em lotes parciais, as côres se espalham muito melhor sôbre os tecidos e são obtidas as tintas desejadas. Qualquer diminuta mancha de óleo que permaneça nos tecidos é removida com um detergente sintético, criado pelos modernos laboratórios.



NOVIDADES CIENTÍFICAS

Dez governos europeus cooperam na construção de um laboratório para pesquisas sôbre energia atômica, em Genebra, cujo custo está orçado em 25 milhões de dólares.

Cientistas japonêses criaram um novo método para congelar os alimentos instantâneamente, já que a qualidade dos produtos depende, em grande parte, dêsse fator. Em vez de uma corrente de ar gelado, aquêles cientistas empregam um banho de água, glicerol e álcool etílico, a uma temperatura de 20º centígrados abaixo de zero.

Cientistas que trabalham para emprêsas de navegação aérea européias estabeleceram um novo sistema para o transporte de isótopos, de um país a outro. Os materiais radioativos são levados nas pontas das asas dos aviões, eliminando-se, assim, a necessidade de envólucros pesados e o custo resultante do aumento de pêso.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Eu não me envergonho de corrigir e mudar as minhas opiniões, porque não me envergonho de raciocinar e aprender."

ALEXANDRE HERCULANO

CURIOSIDADES SINTÁTICAS

A evolução sintática, à semelhança do que acontece com a evolução fonética e a evolução semântica, apresenta-nos fenômenos curiosos, anomalias interessantes, cuja análise, não raro, constitui dificuldade para os incipientes.

Sabemos que certas variações pronominais derivadas do acusativo podem funcionar como sujeito de infinitivo.

Encontramos:

Fi-**lo** **sair.**
Mandei-**o** **entrar.**

Nessas construções, surgem as orações infinitivas, objetivas, diretas — **sair** e **entrar** —, que têm como sujeito o pronome oblíquo **o**, justaposto ao verbo da oração principal.

A presença de palavra que atraia a variação faz ocorrer o entrelaçamento das orações, de maneira que passamos a ter as seguintes construções:

Não **o** fiz **sair.**
Não **o** mandei **entrar.**

A separação das orações assim será feita:

Não | o | fiz | sair

Não | o | mandei | entrar

Particularidade, porém, pode surgir quando, em construções análogas o verbo da principal é **mandar, ouvir, deixar, fazer** ou **ver.**

Nos clássicos encontramos:

Vi-**lhe** **fazer** um gesto. (Machado de Assis)
Deixou-**lhe** **ver** o confessor. (Duarte Nunes)

Verificamos nessas construções a substituição do pronome **o** (acusativo) pelo pronome **lhe** (dativo), que passa a assumir a função de sujeito. Tal pode acontecer apenas quando um dos citados verbos (**mandar, ouvir, deixar, fazer, ver**) está seguido de infinitivo acompanhado de complemento. Melhor diríamos: o **lhe** pode ser sujeito de infinitivo acompanhado de complemento, quando o infinitivo se relaciona com **mandar, ouvir, deixar, fazer** ou **ver.**

Lícito, no entanto, seria dizer:

Vi- **fazer** um gesto
Deixou-**o** **ver** o confessor.

Se o sujeito é representado por substantivo, pode aparecer regido de preposições, nas construções acima citadas.

Gil Vicente escreveu:

"Três cousas acho que fazem **ao doido ser sandeu".**

E Camões:

"Êste **aos mais nobres** faz **fazer vileza".**

E Herculano:

"... fizeram **conhecer aos soldados** o perigo".

✶

CORRESPONDÊNCIA

De vários pontos dêste Brasil imenso continua a chegar-nos correspondência que revela interêsse dos leitores pelas questões de língua pátria. Animam-nos as consultas, os gestos de delicadeza, as palavras de entusiasmo, que menos pertencem ao signatário destas linhas do que aos mestres em cujas obras nos orientamos.

A todos os leitores, neste princípio de 1953, apresentamos os nossos agradecimentos, acompanhados de um feliz ano novo.

✶

Ainda agora, da Bahia, chega-nos uma oferta preciosa (*Poemas Pacíficos*), através da dedicatória de M. Ribeiro Costa, poeta dos mais inspirados e de grandes recursos estilísticos.

Transcrevemos um dos seus poemetos, como presente aos nossos leitores, nesta época do ano.

TERRA DA PROMISSÃO

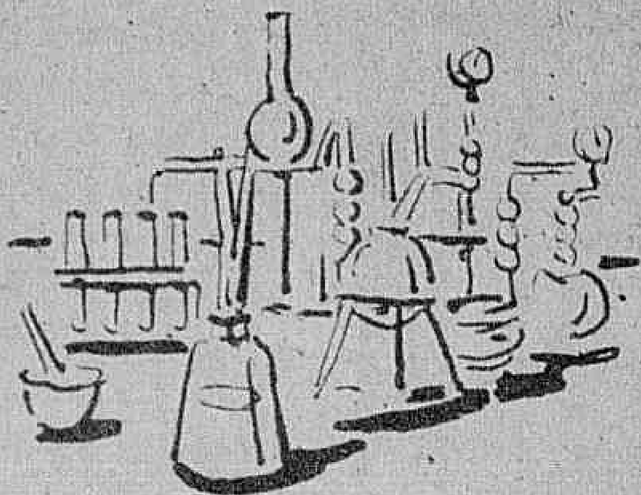
Vamos, meu amigo:
A estrada é longa
E se perde, serenamente,
Na flexão do horizonte azul...
Que importa a você e a mim
O cansaço da longa caminhada,
Se há trinos suaves
De ledos passarinhos
Que estão fazendo, nesta hora,
As festas dos ninhos?!...

As tamareiras verdes,
Que há pelos caminhos,
Abertas em flor,
Estão espalhando frutos pelo chão...
Os regatos murmurosos
Estão cheios de cristalinas águas...
E nessa jornada de luz
Não haverá fome nem sêde,
Assim como a fria lâmina das mágoas
Não nos sangrará, também.

Dê-me as mãos!
Caminhemos, alegremente,
Cheios de paz e amor!
E, amanhã, quando chegarmos
Do outro lado do mundo,
Na terra de Canaã, formosa,
No reino da Paz e da Fraternidade,
Então, podemos dizer:
— Somos todos irmãos!

JOSÉ RICARDO NETO

CATÁLISE — UM MUNDO A CONQUISTAR



O domínio da química é tão vasto que, pràticamente, não tem limites. Cada planta, cada animal, cada ser vivo é um fenômeno químico e todos os líquidos; gases e sólidos, sôbre a terra e dentro dela, na poeira cósmica e no céu estrelado são, em primeiro lugar, substâncias químicas.

E, pela luz solar refletida em outros planêtas, temos uma idéia dêsse sistema e do seu núcleo, um astro comparativamente pequeno, que se acha distante de nós cêrca de cento e cinqüenta milhões de quilômetros.

O MUNDO DOS ÁTOMOS — Consideremos agora os átomos, as partículas menores de qualquer dos elementos químicos, os quais vão a quase uma centena.

Encontramos em cada átomo um sistema de todo semelhante ao sistema solar, com o núcleo de cargas positivas de eletricidade no centro, em tôrno do qual gira um determinado número de cargas negativas ou eléctrons, que se portam à maneira de tantos planêtas.

Há, assim, uma certa uniformidade de sistemas, em todo o infinito, no grande e no pequeno.

Contudo, êsses átomos são tão microscópicos que, se todos os habitantes da terra se dispusessem a contar os átomos contidos num centímetro cúbico de ar, cada um contando três por segundo e trabalhando continuamente dia e noite, levariam anos para terminar a tarefa.

Supunha-se, entretanto, antes desta constatação, que os elementos químicos constituíssem o último estágio da matéria. E, só após estudos profundos, chegou-se à conclusão de que os próprios elementos são apenas estágios temporários na história cósmica da matéria.

Admite-se hoje que a matéria está sendo continuamente criada no sol e nas estrêlas, sob condições de temperatura e pressão impossíveis de serem alcançadas por nós, química ou fisicamente.

Da mesma maneira, processa-se uma desintegração contínua, na terra e nos planêtas, nas luas e satélites, no nosso e nas centenas de sistemas distantes de nós milhares de anos-luz. Assim, a matéria se reduz a cargas positivas e negativas de eletricidade, próton e eléctrons.

Não é preciso, porém, ir tão longe para encontrar fenômenos similares na química. Tomemos, por exemplo, a catálise.

O QUE E' A CATÁLISE — Catálise é uma arte antiga, porém só nos últimos anos a ciência física dedicou-lhe estudos mais profundos. Foram escritos livros e mais livros sôbre o assunto e há uma teoria de que o catalisador é um acelerador.

Segundo essa teoria, a reação se processa, mas muito vagarosamente, e o catalisador meramente apressa a reação.

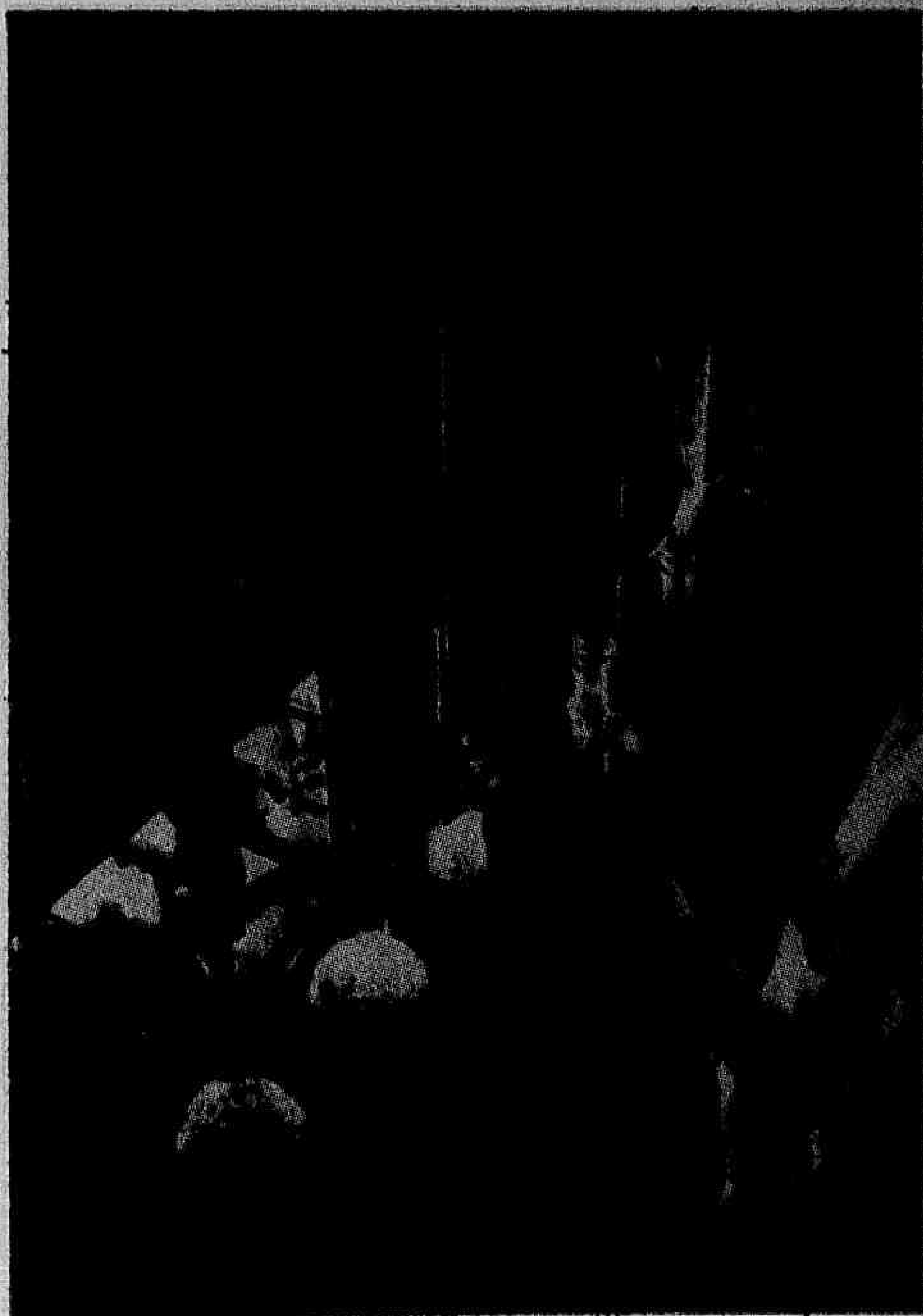
Mas vejamos, antes de tudo, o que é a catálise. A palavra é derivada do grego "catalusis", que significa dissolução.

Aplica-se o nome de catálise a uma ordem de fenômenos que consiste na combinação ou separação de uma ou muitas substâncias, sob a influência de um corpo particular, que não toma parte alguma na reação.

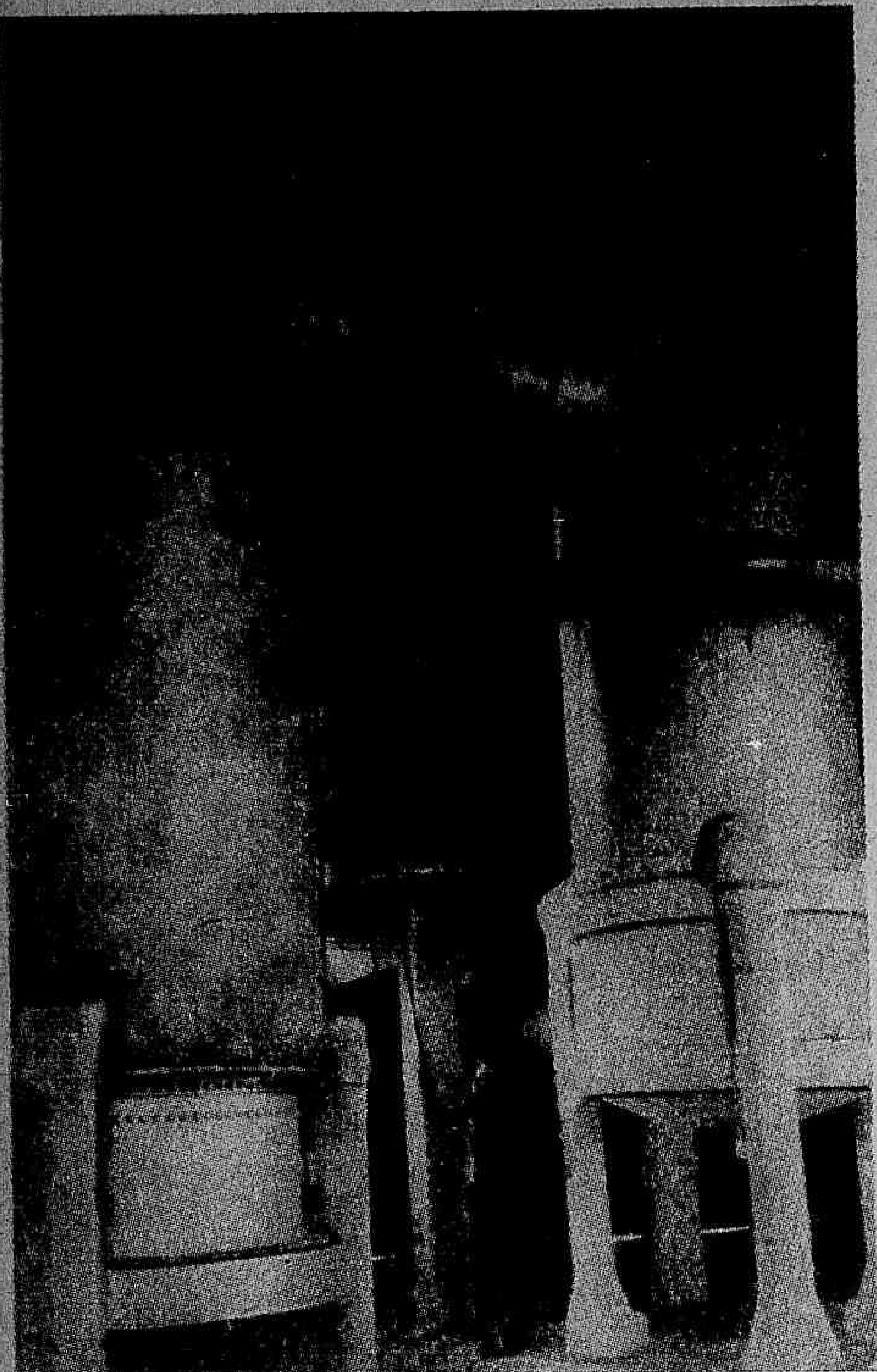
Em outras palavras — catálise é a influência que certos corpos exercem sôbre a composição química de outros, sem alteração apreciável de seu estado próprio.

UM EXEMPLO ILUSTRATIVO — Examinemos, porém, a sua importância em alguns exemplos práticos. Comecemos com o fabrico de ácido sulfúrico.

O processo antigo exige a presença de óxidos nitrosos nas câmaras de chumbo, a fim de oxidar o dióxido de enxofre, formando dêste modo o anídrido sulfuroso ou o trióxido de enxofre. O



Os fenômenos de catálise constituem um imenso campo de pesquisas. Os cientistas conseguiram levantar apenas uma pequena parte do véu que cobre ainda um mundo de possibilidades.



Transformadores gigantescos, como os que aqui vão ilustrados, são parte integrante do equipamento de uma moderna fábrica de ácido sulfúrico.

anídrido sulfuroso em combinação com a água forma o ácido sulfúrico.

Para conseguir-se essa transformação, os óxidos nitrosos são usados continuamente. Acontece, entretanto, que o ácido sulfúrico é excessivamente higroscópico, ou noutras palavras, absorve a água da atmosfera com uma grande intensidade. Por outro lado, é quase impossível eliminar êsse teor de água do ácido de câmara.

Quando se descobriu o índigo artificial, precisavam-se de grandes quantidades de ácido sulfúrico fumegante, isto é, H^2SO^4 de 100% contendo trióxido de enxofre.

Surgiu assim o problema de se encontrar um catalisador que pudesse tomar o lugar dos óxidos nitrosos, a fim de permitir que o dióxido de enxofre obtido da queima do enxofre, se transformasse em trióxido, em contato com o catalisador e em presença de ar, que contém, como é sabido, vinte por cento de oxigênio.

O catalisador encontrado para tal objetivo foi a platina.

HIDROGENAÇÃO DE MATÉRIAS GRAXAS — A catálise desempenha também um grande papel na hidrogenação das matérias graxas. Os óleos animais e vegetais são parentes muito próximos das gorduras.

Ambos são compostos de ácido orgânico e glicerol e diferem sòmente em que os ácidos graxos têm um teor mais elevado de hidrogênio.

Podemos passar o gás de hidrogênio através de óleo o tempo que quisermos, mas muito pouco ou eventualmente nada acontecerá. Tudo fica como estava.

Se o fizermos, porém, em condições apropriadas de temperatura e pressão e... em presença de níquel, o hidrogênio encontra o seu caminho e penetra nas moléculas de ácido graxo, resultando na solidificação da gordura.

ÁCIDO ACÉTICO — Também aí a catálise tem uma função importante. O ácido acético pode ser produzido pela distilação de madeira, tratando-se o acetato de cálcio com ácido sulfúrico, a que se segue a operação de concentração do ácido acético.

Existe, porém, o processo electroquímico.

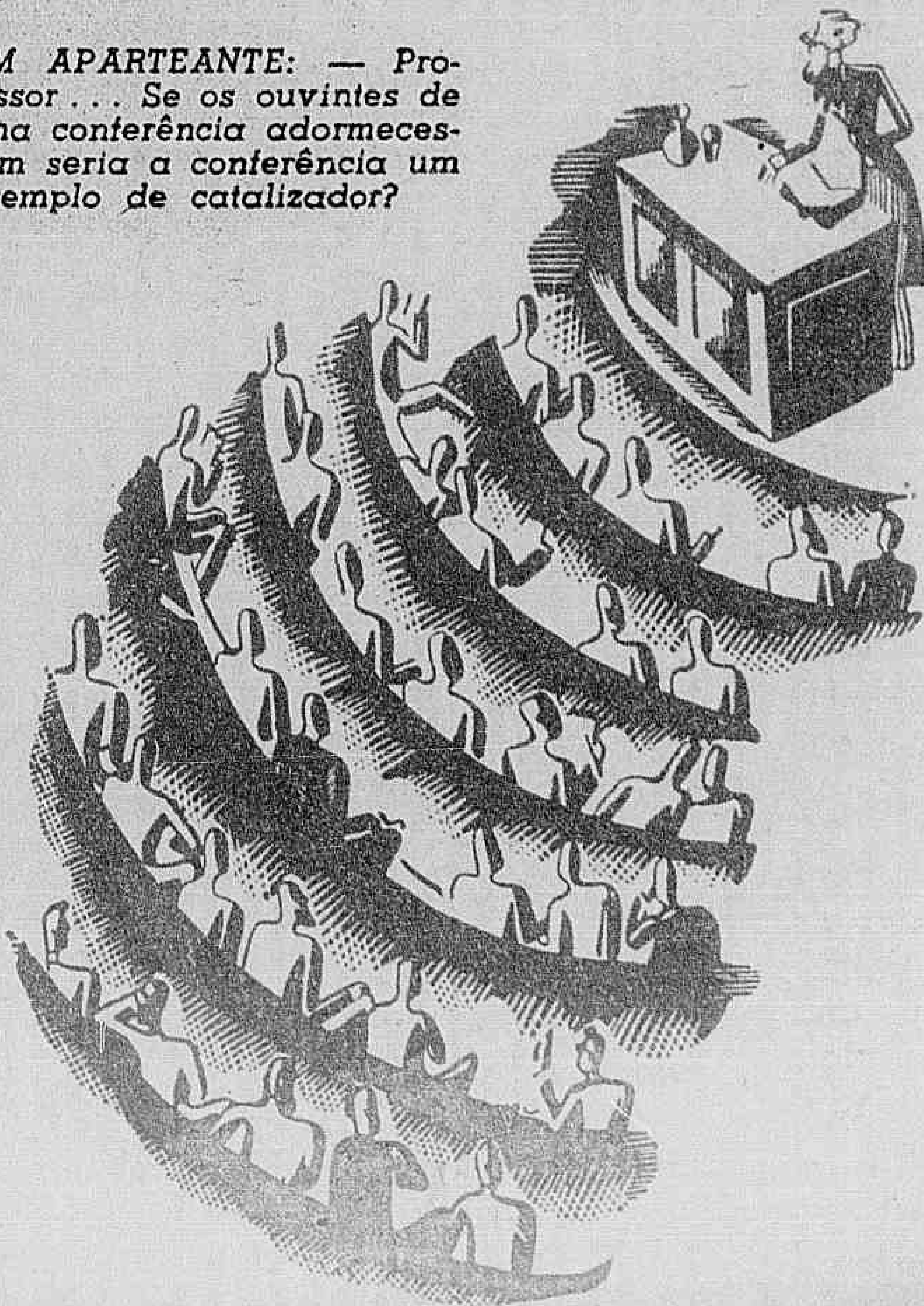
Combinando-se o carbono e a cal por meio de uma corrente elétrica, obtém-se o carbureto de cálcio. Adicionando-se em seguida, água, produz-se o acetileno. Êste, em presença da água, e mediante a ação de um catalisador, converte-se, em condições apropriadas, em acetaldeído, o qual, por sua vez, é transformado em ácido acético glacial por fôrça de uma nova reação, tendo, como catalisador, o sulfato de magnésio.

A COLABORAÇÃO DO ACASO — Estas são, apenas, algumas provas da importância da catálise na química moderna. As razões dêste curioso fenômeno não são ainda totalmente claras e as teorias ainda não chegaram, a respeito, a uma fase definitiva.

Por isto, importantes descobertas são feitas às vêzes por um simples acaso.

Quando, por exemplo, os químicos trabalhavam na síntese do índigo, precisava-se de ácido

UM APARTEANTE: — Professor... Se os ouvintes de uma conferência adormecessem seria a conferência um exemplo de catalizador?



ftálico como produto intermediário. Sendo um produto caro, procurou-se obtê-lo tratando-se a naftalina com ácido sulfúrico fumegante.

A teoria estava certa. Tudo indicava a praticabilidade do processo, mas... não se chegou a resultados satisfatórios. Nem calor, nem pressão ou qualquer outro estratagema fêz com que fôsse alcançado o objetivo em vista.

Eis que um dia, enquanto uma dessas experiências se realizava, na fábrica, ordenou-se a um menino do laboratório, que lêsse o termômetro usado no processo.

O menino, desajeitadamente, quebrou o termômetro e um pouco de mercúrio caíu na massa.

Imediatamente começou uma reação estranha. A matéria começou a trabalhar e agir e, dentro em pouco, não havia mais naftalina. O recipiente estava cheio do ácido ftálico tão almejado. O mercúrio provou ser um catalisador.

UM MUNDO A CONQUISTAR — Assim, poderíamos continuar com histórias "catalíticas"... poderíamos também falar dos enzimas, que são catalisadores orgânicos que provocam mudanças notáveis no processo da vida.

O campo é imenso e os homens da ciência conseguiram levantar apenas uma pequena parte do véu que cobre ainda um mundo de possibilidades imensas. Prosseguem, porém, nos laboratórios, as batalhas diárias pela conquista dêsse mundo.

★

CÃO PÁRA-QUEDISTA



O SALTO DA "MASCOTE" — Um "cockerspaniel", prêto, "mascote" de um grupo de pára-quedistas do Exército norte-americano, não pode abandonar os seus companheiros e, por isso, quando os homens saltam, o animal faz o mesmo. Na gravura podemos ver o cãozinho, em plena descida, com o pára-quedas já aberto, e no interior do avião, aguardando a ordem para saltar.

★

LEITE SABOROSO

Para se produzir leite saboroso e nutritivo, não há necessidade de se transformar uma fazenda de criação em centro de pesquisas e experiências científicas, nem de se alimentar o gado mediante fórmulas especiais. A produção mecânica e a alimentação científica dão bons resultados para melhorar a produção e, portanto, aumentar os lucros, mas, freqüentemente, o leite fica com um sabor desagradável.

Qual é o motivo disso? Segundo explicam os técnicos, trata-se apenas da falta de desinfeção adequada, isto é, de um problema que pode, fàcilmente, ser solucionado, bastando, para isso, um pouco de cuidado. A falta de uma limpeza rigorosa dos utensílios leiteiros, assim como o descuido no tratamento das vacas, constituem a causa principal não sòmente do sabor desagradável com que o leite se apresenta muitas vêzes, como também de enfermidades do gado, entre as quais a mastite.

A falta de asseio das vasilhas é responsável por 85% das bactérias encontradas no leite. E' indispensável eliminar-se as bactérias, antes de se ordenhar a vaca, seja a ordenha mecânica ou manual. Tôdas as vasilhas — baldes, coadores, separadores, ordenhadores e esfriadoras — devem ser bem lavadas, logo depois que tiverem sido usadas.

Deve ser aplicada uma solução de cloro, que pode ser juntada diretamente à água, quente ou fria. Essas soluções evitarão a necessidade de se usar água fervendo. O uso de soluções em pó é mais rápido, mais fácil e mais barato.

Um pó semelhante ou uma solução clorada pode ser usado para lavar o ubre das vacas, antes e depois da ordenha.

Outra causa do sabor desagradável do leite é o sedimento que se forma nas vasilhas onde é depositado. Há vários produtos químicos especiais para eliminar essa substância nociva e desagradável.

Por outro lado, os currais e estábulos devem ser mantidos escrupulosamente limpos. Os ubres das vacas são afetados quando o animal tem de andar em locais lamacentos e sujos e essa é uma das causas da mastite, que é uma moléstia infecciosa das tetas. O criador deverá ter a preocupação de conservar seu gado leiteiro em estábulos adequados, que afastem as vacas dos solos úmidos e sujos, repletos de micróbios. O chão dos estábulos deve ser mantido sempre limpo, livre de estêrco e da urina dos animais. Para isso, deve-se esfregá-lo, regularmente, com uma solução de soda cáustica em dez galões de água quente. Nos regos convém colocar cal.

A absorção de odores pelo leite

Por **G. M. Trout** e **D. Y. Mcffillan**

O leite, ao contrário de outros alimentos, desde sua produção até ao momento em que é consumido, está sujeito a muitos fatôres que podem alterar o seu sabor. Alguns exercem a sua influência antes do leite ser tirado, outros durante a manipulação do mesmo, e outros só atuam depois que o leite foi engarrafado, enquanto está à espera de ser consumido. A literatura referente aos odores estranhos ao leite encerra curiosas referências. Os primeiros que estudaram estas questões geralmente atribuíram o fenômeno às seguintes causas: (a) estado físico da vaca; (b) alimentos dados às vacas; (c) desenvolvimento bacteriano; (d) absorção de odores pelo leite. Não há muito, Sharp referiu-se aos seguintes fatôres como causa de odores estranhos: (a) desenvolvimento de micróbios e decomposição; (b) alimentação; (c) absorção; (d) composição química do leite; (e) tratamento e manipulação; (f) transformações enzimáticas e catalíticas.

A absorção aparece nas duas listas como causa possível de odores no leite. A importância da absorção direta de odores na produção de leite de alta qualidade muitas vêzes não é devidamente avaliada pelas pessoas que se ocupam de sua produção, tratamento e manipulação, assim como pelos inspetores de higiene. E' possível que êste fator tenha sido muito exagerado. Como a absorção de odores pelo leite é coisa sabida, parece haver razão de sobra para que se evite que o leite seja coado nos estábulos e para que se insista em que o mesmo seja prontamente retirado dos estábulos depois de ordenhado e que seja pôsto para arejar e esfriar em uma atmosfera limpa e que seja tratado em câmaras bem ventiladas. Com o fim de determinar a suscetibilidade do leite aos odores circundantes e averiguar qual seja a intensidade dos odores absorvidos por várias exposições sob diferentes condições, foi efetuado o presente estudo. Como o leite homogenizado é de grande importância no comércio dêste produto, pareceu-nos aconselhável averiguar qual é a suscetibilidade do mesmo aos odores circundantes.

Amostras de leite quente, homogenizado, pasteurizado e cru, a temperaturas de 10 a 38°C, foram expostas em atmosferas saturadas com várias substâncias odoríferas e então foram examinadas logo depois da exposição e depois de transcorridas 24 horas. Os resultados obtidos indicaram que os diferentes tipos usados variaram em sua capacidade de absorver odores, sendo o leite cru e o pasteurizado mais suscetíveis aos odores que o homogenizado e do que o aquecido, quando se evitou a formação de nata. A absorção dos odores foi maior quando a gordura estava em estado líquido, mas também teve lugar quando estava sólida. Os alimentos variaram muito em sua habilidade em comunicar odores ao leite; o nabo e a couve fervidos conferiram o cheiro com facilidade, ao passo que o toucinho só conferiu o cheiro de uma maneira moderada após 24 horas em uma dessecadora.

A absorção parece afetar mais a superfície, os odores absorvidos permanecendo em uma camada superior de 10% em uma lata de 40 litros de leite. Quando esta camada foi misturada com o restante do leite, a substância usada na experiência não pôde ser identificada.



Quando o leite foi exposto a uma atmosfera impregnada de substâncias odoríferas, o odor das substâncias podia ser identificado no leite por 30 minutos de exposição. Contudo, houve muitas exceções. Por outro lado, quando as amostras foram expostas a uma atmosfera não impregnada, os odores estranhos não foram tão pronunciados com o mesmo período de exposição. Naturalmente, à medida que se aumentou o tempo e a temperatura do leite, o odor absorvido se mostrou mais intenso.

Quando se expôs leite fresco e temperado a diversos ambientes dentro do estábulo e associados a êle, apenas foram encontrados odores estranhos, salvo quando o leite foi exposto dentro do silo ou quando caiu sôbre êle alguma matéria estranha. Entretanto, quando o leite foi exposto a uma atmosfera impregnada, em um dessecador, com estêrco líquido ou urina recente, perceberam-se odores muito pronunciados após uma exposição de 15 minutos, quando o leite se achava a 38°C.

A possibilidade da absorção direta de odores estranhos presentes no ar, por parte do leite, depois que foi ordenhado e antes de ser retirado do estábulo, parece que tem sido muito exagerada.

LEITE COM SABOR DE ERVAS — Quando se nota um sabor desagradável no leite, deve-se es-

tudar cuidadosamente a natureza dos alimentos que a vaca tem recebido e o método de produção. Não é raro que os sabores estranhos do leite sejam devidos ao fato das vacas terem recebido alimentos ou ervas de sabor muito forte. Entretanto, salvo raras exceções, todos êstes sabores indesejáveis podem ser evitados. Empregando-se alimentos verdes de sabor acentuado, êstes devem ser dados imediatamente depois de ordenhar. Se as causas do sabor são os pastos ou as ervas más, retirando-se as vacas dos pastos umas quatro horas antes da ordenha, elimina-se quase por completo a presença de odores ou sabores estranhos, pois que assim se dá bastante tempo para a aeração da corrente circulatória das vacas antes da ordenha.

Contudo, nem sempre é o alimento a causa dos odores e sabores desagradáveis. Por melhor paladar e cheiro que tenha o leite ao ser ordenhado, se êle é colocado em recipientes anti-higiênicos ou armazenado em um ambiente inapropriado, não poderá deixar de absorver maus odores e sabores.

A limpeza e esterilização adequada de todos os utensílios e recipientes, dos estábulos, o asseio das vacas e a retirada pronta do leite dos estábulos uma vez terminada a ordenha, depois da temperatura do leite ter sido aproximada tanto quanto possível de 10°C, contribuirão para evitar a contaminação e para manter o conteúdo mínimo de bactérias.

DEVE-SE CORTAR O PÊLO DAS VACAS — Os processos para o melhoramento da qualidade do leite podem ser resumidos em duas palavras: asseio e resfriamento. Dêstes dois, o asseio é o mais importante. O leite sujo, mas bem resfriado, não se deteriorará com tanta rapidez como o sujo que não fôr bem resfriado; entretanto, frio ou não frio, será leite sujo. As condições atmosféricas e o abastecimento de água, as duas coisas que afetam o resfriamento, variam grandemente, mas os meios para se conseguir o asseio conseguem-se onde se queira. Tôda operação de limpeza merece atenção. Mas, como é natural, a tosa das vacas contribuirá, não há dúvida, para facilitar o asseio dos animais, o que compensa o esfôrço.

Uma grande porção da sujeira visível no leite resulta do corpo da vaca. A limpeza da vaca contribuirá evidentemente para a obtenção de leite limpo.

E' coisa assente que o pêlo curto e macio de uma vaca tosada não é capaz de recolher tanto estêrco ou outras sujeiras como a pelagem comprida de uma vaca não tosada, além de que a sujeira acumulada na vaca tosada é mais fácil de limpar.

Existe um obstáculo na tosa das vacas: são as tesouras. Tanto a tesoura de mão como a mecânica são demasiado caras para o pequeno produtor e não parecem existir tesouras baratas que façam um bom serviço. Uma solução possível parece ser a compra de várias tesouras pela usina de leite, para fornecer às pessoas que ali entregam o leite.

A tosa dos flancos da vaca não é um remédio universal contra o leite sujo. O requisito fundamental para a produção de leite limpo é o **asseio** do animal. Qualquer outra coisa que façamos só contribuirá para diminuir a tarefa e não há dúvida que a tosa dos flancos das vacas facilita de muito o trabalho de limpeza e não há dúvida, também, que uma tosa ainda maior resultaria em uma melhor limpeza do leite.

O LEITE EVAPORADO, RIVAL DO SUCO DE LARANJA EM VITAMINA "C" — **Estão sendo inventados meios de aumentar o conteúdo em vitamina C do leite condensado e de estabilizá-lo a um nível satisfatório, segundo a Escola de Agri-**

✶ ✶



SANGUE FRIO... NO GÊLO — *Um salto como ainda não fôra realizado até hoje, por artistas patinadores. Com precisão e sangue frio, o famoso artista do gêlo, Horst Faber, alemão, apresentou êsse salto acrobático na revista "Olimpíada no Gêlo"*

cultura do Estado de Pennsylvania, E. U. A. O leite é freqüentemente chamado de alimento perfeito. Contudo, os bromatólogos reconhecem que lhe falta vitamina C (ácido ascórbico). Mercê de um novo processo, tôda lata de leite condensado conterá tanto ácido ascórbico como uma laranja grande, ou seja, o suficiente para uma criança ou adulto em um dia.

O leite condensado contém já boas quantidades de vitamina D (irradiado ou fortificado), vitamina B, G e substâncias minerais e proteicas. O novo processo inclui a fortificação do leite com pequenas quantidades de ácido ascórbico, quando é enlatado, além do emprêgo de fechamento no vácuo ou extração do ar do recipiente por meio de nitrogênio, ao efetuar o fechamento hermético. A extração de oxigênio retarda a oxidação do ácido ascórbico durante o intervalo que medeia entre a elaboração e o consumo.

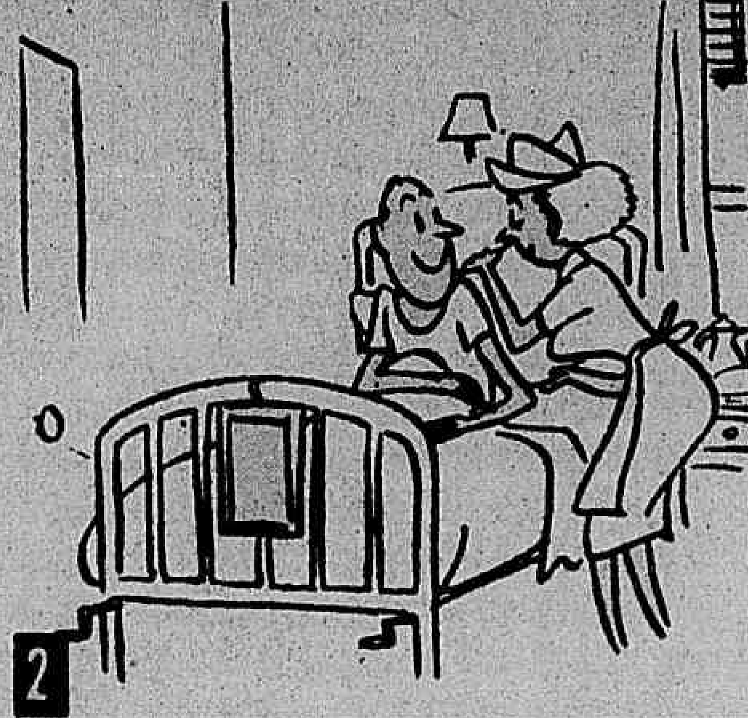
O leite condensado para o comércio contém, em geral, cêrca de 4,0 mg de ácido ascórbico por litro (fluido), ou umas 3,2mg por vasilha, depois de três meses de armazenamento. Uma criança necessita de 28 a 40mg por dia. O leite fortificado e protegido viria a conter cêrca de 40mg por vasilha ao ser aberta.

AFUGENTEM-SE AS MOSCAS DO LEITE — Quando se emprega leite desnatado ou azêdo como alimento para as aves, é necessário vigiar com cuidado para observar certos preceitos de higiene. Nada mais perigoso do que as moscas, que, como se sabe, são as hospedeiras intermediárias da tênia, que tantos estragos causa nos galinheiros, sobretudo quando atraídas por leite velho.

COMO GUARDAR O REQUEIJÃO — A Estação Experimental da Flórida verificou que o requeijão pode ser guardado muito bem pelo período de várias semanas a uma temperatura de 16°C, quando cobertos com uma solução de salmora a 4 por cento.

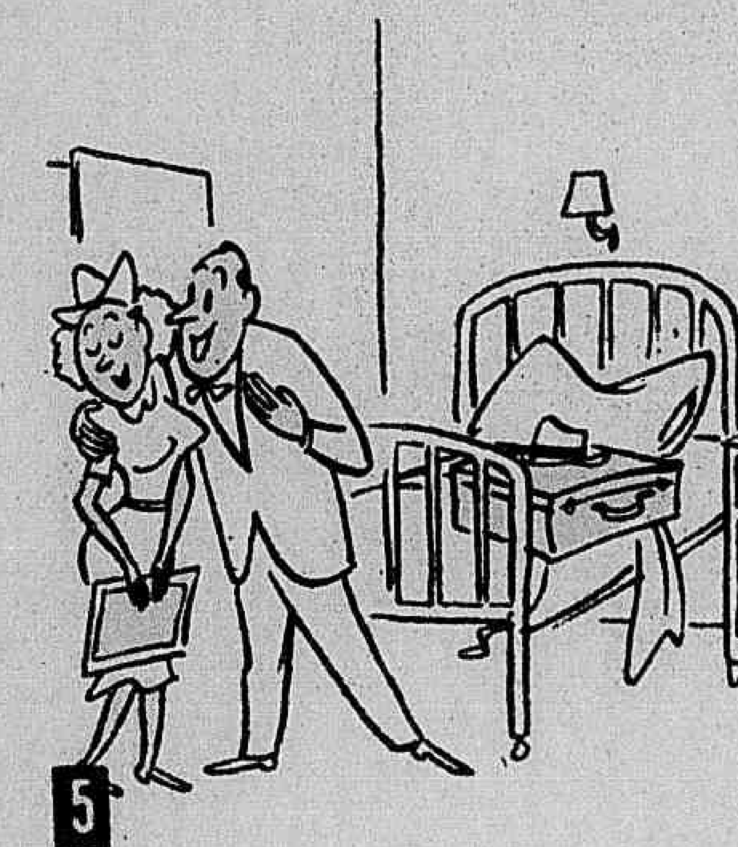
DA CAMA PARA A COZINHA

















PODA DE ÁRVORES FRUTÍFERAS

Um fazendeiro andava preocupado com as pequenas árvores frutíferas da sua fazenda. A maioria já tinha mais de seis anos e não estavam dando frutos em quantidade suficiente. Entretanto, o remédio é simples. As árvores devem ser podadas, para que disponham de uma forte estrutura, constituída pelo tronco e seis ou sete galhos grossos. Quando a árvore começar a dar frutas, devem ser eliminados os galhos que não dão. As árvores devem ser irrigadas, três ou quatro vêzes durante a estação, com sulfureto de chumbo, ou, pelo menos, quando se torne necessário, para afastar os insetos que devoram as fôlhas. Quando começarem a dar frutas, as árvores devem ser irrigadas uma vez por semana.

Para facilitar o tratamento das árvores frutíferas, assim como outros trabalhos na fazenda, deve-se construir um pôsto de serviço portátil. Êste se constrói com muita facilidade. Basta montar um tanque, com capacidade para 500 galões, sôbre um carro de quatro rodas e, por trás do tanque, montar-se um compressor com motor a gasolina de 1 HP. Dessa maneira, dispõe-se de pressão suficiente para encher os pneumáticos dos tratores, espalhar inseticidas sôbre as plantações e para lubrificar os equipamentos agrícolas.

O MILHO PODE SER SUBSTITUIDO POR TRIGO NA ALIMENTAÇÃO DE VACAS LEITEIRAS

O dono de uma fazenda resolveu, certa vez, misturar trigo moído de baixa qualidade ao alimento das vacas, quando o milho que colhera acabou. Sua experiência, contudo, tropeçou com um problema imediato: o trigo se embolava, em vez de misturar-se com o feno.

Como acontece com freqüência, o fazendeiro em aprêço encontrou a solução de seu problema, tomando conhecimento, através da leitura, das experiências alheias. No caso, a leitura foi de um artigo referente à maneira com que os criadores australianos alimentam suas vacas leiteiras com trigo de baixa qualidade. Segundo o autor do referido artigo, os pecuaristas australianos provaram que o trigo é quase tão bom quanto o milho e pode substituir a cevada e outros cereais na alimentação dos porcos e aves domésticas.

Explica também o artigo que o trigo deve ser misturado com farelo ou as sobras resultantes da limpeza de qualquer grão, em quantidade suficiente para evitar que se embole. A proporção deve ser de meio quilo de farelo por um quilo e meio de trigo. Se essa mistura é combinada com feno de boa qualidade, a ração conterá proteínas suficientes. Contudo, para se obter um aumento da produção de leite, deve-se juntar algum alimento rico em troteína (como linhaça, por exemplo) na proporção de um quilo e meio de linhaça por dois quilos e meio de trigo moído.

IRRIGAÇÃO

Uma das melhores maneiras de se aumentar a produtividade da terra, e, ao mesmo tempo, livrar-se do risco de não se contar com uma quantidade suficiente de água, é a irrigação.

Em grandes extensões de terreno plano a irrigação natural é difícil. Em tais casos, contudo, o lavrador poderá recorrer a uma bomba pequena e portátil. As bombas de turbina vertical podem ser instaladas se se quer assegurar um abastecimento completo de água.

Nos Estados Unidos, as pequenas granjas que necessitam de irrigação preferem as bombas portáteis, ao passo que as fazendas maiores utilizam a bomba vertical que, para elas, é mais econômica.

CAMPEÃ LEITEIRA

Uma vaca inglêsa, propriedade da Enwood Farms Ltd., de Oxfordshire, na Inglaterra, bateu o recorde mundial de produção de leite durante a vida. Em nove períodos de aleitamento, produziu 267 315 libras (13 toneladas) de leite.

A notável vaca nasceu e foi criada na África do Sul.

Os cientistas britânicos estão procurando criar uma raça de porcos com um número menor de costelas que os porcos normais. Em tal caso, a proporção de carne magra seria muito maior, em comparação com o pêso total do animal, que nos suínos comuns.

★

O GRANDE PRÊMIO



Quando levou ao vencedor o cavalo que lhe coubera dirigir na principal prova do prado de Sta. Anita, na Califórnia, o jóquei Ralph Neves, norte-americano de pais portuguêses, estava longe de sonhar que ganharia, imediatamente, outro grande prêmio... com o beijo de entusiasmo que lhe deu a atriz Bette Grable, co-proprietária do animal vencedor.



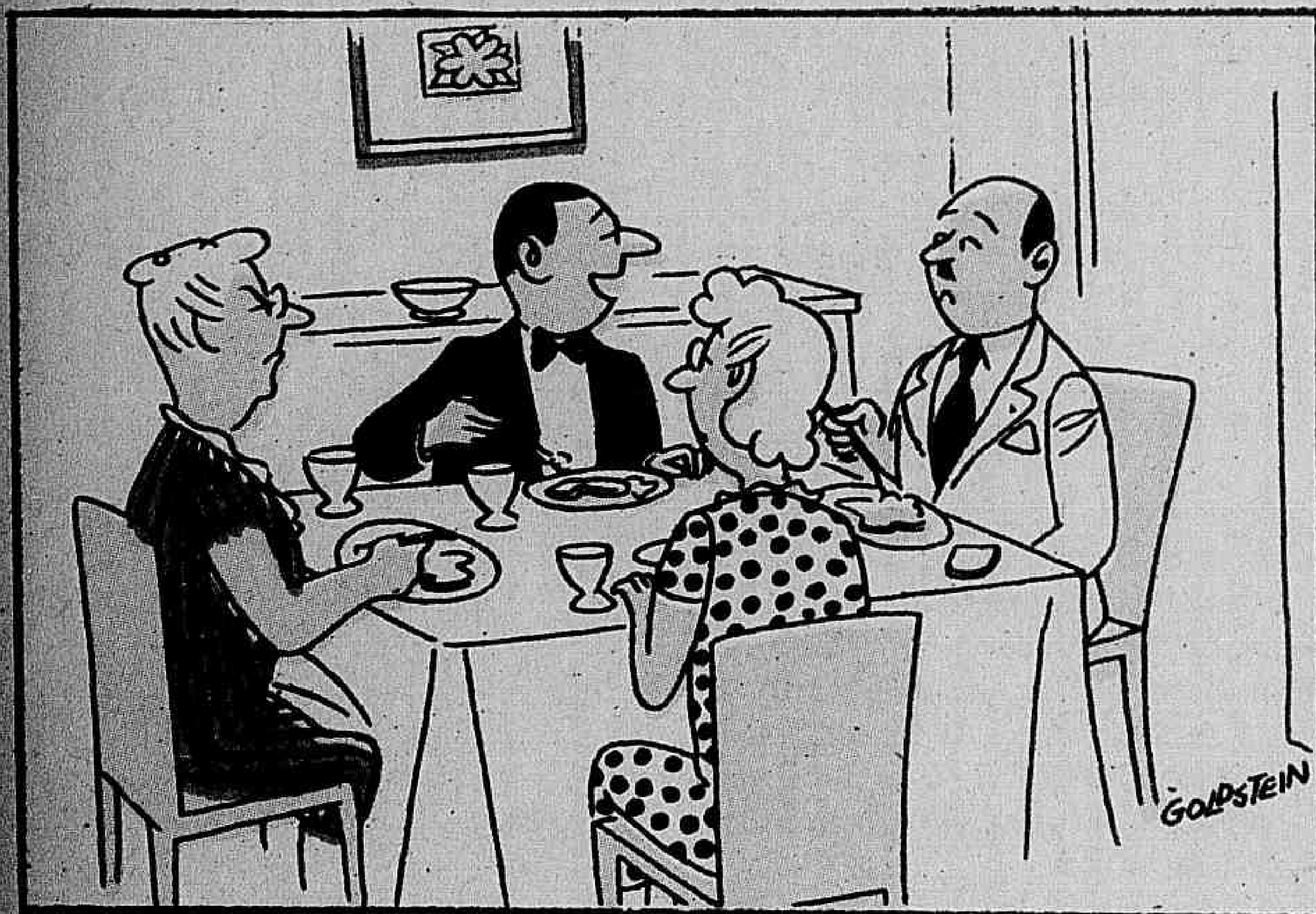
O "ponto" do corpo de "girls"

A LABORIOSA ABELHA

Calcula-se que cêrca de oitenta por cento de tôda a polinização que executam os insetos nas plantas úteis sejam devidos à abelha. Uma intensa colônia de abelhas, situada na zona propícia ao pólen, pode recolher de 45 a 65 libras de pólen, durante um ano. Para recolher uma libra, as abelhas de uma colmeia devem visitar mais de um milhão de flores. Isto significa que, no final de um ano, as abelhas de uma colmeia normal visitam, aproximadamente, entre trezentos e quinhentos milhões de flores.

*

Os pesquisadores de metalurgia do Departamento de Minas dos Estados Unidos descobriram um método prático de extrair ferro e titânio de minérios cujo teor metálico é baixíssimo.



— *Você não faz idéia como isto pode ser delicioso... quando bem feito!*



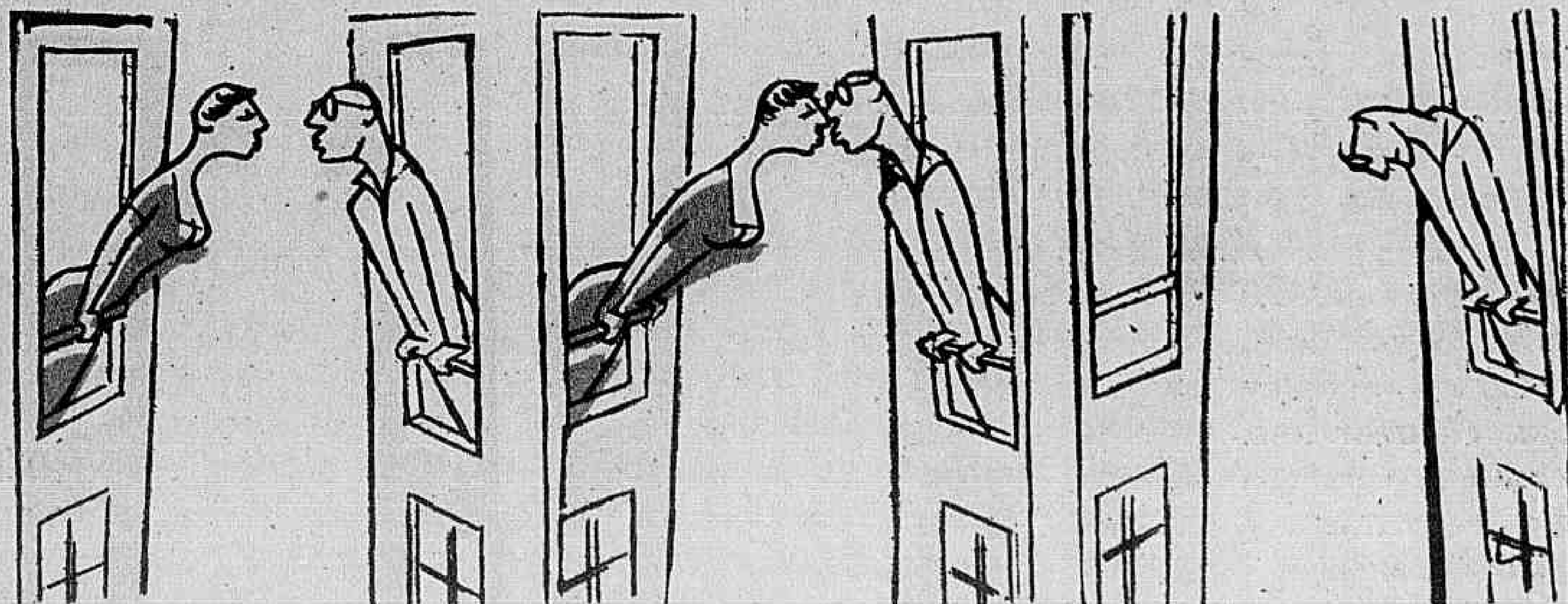
Cortesia celestial

*

O Dr. Joseph Trusta, a maior autoridade britânica em matéria de cirurgia ortopédica, está praticando uma operação para ampliar os ossos, que poderá dar grandes resultados em crianças atacadas de enfermidades deformantes.

*

No edifício Empire State, o mais alto do mundo, situado em N. York, caíram, durante os últimos dez anos, 226 raios.



O beijo *(Chaval)*

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS
MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM OUTUBRO DE 1952

1 — **Sábado** — Cêrca de uma dezena de Estados, cuja tendência política ainda não está bem definida, será fator decisivo nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. — Nos chamados Estados-chave, como Nova York, Pennsylvania, Ohio e California, a vitória de um ou outro candidato poderá significar a Presidência da Nação. — O último grupo de funcionários da Embaixada Britânica em Teerã — 27 homens e 7 mulheres — segue para Baghdad. Entre aquêles funcionários estão o Encarregado de Negócios, Georges Middleton e sua espôsa. — Uma escolta armada, dois caminhões cheios de policiais, protegeu o grupo durante a viagem. — O grupo asiático e árabe submeterá à Comissão Política Especial um projeto de resolução, pleiteando a designação de uma comissão de bons ofícios, que terá como objetivos assistir a India, o Paquistão e a União Sul Africana em suas negociações sôbre o tratado dos Indus na Africa do Sul. A India e o Paquistão solicitam a abrogação das medidas descriminatárias a que estarão sujeitas as pessoas de origem Indu, medidas estas, dizem êles, que são contrárias aos acordos concluidos entre a Africa do Sul e a India. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Plínio Pinheiros Guimarães Juiz do Tribunal Superior Eleitoral.

2 — **Domingo** — O Marechal Tito, em seu relatório sôbre as atividades do Partido Comunista da Yugoslavia, ataca a política expansionista da Rússia, responsabilizando-a pela tensão internacional reinante — Tito defende ainda a Carta da ONU e protesta contra a decisão tripartite tomada a respeito de Trieste. — Realisa-se a cerimônia de posse do General Carlos Ibañez, na Presidência da República do Chile, sendo divulgada a formação do novo Ministério chileno. — O Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamaraty, um almoço de despedida ao Sr. Osvaldo Vial, Embaixador do Chile, a quem foram entregues as insignias da Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

3 — **Segunda-feira** — O Chanceler Adenauer enaltece os objetivos da Federação Européia, adiantando que ela não deve fracassar por causa das divergências em tôrno da questão sarrense. — A Federação das Indústrias Britânicas oferece 50 bolsas de estudos no ramo da engenharia, para a América Latina, destinando 10 delas a estudantes brasileiros. O Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Professor Leon Charles Denivelle.

4 — **Terça-feira** — Com uma afluência sem precedentes, realizam-se as eleições nos Estados Unidos, para Presidente e Vice-Presidente da República, governadores, senadores e deputados — Calcula-se em 55 milhões o número de votantes — Os primeiros resultados do sensacional pleito favorecem o General Eisenhower. — A Rainha Elizabeth comparece à Câmara dos Lords para pronunciar o discurso de reabertura do Parlamento britânico. — Na Câmara dos Comuns travam-se debates sôbre a «fala do trono», havendo usado da palavra Clement Attlee e Winston Churchill. — Intensificados os protestos dos exportadores britânicos, com a divulgação dos detalhes acêrca das negociações entre o Brasil e a Inglaterra, para a permuta de aviões a jato por algodão. — O Presidente Ibañez, em mensagem ao povo chileno, diz que «é muito



O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-1

grave a situação do país, que se encontra no limite do cáos». — O Primeiro Ministro De Gasperi fala a respeito de Trieste, condenando as disposições da Itália em prol da sua solução. — Chegam a bom termo as negociações para a utilização de bases militares na Espanha pelos norte-americanos. — A notícia, porém, não é confirmada pelo Departamento de Estado. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Embaixador Mário de Pimentel Brandão Ministro interino das Relações Exteriores. — O Sr. Ministro João Neves da Fontoura, que vai chefiar a Delegação do Brasil à Assembléia Geral das Nações Unidas, em Nova York, transmite a pasta das Relações Exteriores ao Sr. Embaixador Mário de Pimentel Brandão, nomeado Ministro interino.

5 — **Quarta-feira** — A proporção da vitória de Eisenhower causa geral surpresa em todos os países do mundo. Na Europa Ocidental, a vitória do candidato republicano é acolhida com aprovação e as bôlsas de valores registram. — Moscou não comenta mas recorda-se que, no passado, os círculos soviéticos acusaram o General Eisenhower de «belicoso». — O Presidente da República da Coréia, Sr. Singman Rhee, convida Eisenhower a visitar a Coreia. — As tropas norte-americanas que lutam na Coreia foram informadas de todos os detalhes. — Na Europa, helicópteros deixam cair boletins com as últimas notícias para os soldados americanos em manobras na Áustria. — Na Grã-Bretanha não houve comentário oficial, mas os britânicos em geral estimam Eisenhower. — O Govêrno Britânico apresenta a Câmara dos Comuns o texto de um projeto de lei sôbre a desnacionalização da indústria siderúrgica. — O terremoto do Extremo Oriente é sentido na Holanda, onde a terra ondula em alguns milímetros. As vibrações agitam os sismógrafos durante várias horas. O Instituto Real Meteorológico Neerlandês esclarece que os seus aparelhos registaram, às 17 horas e 50 minutos, aquêle fortíssimo abalo sismico, situando-o aproximadamente nas Ilhas Japonesas.

6 — **Quinta-feira** — Continua crescendo a diferença alcançada pelo General Eisenhower sôbre o seu competidor Sr. Stevenson, em votos populares e eleitorais. — Os republicanos conseguiram excassa maioria no Senado e na Câmara de Representantes. — Eisenhower responde ao Presidente Truman, declarando aceitar, para a segunda quinzena de novembro, a entrevista para que foi convidado pelo Chefe da Nação. — O Sr. Liera Camargo submete ao Conselho da O. E. A. o relatório anual sôbre as atividades dêsse órgão — O Sr. Viana Camargo é eleito representante do Brasil na Comissão de Ação Cultural da Org. dos Estados americanos. — Concedido ao escritor e jornalista francês François Muriac o Prêmio Nobel de Literatura. — O Prêmio Nobel de Física é concedido aos cientistas norte-americanos Edmund Purcell e Felix Bloch. — O de Química é conferido aos cientistas britânicos Arthur John Porter Martin e Richard Millington Synge. — Falece em Paris o Conde Charles de Chambrun, que representou a França como embaixador em diversos países e era membro da Academia Francêsa. — O General Juin apresenta a sua candidatura à Academia Francesa na vaga do Sr. Jean Tharaud. — Chamado ao Rio o Embaixador do Brasil no Irã, Sr. Hugo Guthier — O Vice-Presidente Café Filho deixa o Chile para a sua visita ao Peru. — O Sr. Presidente da República preside à solenidade de declaração dos novos Aspirantes a Oficial da Academia Militar das Agulhas Negras. — Toma posse na Presidência da Confederação Nacional do Comércio o Sr. Brasilio Machado Neto. — Chega o crusador canadense «Ontario».

7 — **Sexta-feira** — A Grã-Bretanha entende que a visita de Eisenhower à Coréia visa um contacto pessoal para que êle se inteirasse da situação, mas, se, em conseqüência da visita, Eisenhower tiver sugestões políticas a fazer, estas serão discutidas com outros govêrnos que fazem parte do comando das Nações Unidas. — O Presidente Truman pede ao presidente eleito, General Eisenhower, que envie representantes seus aos Departamentos de Estado, da Defesa e à Repartição de Orçamento, «o mais depressa possível». Num telegrama enviado ao General Eisenhower, Truman também confirma a data de 17 do corrente para seu encontro, na Casa Branca, com o presidente eleito. — Argentina, Guatemala, Uruguai e El Salvador tomaram parte nos debates da ONU, sôbre o tratamento que recebem as pessoas de origem indu na República Sul-Africana. — Paul Coirre, presidente do Conselho Municipal de Paris, e dois conselheiros, é expulso da Concentração Popular Francesa (R. P. F.) do General De Gaulle. Outros três conselheiros degaulistas renunciam ao saberem da expulsão. O número de lugares degaulistas do Conselho de 90 membros fica assim reduzido a 31, contra 58 após as eleições municipais de 1947.

8 — **Sábado** — O Ministro das Relações Exteriores britânico, Antony Eden, chega a Nova York, a fim de participar dos debates da Assembléia Geral da O. N. U., na qual fará um apêlo no sentido de que sejam aceleradas as «demarches» para a solução do conflito coreano. — O Presidente eleito Dwight Eisenhower não tomará parte em qualquer ato governamental até a sua posse, em 20 de janeiro, Eisenhower está preparando o envio a Washington de um grupo de representantes pessoais, a fim de que — de acôrdo com o convite do Presidente Truman — conferenciem com funcionários do Departamento de Estado, da Defesa e da Comissão de Orçamento. — O Sr. Presidente da República comparece ao Restaurante Central do S. A. P. S., tendo participado do almoço comemorativo da III Semana Nacional da Alimentação.

9 — **Domingo** — Pede demissão do cargo o Secretário Geral da O. N. U., que ocupa desde a criação do importante órgão, o sr. Trygve Lie. — Um dos possíveis candidatos a substituir o Sr. Lie será o General Carlos Romulo, embaixador das Filipinas nos Estados Unidos. — Noticia-se que o Primeiro Ministro Churchill irá a Washington no fim de janeiro próximo. — Chega a esta Capital, por via aérea, Lord Reading, Subsecretário Parlamentar da Inglaterra para os Negócios Estrangeiros.

10 — **Segunda-feira** — Comunicado a Câmara

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL 125 D · Junto do Tunel Novo · Telefones [illegible] e [illegible] 3428



ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA [illegible] MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS [illegible] TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFICIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposicão da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor preço

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS

dos Comuns que o Marechal Tito aceitou o convite para visitar a Inglaterra. — O subsecretário do «Foreign Office», Sr. Nutting, declara ao mesmo tempo, que a Inglaterra apoia a filiação da Espanha a Unesco. — Realiza-se a solenidade da assinatura do acôrdo financeiro entre o Banco de Desenvolvimento Economico e a E. F. Central do Brasil. — O vice-lider do Partido Trabalhista, Sr. Herbert Morrison, apresenta uma moção de censura à política econômica dos conservadores. — O Chanceler da Rússia, Sr. Vishinsky, apresenta e defende uma proposta para a solução do problema coreano, sugerindo a criação de uma Comissão de 11 membros para tomar «deliberações imediatas». — O Chanceler Robert Schuman fala acêrca das queixas apresentadas pela Tunisia e o Marrocos, defendendo o ponto de vista da França, segundo o qual a Assembléia é incompetente para tomar conhecimento desses assuntos.

11 — **Terça-feira** — O Chanceler João Neves da Fontoura pronuncia um discurso perante a Assembléia Geral da O. N. U. apelando para que a Austria retome o seu logar independente no mundo moderno. — O Chanceler Anthony Eden, expendendo o ponto de vista britânico, regeita as novas propostas russas sôbre a Coréia. — O General Van Fleet passando em revista a situação militar na Coréia, se diz satisfeito com a atuação das fôrças aliadas. — Inquietação quanto a divergências que poderão surgir para a substituição do Sr. Trygve Lie no cargo de Secretário Geral da O. N. U. — O Sr. Eden fêz um apêlo para que o Sr. Lie reconsidere a sua atitude. — O Vice-Presidente Café Filho, atualmente no Peru, faz entrega da Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Cardeal-Arcebispo de Lima, D. Juan Gualberto Guevara. — O Sr. Herbert Morrison derrota o Sr. Aneurin Bevan, elegendo-se Vice-Presidente do Partido Trabalhista inglês. — O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Mérito ao Sr. José Jayme Ferreira de Vasconcellos. — Entregam credenciais ao Sr. Presidente da República os novos embaixadores da Venesuela e da Bolivia. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando o Sr. Anésio Frota Aguiar diretor da Divisão de Polícia Técnica do D. F. S. P.

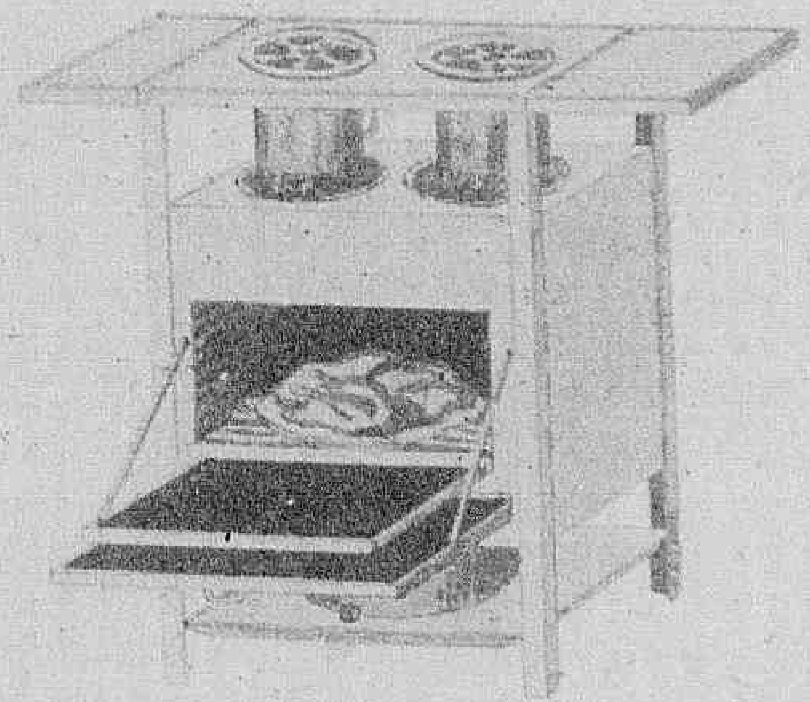
12 — **Quarta-feira** — Os nacionalistas de Tunis e Marrocos protestam ante a O. N. U. contra medidas de repressão adotadas pelo govêrno francês naqueles países. — «Cria uma nova situação nas relações franco-alemãs a resistência comum dos patriotas da França e da Alemanha contra o restabelecimento, na Alemanha Ocidental, do militarismo alemão, que ameaça igualmente a existência nacional da França e da Alemanha», acentuou o Sr. Wilhelm Pieck, Presidente da República Democrática Alemã. Acrescentou Pieck: «Saudo de todo o coração essa nova situação. Pela sua parte, a República Democrática Alemã jamais suportará que do lado alemão seja refeita uma guerra contra o povo francês». — A infantaria sul-coreanos capura três elevações e são desalojados de uma delas. As duas fôrças disputam Trianguło e do Franco Atirador, na Coréia Central, a qual vem sendo travada ha um mês. Os sul-coreanos capturam ontem três elevações e são desalojados de uma delas. As duas fôrças disputam o domínio da rota de invasão de Seul. — Lord Reading, Subsecretário do Exterior da Inglaterra, visita o Senado, sendo saudado pelo Sr. Alfredo Neves. S. Ex. responde agradecendo. — O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Sr. Sten von Eulerchelpin. — Chega a esta Capital, acompanhado de sua espôsa, o Sr. Nelson Rockefeller.

13 — **Quinta-feira** — O Delegado da China Nacionalista focalisa a atitude dos comunistas em relação às negociações para a troca de prisioneiros, salientando que êles não desejam o restabelecimento da paz na Coréia. — Também Israel vai apresentar uma proposta tendo em mira a solução do conflito coreano. — O Delegado do Paquistão na Assembléia Geral das Nações Unidas chama a atenção para os perigos da discriminação racial na África do Sul. — «Se a O. N. U. não tomar medidas imediatas, disse, as minorias brancas poderão ser massacradas de um momento para outro. — O Diretor Geral da Unesco, Sr. Torres Bodet, apresenta relatório sôbre as atividades da Organização, apontando ameaças que podem comprometer o seu funcionamento no futuro. — Divulgado o conteudo da nota enviada pelo govêrno uruguaio à Chancelaria argentina, acêrca das divergencias entre os dois países sôbre a soberania das «Ilhas Falklands. — O Sr. Abraham Feller,

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo cru ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"

RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado

CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

Consultor principal da O. N. U., é encontrado morto no páteo do edifício onde morava, suspeitando-se que se tenha lançado de uma das janelas de seu apartamento, no 5º andar. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando os Srs. José Vicente de Oliveira Martins e José Sette Câmara Filho, membros do Conselho Fiscal do Banco Nacional de Crédito Cooperativo. — Chega a esta Capital o Sr. Senador Allen Ellender, Presidente da Comissão de Agricultura do Senado Norte-Americano.

14 — **Sexta-feira** — Na sede das Nações Unidas, reinicia-se o debate sôbre a Coréia na comissão política. — Existe acôrdo redigido por 21 nações para se manterem firmes na questão da repatriação voluntária dos prisioneiros de guerra. — As fôrças da União Francêsa repelem novo ataque das fôrças rebeldes do Vietminh, ao sul de Hanoi, depois de 3 horas de violentos combates. O ataque vermelho verifica-se em Phat Diem, cêrca de 70 milhas ao sul de Hanoi e a 5 milhas da costa. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Contra-Almirante Gerson de Macedo Soares, Subchefe do Estado Maior das Fôrças Armadas. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando, para a Ordem do Mérito Militar, o Major-General C. L. Mullins Júnior, do Exército norte-americano. — Segue para Montevidéu Lord Reading, Subsecretário Parlamentar dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha.

15 — **Sábado** — Prossegue os combates na frente central, tendo as fôrças aliadas repelido os chineses para além da crista «Ponta de Alfinete», na colina «Franco-Atirador». Uma posição inimiga é retomada depois de duros combates corpo-a-corpo. Pela primeira vez em 9 dias os aviões a jato «Sabre», norte-americanos, abatem um «Mig» inimigo, depois de um breve combate na «Aleia dos Migs». Por outro lado, aparelhos «Thunderjets» lançam milhares de litros de «napalm» sôbre fortes concentrações de tropas inimigas, a oeste de Pyong Yang, incendiando tôda a região. — «A medida cancelando as concessões mineiras de estanho, por parte do govêrno boliviano, não significa a confiscação da propriedade e os donos perceberão tudo o que lhes corresponde, como conseqüência de tal medida», declarou o Embaixador da Bolívia, Victor Andrade, em Washington. — Quarenta e quatro pessoas (37 passageiros e 7 homens da equipagem) encontram a morte na queda de um avião militar norte-americano, ocorrida nas proximidades de Seul. — Duzentos mortos, 1.500 feridos graves e 50 levemente; mais de 15.000 casas destruidas ou danificadas, tal o balanço, segundo as primeiras informações, do tufão «Bess», que devastou a parte meridional da ilha de Formosa. Uns 100 juncos de pesca estão desaparecidos e 4 aparelhos da aviação nacionalista são destruidos no aerodromo de Tainan. — O Sr. Presidente da República visita a zona rural circunvizinha a esta Capital, tendo procedido a diversas inaugurações no Núcleo Colonial Santa Cruz e almoçado na Universidade Rural. — No estádio do Fluminense o Sr. Presidente da República assiste a diversas demonstrações esportivas, com a presença de 1.500 escolares paulistas.

16 — **Domingo** — O Gerente do Fundo Monetário Internacional declara que as irregularidades nos pagamentos de atrazados comerciais, por parte dos países latino-americanos, estão desanimando as inversões de capitais estrangeiros nesses países. A Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos comunica que fôram realizadas, satisfatòriamente, experiências com a bomba de hidrogênio nas ilhas Marshall. — Anunciado o falecimento do conhecido escritor e político francês, Sr. Charles Maurras.

17 — **Segunda-feira** — A Índia apresenta uma proposta visando a remover o impasse nas negociações de armistício na Coréia. — A proposta indiana busca ajustar as divergências entre a proposta dos ocidentais e a da Rússia. — Na Câmara dos Comuns travam-se debates acêrca das investigações que se realizam nos Estados Unidos sôbre cartel internacional de petróleo. — — O Delegado da Yugoslavia na UNESCO combate a proposta de admissão da Espanha nessa organização internacional, cuja votação deverá ser realizada hoje. — O Chanceler Schuman declara que são econômicos e não políticos os motivos que têm impedido a solução do problema do Sarre.

18 — **Terça-feira** — O General Eisenhower e o Presidente Truman conferenciam, pelo espaço de uma hora e quinze minutos, no final da qual expedem nota, dizendo que assuntos de transcendental importância foram tratados nessa histórica reunião, relacionados com a atual situação que o mundo atravessa. — Com tôda a probabilidade, a guerra coreana é o assunto colocado em primeiro plano. — Procedente de Nova York, chega a Washington o Sr. João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Ao desembarque do chanceler brasileiro comparece o Sr. Edward Miller, Secretário-Adjunto de Estado para Assuntos Latino-Americanos, o Embaixador do Brasil Sr. Walter Moreira Salles, e funcionários da representação diplomática do Brasil nesta cidade. — «Não podemos reconhecer a consulta eleitoral de 30 do corrente, no Sarre, como uma eleição democratica e livre», declara o Chanceler Adenauer, ao abrir os debates a respeito da questão sarrense no Bundstag. Acrescenta o chanceler: «Não podemos, tão pouco, reconhecer a Dieta nem o govêrno resultantes dessas eleições como representação legítima da população sarrense». — Os rebeldes comunistas do Viet-Minh, embriagados, desafiaram o fogo mortifero de uma coluna blindada francesa, atacando-a, mas sofrem enormes baixas.

19 — **Quarta-feira** — Por 44 votos a favor e 4 contra, a Espanha é admitida na UNESCO. — Concedida filiação também à Líbia e ao Nepal. — E' eleito Presidente da O. E. A., o Sr. Lepervanche Paipacen, Delegado da Venezuela. — Para Vice-Presidente é eleito o Delegado do Paraguay, Sr. Oscar Boettner. — O Vice-Presidente Café Filho fez declarações à imprensa de Bogotá, dizendo inclusive que o govêrno brasileiro não pretende desvalorizar o cruzeiro. — O General Eisenhower conferencia com o Senador Taft e o Sr.

Foster Duller sôbre problemas atinentes à próxima legislatura. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Felisberto Cardoso Camargo Diretor do Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto, nomeando o Sr. Cassiano Ricardo chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Paris.

20 — **Quinta-feira** — O General Eisenhower convida os Srs. Foster Dulles, Charles Wilson e Douglas Mackay para os Departamentos de Estado, Defesa e Interior, respectivamente. — Noticia-se que a partida de Eisenhower para a Coréia, por motivo de segurança, será cercada de todo o sigilo. — O Marechal Juin é eleito para a Academia Francesa, na vaga aberta pelo falecimento de Jean Tharaud. — O Uruguay é designado para sede da próxima Assembléia Geral da Unesco — A China Nacionalista é reconhecida pela Unesco. — O General Naguib declara que não pretende renunciar e sim prosseguir em sua missão. — Realiza-se uma conferência entre o «premier» egipcio e o Embaixador da Inglaterra, sôbre a questão do Sudão. — Falece o famoso filósofo italiano Benedetto Crocé. — Condenado à morte o antigo chefe da Gestapo, em Montauban, Stoltz. — Chega a Barranquilha o Vice-Presidente Café Filho. — Entrega credenciais à Rainha Elizabeth o novo Embaixador do Brasil na Inglaterra, Sr. Samuel de Souza Leão Gracie. — O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Major General Charles Love Mullins Júnior. — O Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamaraty, um almoço ao Sr. Nelson Rockefeller e senhora. — Diversas solenidades cívicas assinalam o transcurso do «Dia da Bandeira», destacando-se a inauguração da herma de Francisco Braga.

21 — **Sexta-feira** — Dois novos secretários são escolhidos por Eisenhower para o seu govêrno, George Mageffin Humphrey, para a pasta do Tesouro e Herbert Brownell Jr. para a Justiça. Além disso, o Sr. Harold Stassen é escolhido para a Direção da Segurança Mutua. — A Universidade de Columbia confere o título de Doctor — em Direito — Honoris Causa, ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, João Neves da Fontoura. — Em sessão secreta é aprovada a indicação do Sr. Carlos Silveira Martins Ramos para Embaixador no Equador. — Instala-se, sob a presidência do Sr. Ministro interino da Justiça, a I Reunião Penitenciária Brasileira.

22 — **Sábado** — A delegação dos Estados Unidos pede uma reunião «urgente e extraordinária, das vinte e uma potências ocidentais, co-autoras de um projeto de resolução sôbre a Coréia». Esta reunião se realizará na tarde de amanhã. Não há nenhuma dúvida de que o Sr. Acheson informará o grupo sôbre a decisão de seu govêrno, de submeter «emendas concretas» ao projeto indiano de resolução sôbre os prisioneiros de guerra da Coréia. — O Dr. Jaime Torres Bodet, diretor geral da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas, renuncia em sinal de protesto contra os cortes em seu proposto orçamento. Em seguida, o Dr. Paulo Carneiro, do

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Brasil, presidente do Conselho Executivo da organização, também renuncia. Também Vladislav Ribnikar, líder da delegação da Iugoslavia, renúncia, em sinal de protesto contra a admissão da Espanha na UNESCO. — O Presidente Paz Estensoro inicia as conversações para formar um novo Gabinete, que será o primeiro designado por êle. O Gabinete revolucionário apresenta sua renúncia coletiva, deixando o Presidente em liberdade para formar novo Ministério.

23 — **Domingo** — Apesar da lei marcial, novas manifestações anti-americanas e anti-britânicas são realizadas nas ruas da capital do Iraque. O govêrno resolve estabelecer o toque de recolher. — A Inglaterra solicita ao govêrno iraqueano medidas de proteção aos bens e vidas dos súditos britânicos. — O Secretário da Defesa Nacional de França, Sr. René Pleven, atualmente nos Estados Unidos, fêz declarações acêrca dos esforços armamentistas de seu país, referindo-se à estratégia aliada no Extremo Oriente e à comunidade européia de defesa. — Tecem-se conjecturas acêrca do provável sucessor do Sr. Torres Bodet na direção geral da Unesco. — Entre outros, é citado o do Delegado do Brasil, Sr. Paulo Carneiro.

24 — **Segunda-feira** — O Banco da Reserva Federal de Nova York anuncia que a divida comercial do Brasil com os exportadores norte-americanos sofreu, em outubro último, uma redução de 9 milhões de dólares. — O «Times» ocupa-se dos atrazados comerciais do Brasil. — Reeleito Pre-

sidente do Tribunal Eleitoral do Distrito Federal o Sr. Desembargador Ary Franco. — O Chefe da Delegação da Rússia fala perante a Comissão Política para regeitar a fórmula proposta pela Índia, destinada a solucionar a questão do repatriamento de prisioneiros na Coréia.

25 — **Terça-feira** — Na Câmara dos Comuns são feitas interpelações sôbre o comércio anglo-brasileiro, versando as perguntas em tôrno das dívidas do Brasil com os exportadores britânicos. — Um juri composto de destacados escritores aponta os 12 melhores romances franceses. — Falece o escritor e jornalista português Norberto Araújo. — Pio XII está elaborando um novo sistema de eleição do Papa, que seria escolhido pelos Arcebispos e não mais pelos Cardiais. — O Presidente da Junta Governativa da Venezuela, German Suarez, anuncia que nos próximos dias será concedida anistia aos prêsos políticos. — O chanceler argentino declara que dentro em breve será enviada nova nota ao Uruguay, acêrca da questão das ilhas Malvinas. — Noticia-se que teve péssima repercussão a rejeição, por parte da Rússia, da fórmula apresentada pela Índia visando a solução do conflito coreano. — O delegado soviético opôs-se também a que se concedesse prioridade para a discussão da fórmula indú. — Começam a chegar a Londres os Primeiros-Ministros dos países da Commonwealth Britânica, que iniciarão amanhã uma conferência sôbre assuntos econômicos. — Alterações no gabinete Churchill. — Regressa a esta Capital o Sr. Café Filho, Vice-Presidente da República. — Chega S. Eminência o Cardeal D. Antônio Coggiano, Bispo de Rosário.

26 — **Quarta-feira** — A França anuncia que fará uma revisão nos laços oficiais com o Sarre a espera do reínicio das negociações com a Alemanha Ocidental sôbre a internacionalização dessa pequena porém importante zona industrial. — Os alemães convidaram os habitantes do Sarre a abster-se de votar, desde que os partidos políticos pro-Alemanha foram impedidos de participar do pleito pela França. — O govêrno peruano dá a publicidade um intercâmbio de notas entre Peru e Colombia, em relação com a nota do Peru, de 29 de setembro, à Colombia, protestando pela interferência na disputa entre o Peru e o Equador. A nota da Colombia declara que o govêrno colombiano não exprimia opiniões sôbre a disputa de fronteira e a resposta do Peru considera satisfeito o reconhecimento feito pela Colombia do Protocolo do Rio de Janeiro, acrescentando que a paz continental em forma alguma está ameaçada. — O Sr. Presidente da República sanciona a Lei concedendo autonomia a Santos e Natal. — Assinado decreto pelo Sr. Presidente da República, conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Cardeal Antônio Caggiano, Bispo de Rosário, na Argentina. — Chega a esta Capital o Senador Pat Mc Carron, presidente do Comité de Segurança Interna do Senado norte-americano.

27 — **Quinta-feira** — O Sr. Anthony Eden, falando à Câmara dos Comuns nos debates sôbre a questão coreana, enaltece a fórmula apresentada pela Índia, visando a sua solução, como oportuna e construtiva. — Preconiza o Chanceler britânico o envio da proposta indiana à apreciação dos chineses e norte-americanos. — O Chanceler Schuman propôs a revisão das convenções franco-sarrenses. — A proposta francesa causa impressão favorável em Londres. — Inicia-se, em Londres, a Conferência dos Primeiros Ministros da Comunidade Britânica, que debaterão assuntos ligados à economia da Grã-Bretanha e os países do «Commonwealth». — Encontra-se gravemente enfermo o estadista italiano Vittorio Emmanuele Orlando. — O prêmio literário «Verité» é concedido à escritora Domenique Terrail, com o seu livro «Mon metier d'homme». — Chega a Athenas para uma visita à Grécia o Presidente da Turquia, Dylal Bayar. — O Encarregado de Negócios da Yugoslavia na Hungria é intimado a deixar o território húngaro dentro de 24 horas. — Recrudescem os atentados terroristas na Tunisia. — O Parlamento de Bonn decide iniciar, na próxima semana, os debates acêrca da ratificação dos convênios germano-aliados, celebrados pelo Chanceler Adenauer. — Realizadas cerimônias em comemoração ao «Dia de Ação de Graça». — Encerra os seus trabalhos a I Reunião Penitenciária Brasileira.

28 — **Sexta-feira** — Serão realizadas eleições venezuelanas, que escolherá 103 membros, cuja missão será dar uma nova Constituição à Nação. O partido anti-comunista mostra-se o mais fraco para o pleito, já que o da Ação Democrata está obtendo as preferências dos técnicos em matéria eleitoral. — Falece em Montpellier, na França, a ex-rainha Elena, da Itália, viúva de Victor Emmanuel III. Sua irmã, a Princêsa de Battenberg, era o único membro da família que se encontrava presente na ocasião de sua morte. A Rainha Elena contava 79 anos e vivia em Montpellier, no sul da França, há vários anos. Era mãe do último Rei da Itália, Umberto, que governou durante 35 dias apos a abdicação de seu pai, quando a Itália se transformou em República, em 1946. — A notícia propalada de uma intervenção francesa junto ao Vaticano, a fim de impedir a publicação, no Sarre, de uma carta do Bispo de Trèves, sôbre o direito de abstenção dos eleitores, provocou vivas reações nos meios políticos. — O presidente Eisenhower conferencia com a Sra. Vijaya Lasshmi Pandit, chefe da delegação da Índia à Assembléia Geral das Nações Unidas. Acredita-se que a Sra. Pandit tenha apresentado a Eisenhower um recurso da fórmula de paz na Coréia.

29 — **Sábado** — O Sr. Henry Cabot Lodge é designado, pelo General Eisenhower, para chefe da delegação dos Estados Unidos na ONU, em substituição ao Sr. Warren Austin, atual ocupante desse cargo. — Com a criação de 24 novos Cardeais, o Sacro Colégio fica com seu número legal completo, isto é, 70 Purpurados. As novas nomeações de cardeais não modificam — muito embora ficando apenas a diferença de um cardeal — a relação existente entre os italianos e os de outras nacionalidades, no seio do Sacro Colégio. Do ponto de vista das nacionalidades, são os seguintes os Cardeais: 27 italianos; 7 franceses; 4 americanos; 4 espanhois; 3 brasileiros; 2 portugueses; 2 argen-

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO E PEÇA IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL.

O PREÇO DE *"AMARALINA"* É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE Cr$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA Cr$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS, É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO, DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616
Os pedidos para o Distrito Federal deverão ser dados pelos telefones: 32-9415 e 32-9309

tinos; 2 alemães; 2 canadenses; 1 húngaro; 1 peruano; 1 sírio; 1 iugoslavo; 1 armenio; 1 austríaco; 1 australiano; 1 belga; 1 chileno; 1 cubano; 1 inglês; 1 holandês; 1 equatoriano; 1 irlandês; 1 polonês; 1 colombiano. — O Sr. Presidente da República assina decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Sr. Juan Manuel Peña Prado, Presidente da Câmara dos Deputados do Peru.

30 — Domingo — Sagram-se vitoriosos nas eleições realizadas no Sarre os democratas-cristãos, partidários de maior aproximação com a França — Declarou-se, aliás, que o resultado do pleito constituiu uma vitória estratégica dêsse país. — Toma posse o novo Presidente do México, Sr. Ruiz Cartines, sendo nomeados Ministros de Estrangeiros, Interior e Fazenda, respectivamente, os Srs. Padilla Nervo, Angel Carbajal e Carillo Flores. — Realiza-se, em Saint Nazaire, os funerais da ex-rainha Helena, da Itália. — O Ministro João Neves da Fontoura é homenageado pelo Cardial Spellman. — Anunciou-se que mais de cem mil homens se encontram em armas na zona soviética da Alemanha.

O «INSTINTO SEGUNDO A CIÊNCIA

Em palestra recentemente pronunciada num programa radiofônico, o Dr. Bernard F. Reiss, do Museu de História Natural, de Nova York, explicou por que motivo os cientistas empenhados em estudar a evolução animal e humana, procuram evitar o emprêgo da expressão "instinto", em seus estudos.

"Do mesmo modo que a maior parte dos cientistas — disse êle — procuro constantemente evitar a classificação estreita dos fenômenos naturais. A importância não reside no nome que damos a certa classe de comportamento, mas sim no motivo de tal comportamento".

Apresentou o cientista um exemplo para explicar o modo com que procura orientar os seus estudos. O fato do salmão regressar ao lugar onde nasceu é um fenômeno que se poderia chamar de instinto. Os cientistas, porém, sabem que a primeira fase da viagem do salmão, rio abaixo, é controlada pela luz. O salmão tem órgãos sensíveis à luz, depois de desenvolvidos. Quando se dá o desenvolvimento dêsses órgãos, o salmão procura evitar a luz.

Por outro lado, como há mais oxigênio na foz dos rios do que nas águas profundas do oceano, os salmões não se afastam para o mar alto, pois o oxigênio é substância de que muito necessitam. A segunda fase da migração dos salmões — rio acima — também é ditada pelo metabolismo do organismo do salmão. À medida que se desenvolvem e adquirem hormônios sexuais, o salmão se torna mais ativo e procura mais oxigênio. Como as águas frias dispõem de mais oxigênio, o salmão as vai procurando, em sua viagem ascendente, até chegar às cabeceiras do rio, isto é, o lugar em que nasceu. Ali desova e morre, encerrando-se, de tal forma, um ciclo, e iniciando-se outro.

O que parece, à primeira vista, uma memória fenomenal ou "instinto", na realidade, "não passa de um caso de reação aos estímulos particulares do ambiente" — concluiu.

TRABALHOS GRÁFICOS
LIVROS E FOLHETOS
Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.° 15 — Rio. Telefone 22-8647.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVI — Nº 8 — JANEIRO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

1º TORNEIO

Janeiro a março

ENIGMAS

Ao autor do 73 de Agôsto

— 1 —

O abelouro grisalho
Tem a nota e está danado,
Rasgou até um baralho
E está *mal morigerado*.

Bisilva (Manaus)

———

— 2 —

Ser na palavra constante
Sem ser, no entanto, ferrenho
E' a velha ambição que tenho
— Penso de modo *elegante?*

Gomes Júnior (Maceió)

———

— 3 —

Aos talentosos colegas de "Alterosa"

Levanto o veu lentamente
Apresentando aos leitores
Um *homem* inteligente
Que tem dons superiores
E entende bem de magia,
Pois êle fêz isto um dia:
uma letra intercalando
Numa maçã doce oblonga
A todos foi enlevando
Có os acordes da Milonga.

Heron Silpes (Canavieiras)

———

— 4 —

Tem duas vêzes dobrada
A corda para a magia,
Perdeu no salto o *equilíbrio* (*)
Enquanto a platéia ria.

———

(*) Equilíbrio das creancinhas que dão os primeiros passos.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

★

CHARADAS SINCOPADAS

5 — Três (duas) — O *embate* é relatado na primeira *página duma fôlha* de jornal.

Asclepios (Rio)

———

6 — Três (duas):
Nunca fui tipo *orgulhoso*.
Embora um tanto vaidoso,
Sou *puro* de sentimento.
Tenho boas relações,
Dadas minhas condições
De nobreza e pensamento.

Euclides Vilar (Campina Grande)

———

7 — Três (duas) — O *sussurro* do vento vem do *estreito* do mar.

Fiote (Cuiabá)

———

8 — Três (duas) — Conheço alguém que traz a *vaidade* estampada no *rosto*.

Gil Virio (Andradina)

———

9 — Três (duas) — *Qualquer bebida refrigerante reclama* gêlo.

Malba Tantan (Santos)

Fixbril
ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO!
Atraia tambem a admiração de todos, fixando seu penteado com FIXBRIL, o fixador ultra-moderno que não empasta.
★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

10 — Três (duas) — O tatu caiu na *armadilha* armada na casa de *pasto*.

Marcimento (S. Paulo)

———

11 — Três (duas) — Do *terraço* da casa avisto perfeitamente o *quintal* do vizinho.

P. Del Debbio (S. Paulo)

———

12 — Três (duas) — Acabei neste *instante* de narrar a *passagem dos tempos fabulosos*.

Velo-Vela — C.E.C. (Rio)

———

13 — Três (duas) — O indivíduo *tolo* nada distingue com clareza; vê tudo *fosco*.

Asclepios (Rio)

———

14 — Três (duas) — Por que esta *briga* por uma *migalha* de pão?

Conde de la Fere (Salvador)

———

15 — Três (duas) — *Gracejador*, amável e *rinhoso* o nosso vigário é aqui benquisto por todos.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

———

16 — Três (duas) — *Pequena porção* tem *volume* reduzido.

Dr. Jofran (Fortaleza)

———

17 — Três (duas) — Uma *pessoa astuta*, as vêzes cai no *descrédito*.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

———

LOGOGRIFOS — 18

Passeando pela praia
Com *"mulher"* de fino porte, — 6-2-3-4
La na velha Marambaia,
Onde só tem *maré forte*, — 7-1-5-4

Pude assistir a zumbaia,
Da maré que num *rolão* —
7-6-2-1
Vinha partir-se na praia,
Espalhando pelo chão.
. . . .
Já à tarde vem chegando
E a noite que é brejeira,
Com seu manto de negrume,

Trazendo em bela *fileira* — 4-2-4
Uma estrêla que se queira
Com... delicado *perfume*.

Fusinho (Bangu — Rio)

———

19
A felicidade *mora* tão longe,
3-7-3-6
E' com ansiedade que a *procuro*
[em vão! — 9-8-5-1-8
Sinto-me cansada da longa jor-
[nada.
E volto chorando de dor e *afli-*
[*ção*. — 4-5-9-7-4
Quando era *criança*, achava tão
[perto, — 5-6-5-2
Célere corria, e logo a encon-
[trava.
De dia correndo nos prados
[floridos
E à noite sonhando com *sonhos*
[tão lindos
Ela me embalava.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

———

CHARADAS NOVÍSSIMAS

20 — Duas-duas — *Ardor* de *erudito* não é para indivíduo *tolo*.

Cejotacê (Camaquã — R.G.S.)

———

21 — Duas-duas — *O povo* sofre a *pena* da inflação, por ser uma *grande multidão desordenada*.

Dr. Jofran (Fortaleza)

22 — Duas-três — Ao primeiro *sinal* do árbitro, *entre* no *jôgo, com bola e arco*.

Ed Vep (Maceió)

———

23 — Duas-duas — *Sofri* com a compra d'uma *lâmina de ouro que emita fôlha de palma* um grande *lôgro*.

Conde de la Fere (Salvador)

———

24 — Três-uma — O bom marinheiro *rodeia e segura com talas o mastro rendido*, sem *pena* de material, porque se aproxima de um lugar *coberto de penhascos*.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

———

25 — Duas-duas — O *carimbo de dimensões extensas* foi encomendado pelo *fazendeiro abastado*.

Segon (Rio)

26 — Duas-uma — Ficou um *estilhaço* do *pedestal*, depois do tiroteio do *sapateado*.

Iza Abel (Rio)

———

27 — Uma-quatro — *Desde* que perdi a *lembrança* do noivado, ficou tudo no *esquecimento*.

Paulistinha (Rio)

———

28 — Duas-três — O *adulador servil não tem valor nem resolução* e é de uma *indicisão irritante*.

Sertanejo II (Lavras)



A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de início. Sendo a bexiga a porta de saída das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

29 — Uma-uma — *Qualquer coisa basta* para pôr *têrmo* a uma briga de mulheres.

Zytho (Rio)

———

30 — Duas-uma — A Mãe Preta, antiga *escrava, dedica* todo o seu coração ao *pessoal* da Casa Grande.

Ed Vep (Maceió)

———

31 — Uma-duas — *Pouco satisfeito* acha-se o *infeliz*.

Fiote (Cuiabá)

———

32 — Duas-uma — Num copo *embaciado até* o beiço, deram-me um *caldo grosso muito adubado e engrossado com farinha peneirada*.

F.I.C. (Rio)

———

32 — Três-duas — Fiz um empréstimo com *lucro desproporcionado* e perdi *grande quantidade* de dinheiro, porque lidei com um homem *sovina*.

Guilherme Tell (Rio)

———

33 — Duas-uma-duas — A mulher cortou o *cabelo* do *dragão de cinco unhas*, porque *tem suspeitas* de que querem fazer feitiço ou *advinhação pela observação da lama*.

Dabliú (Rio)

———

CHARADAS ANTIGAS — 34

Ao distinto Farani

Arranja-te em oração — 3
Ante o altar do Senhor,
Que sairás dessa *aflição* — 1
O' covarde pecador.

Agalves (Bento Simões)

———

CHARADAS CASAIS

35 — Quatro — Um homem *de pouquidades* não é um perfeito cavalheiro, é sempre uma pessoa *de miudezas*.

Acobar (Maceió)

———

36 — Três — Durante a guerra, muitas vêzes o *lugar anexo à lareira, onde se juntam cinzas*, foi transformado em *depósito de água para qualquer serviço*.

Alô Tropina — H.C. (Rio)

———

37 — Quatro — E' *fácil* a confecção de um *estore*.

Adolfo Tuchman (Rio)





acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY

38 — Três — O *rapaz* trazia um *grupo de flores na extremidade de um ramo*, que timidamente ofereceu à noiva.
Conselheiro (S. José de Mipibu)

---

39 — Três — Vou fazer uma *descrição minuciosa* da *marca na perna do cavalo*.
Donatila Borba (Cresciuma)

---

40 — Três — Tudo o que se sabe até agora sôbre o inventor do *papagaio de papel*, não passa de *mentira*.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

---

41 — Quatro — O *andarilho* às vêzes viaja nesta *espécie de locomotiva*.
El Principe (Uberaba)

---

42 — Três — A *violência de sentimentos* nos *arremessa*, quase sempre, no infortúnio.

Enidlej (Salvador)

---

43 — Três — Êle *envolve-se na capa* para usar de *disfarce*.

Farani (Salvador)

---

44 — Três — *Economisa exageradamente* na compra de uma boa pasta dentrifícia prejudicando o *dente da criança*.

Gumercindo Leite (João Pessoa)

---

45 — Quatro — Onde há *desordeiro* há *confusão*.
KTQZ (São Paulo)

---

46 — Três — Da *árvore* surgiu a *cruz* da nossa redenção
Mambira da Jiquitiaia (Salvador).

---

48 — Três — O exemplo de charada mais *conhecido* é o da novíssima, a mais *usada*.
Matouk — *C.Æ.C.* (Rio)

---

49 — Quatro — O *contigente* de cavalaria mostrou-se de forma *débil* deante da reação popular.
Nomisio Nuno (Feira de Santana).

---

50 — Três — Sua *injúria* deixou-me bastante *ofendido*.
Roazo (Maranhão)

---

51 — Três — Quem *exercita* a ginástica, produz *estímulo* às funções orgânicas.
Sefton (Rio)



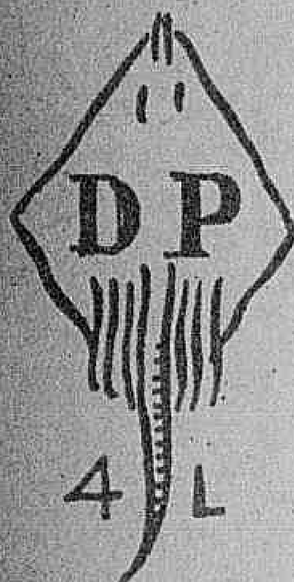
JUVENTUDE
ALEXANDRE



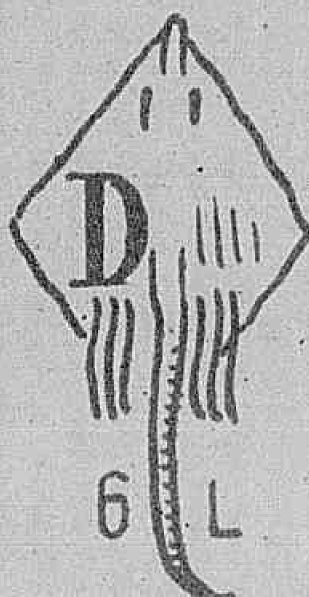
ENIGMA PITORESCO — 52

Ao major Agá, perguntando: quando aparece?

G
—
T







Dr. Lavrud

ENIGMA FIGURADO — 53





Segon (Rio)

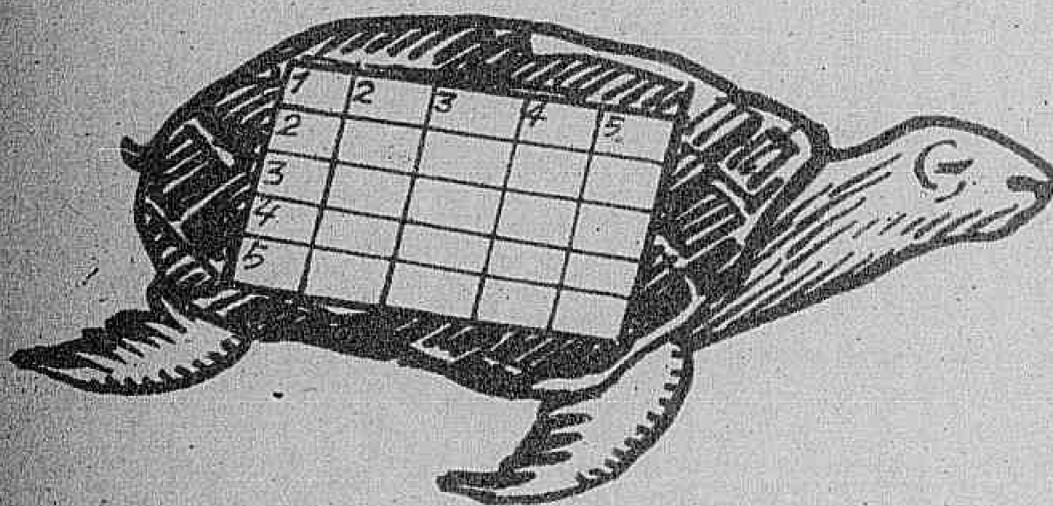
ALMANAQUE EU SEI TUDO — 1952

DESEMPATE

1º lugar — (totalistas) — Cysneirense 01; Lentercio 02; Nilva 03; Plá 04; Zytho 05; El Principe 06; O Sineiro 07; Major Agá 08; Nostradamos 09; Janota 10; Julião Riminot 11; Cantagalo 12; Sertanejo II 13; Jayreis 14; Fiote 15; Seamva 16; Lord 17; El Campeador 18; Merode 19; Valério Vasco 20; Lotônio 21; Jota 22; Debrito 23; Dopasso 24; Alvasco 25; Chico Bacamarte 26; Aufego 27; Irahydes 28; Jotoledo 29; Mira 30; Sônia 31; Radge 32; Milon 33; K. Nivete 34; Ziul 35; K. Brito 36; Cydar 37; Malba Tantan 38; Alô Tropina 39; Nenê 40; Zizinho 41; Heládio 42; Lupe 43; Arpetra 44; Sam 45; Tony 46; Ed Vep 47; Nami 48; Acobar 49; Centauro 50; Farani 51; Corgonhe 52; Cabocho 53; Edpim 54; Jotoracio 55; Paco 56; Pele Vermelha 57; Raul Potrocelli 58; R. Kurban 59; Nerff 60; Seu Teixeira 61; Gumercindo Leite 62; Conde de la Fere 63; Sefton 64; Gato Prêto 65; Bisilva 66; Spartaco 67; Júpiter 68; Zepenha 69; Binastro 70; Emidlej 71; Botucavahy 72; Zoraco 73; Mambira da Jiquitaia 74; Kinsos 75; Dr. Zinho 76;

PALAVRAS CRUZADAS

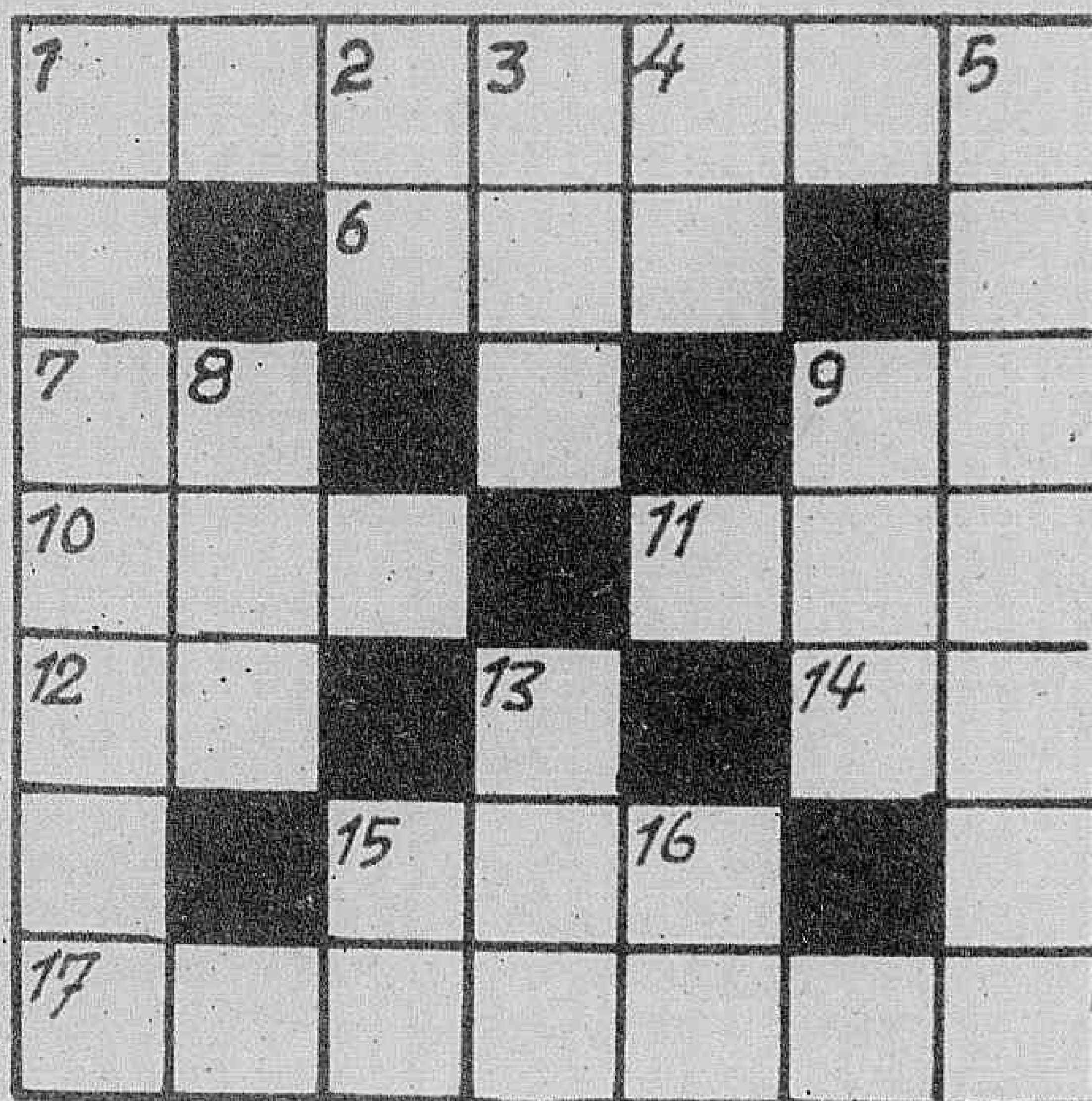
PROBLEMA Nº 1



Cidar (Belém — Pará)

Horizontais e *Verticais*: — 1 — Rabico; 2 — Acrescentar; 3 — Instrumento de madeira com o qual se soca o balastro sob os dormentes das estradas de ferro; 4 — Desejo de vingança (pl.).

PROBLEMA Nº 2



Edur Gomes Monteiro

Horizontais: — 1 — Diálogo entre marido e mulher; 6 — O nascimento do sol; 7 — Morrer; 9 — Letra grega; 10 — Nevoeiro; 11 — Repetição; 12 — Forma arcaica do artigo o; 14 — Preguiça; 15 — Bagaço; 17 — Empenhado.

Verticais: — 1 — Que dá auxílio; 2 — Nota musical; 3 — Atômo radical carregado elétricamente; 4 — O parceiro, que no voltarete joga apenas as cartas que teve e não compra nenhuma; 5 — Que mata; 8 — Relento; 9 — Índio ou caboclo menino (nome carinhoso); 13 — Dimanar; 15 — Pron. antigo, o mesmo que lhe; 16 — Rio da França.

EFEITO SENSACIONAL NA

TOSSE Remédio do Dr. Reyngate

As gotas que dão alívio imediato nas tosses rebeldes, bronquites crônicas e asmáticas, coqueluche, sufocações e ânsias, chiados e dores no peito. Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 30,00 para o Lab. Jardim. End. Teleg. Mendelinos, Rio, que remetemos.

Algaves 77; Bigi Neto 78; Dacosta 79; Pompeu Júnior 80; Odinabro 81; China Pau 82; Vigário de Wilkfield 83; Toberal 84; Buridan 85; Ronega 86; Gil Virio 87; Black Rose 88; Misterioso 89; Heron Silpes 90; Alguém 91; Envergonhado 92; Jocati 93; Lujoca 94; Ordisi 95; Ruvina 96; Varetas 97.

2º lugar — Carsioli 01 a 06; Roama 07 a 12; KTQZ 13 a 18; Nomísio Nuno 19 a 24; Jobair Soares 25 a 30; Sotnas 31 a 36; Dr. Barreto Cardoso 37 a 42; Joferro 43 a 48; Oarcim 49 a 54; Rafinha 55 a 60; Levon 61 a 66; Zincronitano 67 a 72; Donatila Barbosa 73 a 78; Sphinx 79 a 84; Plutárco 85 a 90.

Desempate no dia 24 de janeiro.

FALECIMENTOS

ETIEL — Embora tardiamente, temos o dever de registrar a morte, em Lisboa, do nosso amigo e confrade *Etiel*, ocorrida no dia 25 de julho.

Etiel (Alfredo Leite de Melo) foi um dos fundadores da *Tertúlia Edípica* e autor do importante Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguêsa, que tão relevante serviço vem prestando à língua pátria.

Com a morte de *Etiel* perde a *Tertúlia Edípica* um dos seus mais fortes esteios.

A todos os confrades de além-mar enviamos os nossos pezames.

Faleceu em São Luís do Maranhão a sra. d. Guiomar Rebelo Pamplona, espôsa do nosso velho colaborador *Spartaco* (Anacleto Pamplona Jr.), a quem apresentamos os nossos pesames.

JAIRO — Outro confrade que a morte traiçoeira nos roubou, o nosso velho amigo e colaborador *Jairo* (Jair Teixeira) de Belo Horizonte.

Jairo foi vítima de um acidente quando realizava uma pescaria com outros amigos, no rio Paraopeba.

GRÊMIO EDÍPICO DOS CHARADISTAS DE ARACAJU

No dia 12 de outubro foi fundado em Aracaju o G.E.C.A., cuja diretoria ficou assim constituida:

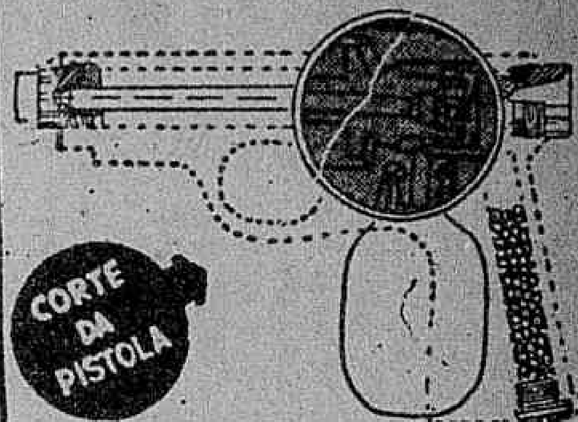
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

Tel. 52-9966



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBOLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

EVITE A OBESIDADE

Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!

FAÇA EM CASA
O tratamento de beleza dos seios



Pasta Russa

Restaura em poucas semanas os bustos caidos, flácidos e sem plástica. Um prodígio de eficiência comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias. Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para o Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinos, Rio, que remetemos.

Presidente — Rev. Rodolpho Fernandes (*Fernandes*); Secretário — Miguel Alves (*Selva Gilmen*); Tesoureiro — Dr. Josaphat Brandão (*H. Tapajós*).

BOAS FESTAS

A todos os nossos bondosos confrades que nos enviaram Cartões de Boas Festas, os nossos agradecimentos.

COLABORAÇÃO

Pedimos aos confrades que desejarem colaborar nesta seção que enviem seus trabalhos com urgência. A ausência que se nota nestes dois últimos números é motivada pela falta de colaboração nas nossas pastas.

A edição do Pequeno Brasileiro adotada é a 9ª e não a 5ª como tem saido no título desta seção.

PROVERBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD

Avisamos a todos os confrades que ainda não adquiriram êste livro que a 2ª edição está se esgotando — e que aceitamos pedidos pelo serviço de reembolso postal, sendo o seu custo 35 cruzeiros, inclusive porte.

DICIONARIO DE SINÔNIMOS

A Livraria Tupã, rua Buenos Aires 48, teve a gentileza de vir ofertar-nos dois exemplares do Dicionário de Sinônimos, organizado por um grupo de professôres e revisto por Orlando Mendes de Morais e Leonam de Azevedo Pena.

Rigorosamente em ortografia oficial, o dicionário, que contém cêrca de 280 páginas, muito virá auxiliar ao mundo charadístico. Um dos exemplares será oferecido como lembrança ao confrade colocado em primeiro lugar no próximo desempate.

Gratos pela oferta.

ERRATA

No enigma figurado no 158 **falta um M entre a 2ª e 3ª figuras.**

No Almanaque de 1953 a charada nº 60 deve ter 3 sílabas e a planta do figurado nº 141 deve ter 7 letras, não 8; a charada casal nº 54, 4 sílabas — e a nº 154 tem 3.

ALMANAQUE DE SELEÇÕES RECREATIVAS

Vem substituir o antigo Anuário Brasil-Portugal, apresentando um melhor aspecto, um grande formato.

Com muita literatura, a variada parte charadística está sob a direção de Sylvio Alves e Ernesto Auvray e editado pela Livraria Tupã.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CORRESPONDÊNCIA

Segon (Rio) — Recebemos com muito prazer.

Delpho (S. Paulo) — O confrade receberá alguns números das revistas que deseja conhecer.

Jomaque (Rio) — Inscrito; aguardamos a colaboração prometida.

Dr. Legnar (Urupês — S. Paulo) — Inscrito com muito prazer.

Paulistinha (Rio) — Gratos pela gentileza de sua carta.

Alguém (Lisboa) — Escrevemos.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói 45 dias, demais Estados 90.

Tôda correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor

DR. LAVRUD

Alivio rápido para

HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada **ManZan**

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

O COBERTOR DO MORTO

(Cont. da pág. 86)

tava feita em pedaços, literalmente transformada em "trapos". Por um instante olhei **aquilo** sem maior emoção. Repentinamente, porém, fui assaltado por um pensamento. E não pude mais livrar-me dêle!

Nesse instante notei que havia sangue em meu rosto, proveniente de dois ou três cortes, que eu próprio praticara ao atacar o cobertor. Fui examinar êsses ferimentos e depois de aplicar sôbre êles ligeiros curativos voltei ao quarto. A essa altura dos acontecimentos o pensamento que me assaltara já crescera bastante, tornando-se tão imperioso que resolvi saber o que havia de verdade a seu respeito.

Uma vez vestido, desci a escada e fui até à cozinha, onde bebi uma colossal dose de **whisky.** Sentindo-me um pouco mais vigoroso, embora sempre assaltado pelo mêdo, enchi os bolsos com munição e, a seguir, apanhando a enxada e a carabina automática de Jonathon saí na direção do cemitério e do túmulo do meu pai de criação, sôbre o qual eu vertera muitas lágrimas de crocodilo.

Já as luzes da aurora se haviam transformado em verdadeiro dia, com o sol inteiramente destacado do horizonte formado pelas montanhas nevadas, quando a minha enxada finalmente atingiu o caixão funerário de Jonathon. Frenèticamente tratei de libertá-lo das últimas camadas de terra. Antes de abri-lo, porém, apanhei a carabina e examinei a sua culatra, verificando que estava com carga completa.

★

Agora aqui estou, no Café que fica aberto noite e dia, escrevendo estas páginas. Quando aqui cheguei, Elsie, a **garçonette**, olhou para mim com verdadeiro espanto. Mas fechei-lhe a bôca com meia dúzia de palavras rudes e, pouco depois, humildemente, envergonhado pela atitude que assumira menos de um minuto antes, pedi que me fornecesse papel e caneta.

Deixo tudo aqui relatado, porque receio estar prestes a enlouquecer. Se, realmente, isso acontecer, quero que todos saibam que não foi sem razão que o mal me atacou.

E mesmo agora, enquanto escrevo, o fragor dos tiros ainda ressoa em meus ouvidos, enchendo tôda a sala dêste café. Porque eu esvasiei tôda a carga da arma no que encontrei no túmulo de Jonathon. E repeti isso, duas ou três vêzes mais, até que as minhas algibeiras ficaram sem uma só bala.

Talvez isso tenha feito de mim três vêzes mais assassino da mesma vítima. Talvez não... Mas, de fato, quando abri o caixão de Jonathon, pude ver o seu corpo todo retalhado como retalhado ficara o seu cobertor aos pés do seu leito.

Não. Não contei os terríveis rasgões abertos em seu corpo. Mas, de qualquer forma, eu sabia que correspondiam **exatamente** aos cortes que eu fizera no sufocante cobertor do meu pai adotivo.

★

HOMEM FORTE PARA MEIA FORTE



Um gigantesco guindaste levanta pesado atleta de quase cem quilos, dependurado tão sòmente a um pé de meia de sêda finíssima, provando, assim, a excelente qualidade do novo material recentemente criado pelos industriais germânicos. A nova meia tem o nome de "Perlong". Um só fio de "Perlong" é capaz de suportar três caixas, contendo cada uma delas trinta e seis pares de meias. O comprimento de um dêsses fios é de seis quilômetros!

O HOMEM QUE MORREU DUAS VÊZES

(Continuação da página 18)

"— Poucas horas antes de Peter Stuart Ney falecer, meu pai voltou para casa e declarou que sempre soubera que o professor era o Marechal de França..."

Como essa, foram feitas outras muitas declarações, tôdas sob juramento.

Uma das amigas mais íntimas de Peter Ney, Sra. Mary Dalton, afirmou que o professor lhe havia revelado a sua verdadeira identidade contando como escapara à execução. Tal confissão — acrescentou a mesma senhora — Foi feita apenas alguns dias antes da sua morte.

Segundo a Sra. Dalton, o duque de Wellington salvara a vida do Marechal. O pelotão de fuzilamento escolhido **especialmente**, homem a homem —fôra instruído no sentido de atirar por sôbre a cabeça do condenado, tão logo êle próprio desse o sinal, gritando: "Atirem no coração!", pois nesse instante comprimiria a mão contra o peito e com êsse gesto rebentaria uma bôlsa contendo o líquido rubro e colocado sob a camisa do marechal a qual imediatamente ficaria manchada. No hospital, para onde conduziriam o corpo, logo após a "execução", foi Ney substituído num pobre caixão funerário pelo corpo de um pobre diabo que havia morrido, um di aantes, numa rixa de taberna.

O coronel Houston confirmou o fato, declarando que "Peter Stuart Ney, prêsa de delírio, contara a mesma história".

Tão grande foi o interêsse despertado por essa história que o corpo de Peter Ney foi exumado no dia 3 de maio de 1867. Nem uma só bala foi encontrada em seu corpo, o que não chegou a causar surprêsa. Os dentes eram característicamente idênticos aos do famoso marechal.

Os franceses, por sua vez, tinham já as suas dúvidas. Assim dizemos porque em 1851, cinco anos depois da morte de Peter Ney, na América do Norte — o túmulo do Marechal, em Paris, foi aberto. No caixão nada encontraram, **pois estava simplesmente vazio!**

Que fôra feito, então, com o corpo do homem que havia morrido numa "rixa de taberna" e que substituíra o do marechal? Houve uma explicação para o embuste, afirmando-se que o rosto do "marechal" não tinha sido descoberto, durante a visita das autoridades e dos curiosos, antes do sepultamento **"para não impressionar os presentes que sem dúvida se mostrariam horrorizados com os terríveis ferimentos provocados pelas balas do pelotão de fuzilamento".** Assim foi evitada a descoberta da substituição dos corpos. Mas nada foi dito sôbre o caixão vazio!

Bem pode não ter havido nenhum "corpo substituto", em fins de conta ou, ainda, êsse substituto pode não ter sido enterrado no túmulo do marechal Ney. O duque de Wellington era maçon, enquanto o marechal Ney pertencia à velha ordem das Nove Irmãs. Além de tudo, pouco depois da morte de Peter Ney, foi divulgada a seguinte declaração maçônica:

"Assim ficou decidido que o marechal Ney, um maçon de grau elevado, não poderia morrer fuzilado. Suas relações maçônicas sempre desempenharam papel relevante em tôda a vida do grande militar e por isso teve êle a vida salva sob a condição de viajar para a América do Norte e esquecer totalmente os nomes dos seus salvadores. Compreendendo a necessidade dessas medidas de precaução, êle aceitou.

"A operação foi simples. O oficial encarregado de comandar a execução, assim como o oficial encarregado de comandar os homens escolhidos para o sepultamento eram os únicos admitidos no segrêdo. A munição dos homens que compunhas o pelotão foi substituída por cartuchos vazios, contendo líquido rubro. Essa bôlsa foi prêsa sob o largo peitilho rendado da sua camisa.

"Foi então conduzido para os jardins do Luxemburgo, onde já se encontrava alinhado o pelotão, ao qual o marechal logo se dirigiu, dizendo: — **"Quando eu apresentar o peito e gritar: "Atirem aqui, no coração"... — obedeçam!"**

"Executou o gesto, gritou a ordem e a descarga foi feita. Imediatamente o peitilho ficou manchado de sangue e os homens do pelotão viram o marechal tombar de frente, como os soldados já tinham visto outros muitos tombando nos longos anos de guerra. O corpo foi colocado numa liteira e conduzido para o hospital, onde o marechal desapareceu. Seguiu-se um simulacro de funeral. Ney, a êsse tempo, disfarçado, viajava para Bordeaux e dali para Charleston, na Carolina do Sul.

"Durante anos viveu êle uma calma existência, ensinando os meninos na escola pública e dando aulas de esgrima aos rapazes do lugar, até que, prestes a morrer, revelou a sua verdadeira identidade."

Será essa a verdadeira versão da "execução" do maior marechal da França? Em caso afirmativo, o corpo do homem que — sem um pequeno êrro de cálculo por parte do próprio Napoleão, poderia ter vencido a batalha de Waterloo — repousa atualmente em solo da América do Norte.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página 28)

Empregando muitos homens, os bombeiros depressa abriram outro orifício vertical, com a mesma profundidade daquele em que se encontrava a criança e justamente a êle paralelo. Depois abriram um túnel espaçoso entre as duas chaminés e, passando pelo mesmo, puderam alcançar o menino, libertando-o de baixo para cima, isto é, a começar pelos pés — até que ficou totalmente livre.

Maravilhoso Presente

aos fans de

CINEMA
RADIO
MUSICA
TEATRO

Retratos dos artistas

Páginas inteiras

Muitas côres

Biografias completas

Notas e informações

EDIÇÃO de 1952.

A venda em todo o Brasil

Preço Cr$ 25,00



Cia. Editora Americana - Rua Maranguape . 15 - Rio.

EU SEI TUDO

N.º 428 — Ano XXXVI N.º 8 — Janeiro de 1953

SUMÁRIO:

Frontispício: O trem fantasma 7
O túmulo dos Reis Magos 14
A vida de solteiro é melhor! 14
Apressem-se, por favor! 14
O homem que morreu duas vêzes 15
Os cães — telepatas prodigiosos (A ciência, agora, acredita que os cães têm prodigiosa fôrça telepática, que lhes permite ler o pensamento humano) 19
Não tenha mêdo de socorrer 25
Como você resolveria isto? 28
Conselhos de uma quituteira 28
Onde descansa a Dama das Camélias 29
Não hesite mais! 31
Ano e meio de escola para barbear sem talho! 32
Esteja em dia com o mundo 34
A fôrça de um juramento (Romance — Continuação) 35
Contrôle remoto 43
A evolução do livro 44
Imagens fabulosas do mundo atual 48
Você sabe chamar a polícia? 49
Novidades e invenções 50
A astronáutica e seu passado 51
Rio tenebroso (Novela) 56
Como vivem as traças? 58
Lição bem aproveitada (Episódio real) 59
Os grandes erros judiciários (Um fôrno contra uma inocente) 60
Como é que você sabe? 63
O cobertor do morto (Novela misteriosa) 64
Explorando o Brasil Meridional (continuação) 67
A Pupila rubra (Romance — Continuação) 75
O mais rápido do mundo 83
De como se salvou uma fonte de riqueza ameaçada de ruína (O reflorestamento dos Estados Unidos prospera — Um plano que abrange 29 Estados) 84
O acaso nas descobertas científicas 87
Novidades científicas 87
Nos domínios da Gramática 88
Catálise — um mundo a conquistar 89
Cão pára-quedista 91
Leite saboroso 91
A absorção de odores pelo leite 92
Sangue frio... no gêlo 93
Da cama para a cozinha 94
O Grande Prêmio 95
Poda das árvores frutíferas 95
O milho pode ser substituído por trigo na alimentação das vacas leiteiras 95
Memento EU SEI TUDO (Olhando o mundo há sessenta dias) 97
O instinto segundo a ciência 104
Quebra-Cabeças 105
Homem forte para meia forte 111

★

O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço indicado, com lucro.

CORRESPONDÊNCIA



Alfredo Taborda — R. de Costa Cabral, 687 — Pôrto — Portugal — Pode o amigo ficar tranqüilo, pois o mapa — realmente indispensável — será publicado no momento oportuno. E com êle outros gráficos explicativos. Gratos pelo interêsse revelado.

Raul S. Vinagre — Niterói — Estado do Rio — Não recebemos as fotografias. O texto será imediatamente examinado. De qualquer maneira, as fotografias são imprescindíveis.

Alice Ponchon — Petrópolis — Estado do Rio — Êsse seria o nosso sonho também. De qualquer maneira verificamos que isso é sinal do grande interêsse que o romance vem despertando. De acôrdo?

Rudolph Pfuhle — Florianópolis — Santa Catarina — As gravuras publicadas pertencem realmente à obra original. São poucas, de fato, mas são autênticas e feitas na época, para acompanhar o texto. De qualquer forma receberemos com prazer o que nos oferece.

★

A CAPA — *Mais um ano passou e mais outro tem início. Para os que chegam a essa data tão cheia de esperanças, o Dia de Ano Novo tem um sabor especial. E' realmente, um dia diferente porque nêle sentimos que é preciso parar um pouco... parar de pensar, de agir, quase de ser, para poder ficar um pouco à parte, fora da torrente humana e então observar o caminho percorrido, reviver as horas boas, tentar explicar POR QUE erramos e COMO poderíamos ter evitado o êrro. Só isto já é muito e vale muito. Rever o que foi feito, sentir o que foi bom e o que foi mau e ganhar experiência e ficar melhor preparado para progredir em todos os sentidos. E êsses são os nossos votos; que dirigimos a todos os nossos leitores: paz, alegria e prosperidade em 1953.*